
priscilla glenn
COMING
Is she willing to put
her heart on the line?
HOME
a novel

Capítulo 01

Doze anos.

Ela vinha fazendo isso a cada ano nos últimos 12 anos, mas de alguma forma, mesmo depois de todo esse tempo, ainda conseguia ter o mesmo efeito sobre ela.

Deveria estar insensível a isso agora, ou pelo menos, preparada para isso. Mas no segundo em que Leah Marino virou para a familiar pequena rua lateral, os olhos começaram a arder com a ameaça de lágrimas.

Respirou fundo, expirando lentamente enquanto tirava o pé do acelerador e permitia que o carro encostasse sem pressa na estrada estreita.

Sempre parecia tão estranho para ela que algo poderia ser exatamente o mesmo e ainda completamente diferente ao mesmo tempo.

Ela vira essas mesmas casas – construídas em conjunto como livros em uma prateleira – e seus minúsculos jardins cercados por incontáveis épocas. Lembrava-se vividamente de descer esta rua na parte de trás do carro de sua mãe, soprando seu hálito quente contra a janela e desenhar coraçõezinhos no nevoeiro que magicamente apareciam lá.

Mas isso foi há anos. Outra vida.

O bairro parecia ficar menor a cada ano, embora soubesse que não era possível. Os carros estacionados ao longo da rua eram sempre diferentes. Algumas das casas mudaram de cor; alguns dos jardins foram abertos ou as calçadas restauradas. Mas em sua essência, era o mesmo mundo pequeno, um que era tão confortavelmente familiar para ela como era remotamente doloroso.

Leah sentiu seu coração acelerar em seu peito um pouco antes da casa aparecer na direita, e seus ombros caírem de alívio quando a fachada amarela inalterada apareceu, destacando-se contra os brancos e os azuis das outras casas. Ela estava sempre com medo de chegar lá em um ano e descobrir que os novos proprietários pintaram o exterior de uma cor estranha, apagando o amarelo, que sempre lembrou a luz do sol na areia quente, pálida.

Sua mãe uma vez disse que se a felicidade fosse uma cor, seria amarelo.

Leah saltou quando o grito rude de uma buzina explodiu em sua consciência, e seus olhos voaram para o espelho retrovisor. A grande picape preta se aproximando atrás dela aparentemente estava sem vontade de acompanhar seu ritmo sentimental, e se ela tivesse que adivinhar, diria que os três carros alinhados atrás dele também não.

Sentou-se em linha reta quando algo como pânico vibrou em seu peito. Ela não estava pronta para ir embora. Mal teve a chance de vê-lo. E sabia que se continuasse dirigindo, não teria como virar e voltar. A magia desta pequena rua seria quebrada; a realidade e a lógica que, em conjunto, lembrava a ela que esta pequena indulgência anual era tão infantil quanto era inconveniente.

A buzina explodiu novamente, e desta vez, o homem corpulento ao volante enfiou a mão no para-brisa, gritando alguma coisa para ela através do vidro.

Seus olhos percorreram a estrada freneticamente, tentando encontrar um espaço aberto na rua estreita, mas não havia nada. Os carros estavam enfileirados ao longo da calçada, as únicas aberturas sendo as entradas para as casas com garagens. Não que isso importasse. Especialmente enquanto o gentil cavalheiro atrás dela começou a buzinar e a gritar obscenidades. Mesmo que houvesse um espaço aberto, não havia como ela estacionar nesta rua estreita.

Sem pensar, ela virou para o espaço vazio na frente de um carro na garagem da casa. A picape preta acelerou com outro sinal sonoro de sua buzina, desta vez acompanhada por um dedo do meio pressionado contra a janela do passageiro.

— Feliz Natal para você também, senhor — disse Leah, vendo os outros carros ganharem velocidade novamente e continuarem pela estrada.

Quando o último carro passou, exalou, virando-se para olhar pela janela do passageiro para a pequena casa amarela. Apesar de fazer esse trajeto desde que aprendeu a dirigir, nunca uma vez ela, na verdade, estacionou o carro. Era sempre uma procura lenta pela rua, poucos segundos rápidos para levá-la, e depois de volta à vida real. Mas agora que estava sentada ali, tão perto que ela praticamente poderia alcançar e tocar, foi completamente dominada pelo desejo de vê-la. Realmente vê-la.

Antes que ela pudesse pensar, Leah desligou o motor e saiu do carro, enfiando suas mãos dentro das mangas do casaco quando colocou os braços ao redor de si para afastar o forte vento de dezembro. Ela caminhou até o lado do passageiro e encostou-se ao carro com um pequeno suspiro, permitindo que os olhos passeassem sobre sua casa de infância.

De perto assim, parecia mais moderna do que se lembrava. Apesar de que as persianas eram da mesma cor de tijolo de sempre. Na verdade, as próprias janelas eram novas demais. A que ela se lembrou de estar na cozinha era agora uma bonita janela com sacada, com alguns pequenos potes de narcisos alinhados ao longo da soleira.

Os olhos de Leah percorreram ao longo do muro que dava para o pátio lateral. Ela definitivamente foi repintada recentemente, e haviam colocado pilastras de cada lado dela. Mesmo o curto caminho que leva para a garagem foi pavimentado.

Era diferente. Alguém estava mudando isso.

Ela mordeu o canto do lábio, sentindo-se como uma criança malcriada enquanto colocava o queixo em seu lenço. O que ela esperava que acontecesse? Fazia 15 anos desde que ela morou naquela casa. Ela realmente achava que os proprietários nunca fariam melhorias? Nunca o tornariam seu próprio lugar? Ela deveria estar feliz de que alguém estava cuidando bem dela.

O vento soprou de novo, e ela fechou os olhos, inspirando lentamente pelo nariz. Ainda cheirava aos passeios de bicicleta, pular corda, amarelinha e churrascos.

E a mãe dela.

Isso, pelo menos, nunca mudou.

Com os olhos ainda fechados, ela podia vê-los tão claramente, todos eles no pátio lateral: Leah e seu irmão colorindo na calçada com giz enquanto sua mãe lia um livro em uma espreguiçadeira dobrável de praia que ocupava metade do quintal; sua mãe mostrando à Leah e sua irmã mais nova como amarrar uma corda de pular no final da cerca para que pudessem pular dupla holandesa, mesmo quando eram apenas as duas; o pequeno jardim no canto do pátio pavimentado que sua mãe costumava regar com a mangueira enquanto Leah seguia atrás com um regador Fisher Price, dando uma bebida de verão às enormes flores imaginárias.

— Olá.

— Jesus Cristo! — Leah suspirou quando virou a cabeça para cima, trazendo uma mão ao coração.

A mulher à sua frente era minúscula, ofuscado em um enorme casaco vermelho que pendia até os joelhos. Se não fosse pelo cabelo branco cortado curto, um rosto tom de oliva profundamente enrugado, Leah podia tê-la confundido com uma criança.

Ela sorriu com a reação de Leah, os olhos escuros quase desaparecendo à medida que seu rosto se enrugou ainda mais.

— Sinto muito, querida. Não queria assustá-la.

Leah baixou a mão em seu peito com um riso envergonhado. — Não, está tudo bem. Só não sabia que havia mais alguém aqui fora.

A mulher assentiu, convertendo seu largo sorriso divertido em um mais recatado. Leah sorriu de volta, esperando a mulher seguir seu caminho, ou, no mínimo, não dizer outra coisa. Mas ela ficou ali, olhando para ela com olhos expectantes, como se Leah fosse a pessoa que iniciou o contato com ela.

O silêncio foi passando, lenta, mas seguramente, cruzando um território estranho, e Leah limpou a garganta quando começou a brincar com seu lenço. A mulher inclinou a cabeça, esperando, e, de repente, ocorreu a ela que talvez esta senhora não estivesse lá.

— Então, hum — disse ela, brincando com as pontas desfiadas de seu lenço, — você está fora para um passeio?

— Não, querida. Eu vim para ver você.

— Eu? — Ela perguntou, apontando para si mesma.

A mulher riu – suave, um som de lixa – balançando a cabeça, e Leah franziu a testa.

— Sinto muito... eu te conheço?

— Estava prestes a perguntar a mesma coisa — disse a mulher, com o rosto amassado com o sorriso divertido novamente.

Leah balançou a cabeça como se para limpá-la, tentando entender essa mulher estranha.

— Não. Quero dizer... não que eu me lembre — disse ela depois de alguns segundos, esperando que ela não tivesse acabado de ofender alguém de seu passado.

— Você já esteve aqui antes, não é?

Leah olhou por cima do ombro da mulher na pequena casa amarela. — Não por um longo tempo.

— Há cerca de um ano, eu diria.

Seus olhos voaram de volta para a mulher. — O quê?

— Você vem a cada Natal — disse ela com um sorriso. — Você estava aqui no ano passado.

Leah ajeitou a postura, sem dizer nada, e a mulher assentiu. — Foi você. Neste carro — disse ela, apontando para o carro atrás de Leah. — Eu me lembro de seu rosto. Eu posso parecer velha, mas continuo afiada como uma navalha — disse ela, apontando para o lado de sua cabeça com uma mão enluvada. As luvas pretas volumosas, como o casaco, pareciam demasiado grandes para ser dela.

Quando Leah ainda não respondeu, a mulher disse: — No ano passado você parou na estrada. Eu te vi pela janela, e eu pensei: *O que faria uma menina tão bonita parecer desse jeito?*

Ela engoliu em seco. — Que jeito?

— Com o coração partido.

Leah baixou os olhos, enquanto a mulher dizia: — Quando finalmente consegui trazer os meus velhos ossos até aqui para verificá-la, você se foi. — Ela inclinou a cabeça, olhando para Leah antes de acrescentar, — você não parece ter o coração partido este ano. Apenas... pensativa. Mas eu ainda achava que eu deveria verificar você.

Leah apertou os lábios, os olhos treinados no chão. Ela sabia que deveria dizer algo, mas estava muito tomada de surpresa para formular uma resposta.

Depois de um momento, ela olhou para a mulher; seu sorriso era inabalável, mas ainda tinha aquele olhar expectante em seus olhos.

— Sinto muito — disse finalmente Leah. — Não quero incomodá-la. É que... Eu morava nesta casa... e eu estou com algumas incumbências aqui perto... e sempre que eu estou na área, eu gosto de parar e só... relembrar, acho. Eu não deveria ter...

— Bobagem — disse a mulher, cortando-a. — Não se desculpe por nada. Gosto de uma garota que se lembra de suas raízes. Além disso, o que é Natal sem um pouco de saudade? Acho maravilhoso.

O olhar nos olhos da mulher refletiu a bondade não adulterada de suas palavras, e Leah foi subitamente consumida com o desejo inapto de envolver seus braços em volta desta pequena estranha.

Em vez disso, ela exalou a respiração que ela não percebeu que segurava. — Obrigada. Por compreender — disse ela, empurrando-se para fora da porta do passageiro. — De qualquer forma, eu realmente preciso ir, mas foi um prazer conhecer você. Feliz Natal.

Ela começou a caminhar de volta para o lado do motorista, parando quando ouviu a mulher dizer: — Você quer ver lá dentro?

Sim. Você não tem ideia de quanto.

Ela deu um pequeno suspiro antes e disse: — Não, está tudo bem. Obrigada de qualquer maneira, no entanto.

— Não seja tímida, querida. Acabei de colocar um pouco de chá. Você pode entrar e se aquecer um pouco. Talvez ver o seu antigo quarto?

Leah abaixou a cabeça ligeiramente para trás, piscando para o céu. Ela não deve fazer isso. Por um lado, estava ficando tarde. Ela ainda tinha coisas para fazer, para não mencionar o tempo até voltar para casa. Além disso, apesar do fato de que esta mulher parecia inofensiva, havia sempre a possibilidade de que ela fosse uma distração, levando uma jovem desavisada para dentro da casa, onde um serial killer demente esperava.

Ela riu para si mesma, balançando a cabeça com o absurdo do último pensamento antes da mulher acrescentar suavemente: — Adoraria um pouco de companhia por um tempo. Apenas uma xícara de chá. Sei que você tem que seguir seu caminho.

Leah virou-se para olhar para ela. Ela ainda sorria, mas sua expressão feliz desmentia a tristeza inconfundível infundida em suas últimas palavras. E por alguma razão inexplicável, não podia tolerar a ideia desta mulher estar triste, nem por um minuto.

— Tudo bem — disse Leah, dando um passo hesitante para frente. — Mas realmente não posso ficar muito tempo.

— Um copo — a mulher prometeu, os olhos desaparecendo em meio a uma massa de rugas antes que ela se virasse e arrastasse pela curta entrada de automóveis, destravando a porta que levava ao pátio lateral.

Leah seguiu, entrando no quintal atrás dela, e sem aviso, seus olhos se encheram de lágrimas.

Parecia tão pequeno. Como poderia ser tão pequeno? Leah conseguia lembrar de brincar com seu irmão e irmã neste quintal, os três correndo sem parar, até que ficassem com falta de ar. Agora, ela provavelmente poderia atravessá-la em quatro passos largos.

Ela olhou ao redor, sua visão embaçada pelas lágrimas não derramadas. O estaleiro foi repavimentado também. O bloco de concreto, o que eles haviam imprimido com suas impressões de mãos e iniciais, foi embora. Seu queixo tremeu um pouco quando ela ergueu os olhos, olhando para o lado oposto do pátio. O pequeno jardim, onde sua mãe plantara seus tomates e manjericão foi bloqueada com pedras. Uma churrasqueira foi colocada no lugar.

Leah não percebeu que as lágrimas se espalharam até que uma rajada de vento frio a tocou nas trilhas do calor em suas bochechas, e ela enxugou-as rapidamente antes de olhar para cima para ver a mulher em pé na porta, segurando-a aberta com um olhar solidário em seu rosto.

— Você está bem, querida? — disse ela suavemente, e Leah forçou um sorriso enquanto passava por ela e para a casa.

Parecia ter sido transportada de volta no tempo, e ela colocou a mão na parede ao lado dela, sentindo-se completamente desorientada.

A mobília estava toda errada, é claro, e as paredes eram de uma cor diferente, mas o layout ainda era o mesmo, de modo que, se ela estivesse lá por tempo suficiente, ela podia ver a casa como era quando morava lá. Seus olhos viajaram para a meia parede que separava a cozinha da sala de estar, onde dois pequenos vasos de narcisos lembravam-na de sua mãe inclinando-se sobre ele com os cotovelos, espreitando para fora para eles com um sorriso enquanto preparava o jantar.

O apito agudo de uma chaleira a trouxe de volta para o presente, e ela piscou rapidamente, deixando cair à mão da parede.

— Sente-se, sente-se — disse a mulher, apontando para a pequena área de refeições na cozinha. — Sinta-se confortável.

Leah entrou pela cozinha até a mesa, abrindo o casaco e pendurando-o na parte de trás de uma das cadeiras.

— Posso te ajudar com alguma coisa? — Perguntou, vendo a mulher desaparecer no canto da cozinha.

— Tudo bem, obrigada. Só me diga como você quer seu chá.

— Duas colheres de açúcar, sem leite, por favor.

Leah ouviu o tilintar de copos e colheres antes da mulher virar e se aproximar da mesa com uma xícara de chá fumegante em cada mão. Ela colocou um na frente de Leah e afagou-lhe a mão antes de se sentar em frente a ela, envolvendo as mãos frágeis em torno de seu próprio copo. Sem seu enorme casaco, ela parecia ainda menor, vestindo uma camisola branca e fina e calça cinza. Os olhos de Leah foram imediatamente atraídos para seu pescoço, onde um anel volumoso estava pendurado em uma corrente de ouro fino. Parecia o anel de um homem.

— Sinto muito, eu nem sequer me apresentei.

Leah levantou os olhos da peça incongruente de joias para ver a mulher estendendo a mão.

— Sou Catherine.

— Leah — disse ela, apertando-lhe a mão suavemente.

— Bem, Leah, obrigada por concordar em tomar chá comigo.

— Claro. Obrigada por me convidar — respondeu ela, levantando a caneca e soprando suavemente sobre o líquido fumegante. Tomou um gole cuidadoso, cantarolando alegremente enquanto o calor se espalhava para baixo em sua garganta e através de seu estômago, e Catherine sorriu o sorriso que enrugou seu rosto e fez seus olhos desaparecerem.

— A casa está maravilhosa, realmente — disse Leah, olhando ao redor. — Especialmente o exterior. Você reparou bem.

— Sim, bem, meu filho me ajuda com isso — disse Catherine, baixinho. Ela ficou em silêncio por um momento, quando ela olhou para baixo, e Leah viu seus ombros aumentar à medida que ela respirou fundo, expirando lentamente antes de levantar a cabeça. — Então — ela disse, tomando um gole de chá, — você está aqui com incumbências?

Leah assentiu. — Eu venho aqui todos os anos para pegar algumas coisas que eu preciso para fazer o jantar de Natal. Eu moro cerca de uma hora ao norte, mas ninguém faz massas caseiras como a delicatessen italiana que fica a algumas quadras.

Catherine arqueou a sobrancelha. — Giovanni?

— Giovanni — Leah confirmou com uma risada, e Catherine assentiu sabiamente.

— Não posso culpá-la. Entendo a viagem de uma hora só para pegar a comida de lá.

— É uma espécie de tradição de Natal na minha família — disse Leah com um encolher de ombros.

— Tradições são boas. Ajudam a manter memórias vivas.

Os olhos de Leah piscaram para Catherine, mas ela olhava para fora da janela, sua expressão ilegível enquanto cuidadosamente tomava um gole de chá.

— Então — Catherine perguntou depois de um minuto, elevando os olhos para Leah, — que quarto era o seu?

— Hum, aquele — disse ela, apontando para a sala ao lado da sala de jantar.

Catherine sorriu quando fez um gesto em direção à porta. — Continue.

Leah olhou para a porta antes de expirar pesadamente. Vê-lo causou uma dor no peito. Por que ela estava fazendo isso? Qual era o ponto? Por que ela continuava a torturar-se, ano após ano, ao vir para cá?

Ela colocou o copo sobre a mesa antes de se levantar e caminhar a curta distância para o quarto.

Leah deu alguns passos para dentro, tentando conciliar o que ela via com o que se lembrava. As paredes eram de um azul acinzentado, não mais a lavanda de sua infância. A única cama de tamanho normal foi empurrada contra a parede, onde estavam os beliches que compartilhou com a irmã. Ela caminhou até ela e sentou-se, passando a mão sobre o suave edredom azul marinho.

Ao lado da cama havia uma mesa de madeira com uma pequena televisão e outro vaso de narcisos. Quando Leah se inclinou para cheirá-los, notou a parede mais distante; as prateleiras que alojaram todas as suas bonecas e bichos de pelúcia foram embora. Em vez disso, havia várias fotos emolduradas. A maior delas era um close-up de dois meninos, seus braços jogados em torno de si, sorrindo de orelha a orelha. Eles apontavam para boca um do outro, chamando a atenção para o fato de que ambos estavam sem seus dois dentes da frente.

Leah sorriu, olhando ao redor da sala mais uma vez. Era simples, neutro, e não dela.

— É o meu quarto — disse Catherine da porta, e Leah deu um pulo da cama, esfregando as palmas das mãos para baixo os lados de seus jeans. — Meu menino fica aqui de vez em quando, quando ele...

As duas se viraram quando a porta da frente se abriu, batendo contra a parede sem a menor cerimônia.

— Vó? — Uma voz. — Você conhece o babaca estacionado na frente de sua garagem? Tive que estacionar dois quarteirões daqui e arrastar essa coisa por todo o caminho de volta aqui.

Catherine olhou para Leah, sorrindo em tom de desculpa antes de dizer: — Linguagem, Daniel.

— Desculpe — disse a voz. — Deixe-me colocar sua árvore no lugar e eu farei um dos meus homens rebocá-lo para fora daqui.

Os olhos de Leah se arregalaram em alarme, enquanto Catherine olhava para ela, acenando com a mão com desdém em sua direção.

Ele virou a esquina, em seguida, apoiando-se uma árvore de Natal contra a parede na sala de estar. Leah podia vê-lo através de metade da parede quando ele abriu o zíper de sua jaqueta com uma mão e tirou o chapéu cinzento de lã com a outra, revelando uma confusão de cabelos negros como tinta adere-se em todas as direções. Ele colocou as chaves em cima da parede e passou a mão pelo cabelo, andando pela pequena cozinha para a sala de jantar. Quando entrou no quarto, ele levantou os olhos, parando curto como eles fizeram contato com Leah. Contra o tom escuro de seu cabelo, eles eram incrivelmente azuis.

— Oi? — Disse ele, com a testa franzida.

— Daniel, esta é Leah.

Ele lançou um olhar confuso para Catherine antes de trazer os olhos para ela.

— Eu sou o idiota estúpido — disse ela.

Ela ouviu Catherine rir ao lado dela, e Leah sorriu quando Daniel parecia envergonhado.

— Desculpe... eu...

— Está tudo bem. Desculpe por fazer você ter que andar com essa árvore — disse Leah, apontando para a sala de estar.

Ele balançou a cabeça, ainda envergonhado, e Leah não podia deixar de achar o seu constrangimento um pouco charmoso. Ela não conseguia decidir se queria acabar com seu embaraço ou espetar apenas um pouco mais.

— Escute — disse ela, caminhando até a cadeira para pegar seu casaco, — se o seu caminhão de reboque já estiver a caminho, ele poderia apenas me rebocar até Giovanni? É onde eu estou indo.

Ele olhou para ela por um segundo antes de seus olhos piscarem com divertimento, e o canto da boca levantar.

— É um tipo de desaprovação — disse ele, e Leah balançou a cabeça em decepção fingida.

— Maldição — disse ela, fechando o zíper de sua jaqueta e envolvendo seu cachecol em volta do pescoço. — Bem, nesse caso, é melhor eu ir. Catherine, foi um prazer conhecê-la. Muito obrigada por tudo.

Catherine arrastou em direção a ela, estendendo os braços, e Leah inclinou-se e deu-lhe um abraço carinhoso. — A qualquer hora, querida. No próximo ano, você venha direto até a porta e bata, está bem?

— Eu vou — Leah prometeu, e Catherine agarrou a mão dela e deu-lhe um aperto.

— Cuide-se, querida.

Enquanto Leah caminhava em direção à porta, ela acenou um adeus a Daniel, e ele retribuiu o gesto; parecia querer dizer alguma coisa, mas permaneceu em silêncio enquanto dava um passo para o lado para deixá-la passar.

O ar frio parecia menos ofensivo enquanto caminhava através do pequeno quintal, sentindo-se estranhamente em paz pela primeira vez em muito tempo. Leah destravou a porta, e quando se virou para fechá-la, ela deixou os olhos vaguearem ao longo do quintal uma última vez. Desta vez, ela imaginou Catherine sentada em uma cadeira dobrável, bebendo uma xícara de chá enquanto observava seu neto pintar a cerca. Leah sorriu para si mesma enquanto fechava a porta e se virou em direção à rua.

Ela tinha acabado de chegar a porta do motorista quando ouviu a voz dele.

— Ei, espere um segundo.

Leah olhou para cima para ver a porta de tela balançando enquanto se fechava atrás de Daniel e ele corria em direção ao portão e o portão. — Escute — disse ele enquanto se aproximava de seu carro. Ele enfiou as mãos nos bolsos antes de limpar a garganta. — Só queria pedir desculpas. Por toda a coisa de babaca.

E lá estava ele de novo – uma autoconsciência cativante.

— Está tudo bem — disse Leah. — Foi um movimento idiota.

Ele sorriu, revelando um conjunto de covinhas. — Yeah. Foi.

Leah riu para si mesma enquanto enfiava a mão na bolsa para suas chaves. — Uau. Isso foi a pior desculpa de todas.

Ouviu-o rir, e quando ela olhou para cima, ele ainda sorria para ela com essas covinhas. — Bem, caramba. Posso tentar de novo?

Ela encolheu os ombros. — Vá em frente.

Daniel estendeu a mão e abriu a porta do lado do motorista para ela, curvando-se levemente quando ele fez um gesto para que ela sentasse. — Aqui está, milady. As minhas desculpas mais profundas e sinceras por insinuar que você era um babaca. — Ele se endireitou. — Como foi isso?

— Melhor — disse ela por meio de uma risada enquanto se virava para entrar no carro. Pouco antes de deslizar para dentro, seu olhar voltou na sacada da janela na cozinha. Ela podia ver Catherine sentada sozinha à mesa, tomando seu chá com cautela.

Quando Leah sentou-se no banco do motorista, ela virou-se para olhar para Daniel. — Estou feliz que ela tem você — disse ela com sinceridade. — Nunca deixe de tomar conta dela.

Ela viu suas covinhas desaparecerem quando sua expressão caiu, e então assentiu.

— Foi bom conhecê-lo — disse Leah, fechando a porta do carro, e ele deu um passo atrás, enfiando as mãos nos bolsos novamente.

— Você também — disse ele, distraído.

Ela sorriu fechando a porta e ligou o carro. Daniel levantou a mão quando ele deu mais um passo para trás, e ela retribuiu o gesto quando ela saiu para a rua.

Ela gostou da ideia dele cuidar dela. Esse tipo de consideração era uma característica que chamava a atenção a Leah agora, porque a ausência disto deveria ter sido a bandeira vermelha em seu último relacionamento.

Seja qual for a razão, não podia negar que era extremamente atraente quando um cara como Daniel parecia tão voltado para a família.

E havia algo inerentemente atraente sobre um cara com boas maneiras, também, a forma como ele se desculpou por sua linguagem, quão envergonhado ele pareceu por tê-la ofendido.

Quem estava enganando? Havia algo de atraente nele. Ponto.

O cabelo escuro como breu com os olhos claros, o maxilar masculino, com as covinhas de menino. Ele era o tipo de cara que ela queria encarar, só para apreciar a forma como todas as peças se complementavam.

Mas, claro, ela não fez isso. Isso teria sido estranho, e completamente inapropriado.

Por um segundo, Leah viu-se desejando saber seu sobrenome. Afinal, se ele tinha um perfil no Facebook, ela poderia examinar sua imagem enquanto quisesse, sem que fosse estranho.

Uma segunda ideia passou por sua cabeça, o rosto inundado com o calor, mesmo que ninguém estava a par do ridículo do último pensamento, apenas ela.

Que diabos ela estava fazendo?

Desde quando ela era o tipo de garota que perseguia caras na internet? Desde quando ela era o tipo de garota que perseguiu caras? Ela nunca iniciou um relacionamento. Além disso, ela não esteve envolvida com um cara em dois anos, nem tinha qualquer desejo de estar.

Mas se tudo que precisava para transformá-la em uma stalker era um par de covinhas e boas maneiras, talvez houvesse alguma parte subconsciente dela que estava cansada de estar sozinha.

Leah balançou a cabeça para isso; ela não estava cansada de estar sozinha. Ela estava cansada, e ele estava a deixando doida. Ela inclinou-

se e ligou o rádio, deixando a música afugentar seus pensamentos enquanto seguia até o cruzamento.

Giovanni ficava a cerca de seis quarteirões de sua antiga casa; era uma delicatessen italiana de família, que não mudou desde que ela esteve lá pela primeira vez com seus pais. O toldo vermelho na frente estava desvanecido e parecia ser quase rosa, e as letras maiúsculas brancas que enunciavam o nome da loja era agora, uma cor acinzentada escura. Quando Leah entrou na rua da delicatessen, se lembrou de outra coisa sobre o lugar que nunca mudou: havia uma fila quase fora da porta. Era uma delicatessen popular em um dia normal, mas durante a época do Natal era um lugar lendário.

Ela começou sua rotina habitual de circular a rua, à procura de um espaço para estacionar, e em sua segunda passagem, surpreendentemente, ela notou uma vaga bem na frente da porta. Ela virou o volante bruscamente, parando no local sem o uso de seu pisca-pisca e olhando em volta para se certificar de que ela não tinha acabado de roubar o lugar de alguém que estava esperando.

Ninguém.

— Uau — disse Leah para si mesma, desligando o motor e pegando sua bolsa. Em todos os anos que ela foi lá fazer compras, nunca sequer encontrou uma vaga na mesma rua, e muito menos em frente. — Deve ser meu dia de sorte.

Ela ficou na fila por quase meia hora, jogando itens em sua cesta de mão enquanto avançava pelo corredor em direção ao balcão. Quando finalmente chegou, ela revisou a cesta, lembrando-se de incluir o ravióli fresco que seu irmão tanto amava que costumava comê-los crus antes mesmo que ela pudesse cozinhá-los.

Quando a menina atrás do balcão passou tudo, Leah enfiou a mão dentro de sua bolsa para pegar a carteira.

E foi aí que ela percebeu.

Seu estômago se revolveu quando ela balançou a pulso. — Não — ela sussurrou em pânico, empurrando para cima a manga com a outra mão. — Merda! — Disse ela, vasculhando freneticamente em sua bolsa, esperando que ela tivesse acabado de escorregar e caído dentro.

— Tem alguma coisa errada? — Perguntou a menina atrás do balcão.

— Perdi uma coisa — disse Leah, indo até o balcão e jogando bruscamente o conteúdo de sua bolsa por cima do mesmo. A menina pulou para trás, com uma expressão de surpresa em seu rosto enquanto Leah peneirava através da maquiagem e recibos espalhados pelo balcão.

Ela virou em um frenesi, seus olhos olhando para o chão atrás dela. —Alguém viu um bracelete? — Ela perguntou, cutucando através da fila de pessoas atrás dela. Havia alguns que murmuraram *não* e *sinto muito*, enquanto vasculhava o chão perto das prateleiras, procurando por qualquer sinal dela.

— Senhorita, eu sinto muito, mas há uma fila — a menina no balcão chamou.

Ela continuou empurrando através da multidão até que ela tinha uma visão clara da porta de onde ela veio. Ela precisava refazer seus passos.

— Senhorita — a menina chamou de novo.

— Sim, está bem — disse Leah, sua voz indiferente enquanto andava para trás em direção ao balcão, esbarrando em pessoas enquanto seus olhos continuaram a vasculhar o chão. Até o momento que ela conseguiu voltar para frente da fila, estava claro que qualquer simpatia da multidão já mudara em aborrecimento.

Ela colocou tudo no balcão de volta na bolsa e distraidamente pagou por suas coisas, parando a cada poucos segundos para inspecionar o chão atrás dela novamente.

A mulher entregou a caixa de comida, e Leah equilibrou-a precariamente em seus braços enquanto corria para fora da delicatessen. Estava congelando, mas ela já podia sentir um suor frio sair sobre suas costas.

Ela correu para o seu carro e jogou a caixa no interior antes de voltar a examinar a calçada. A distância entre o carro e a porta para a delicatessen não poderia ter sido mais de cinco metros, mas ela já sabia que se deixou cair ali, provavelmente já estava perdida. Alguém teria pego e a levado, sem dúvida. Ainda assim, ela continuou sua busca inútil na calçada por mais dez minutos.

No momento em que ela voltou em seu carro, ela sentiu como se pudesse realmente estar doente. Leah arqueou as costas, lutando para tirar a jaqueta e balançá-la freneticamente.

— Por favor — ela disse para si mesma, esperando que ela fosse cair de uma das mangas.

Isso não aconteceu.

Ela contorcia seu corpo, verificando sob os bancos, entre eles, sob os pedais, ao lado do console.

Nada.

— Merda — ela disse novamente, segurando o volante com as duas mãos e deixando cair à cabeça contra o assento.

Ela se foi. Ela perdeu.

Ela perdeu a pulseira de sua mãe.

O pai de Leah deu a sua mãe em seu oitavo aniversário de casamento, o mesmo dia em que ela deu à luz a irmã mais nova de Leah. Embutido no ouro branco da pulseira estavam três diamantes solitários. Um para cada bebê que ela lhe dera, ele disse.

Leah sempre adorou essa pulseira, antes mesmo de ser dela.

Com uma fungada patética, ela ligou o carro e dirigiu desanimada para a rua. Ela vasculhou a delicatessen, vasculhou a calçada, dilacerou sua bolsa, sacudiu o casaco, revistou o carro. Alguém deve ter levado. Não havia nenhum outro lugar em que poderia estar.

Ela se aproximou do semáforo no final da rua, ainda lutando contra as lágrimas, quando de repente ela pensou.

Leah ficou ereta na cadeira. — Oh meu Deus — ela disse para si mesma, batendo no freio antes de fazer uma inversão escandalosamente ilegal no meio do cruzamento. A orquestra de buzinas só serviu para amplificar sua urgência quando ela correu para baixo da estrada que a levaria de volta para sua antiga casa.

O tráfego começou a aumentar, tornando a viagem de volta à casa o dobro do tempo do que deveria ter sido. Até o momento em que ela chegou a sua velha rua, já estava escuro. Ainda não havia lugares para estacionar na estrada, então ela entrou no espaço vazio em frente à entrada da casa de Catherine novamente, jogando o carro na garagem sem se preocupar em desligá-lo antes de pular para fora. Ela correu para a porta e abriu o portão, arremessando-a aberta enquanto corria em todo o minúsculo quintal.

Leah bateu na porta, levantando-se na ponta dos pés para que ela pudesse ver na pequena janela na parte superior da porta. Após cerca de um minuto de silêncio, ela bateu novamente, desta vez um pouco mais de força.

Ainda nada.

Desesperada e sem ter vergonha, ela foi até a janela do lado da casa, colocando as mãos em volta do lado do rosto e apertando o nariz contra o vidro. A casa estava completamente escura.

— Maldição — ela sussurrou, andando de volta para seu carro e estatelando dentro antes de fechar a porta. Ela reclinou o banco e acionou o calor, com a intenção de esperar lá até que Catherine voltasse.

Quarenta e cinco minutos mais tarde, ela estava morrendo de fome, precisava ir ao banheiro, tanto que pensou que fosse chorar, e tinha começado a nevar. As luzes ainda estavam desligadas, e ninguém havia retornado. Seria possível que Catherine já tinha ido dormir? Se fosse esse o caso, ela se sentiria como uma idiota completa por acordar a pobre mulher e arrastá-la para fora da cama por algo que pode ser uma causa perdida de qualquer forma.

Seja qual for o caso, Leah sabia que não podia ficar lá por mais tempo.

Com um suspiro de frustração, ela vasculhou sua bolsa e tirou um recibo antigo e uma caneta, apoiando-se no painel de instrumentos para rabiscar uma nota rápida para Catherine.

Catherine,

Acho que posso ter perdido uma pulseira em sua casa. É muito importante para mim, por isso, se você encontrá-la, você poderia, por favor, me ligar?

Ela assinou com seu nome e seu número de telefone antes de jogar a caneta em algum lugar no banco do passageiro e sair do carro.

Leah caminhou rapidamente pelo pátio lateral, piscando para os flocos de neve que salpicava sua visão enquanto abria a porta de tela e colocava a nota dentro antes de correr de volta para o carro.

Vinte minutos depois, ela acabara de se fundir na I-95, quando um grande estrondo quase forçou seu coração para fora do peito. Ela agarrou o volante com firmeza, olhando em seu espelho de visão lateral. Não conseguia ver o que poderia ter colidido com ela, e definitivamente não parecia que o carro foi atingido.

Assim, quando seu corpo começou a relaxar e voltar para o banco, o carro começou a puxar desajeitadamente para a direita.

— Oh, você tem que estar brincando comigo — Leah gemeu, ligando o pisca alerta e lutando através do tráfego para o acostamento. Ela colocou o carro no acostamento e se arrastou ao longo do console, abrindo a porta do passageiro e pendurou a cabeça lá fora enquanto flocos de neve se agarravam ao seu cabelo e cílios. Com certeza, o pneu dianteiro direito estava completamente plano.

Ela voltou para dentro do carro, fechando a porta atrás dela e cobrindo o rosto com as mãos.

Dia de sorte, de fato.

Capítulo 02

— Christopher, juro por Deus, se eu ver sua mão perto deste prato novamente, irei cortá-la e torná-la a peça central.

— Essas são algumas palavras duras de alguém que não pode nem mesmo matar uma aranha — o irmão respondeu, se aproximando e pegando outro pedaço de salame do prato de antepasto que Leah organizava.

Ela tentou pegar sua mão, mas ele foi mais rápido, dando um passo para trás e segurando o pedaço de carne roubada como Rafiki segurou o bebê Simba na sequência de abertura de *O Rei Leão*.

Leah tentou suprimir um sorriso. — Você é um idiota. Já iremos comer daqui uns vinte minutos. Pare de agir feito animal.

Ele empurrou o salame em sua boca quando se inclinou em direção a ela, rosnando furiosamente e mastigando com a boca aberta.

— Oh meu Deus — disse Leah com uma risada, empurrando-o para longe. — Alexis! Venha tirar seu marido da cozinha antes de eu chutar a bunda dele!

Um minuto depois, Alexis apareceu na porta, cruzando os braços sobre a barriga inchada e tentando parecer severa. — Christopher, deixe-a sozinha.

— Sim, Christopher, deixe-a sozinha — Leah ecoou.

— Ok, ok — disse ele, erguendo as mãos em sinal de rendição antes de virar para ir embora. Ele estendeu a mão rapidamente, e pegou um pedaço de presunto no caminho.

Leah revirou os olhos enquanto Alexis suspirou. — Juro, quando as pessoas me perguntam se este é o meu primeiro filho, fico tentada a dizer não — disse ela, olhando por cima do ombro para o marido.

Leah sorriu enquanto regava vinagre balsâmico sobre a salada.

— Em que posso ajudá-la? — Perguntou Alexis.

— Nada. Vá se sentar. Estou quase terminando aqui.

— Tem certeza?

— Sim. Sente-se. Descanse. Seus dias de descanso estão contados — Leah disse com uma piscadela, pegando a colher de pau no balcão.

Alexis se inclinou e beijou a bochecha dela, discretamente puxando um pedaço de queijo do prato entre eles, e Leah arqueou a sobrancelha.

— Para o bebê. — Disse Alexis inocentemente, colocando-o em sua boca antes de voltar para a sala de estar.

Leah riu quando ela trouxe a salada e o antepasto para a mesa e tirou a rolha de duas garrafas de vinho. Olhou para o relógio antes de limpar as mãos no avental da mãe e afrouxar as cordas.

— Ei, Sarah? — Ela chamou.

— Sim?

— Você pode vir aqui um segundo?

Um momento depois, a cabeça de sua irmã apareceu na esquina. — O que está acontecendo?

— Você pode apenas mexer o molho por um minuto? Vou lá em cima me trocar.

— Sim — ela disse, entrando na cozinha e sentando no balcão, balançando as pernas de um lado para outro como uma criança.

Havia apenas uma diferença de idade de três anos entre elas, mas Sarah parecia muito mais jovem que Leah. Fisicamente, elas eram completamente opostas: Sarah era quase como um duende, medindo 1,50m, enquanto Leah se elevava sobre ela nos seus 1,70m. O cabelo de Sarah era longo e liso, uma cor caramelo quente que mostrava indícios de vermelho na luz do sol, enquanto o de Leah era uma cor castanho chocolate, caindo logo abaixo de seus ombros em ondas sutis. Sua única semelhança comigo era os olhos grandes e verde-escuros, cercados por uma franja de cílios grossos.

Leah empurrou sua irmã mais nova de brincadeira. — E Kyle vem depois?

— Sim, para a sobremesa.

— Sabe, um cara que vem passar o Natal com a família de uma menina depois de namorá-la por apenas dois meses significa algo.

— Bem, duh. Quero dizer, quem não gostaria de segurar isso? — Disse ela, apontando para si mesma.

Leah começou a rir, jogando o avental para a irmã antes de subir as escadas para o quarto, que era dela desde quando era adolescente. Todos eles se mudaram para Bedford pouco depois do acidente de carro de sua mãe. Leah estava prestes a começar a sétima série na época, seu irmão prestes a começar o ensino médio, e seu pai disse que eles se mudavam para o bem da educação deles, que as escolas da cidade eram de má qualidade, e ele queria que todos eles fizessem um bom ensino médio. Mas mesmo com 12 anos de idade, Leah sabia a verdadeira razão.

Era difícil para ele viver naquela casa sem ela. Para todos.

Leah tirou a *Camisa de cozinheiro* – uma camisa velha tão salpicada e manchada que parecia um teste *de Borrão de tinta* – e puxou a camisa verde colocando-a sobre a cabeça. Ela olhou para baixo, puxando a manga sobre seu pulso nu. Fazia dois dias que ela deixou a nota para Catherine. A otimista dentro de si queria acreditar que talvez sua nota se perdeu na tempestade, e foi por isso que Catherine não ligou. Mas a realista nela sabia que se ela não ligou, ela não encontrou. E se ela não encontrou até agora, não encontraria.

Leah sabia que não podia esconder a pulseira perdida para sempre, mas só queria passar o feriado antes que ela precisasse dizer ao seu pai.

Depois de se trocar para um par de jeans skinny, ela voltou lá embaixo e foi para a cozinha a tempo de ver o pai pegando furtivamente um pedaço de salame da travessa.

— Papai — ela disse, e ele deixou-o cair rapidamente, girando em sua direção.

— Princesa. Você está linda.

— Boa tentativa — disse ela, caminhando e tirando o prato para longe de seu alcance. — Você sabe que não deveria comer isso.

Ele revirou os olhos. — É Natal, Leah. Eu fui bom o ano todo.

— Eu sei, mas você tem que ter calma com isso.

Seu pai estendeu a mão e tirou uma fatia menor de salame do prato, mordiscando-o antes de levantar as sobrancelhas para ela. — Feliz?

— Não fique assim — Leah suspirou. — Só estou cuidando de você.

Ele andou até ela, envolvendo o braço em torno de seu ombro. — Eu sei —disse, beijando o topo de sua cabeça. — Mas isso foi há dois anos. Minha pressão arterial e colesterol estão bons. Você tem que parar de me tratar como se eu fosse feito de vidro.

Leah balançou a cabeça e olhou para baixo. Não queria lembrar dos anos desde o ataque cardíaco de seu pai. Parecia que foi ontem. Lembrava-se de cada detalhe horrível com perfeita clareza, até a terrível filha que ela foi na ocasião.

— Além disso — disse o pai dela. — Me alimento de forma saudável praticamente todos os outros dias do ano.

Leah sorriu para ele. — Só porque eu vou a missões de reconhecimento em sua geladeira e armários e faço as compras para você.

— Eu não disse que era responsável por meus hábitos alimentares saudáveis, só que eu os tenho.

O canto de sua boca levantou em um sorriso, logo que a voz de Christopher cresceu pela casa. — Não é por nada, mas estou prestes a comer a porra do meu braço aqui!

— Cuidado com a língua! — Leah e seu pai gritaram em uníssono.

Ela olhou para ele, revirando os olhos, e ele riu, beijando a cabeça de novo antes de pegar uma das travessas e levá-la para a mesa.

Poucos minutos depois, eles estavam todos sentados quando Leah encheu para todos um copo de vinho. Assim que ela colocou a garrafa vazia sobre a mesa, todos se viraram para olhar para seu pai, sentado à cabeceira.

Ele limpou a garganta e ergueu a taça. — Aqui está, boa saúde, boa comida, meus filhos maravilhosos, e meu pequeno neto a caminho.

— Saúde. — Chris disse, levantando seu vinho, e todos seguiram, o tilintar de copos delicado ecoando ao redor da mesa.

— Sentimos sua falta, Dee. — Disse o pai, e assim todo mundo tomou um gole.

Sobre a parte superior de sua taça de vinho, Sarah fez contato visual com Leah, sorrindo tristemente, e Leah olhou para baixo, com seu prato de comida.

Assim que o prato de todos estava cheio, o ambiente ficou alegre de novo; toda a primeira conversa foi composta principalmente de Sarah informando todos na mesa, como só ela podia – todas as *loucuras* que aprendeu em sua aula de psicologia mais recente, intercalados aqui e ali com Christopher tentando convencer a todos que independente de ser menino ou menina, ele nomearia seu futuro filho de Humperdink.

Sarah ajudou Leah a limpar a mesa depois do jantar, e enquanto estavam na sobremesa, Kyle chegou. Leah observou o rosto de sua irmã quase dividido em dois com a força do seu sorriso, e ela a dispensou de quaisquer outras funções de cozinha para que ela pudesse passar um tempo com ele.

Leah sorriu em aprovação, enquanto Kyle puxava a cadeira para sua irmã e perguntava a ela o que ela gostaria de sobremesa, servindo-a antes que ele tomasse alguma coisa para si mesmo. Ela só encontrou-o algumas vezes, mas ele parecia um cara tão genuíno. Houve tantas vezes em que ela se pegou querendo dizer a sua irmã o quanto gostava dele, mas sempre se conteve. A verdade é que, convencida como estava de que Kyle realmente se importava com Sarah, ela não poderia ter passado a possibilidade de que estava errada. Não tem nada a ver com Kyle – ele não a fez se sentir insegura de modo algum. Era só que Leah já esteve errada sobre esse tipo de coisa antes.

Devastadoramente errada.

Depois de tudo limpo, Chris e Alexis sentaram à esquerda, seguidos de Sarah e Kyle. Quando seu pai se estabeleceu em sua poltrona com o controle remoto, Leah fez seu caminho para lavanderia, colocando a roupa que ela lavara mais cedo na secadora. Ela voltou para a sala e caiu no sofá, bocejando pela quarta vez, quando o fim do dia começou a se aproximar dela.

— Leah, vá para casa e durma um pouco.

— Vou assim que terminar com a sua roupa.

Ele virou-se em sua cadeira. — Eu consigo dobrar minha própria roupa, princesa.

Leah olhou para ele com ar de dúvida e ele riu. — Pode não ser muito, mas vai estar dobrado. Vá para casa e descanse um pouco. Você já fez o suficiente por hoje.

Ela abriu a boca para responder, mas foi cortada por outro bocejo. Seu pai ergueu a sobrancelha para ela e ela suspirou.

— Ok, ok. Se você estiver cansado demais para dobrar toda a roupa, apenas tire as de botão e pendure para que não enruguem — ela disse, levantando do sofá e alongando.

— O que eu faria sem você? — Ele disse sarcasticamente, mas Leah podia ver em seus olhos que havia verdade em suas palavras.

Ela se inclinou e beijou-lhe a testa. — Boa noite, papai.

— Envie uma mensagem quando chegar em casa, por favor.

Leah balançou a cabeça, deixando cair seus olhos quando lembrou de como se irritava com sua insistência em saber quando ela chegava a algum lugar. Às vezes, ela desejava poder voltar e esbofeteá-la mais jovem. É claro que ele estava desconfortável com seus entes queridos entrando em um carro e saindo. Claro que ele tinha medo de nunca chegarem ao seu destino. Ele tinha todos os motivos para se sentir assim.

— Eu mando — disse ela. — Te amo.

— Também te amo. Obrigado por tudo hoje.

Depois de reunir letargicamente suas coisas, Leah caminhou pela calçada e ligou o carro, seguindo para a estrada antes mesmo de ser aquecida. Ela tinha uns 25 minutos de carro até o apartamento dela, e decidiu que seria melhor não aumentar o calor, esperando que o frio a mantivesse acordada. De repente sentiu como se as pálpebras pesassem cem quilos, e tudo o que ela queria era chegar em casa e rastejar em sua cama.

O som abafado de seu telefone tocando dentro de sua bolsa retirou Leah de seu torpor, e ela imediatamente olhou para o relógio no painel.

Era depois das onze horas.

Poucas coisas a deixavam mais ansiosa do que uma chamada inesperada tarde da noite.

Com uma mão no volante, ela inclinou-se para o banco do passageiro e começou a vasculhar a bolsa. Tão logo sua mão enrolou em

volta dele, ela passou seu polegar sobre a tela e puxou-o para fora da bolsa, esperando fazer isso antes que a chamada fosse para o correio de voz.

— Olá?

— Oi. Hum... é Leah?

Sua testa se vincou enquanto ela afastava o telefone de sua orelha, olhando para a tela antes de colocar os olhos de volta para a estrada.

— Sim, é Leah — disse ela cautelosamente. — Quem é?

— É Danny.

Danny? Quem era Danny?

Quando ela não disse nada, ele acrescentou: — Nós nos conhecemos no outro dia.

E então lembrou.

— Oh! Na casa de Catherine?

— Sim. Ela me deu o seu número para que eu pudesse... oh merda. Acabei de perceber que horas são. Eu a acordei?

— Não, está tudo bem. Na verdade, estou voltando para casa agora e tentando não cair no sono ao volante, então você ter me acordado é uma coisa boa. — Ela se sentou um pouco mais reta, esperando que ele ligasse com uma boa notícia.

— Tudo bem, bem, só queria te dizer que acho que encontrei sua pulseira.

— Oh meu Deus! — Leah suspirou. — Você está falando sério? Você realmente achou? Por favor, diga que achou. Não está brincando comigo, não é?

Ele riu levemente. — Bem, se eu estivesse brincando com você, me sentiria uma merda sobre isso agora.

— Está falando sério? Está com ela?

—Uma pulseira de ouro. Tipo, ela é trançada? Três diamantes no lado?

Leah suspirou pesadamente enquanto seus olhos se encheram de lágrimas. — Sim — ela sussurrou.

— Tenho-a aqui. Ela estava no chão do quarto de hóspedes.

— Oh, obrigada, obrigada, obrigada — Leah suspirou. — Não consigo expressar como estou aliviada agora. Catherine estará em casa amanhã? Posso descer para buscá-la.

— Bem, na verdade, é por isso que eu estou ligando. Estarei em White Plains amanhã para encontrar um amigo para o almoço. Vovó disse que você mora uma hora ao norte, então percebi que White Plains é, provavelmente, na metade do caminho para você, certo? Você quer apenas me encontrar lá? Achei que encurtaria um pouco.

— Claro, isso funciona. Onde você vai almoçar?

— Uh... The Cheesecake Factory. Maple Avenue. Sabe onde fica?

— Sim. Estive lá algumas vezes.

— Tudo bem, legal. Estarei lá por volta de uma hora — disse ele.

— Perfeito. Sério, Daniel, muito obrigada.

— Danny.

— O quê?

— Pode me chamar de Danny. Ninguém realmente me chama Daniel.

— Oh, ok. Bem, Danny, você realmente acabou de fazer a minha noite.

— Ainda bem que pude ser útil — ele riu. — Então, vejo você amanhã às uma?

— Amanhã à 13h. Obrigada novamente.

— Sem problemas. Boa noite, Leah.

— Boa noite.

Leah terminou a chamada, jogando o telefone no assento do passageiro antes de ligar o rádio. Ela aumentou o volume, cantando enquanto tamborilava com os dedos ao longo do volante.

Sentia como se pudesse correr uma maratona no momento.

Segundos depois que ela entrou no estacionamento na frente do apartamento dela, e desligava o rádio, Leah ouviu o sinal sonoro duplo que sinalizava uma mensagem de texto recebida. Ela assumiu que seu pai tinha se adiantado, pensando que ela se esquecera da mensagem dele.

Estava errada.

Feliz Natal, linda. Me liga. Sinto falta de ouvir sua voz.

O sorriso desapareceu de seus lábios enquanto lia o texto. Ela o removera de sua lista de contatos, então sob "Enviado" havia simplesmente um número, mas era um número que ela conhecia muito bem.

— Inacreditável — ela murmurou, apagando a mensagem antes de jogar o telefone de volta na bolsa.

E então mostrou-lhe o dedo.

Não podia acreditar que ele estava começando de novo, e era ainda pior por ele conseguir estragar seu bom humor. Ele realmente acha que ela ia querer alguma coisa a ver com ele mais uma vez? Será que ele a via como sendo patética?

Leah fez uma careta quando saiu do carro, percebendo que ele provavelmente via. Ela dera a ele todos os motivos para pensar isso, o que lhe permitiu manipulá-la mais e mais. Por que ele deveria pensar que as coisas seriam diferentes agora?

Ela cuidadosamente atravessou a passarela de gelo que leva até sua porta, equilibrando suas malas e seu recipiente de plástico cheio de sobras. Assim que ela estava lá dentro, tirou os sapatos e fez uma parada rápida na cozinha para guardar a comida antes de enviar ao seu pai uma mensagem, avisando-o que ela estava em casa.

Leah tirou a sua calcinha e arrastou-se para a cama, de repente cansada demais para sequer pensar em colocar o pijama.

Ela puxou o edredom até o queixo, e antes que sua mente pudesse refazer a mensagem irritante, ela estava dormindo.

Capítulo 03

Danny DeLuca olhou para o relógio antes de enfiar as mãos nos bolsos.

Era 13h20min.

— Desculpe-me — disse alguém quando eles abriram a porta para o restaurante, e Danny deu um passo para o lado, permitindo que o homem passasse.

Não sabia o que pensar. Ela parecia muito animada sobre a pulseira para não aparecer. Além disso, não pensou que ela seria o tipo de garota que deixaria alguém esperando, de qualquer forma.

Não que ele soubesse algo sobre ela.

Ele ergueu o queixo, soprando o fôlego em baforadas de vapor e observou-o se dissipar diante de seus olhos. Este foi um sinal. O universo dizendo o que ele já sabia. Se ele tinha qualquer coisa parecida com um cérebro em sua cabeça, iria embora agora. Dar a pulseira à Vovó e deixá-la lidar com isso.

Danny suspirou, puxando o celular do bolso.

Dez minutos. Ele daria a ela mais dez minutos

Ele rolou através de seus aplicativos e abriu o Words With Friends.

— Oh, merda! — Ele riu quando viu a palavra de 103 pontos de Jake. Ele havia formado do C da jogada de Danny, em laços para fazer a palavra quixotesca.

A mensagem direta que acompanhou o movimento de Jake dizia simplesmente: AAAAAAH, CADELA!

Danny sorriu quando digitou resposta: *Ficaria impressionado se eu pensasse por um segundo que você sabia o significado dessa palavra, ou mesmo como pronunciá-lo. Idiota.*

— Trapaceiro do caralho — ele riu, clicando em enviar.

— Ei.

Danny levantou a cabeça para vê-la em pé na frente dele, com os braços cruzados sobre o peito e os ombros encolhidos contra o vento.

Ele limpou a tela antes de colocar o telefone de volta no bolso. — Eu estava certo sobre desistir de você — ele disse, ignorando a aceleração de seu pulso.

— Desculpe. Estacionar foi horrível. Esqueci que hoje é dia de trocar presentes — disse ela, acenando com a mão em um círculo em volta da cabeça.

Ele balançou a cabeça, olhando ao seu redor. — Bastardos ingratos.

O canto de sua boca ergueu-se em um sorriso antes de dizer: — Você não precisava esperar aqui fora. Está muito frio.

Certo. Ele deveria estar lá dentro. Almoçando.

Ele deu de ombros com desdém, coçando a parte de trás do seu pescoço. — Está tudo bem.

Leah colocou o queixo em seu lenço e olhou para ele por debaixo de suas pestanas. — Você é mais alto do que eu me lembro.

Ele sorriu então. Não apenas por causa de como ela olhou fixamente para ele dessa forma, mas por causa de seu comentário. Como se eles fossem amigos há muito distantes que acabaram de se encontrar.

Havia algo tão carismático sobre essa garota. Ele passou apenas cinco minutos com ela naquele dia na Vovó, e ainda assim ela conseguiu encantá-lo. Ele gostava dela não ter medo de chamar a atenção dele para a sua idiotice; havia uma confiança nela que várias meninas não tinham – uma resistência - mas ao mesmo tempo, ela era tão incrivelmente compassiva e doce, quando se tratava de Vovó.

— Então — ela disse depois de alguns segundos de silêncio, saltando para cima na ponta dos pés e olhando para ele com expectativa.

— Oh merda. Desculpe. — Disse ele com uma risada, tirando as mãos dos bolsos e indo para a sua jaqueta. Ele pegou a pequena bolsa de sanduíche com a pulseira dentro, estendendo-a para ela, e ela descruzou os braços, tirando suas luvas e colocando-as sob seu antebraço quando pegou dele.

Ela pegou a pulseira em um instante, colocando o saco de sanduíche entre os dentes para libertar as mãos enquanto segurava seu braço contra o estômago, tentando fechar o fecho em torno de seu pulso.

O vento era implacável, soprando o saco plástico e fios de seu cabelo escuro e ondulado em seu rosto, e em poucos segundos, ela sacudiu a cabeça para o lado, tentando limpar sua visão enquanto seus dedos dormentes lutavam com o pequeno fecho.

Danny apertou os lábios, lutando contra um sorriso ao vê-la com o saco ainda entre os dentes, tentando olhar seus olhos. Ele estendeu a mão, pegando o plástico entre os dedos.

Ela sacudiu quando seus olhos brilharam ao dele, e ele arqueou a sobrancelha, dando ao saco um pequeno puxão.

Leah soltou por entre os dentes, e ele amassou o saco e colocou-o de volta no bolso. — Melhor?

Ela sorriu conscientemente. — Sim, obrigada — disse ela, seus olhos caindo de volta para a tarefa em mãos.

Quando ela finalmente fechou o fecho, Leah envolveu a mão ao redor da pulseira, segurando-a contra a pele e fechando os olhos. Ela exalou pesadamente com todo o seu corpo relaxado, quase como se ela tivesse acabado de ser liberada de uma dor terrível.

Ela parecia tão vulnerável ali de pé assim, e Danny de repente sentiu o desejo ridículo de puxá-la contra o peito e envolver seus braços em volta dela.

— Obrigada. —Ela disse enquanto colocava as luvas novamente.

— De nada.

— Ok, então. — Ela suspirou, começando a andar para trás. — Vou deixar você voltar para o seu amigo.

— Na verdade... ele não veio.

Que diabos você está dizendo?

Ela parou, seus ombros caindo. — Oh. Bem, agora eu me sinto mal.

— Por que você se sente mal?

— Porque você veio até aqui para nada.

— Não, não vim. Vim aqui para dar-lhe sua pulseira de volta.

— Você sabe o que quero dizer. — Disse ela com um bufo, e Danny sorriu.

— Não se preocupe com isso. — Ele disse com um aceno de mão. — Trabalho aqui perto. Eu ia parar e ficar em alguma merda de qualquer maneira.

Sim. Isso soou bem.

— Oh. Tudo bem. — Ela disse quando começou a andar para trás novamente. — Bem, obrigada de novo.

Com cada clique de seu calcanhar contra a calçada enquanto ela se afastava dele, sua resolução não intencional tornou-se mais forte.

E quando ela se virou de costas para ele, não conseguiu se conter.

— Ei, Leah?

Ela parou, inclinando a cabeça sobre o ombro.

— Já que estamos aqui, quer pegar o almoço?

Estúpido. Tão estúpido.

Ela se virou para encará-lo, mas sua expressão era hesitante. Quase assustada.

— Oh. Eu... realmente não... quer dizer...

— Se você estiver com fome — ele ofereceu. — Já que ambos já estamos aqui.

Ela começou a morder o canto do lábio, olhando em volta como se estivesse procurando uma saída para a situação.

Deixe-a sozinha, idiota.

— Então, você está com fome? — Ele perguntou, ignorando a voz em sua cabeça.

Ela apertou os lábios encolhendo os ombros ligeiramente. — Um pouco.

Ele deu um passo para trás e abriu a porta, gesticulando para ela entrar, e Leah olhou para a entrada, ainda vacilante.

— Sabia que eles têm cheesecake tiramisu aqui?

Ela bateu o cabelo de seus olhos, olhando para ele.

— Godiva também — disse ele. — E Reese.

Sua postura relaxou um pouco e os cantos de sua boca transformaram-se ligeiramente.

— Nada? — Perguntou. — Que tal limão-framboesa? Maçã caramelada? Apenas me diga o que fará você ficar aqui.

Ela riu em seguida, olhando para baixo e logo balançou a cabeça. Danny viu seus ombros aumentarem à medida que ela respirou fundo, e então ela levantou a cabeça e caminhou em direção a ele.

— Só para você saber, você me ganhou no Godiva — disse ela, seguindo-o pelo restaurante.

Danny riu quando ele a seguiu para dentro e se aproximou da recepcionista, e ela levou-os a uma pequena mesa contra a janela. Ele se inclinou, puxando a cadeira para Leah antes que desse a volta para o seu lado.

— Obrigada — ela disse suavemente, tirando o casaco e pendurando-o na parte de trás da cadeira.

Enquanto Danny tirava seu próprio casaco, seus olhos instantaneamente caíram para pegar os dela. Ele se sentiu como um canalha, mas não conseguia evitar. Tudo aconteceu tão rápido naquele dia na casa da Vovó que ele realmente não notou, embora olhando no passado agora, ele não conseguia entender como ignorara.

Ela tinha um dos corpos mais incríveis que ele já viu.

Ela usava um suéter justo que alcançava seus quadris com algum tipo de calças pretas elásticas que enfatizavam o tom de suas pernas. Cintura fina. Peito fenomenal. Ela era alta e magra, com lindas curvas femininas em todos os lugares certos.

E um par de botas de cano alto.

Jesus.

Forçou os olhos de volta até seu rosto, percebendo o quão verme ele deve ter parecido.

Seus olhos estavam em seu peito antes que eles voassem até seu rosto e, em seguida, se afastassem, e ele tentou esconder seu sorriso de autossatisfação quando se sentou em frente a ela.

Uma garçonete se aproximou de sua mesa antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, entregando um conjunto de menus e tomando seu drinque. Assim que ela saiu, Leah abriu seu menu e olhou para baixo, examinando as páginas enquanto mastigava do lado de seu lábio. Ele podia ver seu corpo movendo-se ligeiramente quando ela bateu o pé impacientemente debaixo da mesa.

Ela estava desconfortável.

Danny teria pensado que ela era insensível, só que ele sabia que ela não era. Além disso, ela parecia inquieta muito antes disso, desde o momento em que ele pediu a ela para se juntar a ele.

Ele não tinha nada que estar ali com ela. Foi uma decisão estúpida, do jeito que ele olhou para ela. Mas o estrago já havia sido feito. Então, agora, ele queria fazer o melhor disso.

Mesmo que isso nunca fosse além desta tarde.

— Então — disse Danny, abrindo o seu menu, e Leah olhou para ele.

— Então — ela disse com um sorriso hesitante.

Eles olharam um para o outro até que Leah começou a morder o lábio de novo, baixando os olhos de volta para o menu.

— De onde você voltava para casa?

— Hmm?

— Ontem à noite. Você disse que voltava para casa e tentava ficar acordada. De onde você estava vindo?

— Oh. — Disse Leah, olhando para cima do menu. — A casa do meu pai.

— Ah. — Danny assentiu. — Reunião da família para o grande feriado?

— Nem tanto. — Disse ela. — E você?

Ele balançou a cabeça. — Jantar com minha irmã e seu namorado-do-momento. Parando na Vovó um pouco. Encontrando sua pulseira. — Disse ele, apontando para o pulso. — E então eu saí com meu amigo no trabalho dele.

Leah fez uma careta. — Ele tinha que trabalhar no Natal?

— Ele é um barman. E ficou mais movimentado do que eles pensavam que estaria por isso ele foi chamado. — Disse Danny, virando uma página do menu.

— Na noite de Natal? Onde ele serve bebidas?

— No Rabbit Hole.

— Aqui em White Plains? Isso é apenas a poucos quarteirões daqui.

Danny ergueu os olhos, com um sorriso lento nos lábios. — Eu sei onde é.

Fechando os olhos e balançando a cabeça rapidamente, ela murmurou, — Certo. Duh.

— Já esteve lá? — Ele perguntou, observando a cor rosada mais atraente em seu rosto enquanto ela voltava para o menu.

Ela assentiu com a cabeça. — Um tempo atrás.

— Isso significa muito para você, hein?

Leah olhou para ele interrogativamente, e ele apontou para o pulso dela, onde ela cuidadosamente rolava a pulseira entre os dedos.

Ela deixou cair como se a queimasse, parecendo um pouco envergonhada quando levou as mãos debaixo da mesa e agarrou o lado de sua cadeira, deslocando-a ligeiramente.

— Era da minha mãe — disse ela, pegando o cardápio e estudando-o com renovada intensidade.

Danny olhou por um momento antes de baixar os olhos. Havia uma centena de razões pelas quais ele poderia pensar que podem ter levado-a usar o verbo no passado na última frase, e nenhuma delas era boa.

A garçonete se aproximou da mesa com as bebidas, então, e Leah relaxou visivelmente, parecendo que queria pular e abraçá-la pela interrupção.

Depois de terem pedido, Danny pegou o menu de Lia e entregou-os para a garçonete.

— Por falar nisso — disse ele. — Nunca tive a chance de agradecer.

— Pelo que? — Perguntou ela, inclinando-se para saborear seu chá gelado.

— Por ser tão boa para Vovó no outro dia.

Leah sorriu o primeiro sorriso genuíno que ele viu desde que ela entrou no restaurante. — Ela é tão doce.

— Sim, um pouco doce demais. Não sei o que ela estava pensando, convidando um completo estranho que poderia ser um lunático para entrar em casa.

Leah levantou as sobrancelhas.

— Sem ofensa para você ou qualquer coisa — acrescentou rapidamente. — É só que... bem, nunca se sabe... não é?

— Não, está tudo bem — disse ela com uma risada. — Entendo totalmente que você seja protetor com sua avó.

— Ela não é minha avó.

Leah franziu a testa. — Não é? Você a chama de avó.

— Sim, eu sei — disse ele, esfregando a parte de trás do seu pescoço. Por que diabos ele acabou de dizer isso a ela? — É só que... Eu cresci como seu neto. Então, nós estamos meio que como uma família.

Por favor, só diga, ele orou em silêncio.

— Uau — disse ela.

— Uau? O que há de uau?

— Não sei — respondeu Leah, mexendo a bebida com o canudo. — É, eu já achava realmente bom você fazer todo esse trabalho na casa para ela quando eu achava que ela era da família. Mas, agora que eu sei que ela não é... Não sei. É ainda melhor, acho.

Danny olhou para baixo, rasgando o guardanapo com os dedos. — Eu acho.

Mesmo que ele quisesse falar sobre isso, o que ele não fez, não havia como explicar por que ele fazia o que fez para Vovó. Não tinha nada a ver com ser bom. A verdade era que se ele pudesse trabalhar na casa dela a cada hora de cada dia para o resto de sua vida, ainda nunca seria o bastante.

— Então, você trabalha aqui perto?

Danny colocou os restos de seu guardanapo em uma pilha arrumada antes de olhar para cima. Ela olhava para ele com algo que só podia ser descrito como empatia.

A primeira coisa em comum: temas de conversas proibidas.

— Sim, cerca de 20 minutos daqui.

— O que você faz?

— Tenho uma oficina de reparação de automóveis. D & B Automotive.

— Sério? — Ela perguntou, apertando outro limão em seu chá gelado. — É interessante.

— Você acha?

— Claro. — Ela encolheu os ombros, e Danny sorriu.

— Não, você não acha.

— Bem, talvez não seja interessante para mim — disse ela por meio de uma gargalhada. — Mas tenho certeza que é, para alguém que gosta de carros, e estou supondo que você goste.

Danny sorriu, apoiando os cotovelos sobre a mesa. — O que você faz?

— Sou uma professora.

— Sério? É interessante.

Ela se recostou contra o assento, cruzando os braços.

— Estou falando sério! — Disse. — Isso é realmente interessante para mim. Eu não poderia fazer. Você deve ter a paciência de uma santa.

Leah deu de ombros. — Há dias bons e dias ruins, como qualquer outro trabalho. Tenho certeza de que há dias em que testam sua paciência na loja, certo?

— Verdade — disse ele. — Mas tenho permissão para xingar os carros.

Ela riu antes de balançar a cabeça para ele. Ela tinha o riso mais bonito. Isso o fez querer passar o resto da tarde ali e encontrar maneiras de conseguir mais.

— Então, o que você ensina?

— Inglês para o décimo ano.

Ele franziu o rosto, e Leah revirou os olhos.

— Claramente, o seu assunto favorito.

— É de alguém? — Ele perguntou, e ela zombou, lançando um pacote de açúcar para ele.

— Idiota.

Ele sorriu, pegando o pacote e girando-a entre os dedos. — Você não deveria ser uma espécie de mestre do idioma? Eu pensaria que você teria uma palavra muito melhor para mim do que idiota.

— Acredite em mim, estou apenas esquentando.

Danny começou a rir quando a garçonete se aproximou da mesa com seus aperitivos. Ela colocou os pratos na frente deles, e Danny pegou a pimenta, e congelou quando viu Leah começar a trabalhar em sua salada com garfo e faca.

— O que você está fazendo?

Ela olhou para cima. — Cortando minha alface.

— Cortando a alface — ele repetiu.

— Hum-hum. Eu sempre faço isso.

Ele abaixou a pimenta, olhando para ela. — Posso perguntar por quê?

Leah alcançou sua salada e pegou um pedaço de alface que era do tamanho da palma da mão. — Você realmente não pode morder alface, por isso ou eu posso tentar empinar essa coisa ridícula em minha boca como uma selvagem, ou eu posso cortá-la em pedaços respeitáveis de tamanho humano.

Danny estendeu a mão, levando o pedaço de alface de sua mão. Ele virou-a algumas vezes como se o examinando antes de empurrar a coisa toda em sua boca.

— Totalmente factível. — Ele murmurou incoerentemente.

— Mmm. Sem mencionar extremamente atraente — disse Leah, e ele mordeu o bocado de comida, sorrindo triunfante. — Você tem covinhas quando sorri.

— Sim, estou ciente. — Ele riu. Quando Leah não respondeu, ele disse: — Então, houve um motivo para o comentário, ou você estava apenas afirmando o óbvio?

Ela manteve os olhos em sua salada, enquanto continuava a cortar. — Apenas o óbvio, acho.

Ele riu suavemente antes de se inclinar sobre a mesa, com os antebraços. — Covinhas te deixam excitada.

— *O que*? — ela zombou.

— Oh, desculpe. Pensei que ainda estávamos afirmando o óbvio.

— Oh meu Deus. — Ela riu, apontando para ele com o garfo. — Você é arrogante como o inferno.

— Não, não de verdade. Só gosto quando você fica corada de vergonha.

— Não estou corando. — Ela murmurou, pressionando as costas de seus dedos contra o rosto dela.

Ele sorriu antes de dizer: — Então, qual é o problema? Vovó disse que morava em sua casa?

Leah assentiu. — Nós nos mudamos quando eu tinha doze anos, no entanto. Foi muito legal da parte dela me deixar ver o interior. Até aquele momento, eu ainda sentia como se aquela casa fosse minha. — Ela encolheu os ombros timidamente. — Bobagem, né?

— Nem um pouco — disse ele sinceramente.

Ela respirou fundo, parecendo contemplar algo antes de dizer: — Como no pátio lateral. Havia um bloco de concreto que rachou quando meu pai deixou cair a caixa de ferramentas sobre ela, então ele teve que remover todas as peças quebradas e repor. E a minha irmã, irmão e eu, todos nós colocamos nossas mãos nele enquanto secava. — Ela sorriu. — Nós estávamos fingindo que éramos estrelas de cinema. E então minha mãe veio e nos pegou, e totalmente pensei que ela gritaria com a gente. — Leah balançou a cabeça, quando ela disse. — Mas em vez disso, ela se inclinou e colocou a mão nele também. E então todos nós escrevemos

nossas iniciais por baixo com um palito de picolé, e minha mãe escreveu a data.

Leah olhou para uma mecha de seu cabelo enquanto a girava entre os dedos. — Obviamente, você sabe que não está mais lá. Quando eu vi que ele se foi, fiquei muito chateada, mas então percebi que sempre vou lembrar dessa história, mesmo que não haja nenhuma prova física daquele quintal. Assim como tudo o que aconteceu naquela casa. — Ela soltou os cabelos e olhou para ele.

Pareceu que seu coração parou de bater.

Diga algo.

— Se você realmente pensar sobre isso — disse ela, — a maioria das lembranças que você tem de quando pequeno não são realmente suas. Elas são dadas a você por outras pessoas, a partir de uma imagem, ou uma história, ou um vídeo. Somos informados ou mostrados o que aconteceu conosco, e se torna uma das nossas memórias. Mas aquele dia com o cimento? — Ela encolheu os ombros. — Essa foi a primeira memória que era realmente minha.

Ele piscou para ela, quase engasgando com as palavras presas em sua garganta.

— De qualquer forma — disse ela com um aceno de sua mão. — Foi muito legal da parte dela me convidar para entrar. Foi o destaque do meu dia. Tudo foi para o inferno depois disso.

— Certo — ele disse distraidamente. — Você perdeu a pulseira.

— Bem, e em seguida, o pneu na I-95.

Danny passou a mão pelo cabelo. — É um lugar muito merda para perder um pneu — disse ele, tentando se orientar. Quanto mais eles conversavam, mais difícil se tornou para ele dizer as palavras.

— Nem me fale. É ainda pior no meio de uma tempestade de neve.

Ele puxou uma respiração entre os dentes, balançando a cabeça. — Esqueci que nevou naquela noite. O que você fez?

— Liguei para Triple A e esperei mais de uma hora até eles chegarem lá. Estava morrendo de fome. Eu estava tão tentada a comer a comida que eu acabara de comprar para o jantar de Natal. E acabei fazendo xixi em um saco plástico.

No segundo em que as palavras saíram de sua boca, ela deixou cair o garfo e cobriu o rosto com as duas mãos.

Os olhos de Danny brilharam, sua expressão incrédula, antes que ele começasse a rir.

— O que você acabou de dizer?

— Oh meu Deus, sinto muito. Você não precisava saber disso.

Ele tentou controlar o riso, mas era inútil, e Leah balançou a cabeça, com o rosto ainda escondido atrás de suas mãos.

— Ok, agora estou corando — ela murmurou. — Por que eu não tenho nenhum filtro quando estou falando com você?

— Está tudo bem — disse Danny, e ela abriu os dedos, olhando para ele entre eles. — Se quiser, posso contar algumas histórias de xixi em público que nem se comparam a sua.

— Não, obrigada, estou bem — disse ela com uma risada, soltando as mãos do rosto e pegando o garfo.

— Você realmente deve aprender a trocar um pneu, porém. — Danny disse antes de morder seu rolo primavera.

Ela se irritou. — Sei como trocar um pneu.

— Ah, é? Então por que não trocou?

— Só porque eu posso não significa que eu gostaria de fazê-lo do lado de uma estrada de neve, no escuro e na hora do rush.

Ele a olhou, tentando imaginá-la trocando um pneu. Essas delicadas mãos femininas. Sua minuciosa moldura feminina. Ele poderia imaginá-la debaixo de um carro?

Sim, ele poderia. E era quente como o inferno.

Leah estreitou os olhos para ele antes de sua expressão se endireitar, e ela balançou a cabeça. — Ah, tudo bem. Eu entendi. Tudo faz sentido agora.

— Entendeu o que?

— Você julga as pessoas — disse ela casualmente, levando uma mordida de sua salada. — Você é um julgador.

— O quê? — Ele riu. — Não julgo as pessoas.

— Claro que sim. Você já fez isso comigo duas vezes.

— Mentira! Como é que eu a julguei duas vezes?

— Bem, primeiro eu era uma babaca por causa de onde estacionei meu carro. E agora eu sou incapaz de trocar um pneu por que... o quê? Minhas unhas são feitas? Estou usando saltos? Ou é simplesmente porque tenho peitos e uma vagina?

Ele olhou para ela, tentando mascarar sua diversão. — Pensei que determinamos que você fosse uma idiota por causa de onde estacionou seu carro.

Ela sorriu antes de recuperar o controle de sua expressão, tentando parecer severa.

Danny riu, dando outra mordida em sua comida. — Brincadeiras à parte, você tem o meu número desde quando te liguei na outra noite. Salve no telefone. Não espere pela Triple A fuder você em uma situação como essa. Eu ou um dos meus homens poderia estar lá em menos de 20 minutos na noite passada.

— Obrigada, isso é legal da sua parte.

— Não é um problema — disse ele, lambendo o molho de soja de seu polegar.

Seus olhos caíram para sua boca e, em seguida, correram de volta para cima, o rosto corando, um rosa claro enquanto voltava para sua salada.

Ele queria sorrir vitoriosamente, inchar o peito como o imbecil machão que era. Mas ao invés disso ele concentrou sua atenção em seu aperitivo. Porque por mais que ele apreciasse esse corar, isso seria sua ruína um dia.

Ele deu outra mordida em seu rolinho primavera, decidindo conscientemente não fazer nada que possa tirá-lo novamente.

A garçonete voltou para a mesa com seus pratos principais, e a conversa continuou a fluir facilmente entre eles. Leah era a mistura perfeita de sarcástica e doce, confiante e tímida. No final da refeição, Danny sentia-se estranhamente confortável com ela, como se a conhecesse há anos.

Quando ele pagou a conta, apesar da objeção de Leah, ele ajudou-a com o casaco e seguiu-a até a porta, deixando-a aberta para ela enquanto saía do restaurante.

— Onde você estacionou? — Perguntou.

— No estacionamento a duas quadras — disse ela, apontando com a cabeça.

— Vou levá-la — disse ele, agarrando-se a qualquer tentativa de prolongar à tarde com ela.

Não queria que acabasse. Mas não deveria ter sequer começado. E ele sabia disso.

— Obrigada — ela disse, envolvendo seu cachecol em volta do pescoço, e Danny resistiu ao impulso de alcançar a mão dela quando eles começaram a descer a rua.

Quando chegaram à seu carro, seu peito estava pesado.

Ela se virou para ele, saltando um pouco na ponta dos pés, com um sorriso tímido. — Bem, obrigada novamente pelo almoço. Eu me diverti.

— Eu também — disse ele, vazio.

Sua testa franziu um pouco quando ela inclinou a cabeça, mas ela rapidamente substituiu a expressão com outro sorriso. — Ok, então...

Ela olhou para ele dessa forma que o fez querer abraçá-la. Algo momentaneamente brilhou em seus olhos, e assim que ele identificou o que era, seu peito se apertou ainda mais.

Esperança.

Ela parecia esperançosa, olhando para ele daquele jeito.

Acabe com isso. Agora.

— Então... chegue em casa em segurança — disse ele, dando um passo atrás dela.

Sua expressão caiu ao mesmo tempo que os ombros. Foi a mudança mais ínfima em sua aparência; ele não teria percebido se não estivesse vendo-a tão de perto.

— Você também — disse ela educadamente antes de entrar no carro e fechar a porta. Ele viu quando ela começou a esfregar as mãos.

Não poderia se permitir-se vê-la novamente. Convidá-la para o almoço foi um lapso momentâneo de julgamento, mas conscientemente persegui-la? Isso seria completamente irresponsável.

Para não falar egoísta.

Quando Leah cuidadosamente saiu da sua vaga e continuou a descer a rampa de saída do estacionamento, Danny deixou cair a cabeça para trás, cobrindo o rosto com as duas mãos.

Ela não olhou para trás.

Capítulo 04

— Será que eles vendem aqueles levantadores de peito nesta loja?

Leah virou sua cabeça em direção a amiga, rindo quando ela apertou a mão sobre a boca de Holly.

— Você sabe que esse provador não é à prova de som, certo?

— Por quê? Porque é um segredo que eu estou balançando o peito de uma menina pré-adolescente? — Ela perguntou, colocando os seios pequenos e apertando-os.

— Pare. — Disse Leah, golpeando as mãos de Holly. — Você é proporcional.

— E você está iludida — disse ela. — Vire-se, vou fechá-lo.

Leah virou-se, e quando Holly fechou o zíper do vestido dela, sentiu o corpete encaixando perfeitamente em seu torso. Sobre os vestidos das damas de honra, ela realmente não tinha nada a reclamar; era um belo vestido de verdade, cor de rosa, com um decote sem alças. O corpete confortável conferia uma silhueta suave e sinuosa que fluía delicadamente no chão.

— Está vendo? — Disse Holly. — É assim que os batedores devem parecer em um vestido.

Leah olhou sob o ombro para a amiga. — Você realmente deveria pensar em ensinar etiqueta social.

Holly piscou antes de voltar a examinar a si mesma no espelho.

— Deixe-me ver, deixe-me ver! — Robyn chamou de fora do provador, e Holly inclinou-se e abriu a cortina.

Robyn gritou, batendo palmas rapidamente enquanto caminhava em círculo ao seu redor. — Perfeito! Vocês estão sexys. — Ela bateu palmas mais uma vez dizendo: — Incrível. Ok, então, se vista e vamos dar o fora daqui para ir jantar. E mais importante, algumas bebidas. Vou pegar uma mesa.

Ela puxou a cortina que se fechou atrás dela enquanto saía, e Leah e Holly sorriram uma para outra. Robyn era – de longe – a mais resolvida, natural e tranquila noiva que ela conheceu.

Uma das muitas razões pelas quais Leah a amava muito.

Leah virou as costas para Holly, oferecendo-lhe o zíper. — Ok, faça em mim e eu faço em você.

— Normalmente não jogo nesse time, mas você parece sexy agora.

Alguém pigarreou alto no vestiário ao lado, e Holly e Leah travaram uma risada, levando os dedos em seus lábios.

Holly foi a primeira amiga que fez quando se mudou para Bedford na sétima série. No primeiro dia de Leah, Holly puxou uma cadeira ao lado dela na sala de aula e pediu para ver seu horário, analisando-a por um minuto antes de partir para uma explicação detalhada do que era cada aula, quais professores eram incríveis, e quais eram *um chute no traseiro*, como ela dizia. Em seguida, ela se ofereceu para caminhar com Leah para sua primeira aula, já que também era a aula dela.

E foram amigas desde então.

No verão antes da nona série, elas encontraram Robyn, que acabara de se mudar para Nova York vinda de Michigan e acabou trabalhando no mesmo acampamento de verão com Leah e Holly. As três foram inseparáveis pelos próximos quatro anos e visitaram uma a outra a cada oportunidade que tinham durante a faculdade. Até então, o pai de Leah ainda se referia a elas como as Três Patetas.

Quando Leah vestia as roupas novamente, seu telefone tocou com uma notificação de e-mail. Ela estendeu a mão e agarrou-o, abrindo a mensagem com uma mão enquanto deslizou seus sapatos no pé com a outra.

Era a confirmação de entrega das flores que ela enviou para Catherine.

Sorriu, fechando a mensagem e jogando o celular de volta na bolsa. Leah tentava pensar em algo bom que ela poderia fazer por ela desde a sua visita, e naquela manhã, notou uma propaganda de um desses distribuidores de flores on-line nacionais em sua homepage. O acordo sobre o anúncio era uma exposição elaborada de narcisos em um vaso bonito em relevo. Ela imediatamente pensou em Catherine e em

como ela parecia ter uma coisa para narcisos e pediu_o arranjo antes de sair para encontrar Robyn e Holly na boutique.

Logo que as meninas terminaram de se vestirem, atravessaram a rua para o pequeno restaurante mexicano que Robyn amava, apenas para encontrá-la já sentada em uma mesa com uma jarra de margarita e três copos.

— Eu totalmente te pediria em casamento agora, se você já não estivesse se casando — disse Leah quando se sentou à mesa e serviu-se de uma bebida.

— Falando nisso — disse Holly quando Leah pegou a jarra e entregou-lhe, — como a coisa toda do celibato está indo?

Robyn gemeu, deixando cair seu rosto em suas mãos. — Sou uma idiota. Parecia uma boa ideia, sabe? Quero dizer, a noite de núpcias deve ser uma coisa tão grande, um evento importante. O que há de grande e importante sobre fazer sexo com alguém com quem você já dormiu por oito anos?

— Então por que não desistir? — Perguntou Holly, pegando uma batata e molhando-a na salsa.

— Porque nós já chegamos até aqui. É apenas por mais um par de semanas. Além disso, está tão difícil neste ponto que qualquer sexo que fizermos será alucinante. Nossa noite de núpcias já está praticamente garantida me fazer ver estrelas.

Holly ergueu o copo. — Bem, espero que você não transe com sua perna no meio da cerimônia.

Todos se viraram, ganhando olhares dos outros clientes no restaurante, quando o som fraco de telefone de Leah chamou a atenção da folia. Ela enfiou a mão na bolsa e tirou-o apenas o suficiente para verificar o nome.

E então fez uma careta, enviando a chamada para o correio de voz antes de jogá-lo de volta em sua bolsa.

— O que foi aquilo? — Perguntou Robyn, apontando para a bolsa de Leah.

— Nada — respondeu com desdém, estendendo a mão para as batatas. Ela pegou um monte de salsa e empurrou a coisa toda em sua boca, tentando ignorar o fato de que as duas meninas olhavam para ela de forma deliberada.

— Leah.

— Ugh, tudo bem —murmurou ao redor de sua boca cheia de comida, pegando sua bebida e tomando um gole enorme para levar tudo para baixo antes dizer: — Ele está ligando de novo.

— Scott? — disseram ambas as meninas em uníssono, suas vozes incrédulas, e Leah assentiu.

— Porra — disse Holly com firmeza. — Pegue o maldito telefone e diga a ele para ir para o inferno.

— Quando isso começou de novo? — Perguntou Robyn.

— Pouco antes do Natal. Há umas duas semanas, acho.

— Você falou com ele?

Leah balançou a cabeça.

— Que idiota — bufou Holly, tomando um gole de margarita.

— Que seja. Não é grande coisa. Só vou ignorá-lo.

— Simplesmente não entendo — disse Robyn. — Quero dizer, ele realmente acha que você o aceitaria de volta?

Leah fez uma careta, olhando para baixo. Esta era a última coisa que ela queria falar. Falar a fazia se lembrar, e odiava lembrar.

Ela voltava para casa do hospital na noite em que seu pai teve o ataque cardíaco. Leah chorou todo o caminho, lutando para ver através de seus olhos inchados e as lágrimas que borraram sua visão. Ela quase o perdeu, e ela sabia que ainda podia perdê-lo. Ele estava em estado crítico, seu prognóstico incerto, e ela não conseguia parar de pensar em quanto tempo ela perdeu. Estava furiosa consigo mesma. Pelo seu comportamento obstinado.

E, naquele momento, ela estava furiosa com o namorado.

Quando ligou para dizer a ele o que aconteceu com seu pai, ele disse a ela como ele estava arrependido, mas quando ela pediu para ele vir ao hospital com ela, ele disse que não podia – que seu irmão estava bebendo com alguns amigos, e prometeu estar disponível para buscá-la no final da noite.

Scott nunca gostou da família de Leah – isso ele deixou muito claro nos quase três anos em que estiveram juntos, por isso era típico

dele aparecer com uma desculpa de porquê ele não poderia passar tempo com eles.

Mas isso era diferente. E ele deveria ter reconhecido isso.

Ele disse a ela para mantê-lo atualizado e que ele ligaria para ela mais tarde, mas tudo o que ela queria era que ele estivesse ali com ela. Apoiando-a.

Leah tomou uma decisão por impulso, saindo da estrada duas saídas antes e indo em direção a casa dele, em vez de seu próprio apartamento. Ela queria dizer a ele que ele a decepcionou.

Mas mais do que isso, ela só queria ser cuidada.

Ela queria que ele a envolvesse em seus braços e pressionasse os lábios em seu cabelo e dissesse que tudo ficaria bem.

Que ela não era uma pessoa terrível.

Quando ele não atendeu a porta, Leah assumiu que ele tinha saído para pegar seu irmão, então usou a chave escondida no candelabro para entrar.

Assim que abriu a porta, soube que algo estava errado.

Ela podia ouvir a música tocando levemente, Dave Matthews Band cantando *Crush*. Leah deu mais um passo para dentro do apartamento, e seu olhar foi imediatamente atraído para a mesa do café, onde havia uma garrafa meio vazia de Shiraz.

Com dois copos de vinho ao lado dele.

Uma horrível sensação dolorosa caiu em seu estômago enquanto olhava para o corredor em direção ao seu quarto.

E foi aí que ela ouviu o gemido abafado.

Ela não tinha ideia do porquê ela ainda caminhou em direção à porta. Sabia o que encontraria. Mas era como se alguma força sádica e invisível houvesse tomado controle de seu corpo, a cabeça gritava para ela sair enquanto as pernas continuavam a levá-la em direção ao quarto.

E então sua mão estava na maçaneta da porta, virando-a suavemente quando ela abriu.

O cheiro a atingiu no rosto como um tapa, um aroma de álcool e sexo, e ela podia ver suas costas nuas enquanto segurava seu peso em

seus braços, os quadris em movimento constante entre as pernas embrulhadas firmemente sobre sua cintura.

Ela olhou fixamente para a imagem diante dela, toda difusa, a qualidade surreal de um sonho.

Isso não era real. Não tinha como isso estar acontecendo.

Ele levantou a cabeça, batendo por cima do ombro e fazendo contato visual com ela. Seus movimentos abrandaram quando olhou para ela, sua expressão mais confusa do que arrependido.

Abaixo dele, onde uma confusão de cabelo vermelho estava espalmada para fora sobre o travesseiro, Leah viu uma mão alcançar e virar o rosto, puxando-o de volta para baixo para um beijo.

Era como se o cabo que a amarrava em seu lugar cortou-se de repente, e ela cambaleou para trás, derrubando a lâmpada sobre a mesa atrás dela enquanto se virava e saía correndo pela porta. Ela desceu as escadas antes de cair de joelhos e vomitar.

Leah caiu no chão enquanto continuava a faltar o ar entre tosses e soluços. Apesar do fato de que ela não podia suportar ficar lá por mais um minuto, depois de tudo que ela passou naquela noite, ela não tinha forças para se mover.

Ele nem sequer saiu para encontrá-la.

Ela não tinha ideia de quanto tempo ficou lá no chão, mas, eventualmente, Leah se levantou e cambaleou até o carro. Ela sabia que não havia como dirigir. Ela nem conseguia enxergar. Mas conseguiu ligar para Robyn, e assim que ela respondeu, Leah ficou histérica novamente, lamentando ininteligível ao telefone. De alguma forma, Robyn conseguiu juntar as peças de onde ela estava, e não demorou muito para que Holly e Robyn estivessem lá, com seus braços em volta dela enquanto beijavam sua cabeça e esfregavam seu cabelo, dizendo que tudo ficaria bem.

— Não temos que falar sobre isso — disse Robyn, afastando-a da memória, quando ela colocou a mão sobre Leah.

Leah manteve os olhos abaixados quando balançou a cabeça. — Sim, não preciso. Só vou ignorá-lo, e ele finalmente vai parar, como sempre.

— Sim, até a próxima vez — disse Holly zangada. — Sério, você deve apenas mudar de número e acabar com essa merda de uma vez por todas.

— Você sabe que não acabaria, Holly. Ele sabe onde eu moro. Ele ainda poderia me mandar coisas.

Na última vez que ele decidiu que queria reconciliar foram flores e playlists gravados em CDs para ela.

— Hmm — disse Holly, franzindo os lábios. — Bem, então que tal um taser em suas bolas? Aposto que acabaria com ele.

Robyn bufou enquanto Leah segurava a mão à boca, e então as três acabaram rindo histericamente.

— Oh meu Deus, sua pulseira! — Robyn disse de repente, os olhos arregalados quando ela apontou para o pulso de Leah.

Leah girou-a suavemente. — Oh sim. Esqueci de contar à vocês.

— A velha senhora encontrou? — Perguntou Holly.

— Não, o neto dela. Bem, uma espécie de neto.

Robyn deixou escapar um enorme suspiro. — Ugh, graças a Deus. Eu ficava imaginando o rosto de seu pai quando descobrisse e isso me fez querer chorar. Quando você voltou lá para pegar?

— Não fui. O neto dela me encontrou em White Plains.

Robyn e Holly trocaram um olhar, e Holly pousou o copo, cruzando as mãos sobre a mesa e olhando incisivamente para Leah.

Ela revirou os olhos. — Pare com isso. Não foi assim. Ele estava apenas sendo gentil.

— Hmm, um cara legal. Bom começo. Então, como ele é?

— Hum, alto. Cabelo preto. Olhos azuis. — Leah deu de ombros.

— Bonito? — Robyn perguntou, com a sobrancelha erguida.

Leah pegou outra batata. — Acho que sim.

Holly estreitou os olhos, apontando para Leah. — Seja clara. Você quer ver seu corpo nu. Você acha que ele é sexy.

Leah sorriu enquanto olhava para a batata em sua mão, virando-a. — Ele meio que é sexy — ela admitiu suavemente, e Holly virou sua cabeça em direção a Robyn, com os olhos enormes.

— Oh meu Deus, eu só estava brincando! Leah, isso é incrível!

Ela balançou a cabeça. — Não é grande coisa.

— É uma grande coisa — disse Robyn, golpeando o braço de Leah. — Esta é a primeira vez que você sequer olhou para um cara desse jeito!

— Eu sei. É inquietante.

— Não, querida. É uma coisa boa — Holly insistiu. — Você não pode deixar aquele fodido arruiná-la. Nem todos os caras são como ele.

Leah respirou fundo e assentiu com a cabeça, assim quando Robyn disse: — Então o que aconteceu? Você o conheceu em White Plains, e depois? Ele lhe deu a pulseira e foi embora?

— Bem, não. Nós almoçamos.

A mão de Holly desceu sobre a mesa, fazendo com que os pratos e copos se sacudissem. — Você está brincando comigo que está nos contando isso só agora?

— Você foi a um encontro? — Perguntou Robyn.

— Não, não. — Disse Leah, rapidamente desejando não ter dito nada. — Apenas decidimos comer alguma coisa. Foi no calor do momento. Foi mais por conveniência do que qualquer outra coisa.

— E?

— Conversamos e comemos, e foi bom.

— Então como é que você o deixou ir? — Perguntou Robyn, e Leah franziu a testa.

— Bem, eu saí, e foi isso.

— Trocaram os números? — Perguntou Holly.

— Ele já tinha o meu da nota que deixei quando perdi a pulseira, e eu tenho o dele já que ele me ligou para dizer que a encontrou, então... — Ela parou de falar com um encolher de ombros.

— Ele pediu para vê-la de novo?

Leah balançou a cabeça, pegando sua bebida.

As meninas se entreolharam rapidamente. — Tudo bem — disse Robyn. — Quero dizer, encontro ou não, foi a primeira vez que você saiu com um cara sozinha em quase dois anos. E você admitiu que acha ele atraente. Outro grande passo. Estou orgulhosa de você, menina.

Leah sorriu enquanto pegava sua bebida. — Então — disse ela, deliberadamente, — você está animada sobre este fim de semana?

Holly riu ameaçadoramente, e Robyn lançou-lhe um olhar. — Já disse a vocês, nada muito louco.

— Robyn, você está tendo sua festa de despedida na véspera do Ano Novo. Como você acha que não ficará louco?

— Pode ficar louco, mas podemos pegar leve com a parafernália de pênis?

— Ei, ei, ei — disse Holly, segurando a mão dela. — Você não está falando sério, está? Se assim for, tenho um monte de pênis enormes para devolver antes do sábado.

Leah engasgou-se com o gole que acabou de tomar, levando o guardanapo à boca, e Robyn tentou não rir quando ela disse: — Nós podemos, pelo menos, chegar a um acordo em que eu não tenha que usar qualquer um deles?

— Sem promessas. — Holly disse, sorrindo inocentemente para o garçom que veio anotar os pedidos.

Elas passaram o resto da refeição discutindo detalhes de última hora para a festa de Robyn. O tema Danny não apareceu de novo, e Leah estava grata. Ela entendia por que as meninas estavam tão animadas; ela havia recusado todo cara que mostrou interesse, cada oferta nos últimos dois anos, se recusando a sequer considerar a ideia de se envolver com alguém. E apesar do que Holly disse, não foi porque ela achava que todos os homens fossem como Scott. Ela sabia que não era verdade. Só que ela não tinha motivação para tentar descobrir quais não eram. E mesmo se tivesse, não era como se ela pudesse confiar em seu próprio julgamento. Não quando ela passou a maior parte de três anos inteiro pensando que Scott era a melhor coisa que já aconteceu com ela.

Ela achou um tanto irônico que a superação de seus problemas de confiança era cem vezes mais difícil já que a pessoa em quem não podia confiar era ela mesma.

Além disso, elas estavam fazendo a coisa com Danny ser um negócio muito maior do que era. Não foi um encontro romântico – foi um almoço. E ele nem sequer pediu para vê-la de novo, então remoer parecia meio inútil.

Quando Leah enfim chegou em casa, estava tão cansada e distraída, que quase perdeu o som de seu telefone tocando. Quando abriu a porta da frente, ela puxou-o para fora de sua bolsa e olhou para a tela, jogando a bolsa em uma cadeira.

Borboletas inundaram seu estômago.

Chamada de Danny.

Ela salvou o número dele em seu telefone como ele disse para ela, apenas no caso dela ter algum problema com o carro e precisar de ajuda.

Pelo menos, foi o que ela disse a si mesma.

Leah fechou os olhos e respirou profundamente, expirando lentamente antes de apertar o botão para atender a chamada.

— Olá?

— Ei, é o Danny.

Seu sorriso vacilou na rispidez de sua voz.

— O que está acontecendo? — Ela perguntou. — Está tudo bem?

— Vovó acabou de me ligar. Ela não tem o seu número. Por que você enviou narcisos para ela?

Seu tom de voz a fez parar em seu caminho. Era quase... acusatório. Não fazia o menor sentido.

— Hum — respondeu Leah, passando a mão pelo cabelo, — eu... quer dizer, eu realmente gostei do que ela fez por mim naquele dia, então eu queria fazer algo de bom para ela.

— Não foi isso o que eu perguntei — disse ele. — Por que narcisos?

Leah fechou os olhos enquanto esfregava círculos sobre a têmpora com a ponta dos dedos. Ela não conseguia entender o que estava acontecendo. Ele estava zangado com ela? Por enviar flores a avó dele?

— Não sei. Eu vi que ela tinha um monte deles em volta da casa. Achei que ela gostava deles. — Seu estômago caiu quando acrescentou: — Eu a perturbei ou algo assim?

Danny exalou pesadamente no telefone, e foram vários segundos antes de falar novamente. — Não — ele disse suavemente. — Você não a perturbou. Ela queria que eu a agradecesse.

— Tudo bem... — disse Leah, sumindo.

— Olha, estou no trabalho, no entanto. Tenho que ir.

Ela balançou a cabeça ligeiramente. — Ok.

— Tudo bem. Tchau.

— Tchau — ela conseguiu dizer.

— Espere, Leah? — Disse ele abruptamente.

— Sim?

— Eu não... eu... — Ele suspirou de novo, antes de dizer: — Sinto muito.

— Tudo bem — ela murmurou, desejando encontrar algo mais a dizer além dessa palavra estúpida.

— Tchau — disse ele e terminou a chamada.

Leah tirou o telefone do ouvido e jogou-o sobre a mesa antes de entrar pela sua sala de estar, caindo no sofá com uma bufada quando deixou cair a cabeça para trás e piscou para o teto.

O que diabos aconteceu?

Capítulo 05

— Desculpe-me — disse Robyn, batendo no homem barbudo devido ao excesso de peso em seu ombro. Ele virou-se, claramente divertido quando a olhou de cima a baixo. Ela estava vestindo uma blusa branca com a frase *Sou Noiva* rabiscada em letras cor de rosa na frente. No verso, havia a frase *Pegue minha bunda antes que seja tarde demais!* Ela usava um véu preso em seus cachos loiros, e para seu espanto, usava um colar de pênis com uma luz estroboscópica vermelha piscando em sua cabeça.

Leah fez uma nota mental para proibir Holly de planejar qualquer outro evento pelo resto de suas vidas.

— Claramente, vou me casar em breve — disse Robyn para o homem, apontando para si mesma com sua bebida no fim. — E sou uma noiva virgem. Então estava pensando se você poderia me dar algumas dicas, ou talvez me disser o que esperar?

Leah mordeu o lábio e olhou para baixo; quando seus ombros começaram a tremer com a força de seu riso abafado, ela se virou e caminhou de volta para a mesa onde estavam todos na barulhenta festa de despedida de solteira.

— Gente, isso é tão ruim. Vamos dar um descanso para ela.

— De jeito nenhum — disse a irmã de Robyn. — Ela fez isso comigo na minha festa de despedida. Vingança é uma vadia. — Ela levantou a lista que segurava, examinando-a atentamente. Era uma gincana de despedida. Robyn precisava completar tarefas antes do fim da noite, uma mais humilhante do que a outra. Sua irmã pegou a caneta do bolso e removeu a tampa com os dentes, riscando o item número sete: — Fingir que você é virgem e pedir a um cara aleatório para te aconselhar sobre a noite de núpcias.

Leah sentou-se ao lado de Holly, que ergueu a bebida. Ela sorriu, inclinando-se para brindar seu Cosmo contra ela antes de beber o resto. Não bebeu muito, mas seguramente estava na transição de zumbido à bêbado.

Robyn se aproximou da mesa, seu sorriso embriagado.

— Ok, o Herb — disse ela, apontando por cima do ombro, — disse para não ser tímida, e que eu não deveria me preocupar se doer porque ficará melhor. Ah, e ele também disse que eu não deveria ter medo de experimentar bolas.

A mesa inteira gritou enquanto Robyn dava de ombros, bebendo o resto de sua appletini antes de se sentar no colo de Leah e descansar a cabeça contra Leah.

— Uh oh! A noiva precisa de uma bebida! Estou trabalhando nisso — disse a antiga colega de faculdade de Robyn, e levantou e se dirigiu para o bar.

— Ei — disse Holly, inclinando-se para elas. — Você percebe que, em 20 minutos, será o ano em que você vai se casar?

— Adeus vida de solteiro, à paz! — Robyn gritou, segurando dois dedos para cima e acenando na cara de um homem que passou por elas.

— Adeus à e para a ideia de que ela não vai vomitar esta noite — disse Holly para Leah, e as duas riram.

— Tudo bem, meninas — a prima de Robyn cantou uma canção enquanto se aproximava da mesa. — Trouxe algumas guloseimas!

Leah olhou para cima para ver quatro rapazes em pé atrás dela.

— Excelente! — Disse a irmã de Robyn. — Podemos marcar o número doze na lista.

Robyn suspirou. — O que eu tenho que fazer?

— Você tem que fazer um cara se ajoelhar e discipliná-lo.

— Eu faço isso — dois dos rapazes disseram em uníssono, e Holly deu uma gargalhada.

Robyn saiu do colo de Leah e se sentou em uma cadeira, entortando o dedo para um dos caras. — Tudo bem, vamos lá, menino travesso — disse ela, e ele rapidamente se deitou em seu colo, sorrindo como se tivesse ganhado na loteria.

Ela espancava enquanto as meninas contavam, e no meio das palmadas, Leah olhou para cima para ver um dos outros caras sorrindo para ela.

— Bobby — disse ele, estendendo a mão.

— Leah — respondeu ela quando estendeu a mão.

— Bem, Leah, sei que isso vai soar como uma cantada, mas você é a garota mais bonita aqui esta noite.

Ela sorriu. — Não soa como uma cantada.

— Bem, isso é lamentável, porque é verdade.

— Obrigada — ela disse suavemente.

— Então, posso pegar outra bebida para você?

— Oh. Tudo bem. Estou bem por agora. Obrigada.

— Tudo bem. Talvez mais tarde — ele disse com uma piscadela antes de voltar para seus amigos.

Leah sentou-se em seu assento para ver Holly olhando para ela, com a sobrancelha erguida.

— Não é bom? — Ela perguntou, e Leah deu de ombros.

— Tudo bem — disse Holly. — Eu ainda estou tão orgulhosa de você no seu não-encontro no outro dia.

Com suas inibições completamente lavadas pelo seu terceiro Cosmo, Leah inclinou-se para Holly e disse: — Acho que é por causa do meu não-encontro que não estou impressionada com esses caras.

— O que você quer dizer?

— Acho que estou pensando em Danny — disse ela, e as sobrancelhas de Holly se levantaram.

A verdade era que Leah pensara muito nele naquela noite. Fazia quatro dias desde aquele telefonema bizarro sobre os narcisos, e ela não ouviu falar dele novamente. Não que esperasse ouvir. Ele não deu qualquer indicação de que ligaria para ela depois do almoço naquele dia, e o último telefonema certamente não a deixou esperando para ouvi-lo novamente, e ainda hoje, ela não conseguia tirá-lo da cabeça. Parecia que quanto mais álcool consumia, mais pensamentos dele invadiam sua mente.

Ele era a combinação perfeita de bonito e sexy. Bonito, mas robusto. Irradiando uma gentileza, mas, ao mesmo tempo, irradiando um apelo sexual cru. Mas ela conheceu muitos homens atraentes nos últimos anos, e nenhum deles jamais ocupou o caminho de seus pensamentos como Danny fez.

Ele era um mistério para ela, porém, e talvez por isso ela não conseguia parar de pensar nele. Talvez ela só estivesse tentando entendê-lo.

Ela poderia dizer que ele era um cara bom – a forma como ele cuidava de Catherine, o jeito como ele era protetor com ela provou isso. E no almoço eles se deram muito bem. Eles estavam confortáveis. Fizeram o outro rir. Ele parecia ter gostado de passar à tarde com ela.

E então ele saiu sem qualquer indicação de que ele queria ver ou falar com ela novamente.

Talvez ele tenha uma namorada, Leah pensou. Mas então por que ele pediu a ela para almoçar? A menos que ele realmente estivesse apenas tentando ser um cara legal.

Mas depois houve aquele telefonema estranho.

Leah suspirou, alcançando a bebida de Holly de sua mão antes dela tomar um gole. Esse era exatamente o tipo de coisa com a qual ela não queria lidar. Ela não queria ser vulnerável, especialmente com alguém que era tão difícil de ler.

Decidiu que deveria celebrar sua vitória parcial; e se permitiu ter algum interesse em um cara. Isso foi mais do que foi capaz por um longo tempo. Foi um pequeno passo, mas as meninas tinham razão: era um passo na direção certa. Ela não tem que persegui-lo para que seja significativo. E ela não procuraria Danny.

Sentiu-se mas leve com essa decisão, sorrindo para Holly, que ainda olhava para ela com uma expressão chocada.

— Você gosta dele? — Ela perguntou, e Leah acenou.

— Não é assim. Estou tão feliz que não estou completamente quebrada. Isso me faz pensar que talvez um dia eu possa ter o que vocês têm — disse ela, apontando para suas amigas.

O rosto de Holly contorceu de tristeza. — É claro que você vai, Leah. Claro que vai. — Ela levantou-se e colocou o braço em torno do

ombro de Leah, inclinando-se para beijar o topo de sua cabeça. — Agora me devolva a minha bebida, sua puta.

Leah riu, assim que a irmã de Robyn gritou: — Mais uma rodada de doses, senhoras!

Estupidamente, ela concordou.

****

Poucas horas depois, Leah e Holly foram ajudar a colocar Robyn no carro de seu noivo.

— Aqui. O barman pensou que seria uma boa ideia — disse Holly, entregando a Rich um dos recipientes de plástico do bar usado para servir bebidas especiais.

— Puxa, obrigado — disse ele, inclinando-se no banco do passageiro e entregando a Robyn a tigela vazia. Ela sorriu para ele e falou algo ininteligível.

— Absolutamente, querida — disse Rich enquanto afivelava o cinto de segurança.

— O que ela disse? — Perguntou Leah.

Rich fechou a porta do passageiro e se virou em direção a elas. — Não tenho ideia, caralho.

Leah e Holly começaram a rir quando Rich puxou o zíper de sua jaqueta. — Como vocês, meninas, vão para casa? Precisam de uma carona?

— Não, Evan está vindo — disse Holly.

— Tudo bem, Feliz Ano Novo, senhoras — disse ele, dando-lhes um olhar de aviso antes de se inclinar e beijar ambas as bochechas. — Sejam boas.

Leah e Holly os observaram se afastar, mandando beijos dramáticos até que as lanternas traseiras do carro de Rich já não eram visíveis.

Poucos minutos depois, o namorado de Holly parou no meio-fio, imediatamente abaixando a janela. — Vocês estão loucas? Onde diabos estão seus casacos?

As meninas se inclinaram uma para a outra e caíram na gargalhada, como se isso fosse a coisa mais engraçada que já ouviram.

— Fantástico. — Evan suspirou, saindo do carro e conduzindo-as em direção a ele. — Tudo bem, vamos lá.

Leah arrastou-se para o banco de trás, e ela e Holly passaram toda a viagem tendo conversas desconexas e rindo descontroladamente de tudo e qualquer coisa.

— Deus, preciso ir para casa — disse Leah quando prendeu a respiração, deixando cair a cabeça para trás no assento e cobrindo o rosto.

— Estamos quase lá, Lee — disse Evan, olhando no retrovisor. — Você não vai vomitar, não é?

— Não, não vou vomitar, mas talvez desmaie — ela murmurou, fechando os olhos.

— Tudo bem — disse Holly. — Desmaie. Vamos levá-la.

Evan bufou. — Você não vai carregar ninguém. Talvez você deva pensar em desmaiar um pouco.

Leah tentou segurar uma risada, e Holly ergueu as duas mãos, estendendo-as antes de cruzar os braços sobre o peito e descansar a cabeça contra o assento.

No momento em que chegou ao condomínio de Leah, Holly roncava levemente, a cabeça caída para o lado, descansando em seu ombro.

Evan saiu e ajudou Leah até a porta, a mão firme em seu cotovelo quando ela cambaleou em seus calcanhares. Ele observou até que ela estava em segurança lá dentro antes de descer correndo para o seu carro ainda ligado e uma Holly dormindo.

Leah segurou a parede para manter o equilíbrio, chutando os calcanhares e tropeçando enquanto caminhava pelo corredor. Ela ainda teve presença de espírito suficiente para parar na cozinha e agarrar uma garrafa de água antes que cambaleasse para trás em direção ao seu quarto.

Ela abriu o botão da calça jeans e puxou-a para baixo dos joelhos antes de cair de costas na cama, chutando sem jeito para livrar-se deles. Seus braços se jogaram para fora em seus lados, enquanto seus olhos se fecharam, e então ela gemeu, lembrando que não mandou uma mensagem para seu pai.

Leah sentou-se rapidamente; o quarto girou com o movimento brusco, e ela fechou os olhos e agarrou a borda da cama até que o mundo se endireitou. Ela se inclinou para baixo, desta vez muito mais lentamente, e pescou sua bolsa no chão até achar seu telefone.

Quando ela se jogou de costas na cama, o quarto começou a girar novamente, e ela piscou um olho, enviando-lhe um texto o mais rápido que pôde. Com uma bufada aliviada, jogou o telefone em algum lugar do outro lado da cama e fugiu para baixo jogando uma perna para o lado para que pudesse manter o pé no chão.

Em poucos segundos, desmaiou.

****

Leah sentiu a dor horrível em sua cabeça antes de estar totalmente desperta, parecia um picador de gelo sendo lentamente batido em seu cérebro.

— Owwwwww — ela gemeu, pressionando a ponta dos dedos em seus olhos. Foi então que percebeu que o toque estridente em seus ouvidos não era parte de sua ressaca horrível.

O telefone estava tocando.

Ela virou a cabeça devagar e abriu um olho. Era 06:45.

Por que alguém ligaria tão cedo?

Leah virou para o lado, fazendo uma careta quando a dor em sua cabeça se intensificou com o movimento, e fechou os olhos, passando a mão sobre o colchão e procurando cegamente seu telefone.

— Faça-o parar — ela gemeu assim que sua mão se fechou em torno dele, e ela bateu o dedo sobre a tela antes de arrastá-lo ao ouvido.

— Sim? — Ela respondeu asperamente.

— Leah, vou focar mais em como estou feliz de ouvir a sua voz, e não em como estou chateado com você agora.

Ela trouxe seu peso até os cotovelos, sentando-se um pouco e encolhendo-se quando uma dor aguda perfurou entre os olhos. — Papai?

— Por que você não me avisou que chegou em casa ontem à noite? De todas as noites, Leah. Véspera de Ano Novo. E você estava em uma festa de despedida, não menos.

Ela sentou-se lentamente, pressionando a palma da mão na testa. — Eu avisei. Mandei uma mensagem para você.

— Não mandou. Eu esperei.

Leah esfregou as costas de sua mão sobre os olhos, sua mente correndo de volta ao longo da noite. Tudo foi um pouco confuso, mas ela podia jurar que mandou uma mensagem para ele.

— Sinto muito, papai. Eu realmente pensei ter enviado. — Ela exalou pesadamente. — Eu... eu não sei o que dizer. Você sabe que eu sempre envio uma mensagem quando chego em casa.

— Sim, eu sei — disse ele, cansado. — Tudo bem, volte a dormir. Estou feliz que você esteja em casa a salvo.

— Ok. Realmente sinto muito, pai. Te amo.

— Também te amo.

Leah terminou a chamada e deixou cair o telefone sobre a cama, com a sobrancelha franzida. Depois de esfregar as mãos sobre o rosto, saiu da cama e caminhou até o banheiro, o barulho em sua cabeça mantendo-a o tempo todo com os pés contra o chão de madeira.

Depois que usou o banheiro, abriu a caixa de remédios e jogou três aspirinas extra fortes na palma da mão, colocando-as em sua boca enquanto tropeçava de volta para o quarto. Bebeu meia garrafa de água antes de se inclinar e fechar as cortinas.

E então caiu de bruços em sua cama, caindo no sono.

Quando acordou novamente, era uma e meia da tarde. Sentia-se cansada e com sede, e com uma necessidade desesperada de um banho, mas ainda significativamente melhor do que quando acordou pela primeira vez.

Leah virou e esticou com um gemido, exalando forte enquanto deixava os braços cair para os lados. O telefonema com o pai penetrou em sua consciência, e ela franziu a testa enquanto virava a cabeça para examinar a cama buscando seu telefone celular.

Sentou-se lentamente quando o pegou, correndo o dedo sobre a tela.

Podia jurar que mandou uma mensagem para ele. Ela definitivamente se lembrava de ter procurado seu telefone ontem à noite, por esse exato motivo. Seria possível ter adormecido antes de clicar em enviar?

Leah parou em suas mensagens enviadas.

E lá estava ele. Uma mensagem enviada à 03h49 para...

— Não — ela respirou, seu estômago revirando. — Oh, não, não, não.

Ela definitivamente enviara a mensagem. Mas não para o pai.

Para Danny.

— Merda — ela sussurrou enquanto abria a mensagem de texto, sem nenhuma lembrança do que ela realmente enviou.

Já em casa, Feliz Ano Novo, eu amo você.

— Não — ela gemeu, jogando o telefone para o outro lado da cama enquanto levava as duas mãos ao rosto. — Merda, merda, merda!

Ok, relaxe, uma pequena voz em sua cabeça sussurrou. Então, esse cara deixou claro, em duas ocasiões, que não está interessado em você, e você só mandou uma mensagem dizendo a ele que o amava. Não é grande coisa.

— Oh meu Deus — ela gemeu, agarrando um travesseiro e pressionando-o sobre o rosto. Ela nunca pensou em falar com ele novamente, ou pelo menos não tão cedo, mas depois disso, seu orgulho estúpido não lhe permitiria seguir em frente e esquecer que este pequeno desastre aconteceu. Ela sentiu a necessidade de explicar-se, para que ele não achasse que ela era uma maluca patética.

Leah não tinha ideia de por que ela ainda se importava com o que ele pensava dela, mas fez.

Sentou-se rapidamente, jogando o travesseiro do lado de fora da cama enquanto pegava o telefone, olhando para a tela por alguns segundos antes de escrever uma nova mensagem de texto para Danny.

Desculpe pela mensagem ontem à noite. Queria manda-la para outra pessoa.

Ela clicou em enviar e fechou os olhos, caindo de costas na cama enquanto levava a ponta dos dedos nas têmporas, massageando em círculos lentos. Um minuto depois, o sinal sonoro duplo suave de seu telefone a fez abrir os olhos e seu estômago revirar.

Era o alerta de mensagem de texto.

Leah prendeu a respiração quando abriu a resposta.

Tem certeza que você não me ama? Estou em uma joalheria escolhendo o seu anel, então se você não me ama, me diga agora.

Um sorriso lento se espalhou sobre os lábios. Ele não estava com raiva, Não era o Danny seco e distante. Este era o Danny delicioso.

Ela digitou a resposta.

Hmm. Bem, antes de me decidir, qual o tamanho do anel?

Leah colocou seu telefone em seu estômago antes de esticar os braços sobre a cabeça, mordendo o lábio para lutar contra o sorriso bobo que sentiu formando em seu rosto. O som de seu telefone tocando a assustou, e ela bateu a mão para baixo em seu estômago, levando o telefone ao nível dos olhos, mordendo seu lábio inferior.

Ele estava ligando.

Ela respirou fundo quando apertou o botão para atender a chamada, esperando que ele ainda fosse o Danny delicioso.

— Olá?

Sua risada flutuou através do telefone. — Então, o tamanho importa para você? — Sua voz era uma brincadeira sugestiva, e ela sentiu o rosto corar com calor enquanto seu estômago se agitava. — Feliz Ano Novo, a propósito — disse.

— Para você também.

— Eu ia perguntar se você se divertiu ontem à noite, mas o seu tipo de mensagem de texto já respondeu a essa pergunta.

Leah riu, penteando seu cabelo com os dedos. — Realmente não foi tão sujo como você está pensando. Eu estava tentando mandar uma mensagem ao meu pai. *Papai*[1] e *Danny* são bem próximos um do outro em meus contatos, e era quase quatro da manhã. Me dê um desconto.

— Ah, então a mensagem era para o seu pai?

— Hum-hum — ela cantarolou, perguntando-se se imaginava o alívio em sua voz. Houve um momento de silêncio, e Leah começou a mastigar o lábio inferior novamente.

— Então você provavelmente deve apagá-la — ela soltou de repente.

— Por quê?

— Eu... eu não sei. Não quero, tipo... colocar você em problemas ou qualquer coisa.

— Me colocar em problemas? — Perguntou. — Como você me colocaria em problemas?

— Quero dizer, uma garota qualquer, mensagens de texto dizendo que te ama... — Ela parou.

— Não tenho uma namorada, se é nisso que você quer chegar.

Ela podia ouvir a diversão em sua voz, imaginando o sorriso que ele provavelmente estava dando.

O que mostrava suas covinhas.

Calor inundou seu rosto novamente. Ele estava certo; era onde ela queria chegar, e não podia acreditar que ela falou sobre isso de uma forma tão infantil. *Porque não apenas escrever um bilhete?* Pensou. *Você tem uma namorada? Circule sim ou não.*

Leah ouviu um som batendo através do telefone antes de Danny gritar: — Entre, está aberta!

— Companhia? — Ela perguntou.

— Apenas um par de caras da loja. Apostamos no jogo de hoje, o que significa que temos que vê-lo no mesmo lugar, para que possamos humilhar e degradar o outro.

1 Dad, em inglês.

— Parece divertido — ela disse com uma risada, estendendo a mão para pegar a garrafa de água em seu criado-mudo. — Bem, vou deixar você ir, então.

— Tudo bem. Oh, ei Leah?

Ela congelou com a garrafa aos lábios dela. — Sim?

— Talvez você deva apagar o texto de suas mensagens enviadas. Sabe, para que ao fique em apuros ou algo assim.

Ela baixou a garrafa de seus lábios quando um sorriso curvou sua boca. — Não tenho namorado, se nisso que você quer chegar.

Ele riu levemente no telefone. — Falo com você mais tarde.

— Tchau — disse ela.

Ela deixou cair o telefone na cama e trouxe a garrafa à boca, mordiscando o aro.

Ele disse que ia falar com ela mais tarde.

Ela apertou os lábios, lutando contra o guincho que podia sentir subindo na parte de trás de sua garganta.

Oh, Leah, pensou. *Você está tão ferrada.*

Capítulo 06

— Ei, Vovó, pode me passar essa lanterna?

Danny deslocou quando a borda do armário apertou sua parte inferior das costas. Ele estava a três segundos de arrancar a maldita pia da parede e jogá-la na sala.

— Aqui está, amor — disse ela, segurando-a para ele.

— Obrigado — ele disse distraidamente, colocando a chave em seu peito para liberar a mão.

— Não sei por que você não me deixa chamar um encanador.

— Vovó, você está ferindo meu ego — disse ele, embora ele estivesse seriamente começando a se perguntar a mesma coisa.

Ela inclinou-se e deu um tapa no joelho. — Oh, pare com isso de seu ego. Sei que você consegue. Eu apenas disse que não precisava fazer.

— Por quê? — Ele grunhiu enquanto trabalhava para soltar a porca.

— Porque há melhores maneiras de passar à tarde.

Danny levantou a cabeça ligeiramente, espreitando para fora de debaixo da pia. — Você sabe que nada supera você — ele disse com uma piscadela, e ela riu.

— Pare de me adular. Com quem você acha que está falando?

Danny riu quando ele posicionou a lanterna perto de seu ombro. Por mais que ele fizesse piadas, o que ele disse era a verdade; não havia nada mais importante do que ela, não importa o quanto ela tentou fazer com que ele se sentisse de outra forma, e ela sabia disso.

— Tudo bem, preciso de uma chave diferente — disse ele, deslizando para fora de debaixo da pia e esfregando a parte inferior das costas. — Tenho certeza que estou com o que eu preciso no meu carro.

— Por que você não faz uma pausa? — Disse ela, entregando o copo de chá gelado que ele não a viu preparar. Ele pegou com gratidão, apoiando as costas contra o armário e tomando um grande gole.

— Obrigado — ele disse, enxugando as costas de sua mão sobre sua boca.

Ela assentiu com um sorriso, arrastando até a cadeira perto da mesa. — Então, você chegou a entrar em contato com Leah?

— O quê? — Ele perguntou assustado.

— Pelas flores — disse ela, sentando-se em frente a ele. — Você a agradeceu para mim?

— Oh — ele disse. — Sim, agradeci.

— Ela parece doce.

Danny deu mais um longo gole de sua bebida. — Sim — ele disse, erguendo a mão acima dele para colocar o copo no balcão perto da pia.

— Bonita também — disse ela, inocentemente, olhando para sua calça enquanto escovava longe uma linha invisível.

— Vovó.

— O quê? — Disse ela.

Danny abriu a boca, apenas para fechá-la sem resposta. Ele balançou a cabeça enquanto se pôs de pé. — Não importa.

— É claro que importa.

Ele se inclinou para baixo, sem dizer nada enquanto vasculhava a caixa de ferramentas.

— Você merece ser feliz — ela disse, e ele riu amargamente.

— Isso é discutível — disse quando se endireitou, voltando a caminhar em direção à porta.

— Daniel — disse ela com firmeza, e ele parou em seu caminho. — Por favor, não me deixe enquanto estou tendo uma conversa com você. É rude.

Ele olhou para baixo com um aceno de cabeça. — Sinto muito.

Um segundo depois, ouviu-a vir atrás dele, em seguida, sua mão estava em seu bíceps, virando-o para encará-la. — Você merece ser feliz. Isso é tudo que eu sempre quis para você.

Seus dentes se uniram enquanto ele tentava abafar a onda de frustração que sentiu em suas palavras. — Sim? — Perguntou ele com força. — E quanto a Leah? Ela merece ser feliz?

— Daniel — disse ela suavemente.

— Você acha que se envolver com alguém como eu a faria feliz? — Continuou. — Você acha que ela esqueceria tudo o que vem junto?

Vovó olhou para baixo, girando o anel na mão esquerda. — Todo mundo tem bagagem, Daniel.

— Vovó, vamos lá — disse ele.

Quando ela não levantou os olhos, sua voz se suavizou.

— Não seria justo — disse ele. — Sabe que não.

Seus ombros aumentaram ligeiramente, enquanto respirava antes de olhar para ele. — Você não está morrendo, amor.

Ele fez uma careta, como se ela tivesse batido nele.

— Você ainda tem a vida inteira pela frente — continuou ela. Vovó levou a mão para o lado de seu rosto quando ela disse: — Não perca as chances que você tem de torná-la maravilhosa.

Danny balançou levemente a cabeça. — Você ouve o que você está dizendo? Eu deveria apenas amarrá-la e fazê-la conviver com tudo que vai junto?

Ela abriu a boca para responder, mas ele a cortou. — E o que acontece quando não sigo meu caminho, Vovó? O que acontece então?

Ela olhou para ele, com a mão ainda pressionada em sua bochecha, enquanto seus olhos se encheram de lágrimas. — Meu filho —

disse ela suavemente. — Não pode parar de viver. Foi você quem me ensinou, lembra-se?

Ele olhou para baixo, engolindo em seco. — Você merece ser feliz — disse ela, usando a mão em seu rosto para erguer o olhar para o dela. — Você merece ser feliz — repetiu ela, olhando-o nos olhos. Ele olhou para ela quando ela deu um sorriso aguado antes de acariciar seu rosto.

E então ela passou por ele e para o seu quarto, fechando a porta atrás dela.

— Porra. — Danny resmungou, esfregando as mãos sobre o rosto mais ou menos, antes de se aproximar de sua cadeira e cair nela.

A última coisa que ele precisava era de Vovó instigando-o a ligar para ela, porque a verdade era que ele estava lutando contra o desejo de fazer isso todos os dias desde o maldito almoço, e ele não sabia quanto tempo seria capaz de resistir a esse impulso com o estímulo de Vovó lutando contra seu bom senso.

Ele não podia fazer isso. Seria errado em tantos níveis. Mesmo Vovó devia saber disso. Mas seu otimismo desesperado foi ficando no caminho de seu julgamento; ela ainda estava agarrada à ideia de que tudo pode dar certo. Danny entendeu por que; era a única coisa que a impedia de cair aos pedaços. Ela precisava da fantasia, a fim de sair da cama todas as manhãs, e a última coisa que ele gostaria de fazer era privá-la disso.

Mas só porque ele permitia que ela existisse em um mundo de fantasia não significa que ele não estava fortemente enraizado na realidade.

Vovó disse que ele ainda tinha um futuro.

Mas ele sabia o que o futuro reservava, e arrastar alguém para isso seria repulsivamente egoísta.

Danny riu sem graça, passando a mão pelo cabelo.

Talvez ele tivesse entrado no mundo de fantasia de Vovó mais do que ele percebeu, porque era ridículo para ele pensar no quão precipitado seria Leah e ele se envolverem. Logo que ela descobrisse a verdade sobre ele, correria para as montanhas de qualquer maneira. Então, nada disso importava.

Caso encerrado. Fim da história.

Pelo menos deveria ter sido o fim da história.

Mas o número dela estava em seu telefone, insultando-o a cada maldito dia. Ele sabia que deveria simplesmente apagá-lo, mas uma parte torcida e masoquista dele não permitiria isso.

Ele próprio prometeu que não entraria em contato com ela novamente depois da ligação sobre as flores, mas depois que ele seguiu em frente e ligou de novo no dia de Ano Novo, justificando porque ela o contatou primeiro - ela mandou uma mensagem - e ele estava simplesmente respondendo. Afinal, só porque ele não iria persegui-la não significava que ele tinha que ser rude.

Talvez fosse isso.

Talvez fosse assim que ele precisasse lidar com ela. Se ela estender a mão para ele, ele responderia, ele não começaria nada primeiro.

Danny exalou pesadamente, correndo as duas mãos pelo cabelo quando se levantou e atravessou a casa até o seu carro.

Ele deixaria nas mãos do destino.

Danny sorriu ironicamente quando abriu o porta-malas e peneirou através de sua caixa de ferramentas. Porque se havia uma coisa com a qual ele poderia contar, seria com o destino querendo foder com ele.

Mais uma vez.

Capítulo 07

— Ugh, é uma trepadeira! — A irmã de Leah disse agitando os ombros em um arrepio exagerado. — Então ele gosta de espreitar seu apartamento?

Leah se sentou no balcão na cozinha de Sarah, correndo o dedo ao redor da borda de sua taça de vinho enquanto sua irmã abriu a porta do forno para verificar a lasanha. Quando elas começaram os jantares às segundas-feiras à noite a quase dois anos, Leah declarou que toda e qualquer conversa referente à Scott estava além dos limites. Sarah nada era se não furiosamente protetora, e nas semanas seguintes a sua separação, foi demais para ela lidar. Em vez disso, elas passariam a noite assistindo *How I Met Your Mother* e comendo muita sobremesa enquanto prometiam ir à academia no dia seguinte, como penitência.

Mas assim que Leah mencionou que Scott esteve lá mais cedo naquele dia, a porta que restringia todo o veneno de Sarah para Scott estourou pelas dobradiças.

— Não acho que ele se esconda — disse Leah. — Ele vem para ver se vou atender a porta, e quando não faço isso, ele deixa qualquer oferta besta de paz que trouxe com ele.

— E o que o idiota trouxe hoje? — Ela perguntou, fechando a porta do forno. — Ele não sabe que as aulas começaram?

Leah deu de ombros. — Quem sabe. Talvez ele intencionalmente veio quando eu não estava em casa.

— O que ele deixou dessa vez?

— Ele fez um cd de músicas.

Sarah revirou os olhos enquanto tomava um gole de vinho. — Sim, porque uma boa seleção compensará o fato de que ele comeu outra garota, enquanto seu pai estava morrendo no hospital. Oh, oh, e ele não poderia estar lá com você, pois assim ele poderia pegar a referida prostituta. Mas não, gravar um CD é tudo de bom.

Leah assentiu. — Eu realmente aprecio você me lembrar de tudo isso. Eu esqueci completamente tudo o que aconteceu naquela noite até que você acabou falar.

Sarah riu enquanto se aproximava de Leah.

— Honestamente, eu simplesmente não entendo isso — disse Leah. — Quero dizer, ele não me ama. Não tem como ele ter feito o que fez se me amasse, e também não entendo por que ele ainda tenta me ter de volta.

— Não tem nada a ver com amor — disse Sarah, estendendo a mão para a garrafa de vinho e reabastecendo seu copo. — É sobre poder. Scott é o tipo de cara que precisa dele para se sentir inteiro. Alimenta-o. Ele perdeu o poder quando você terminou esse relacionamento. Eu não acho que é sobre querer você de volta, sem ofensa.

— Acredite em mim, nenhuma ofensa — interrompeu Leah.

Sarah sorriu antes de dizer: — Ele só quer o poder de volta. E se ele conseguir fazer com que você volte, ele pode exercer esse poder de duas maneiras. Ele poderia tentar controlar você novamente manipulando-a, ou poderia terminar o relacionamento em seus termos. De qualquer forma, ele sai ganhando. É sobre isso que se trata.

Leah olhou para o vinho em seu copo enquanto girava suavemente. — Sabe, é um pouco estranho ouvir toda essa análise psicológica sair de sua boca, especialmente quando faz sentido. Por favor, me diga que você não me analisou psicologicamente nas minhas costas.

— Nunca! — Sarah zombou, tirando um lápis imaginário de trás da orelha e fingindo lamber a ponta antes de rabiscar furiosamente no teclado ao lado dela.

Leah riu quando bateu na perna de sua irmã.

— Brincadeiras à parte — disse Sarah, — você devia fazer uma ordem de restrição ou algo assim.

Leah balançou a cabeça. Ela pensou na ideia uma vez, mas a verdade era que Scott nunca foi violento. Ele não era agressivo ou ameaçador. Ele era um egoísta, um idiota insensível com certeza, um mentiroso, mas nunca a machucaria fisicamente.

— Ele não fez nada para merecer isso. Você não consegue uma ordem de restrição só porque alguém não se manca. Tenho certeza que a polícia tem coisas muito mais importantes para se preocupar além do meu ex-namorado idiota.

— Sei — disse Sarah. — É tão chato, porque sinto como se a deixasse sozinha, você seria capaz de sair dessa coisa toda de uma vez por todas. Quero dizer, como diabos você deveria esquecer tudo o que aconteceu quando ele continua aparecendo a cada dois meses?

Leah deu de ombros, sabendo que ela tinha um bom argumento. Toda vez que Scott decidia aparecer trazia de volta uma confusão de memórias horríveis para ela, para não mencionar todas as suas inseguranças.

— E isso que está acontecendo está me irritando bem quando você acabou de conhecer esse cara, o Danny. Não quero que você entre em pânico e abra mão dele porque Scott mexeu com sua cabeça de novo.

— Bem, espere, não vamos nos adiantar aqui. Não há realmente nada para salvar.

Apesar do fato de Danny terminar a ligação no dia de Ano Novo, dizendo que falaria com ela depois, três dias se passaram sem nenhuma notícia dele. Leah percebeu que “conversamos depois” foi uma despedida comum, e não necessariamente para ser tomada literalmente, mas já que foi a primeira vez que ele terminara com a conversa, indicando que se falariam novamente, ela não podia evitar se sentir esperançosa.

E esperançosa era perigoso, porque a deixava aberta para a decepção.

— Mas se você gosta dele — disse Sarah. — Não quero que você não o procure por causa de Scott desenterrando toda a sua história.

Leah virou-se para a irmã. — Você acabou de me chamar de um saco velho?

— Estou falando sério — ela riu. — Só me prometa que, se você gosta deste cara, você vai atrás dele, não importa o que o imbecil esteja fazendo.

Leah balançou a cabeça, trazendo a taça de vinho aos lábios. — Eu honestamente não sei como me sinto sobre ele. Mas se eu decidir que estou interessada... então... vou tentar — disse ela, antes de terminar o resto de seu vinho.

— Vai? — Perguntou Sarah animadamente.

Ela assentiu com a cabeça. — Se eu decidir que estou interessada — ela esclareceu após engolir.

Sarah lançou seu punho no ar antes de pular o balcão e pegar a luva de forno, e Leah respirou fundo, piscando para o teto.

O problema era que ela já decidira se estava ou não interessada.

E a resposta a aterrorizava.

Holly e Robyn, e agora Sarah, estavam tão convencidas de que os seus assuntos pendentes com Scott a impediam de prosseguir com Danny, quando na realidade o reaparecimento de Scott não tinha nada a ver com a sua hesitação; o que levantou uma bandeira vermelha para ela foi o comportamento ridiculamente incoerente que ela viu em Danny desde que ela o conheceu há quase duas semanas. Ele convidou-a para almoçar e parecia gostar de estar com ela, só para descartá-la no final do mesmo. Ele ligou para ela no fim do ano e foi brusco sobre o fato de que ela fizera algo de bom para sua avó, só para ser brincalhão e sedutor com ela no dia de Ano Novo. Em seguida, ele disse que falaria com ela logo, mas nunca ligou.

Ela não podia permitir-se ser tão descuidada, se envolver, pela primeira vez em dois anos com alguém que era tão imprevisível. Ela estaria desconfortável o suficiente sobre como iniciar um relacionamento novamente sem a incerteza adicional de nunca saber o que esperar dele. Alguém um pouco mais consistente, alguém que pudesse oferecer uma aparência de estabilidade, é o que ela procura. Uma bela e suave transição de volta para o mundo do namoro.

No entanto, ela não conseguia tirá-lo da cabeça.

Sim, ele era volúvel. Sim, ele era difícil de entender. O problema era que ela se viu querendo entendê-lo. Ou, pelo menos, tentando.

Leah e Sarah acabaram comendo sua lasanha no sofá enquanto passeavam pelos canais, e pouco antes de *How I Met Your Mother* começar, Sarah levou seus pratos sujos para a cozinha e saiu com um

litro de Ben and Jerry's Americone Dream[2] e duas colheres, acenando em convite. Elas passaram a meia hora seguinte com o pote encravado nas almofadas entre elas, lutando com as suas colheres pelos pedaços de waffle com cobertura de chocolate.

Era depois das dez quando ela deixou o apartamento da sua irmã, e após dormir durante a maior parte das férias de Natal, ela definitivamente sentiu os efeitos de acordar às cinco e meia novamente. Leah bocejou fortemente quando parou no semáforo do cruzamento, virando sem rumo pelas estações de rádio.

— Você não presta — disse ao console antes de desligar o rádio.

E então seus olhos pousaram em seu telefone no porta-copo.

Ela havia prometido a sua irmã que tentaria.

Leah deixou cair a cabeça para trás na cadeira, olhando para o teto do carro.

E eles havia terminado a última conversa em boas condições.

O carro atrás dela buzinou quando a luz ficou verde, e ela sentou e acelerou.

Vamos, Leah. Seja mulher e faça.

Leah olhou para o seu telefone. — Oh, que inferno — ela murmurou para si mesma, ela agarrou-o, rapidamente percorrendo seus contatos até que o encontrou.

Ele atendeu no segundo toque, sua voz rouca. — Leah. Ei.

O som áspero causou uma baixa vibração em seu estômago. — Ei. Acordei você?

— Não, nem um pouco — ele respondeu. — Eu não durmo a mais de 24 horas, por isso está tudo bem.

— Sério? Por quê?

Danny suspirou antes de dizer: — Um amigo meu é piloto de corrida, e ele entrará numa grande competição amanhã. Uma montanha de dinheiro para ganhar. De qualquer forma, ele me ligou ontem à noite porque saiu para dar uma volta para testar alguma merda que ele colocou nele, e acertou um pouco de gelo e bateu.

2 Sorvete

— Oh meu Deus, ele está bem?

— Sim, está bem. Apenas chateado — disse ele com uma risada. — Fodido está o carro, e ele precisava estar perfeito para a corrida amanhã. Então, alguns dos meus caras e eu o expulsamos na noite passada. Passei toda a noite e o dia todo hoje trabalhando nisso.

— E você consertou?

— Pshh. Consertei. É claro que consertei.

Leah sorriu. — Bem, eu peço desculpas por questionar sua valentia automotiva. Não sei o que eu estava pensando.

— Nem eu, mas não tenho certeza se eu te perdoo — disse ele por meio de um bocejo. — Então, como vai? Está tudo bem?

— Sim — disse ela. — Só queria dizer oi. Ver como você está.

— Neste momento, esgotado — disse ele com uma risada fraca.

— Por que não está na cama?

— Tentando chegar lá. Estou voltando de Hempstead e estou preso na Ilha da Cruz.

— Tráfego?

— Não, cola — disse ele com uma risada. — Sim, o tráfego.

— Espertinho — disse ela, lutando contra um sorriso.

— O que você está fazendo acordada? Você não tem escola amanhã?

— Sim — ela disse, olhando em seu retrovisor antes de mudar de faixa. — Eu fui jantar na casa da minha irmã. Estou quase em casa.

— Oh cara. O que você comeu?

— Lasanha, por quê?

Ele gemeu, e a agitação em seu estômago voltou com uma vingança. — Deus, isso soa incrível. Não comi nada, só chips e rolos de pizza congelada durante todo o dia. Diga-me o que tinha nela, suave e lentamente.

— Oh meu Deus! — Ela riu. — Pare com isso, você é maluco!

Danny riu ao telefone, e a vibração viajou através de seu peito.

Ferrada. Você está tão ferrada. Além de ferrada.

— Então, como foi seu primeiro dia de retorno? — Ele perguntou.

— Típica. Você acha que eles estariam cheios de energia, saindo de uma semana e férias, mas era como uma cena de *The Walking Dead*.

— Você assiste *The Walking Dead*?

— Não.

— Imaginei.

— Por que diz isso?

— Porque em *The Walking Dead*, eles não sentam lá e ficam parados. Eles rasgam a porra dos membros e comem. Posso assumir que não é o que aconteceu em sua sala de aula hoje?

Leah chegou em sua casa e parou na garagem, desligando o motor. — Sabe, você é um pouco chato quando está preso no trânsito sem dormir.

Danny começou a rir quando Leah saiu do carro e correu para a porta da frente, com a cabeça abaixada contra o vento. — Jesus, está congelando aqui fora — disse ela com os dentes cerrados.

— Você já está em casa?

— Sim, acabando de entrar pela porta.

— Oh. Tudo bem, bem, vou deixar você ir para a cama então.

— Não, está tudo bem — disse ela um pouco rápido demais. Ela fechou os olhos e respirou fundo antes de continuar. — Não estou tão cansada. Além disso, não quero que você adormeça ao volante.

Enquanto ela estava bastante confiante de que ele poderia conseguir chegar em casa inteiro sem ela, ela não estava tão segura de que receberia esta versão do Danny, novamente, diferente de qualquer versão.

Ela não estava pronta para deixá-lo ir ainda.

— Bem, acho que é justo — disse ele. — Eu poderia muito bem ganhar dinheiro com o que você me deve.

— Ah, é? — Perguntou Leah, tirando os sapatos e caminhando até o seu quarto. — Eu não sabia que eu te devia algo.

— A última vez que você estava cansada e dirigindo, eu a mantive acordada. Portanto, é justo você retribuir o favor.

— *Noite de Natal?* — Leah perguntou com uma risada. — Você me manteve acordada, tipo, dois minutos. Quase isso!

Ele riu antes de dizer: — Então me conta mais sobre o seu dia. Após rechaçar seu apocalipse zumbi, quer dizer.

— Oh meu Deus, você é detestável. Por que eu concordei em ficar no telefone com você de novo?

— Não sei, mas agora você está presa. Leah sorriu e ele acrescentou: — Sério, no entanto. Conte-me sobre o seu dia.

O fato de que ele iria mesmo fazer essa pergunta acendeu um calor agradável no peito. — Eu meio que já contei — disse ela, tirando o telefone do ouvido apenas o suficiente para puxar sua camisa sobre a cabeça. — Eu dei aula, e depois fui para a casa da minha irmã para o jantar. Nada emocionante.

— Que livro você está ensinando agora?

Leah levantou a sobrancelha quando puxou a blusa do pijama por cima da cabeça. — Sério? Você, de todas as pessoas quer falar de Inglês, enquanto está tentando não cair no sono?

— Me teste.

— Estamos estudando *To Kill A Mockingbird*[3].

— Ah, o bom e velho Boo Radley e Atticus Finch.

— Você conhece? — Ela perguntou, incapaz de esconder a surpresa em sua voz.

— Eu disse que não era meu assunto favorito, não que eu era analfabeto. Consigo ler.

— Cale a boca — ela riu.

— É verdade. E não apenas revistas. Livros reais. Com capas. Os duros.

3 O Sol é para todos – Harper Lee

— Tudo bem — disse ela sorrindo. — Vou desligar o telefone agora. Você está por sua conta. Vá chamar um de seus amigos e que ele aceite esta loucura.

— Eu iria — disse Danny, — mas acho que não seria de muita ajuda. Quando os deixei pouco tempo atrás, estavam prestes a iniciar o jogo Idiota.

— Oh meu Deus — disse Leah com nostalgia. — Não jogo esse jogo há anos!

— Nunca fui um grande fã dele. Meu jogo preferido sempre foi Cups flip.

— Ugh — disse Leah, subindo na cama. — Beber uma cerveja tão rápido quanto puder e, em seguida, tentar virar o seu copo de cabeça para baixo sobre uma mesa lisa com água e vômito enquanto você sufoca a si mesmo? Não, obrigada.

— Bem, é realmente um jogo de homem mesmo, então...

— Se você quer dizer que é imbecil e não requer nenhum pensamento, então eu concordo.

Danny começou a rir quando disse: — Jesus Cristo! Abaixo da cintura, ponto deduzido!

Leah sorriu. — Nós costumávamos jogar Eu Nunca.

— É. — Danny disse. — Verdade ou Consequência era melhor.

— Isso não é um jogo de beber.

— Claro que é — disse ele. — Pelo menos, nós jogamos como se fosse. Se você não quiser cumprir o desafio, você tem que beber.

— Ah, tipo Grelhado?

— Que diabos é Grelhado? — Perguntou.

— É como o que você descreveu, só que mais verdade do que consequência. Você faz uma pergunta a alguém e eles respondem. Se eles não quiserem responder, por qualquer razão, eles têm que beber. As pessoas intencionalmente fazem as perguntas mais pessoais e embaraçosas para tentar levá-lo a beber, porque até o final do jogo todo mundo está tão bêbado que eles basicamente respondem a qualquer pergunta jogada neles. Definitivamente, uma maneira rápida e suja de conhecer alguém.

Houve um momento de silêncio antes dele dizer: — Então vamos jogar.

— O quê, agora? — Ela disse com uma risada, deitada em seu travesseiro. — Não podemos. Não daria certo.

— Por que não?

— Porque se não está bebendo, não há nenhuma penalidade por não responder. Qual seria a motivação para responder?

— Hmm — disse ele. — Bem, e se nós só tivermos um passe? Se você só pode passar uma vez, não vai ser tão rápida para usá-la.

— *Um passe*? — Disse Leah incerta.

— O que está errado? Você tem um monte de esqueletos? — Disse ele com aquela enlouquecedora diversão que instantaneamente fez Leah visualizar suas covinhas.

— Dois — disse ela. — Dois passes.

Ele riu. — Tudo bem, dois passes. Você primeiro.

— O quê? Por quê?

— Este é o seu jogo. Sou apenas um novato — disse ele, e Leah suspirou.

— Tudo bem... quantos anos você tem?

— Vinte e oito. Minha vez?

— Sim — disse ela, mudando para o lado dela para desligar o abajur.

— Ok. Quantos anos você tem?

— Que original — disse ela, movendo o telefone para o outro ouvido quando se deitou. — Tenho vinte e sete. Qual é a pior lesão que você já teve?

— Fácil — disse ele. — Quebrei minha perna quando eu tinha sete anos. O osso saiu através da pele.

— *Oh meu Deus* — Leah sufocou. — Pare! Ugh!

— Você perguntou!

— Sim, mas não tinha ideia de que seria nojento! Blech! Pode me dizer como diabos você fez isso? Não quero saber mais do que isso.

— Meu amigo e eu fomos brincar de super-heróis. Pensamos que poderíamos saltar de uma plataforma.

— O seu amigo se machucou?

— Fui o primeiro.

Ela assentiu com a cabeça. — Seu amigo é um menino inteligente.

Danny riu antes de dizer: — Ok, minha vez. Se você pudesse passar um dia com qualquer pessoa no mundo, quem seria?

O sorriso de Leah caiu um pouco antes de limpar sua garganta. — Minha mãe. Minha vez — ela acrescentou rapidamente. — Um talento que você tem e ninguém conhece?

Ele riu sugestivamente, um som baixo, e Leah sentiu uma onda de calor correr por suas veias. Ela chutou as cobertas para fora quando ele disse. — Hmm, eu vou manter simples por enquanto e seguir com isso, eu posso cantar.

— Você canta? — Ela perguntou, com os olhos arregalados.

— Sim.

— Tipo, *cantar no chuveiro,* cantar, ou você pode realmente cantar?

— Eu posso realmente cantar.

Leah fechou os olhos. — Cante agora.

— Porra — disse ele com uma risada.

— Por favor?

— Nem pensar.

— Bem, então como é que eu sei que você não está me sacaneando?

— Acho que você apenas terá que confiar em mim — disse ele, e Leah suspirou pesadamente.

Deus, ela realmente, realmente queria ouvi-lo cantar.

Mas talvez fosse melhor que ele não o fizesse. Porque se a sua voz falando era uma indicação de como sua voz seria, pode muito bem leva-la ao limite.

— É a minha vez — disse ele, puxando-a de seus pensamentos. — Qual é o seu maior medo?

— Meu maior medo? — Ela perguntou, mordendo o lábio.

— Não, nada disso — disse ele. — Qual é o seu medo mais embaraçoso?

Leah pegou uma mecha de seu cabelo entre os dedos e começou a girar. — Ok, hum... bem, eu, pessoalmente, não acho que isso é nada para se envergonhar, mas eu não gosto do escuro.

— Você tem medo do escuro? — Ele perguntou, e ela poderia dizer que ele sorria.

— Não tenho medo do escuro. Só não gosto. Não gosto de não saber o que está ao meu redor. É a mesma razão pela qual eu realmente não gosto de nadar no oceano. Você não tem ideia do que está à espreita abaixo de você. Me assusta totalmente.

— Oh. Bem, faz sentido. Posso entender isso.

— Sério?

— Claro — disse ele, e depois de uma batida, ele falou de novo através do riso mal contido. — Então, você dorme com uma luz acesa, então?

Os olhos de Leah voaram imediatamente para a pequena luz acesa na parede distante. — Idiota — ela murmurou, e ele começou a rir.

Ok, então. Vamos começar o jogo.

— Ok, minha vez — disse ela sobre suas gargalhadas. — Com quantas mulheres você já dormiu?

Seu riso se transformou em um ataque de tosse surpreso, e Leah sorriu.

— Bem, merda — ele disse baixinho após recuperar o fôlego.

— Então? — Leah cutucou. — Quantas?

— Passe.

— Ah, vamos!

— Passe.

— Você não percebe que seria muito mais fácil se realmente me dissesse qual é o lugar ao invés de estar usando o seu passe?

— Não vou contar nada — ele riu. — Você não sabe pelo que eu estou passando. Como você sabe que eu não sou virgem? Talvez eu não queira compartilhar isso com você porque tenho vergonha.

— Oh, você é tão cheio de merda — disse ela, e ela o ouviu rir.

— Essa pergunta é uma armadilha mortal. Se o número é muito alto, sou desonesto. Se for muito baixo, então há algo errado comigo. E uma vez que não há padrões para o que é muito alto e muito baixo, e não tenho ideia de qual seja o seu, eu vou com o passe.

— Tudo bem — ela fez beicinho. — Sua vez.

— Bem, já que você trouxe as grandes armas, quantos anos você tinha quando perdeu a virgindade?

— Dezesseis — respondeu. — Não, está vendo? Eu disse, mesmo que possa levar a você tirar certas conclusões sobre mim. E eu falo sério, nós já estabelecemos que você é um julgador.

— Oh meu Deus, lá vem você com suas besteiras julgadoras. — Ele riu, e Leah sorriu assim que o ouviu buzinar e resmungar, — filho da puta estúpido.

— Está tudo bem aí?

— Estamos prestes a passar um acidente, e este idiota de merda ficou perto todo o caminho até aqui, e agora ele está tentando se espremer. Ele quase me cortou. Cuzão do caralho.

Leah suspirou. — Eu vou te dar uma jarra de promessas.

— Uma jarra de promessas?

— Sim. Toda vez que você disser um palavrão tem que colocar dinheiro nela.

— Ok — ele riu. — E como isso me impede de amaldiçoar de novo?

— Porque uma vez que estiver cheio, você tem que pegar todo o dinheiro e comprar uma coisa bonita para mim.

Danny riu suavemente antes de dizer: — Bem, há uma falha nesse plano, porque a compra de uma coisa bonita não seria exatamente um castigo para mim.

Borboletas estouraram através de seu estômago quando um formigamento agradável arrepiou a sua pele.

— Sua vez — ele disse casualmente.

— Ah... tudo bem — disse ela, tentando reorganizar seus pensamentos. — Hum... o que você diria que é a sua melhor qualidade?

— Sou leal — ele respondeu, sem perder uma batida, e Leah fechou os olhos.

Ele não poderia ter respondido mais perfeitamente se ele tentasse.

E ela tinha certeza que ele estava dizendo a verdade. Ele não sabia nada sobre seu passado com Scott, nada sobre suas dificuldades emocionais e temores a respeito de relacionamentos, então não era como se ele só estivesse tentando apelar para isso. Além disso, ela viu a prova disso no jeito como ele cuida de Catherine, que sequer é da sua família. Sem mencionar o fato de que ele acabara de passar mais de 24 horas ajudando um amigo em necessidade.

— É a minha vez — disse ele, e ela poderia dizer pelo seu tom de voz que não viria com nada de bom para ela. — Onde é o lugar mais estranho que você já fez sexo?

— Oh Deus. — Ela riu nervosamente. — Passe, passe, passe.

— *Sério?* — Ele estalou a língua. — Você devia se envergonhar.

— Me envergonhar?

— Você não percebe que seria muito mais fácil se realmente me dissesse qual é o lugar ao invés de estar usando o seu passe?

Ela suspirou. — Você é tão irritante.

— Brincadeiras à parte — disse ele, — a minha imaginação é provavelmente muito pior do que a sua realidade, deixar assim essa pergunta no ar provavelmente não é o passo mais sábio.

— Vou me arriscar.

Danny assobiou longo e baixo. — Uau. Tão ruim, hein?

— Seguindo em frente — disse Leah com uma risada, mordiscando o polegar antes de deixar escapar sua próxima pergunta. — Quando foi a última vez que você fez sexo?

— Maldição — disse ele depois de um momento. — Você bate tão bem quanto apanha, hein?

— Você quem começou — disse ela, tentando parecer brincalhona, mas a verdade era que fazer essa pergunta custou cada grama de coragem que havia nela. Ela sabia que diria muito sobre ele, e ela não estava necessariamente certa de que queria saber o que revelaria

— Merda — ouviu-o dizer baixinho, antes de respirar fundo. — Passe.

Leah sentiu seu estômago cair um pouco, mas ela forçou um sorriso, tentando mantê-lo leve.

— Uau, realmente? Tem certeza de que quer fazer isso? Você está fora depois disso.

— Sim, estou plenamente consciente — disse ele. — Ainda passo.

— Ok, então, faça à sua maneira — disse ela alegremente, mas o tempo todo sua mente estava correndo, querendo saber a razão dele não querer responder. Talvez fosse há muito tempo e ele se sentiu envergonhado dizendo. Claro, ele não tinha como saber que ela não fizera sexo em quase dois anos, e que seu período de seca era, provavelmente, uma gota no oceano em comparação.

Ou seja, se isso fosse mesmo sobre um período de seca.

Havia também a possibilidade de que ele estava dormindo com alguém, ou algumas, e não queria que ela soubesse disso. E, infelizmente, das duas opções, levando em consideração sua personalidade e sua aparência, o último era o cenário mais provável.

— Ok, minha vez — disse ele. — Você tem piercings ou tatuagens?

— Tenho uma tatuagem — disse Leah, ainda tentando se livrar da sua decepção.

— Sério? Eu nunca teria pensado nisso. Onde?

— Na parte de trás do meu pescoço.

— O que é? — Perguntou.

— Uma triskele em espiral. É uma longa história — disse ela, esperando que ele não a pressionasse ainda mais do que isso.

— Uau. Eu tenho que dizer, porém, eu amo isso.

— O que, um triskele?

— Não, não tenho ideia do que é isso — disse ele com uma risada. — Quando uma garota tem uma tatuagem em um lugar secreto.

— Oh — ela disse. — Bem, não é realmente um lugar secreto.

— Eu acho que é. A menos que você cubra com o seu cabelo o tempo todo, apenas as pessoas próximas a você a veriam. Acho que parte de trás do pescoço de uma mulher é um lugar extremamente íntimo.

Sério, maldito seja.

Por que ele se recusou a responder a última pergunta e depois segue com isso? Quase como se ele soubesse como chutar de volta. Leah começou a considerar a possibilidade de que ele seguia algum tipo de manual.

E o título bem que poderia ser, *Como deixar Leah completamente encantada, tremendamente fácil.*

— Sua vez — ele disse quando vários segundos se passaram e ela não disse nada.

Leah respirou fundo e fechou os olhos. Sem mais perguntas tolas. Ela precisava começar a descobri-lo.

— Qual é a única coisa que você fez em sua vida que você se arrepende mais? — Ela perguntou.

— Passe.

Seus olhos se abriram quando o canto de sua boca levantou em um sorriso. — Você não pode passar. Você não tem mais nada.

— Sim, eu sei — disse secamente, e o estômago de Leah caiu para o segundo tempo.

Ela reconheceu esse tom.

— Olha, eu tenho que ir — disse ele. — Eu cheguei na minha rua e tenho que encontrar um local para estacionar.

— Oh, tudo bem.

— Obrigado por me manter acordado, no entanto. Eu agradeço. Boa noite, Leah.

Ele desligou antes que ela pudesse responder.

Leah afastou o telefone de sua orelha e olhou para ele por um segundo antes de jogar a cabeça para trás e gemer alto.

Estar com ele, falar com ele, era o equivalente emocional de fazer bungee jumping. Havia a liberdade, a adrenalina, a alegria da queda, só para ter que parar abruptamente, puxando-a de volta na direção de onde ela veio.

Leah levantou a mão e esfregou os olhos mais ou menos com as palmas das suas mãos.

Ele poderia ser muito doce às vezes, mas era tão malditamente cuidadoso. E ele era engraçado, mas seus humores eram completamente confiáveis. Ele tinha uma bondade genuína, mas também era fechado e abrupto, e não havia nenhuma garantia a respeito de qual versão dele ela estaria recebendo.

Mas muito mais frustrante para ela do que qualquer uma dessas coisas foi o fato de que mesmo ele a descartando mais uma vez, ela estava completamente fascinada por ele.

Capítulo 08

Danny tinha acabado de reinstalar o tampão de drenagem na transmissão do Cadillac quando sentiu seu telefone tocar no bolso, e ele deslizou de debaixo do carro, limpando a mão em seu macacão antes de se empurrar para fora.

Seu pulso acelerou quando viu o nome dela ao lado da notificação, e ele avidamente abriu a mensagem.

Estarei no Rabbit Hole esta noite. Você deveria ir, se não estiver ocupado.

Ele olhou para a mensagem um momento antes de fechar a tela e colocar o telefone de volta no bolso.

E então ele descansou a cabeça, jogando seu braço sobre os olhos.

Ele não pensava em ir, é claro. Isso seria uma péssima ideia.

Mas Deus, era tão fodidamente tentador.

Ela foi tão tolerante com a forma grosseira que ele desligou o telefone na última vez em que se falaram. No segundo que ele desligou na naquela noite, ele quis chutar ele mesmo. Foi um movimento tão estúpido; ele deveria ter feito alguma coisa, alguma resposta insignificante para a sua pergunta teria sido bom. Mas ela o pegou de surpresa, e ao invés disso ele entrou em pânico e agiu como um completo idiota.

Mais uma vez.

E, no entanto, na manhã seguinte, ela mandou uma mensagem. Cinco palavras simples, mas fez seu peito sentir como se centenas de pequenas bolhas surgissem dentro.

Tenha um bom dia.

Ele passou o resto do dia pensando nela, e naquela noite ele havia quebrado a sua regra e iniciou o contato com ela, enviando uma mensagem curta.

Espero que tenha se defendido com sucesso contra os zumbis hoje. Boa noite.

Ela respondeu com um LOL e um rosto sorridente, e Danny acabou deixando seu telefone na cozinha pelo resto da noite para que ele não ficasse tentado a entrar em contato com ela novamente.

No dia seguinte, pouco antes do almoço, ele recebeu outra mensagem dela.

Espero que seu dia esteja indo bem. Sem xingar carros hoje. Jarra de Promessas!

Ele riu como um palhaço, com base nos olhares confusos dos clientes sentados na sala de espera. E naquela noite ele havia ignorado a sua regra auto imposta novamente, enviando uma mensagem na qual desejava uma boa noite e a lembrava de ligar sua luz.

Eles foram e voltaram assim nos últimos quatro dias, e ele conseguiu convencer a si mesmo que era aceitável porque eram apenas mensagens de texto. Não era como se eles estivessem falando no telefone, ou se encontrando, ou ligando.

Ele ainda estava completamente bem.

Danny deixou cair seu antebraço de seus olhos e olhou para o teto alto da garagem. Em seus momentos de clareza, no entanto, ele percebeu o quão estúpido era fazer isso com ela. Porque cada mensagem só reforçou o quanto ele gostava dela. Ela era sarcástica e perspicaz, mas também incrivelmente doce e atenciosa. Sem mencionar a facilidade de perdoar. Em mais de uma ocasião, ela parecia ignorar completamente o fato de que ele fudeu tudo.

E, às vezes, por uma fração de segundo, ele pensou que talvez ela pudesse perdoar o maior deles; que havia uma chance de que ela não iria mandá-lo embora se soubesse a verdade.

Mas essa linha de pensamento era idiota, para não mencionar perigosa. Ele não deve nutrir essa possibilidade remota. Ele nem deveria se concentrar nas coisas que ele gostava nela; ele não fazia nenhum favor a si mesmo a esse respeito.

E ele absolutamente, cem por cento, não deveria estar à procura de desculpas para vê-la novamente.

No entanto, mesmo que esse pensamento passou por sua cabeça, ele estava procurando por razões potenciais para fazer uma aparição no The Rabbit Hole. Tecnicamente, ele não estaria quebrando qualquer uma de suas regras se ele fosse, foi ela quem pediu para ele ir, e ele já havia determinado que, se fosse para iniciar o contato, que seja com ela.

Como se isso fizesse dele menos culpado.

Não, porra. Você não vai.

— O que está acontecendo, pensador?

Danny virou a cabeça para ver Jake encostado no para-choque de um carro, a mão no fundo de um saco de batata Lay's.

— O quê? Nada — ele disse enquanto se sentava e passava a mão pelo cabelo.

— Não é nada — disse Jake com a boca cheia de batatas fritas. — De quem foi a mensagem?

Danny fez uma cara quando se levantou e abriu o capô do Cadillac. — O que você é, a porra de um detetive?

— Era uma garota? — Ele perguntou, completamente imperturbável.

— Vá mudar as velas de ignição no Pontiac lá fora.

— Já mudei — disse ele, empurrando mais um punhado de batatas fritas na boca. — Então o que essa menina disse para deixar você assim tão irritado?

Danny ignorou, tirando a tampa de abastecimento da transmissão.

— Ela disse que seu pau era pequeno?

Ele riu, antes que pudesse se conter. — Seu desejo, idiota.

— Bem, então o que diabos ela disse? — Ele perguntou, amassando o saco vazio e fazendo um arremesso para a lata de lixo do outro lado da garagem, errando por vários metros.

— Nada. Ela me pediu para encontrá-la no The Rabbit Hole — disse ele, agarrando a garrafa de fluido de transmissão e colocando-o através da abertura do funil.

— Bom. — Jake disse com um aceno de cabeça, entregando a Danny um pano. Depois de alguns segundos de silêncio, ele disse: — Você vai?

— Não.

— Por que diabos não?

Danny suspirou pesadamente enquanto jogava a garrafa vazia para trás e pegava a próxima, destampando-a. — Você sabe por que não.

— Não, eu não sei — disse Jake deliberadamente. — Você já sabe qual é a minha opinião sobre a coisa toda.

Danny derramou a segunda garrafa para a transmissão, sem dizer nada.

— Eu disse a você, você deve se divertir o tanto quanto puder agora. Faça o que tem que fazer. Vá foder a menina de seis maneiras diferentes.

Danny riu, tentando manter a mão firme quando olhou para cima. — Eu espero que você tenha uma filha um dia.

O rosto de Jake fechou. — Cara, foda-se, isso não é engraçado.

— Vá limpar isso — disse ele, apontando para o saco amassado de batatas fritas no chão, — e, em seguida, troque as pastilhas de freio do Mustang azul.

— Nisso — disse Jake com uma saudação antes de cruzar para o outro lado da garagem, e Danny o observou ir, balançando a cabeça quando jogou a garrafa vazia no lixo e colocou o tampão do abastecimento de volta.

Não foi a primeira vez que Jake havia lhe dado aquele e conselho, mas, neste caso, havia um problema gritante.

Ele não queria transar com ela de seis maneiras diferentes.

Bem, ele queria, mas isso não era tudo que ele queria. Porque no dia em que almoçaram juntos, ele não queria que a refeição chegasse ao fim, e nem a noite ao telefone, ele poderia ter falado com ela por horas.

Com ela seria mais do que apenas uma aventura, mais do que alguma conexão que ele usou para se entreter enquanto ainda podia.

— Ei — Tommy disse, entrando na área da recepção. — Jake disse que vai ao The Rabbit Hole hoje à noite?

Danny fechou os olhos e baixou a cabeça.

— Agora ele vai? — Fodido estúpido.

— Mandei uma mensagem para Damon. Ele irá hoje à noite, por isso devemos definitivamente ir.

Danny respirou fundo antes de abrir os olhos e olhar para cima. — Tudo bem. Estou dentro — disse, prometendo fazer Jake lavar o chão de fábrica todas as noites até o ano que vem.

****

— Maldição, este lugar é propício esta noite — disse Jake, tomando um gole de sua cerveja enquanto olhava a multidão abaixo.

The Rabbit Hole era parte clube, parte bar; no nível mais baixo, havia uma grande pista de dança, com o bar principal ocupando toda a parede à direita. Ao redor da pista de dança, em todos os lados, estavam algumas pequenas mesas, e acima disso – no segundo nível – eram as áreas VIP, cada uma composta por um grande sofá de couro branco em forma de U com uma mesa baixa no centro. O meio do segundo andar foi disposto de modo que cada cabine olhasse para a pista de dança e o bar principal.

— Então, qual é a garota de sorte prestes a derrubar você? — Tommy perguntou da cabine, e Danny riu.

— Esta menina pode me derrubar do jeito que quiser — disse Jake. — DeLuca, venha ver isso.

— Eu vi meninas antes — disse Danny, o seu braço sobre a parte de trás da cabine.

— Não como essa — disse Jake, sem tirar os olhos da pista de dança.

— Sério — disse Tommy, — ou vamos ficar ouvindo seus duplos sentidos loucos nas próximas duas horas.

Danny passou a mão sobre os olhos antes de se levantar com um suspiro. — Dez dólares que eu posso ver seu silicone daqui.

Tommy riu quando ele trouxe a cerveja aos lábios, e Danny caminhou poucos passos até a sacada.

— Veja — disse Jake. — A loira de top laranja.

O olho de Danny imediatamente desembarcou no top laranja brilhante, que terminava na metade do estômago da menina.

E os grandes seios indecentemente que estouravam nos lados.

— Uau — Danny disse, esfregando a parte de trás do seu pescoço. — Ela parece... elegante.

— Ela tem uma tatuagem impressionante nas costas. Observe quando ela se virar.

Mas Danny não olhava para a loira com o peito falso. Seu olhar estava na pista de dança logo à direita da porta.

Ela estava aqui.

Seus braços estavam acima de sua cabeça enquanto ela balançava os quadris no ritmo da batida, seu corpo se movendo em ondas tentadoras enquanto ela cantava com a garota dançando ao seu lado.

Santa. Merda.

— Quente, certo? — Disse Jake.

Danny assentiu, sem ter ideia do que ele tinha acabado de dizer sim. Ela vestia calça jeans escura que abraçava suas pernas por todo o caminho e um top branco esvoaçante que faltava de uma alça só de um lado. A única parte de seu corpo exposta é o ombro, e ainda assim ela era cem vezes mais sexy do que a menina pela qual Jake estava espumando pela boca.

— Sua garota já está aqui? — Jake perguntou ao lado dele.

Danny balançou a cabeça lentamente, seus olhos ainda em Leah. — Não, ainda não.

Ele passou o dia inteiro pensando sobre isso, mas ele ainda não tinha decidido o que faria. Ele nunca respondeu a mensagem anterior, então não era como se ela estivesse esperando vê-lo. Se ele saísse sem vê-la, ela sequer saberia que ele esteve lá.

E ao vê-la balançando os quadris provocativamente com a batida pulsante, ele percebeu que era provavelmente o melhor plano de ação.

Leah pegou seu cabelo escuro para trás em um rabo de cavalo com uma mão e abanou-se com a outra antes de fazer um gesto para a menina com quem ela estava. A menina balançou a cabeça, agarrando a mão de Leah, e caminharam para fora da pista juntas, aproximando-se de outra menina que estava sentada no bar. Ela se virou para as meninas e disse alguma coisa, e Leah jogou a cabeça para trás e riu, envolvendo um braço ao redor dela.

— Se ela está a perda é dela, cara — disse Jake antes de virar o resto de sua cerveja.

— Obrigado. — Danny disse e sorriu fracamente, olhando para ele.

Jake bateu em suas costas, antes de dizer: — Acho que preciso de mais uma cerveja em mim antes de falar com a do top laranja. Você quer?

— Estou bem — disse Danny, apoiando os antebraços no corrimão e juntando as mãos na frente dele.

— Tudo bem, já volto — disse Jake, fazendo o seu caminho em torno de Danny e indo para as escadas que o levariam ao bar principal.

Danny molhou os lábios, permitindo que seus olhos passeassem sobre o nível inferior do balcão, mas a cada poucos segundos, eles encontravam o caminho de volta para ela.

O barman acabara de trazer para as meninas uma rodada de doses e as três levantaram seus copos, enquanto a menor disse algo que fez as outras rirem. Todas tocaram seus copos antes de virá-los, e assim que colocavam os copos vazios no bar, um rapaz se aproximou delas.

— Oh Jesus. — Danny riu, olhando-o de cima a baixo. Mesmo da sacada, ele podia ver o excesso de gel e o falso bronzeado do cara que se fazia de esportivo. Sem mencionar a camisa de botão que ele usava aberta.

Sem nada por baixo.

Ele se esgueirou até a menina, chegando a tirar o cabelo do seu rosto quando disse algo para ela, e ela o afastou com um olhar em seu rosto que fez Danny recuar para o cara, enquanto lutava contra o riso.

Sem responder, ela deu a volta até o outro lado de Leah, colocando alguma distância entre ela e seu admirador, que claramente não se importava com a rejeição.

Porque ele foi direto para a amiga número dois.

Danny observou o cara colocando a mão em seu ombro, massageando assustadoramente enquanto dizia qualquer coisa que havia guardado para ela. Esta menina era um pouco mais suave; ela manteve a expressão passiva enquanto erguia a mão esquerda, apontando para ele com a direita.

Danny estava muito longe, mas ele achava que ela estava mostrando a ele algum tipo de aliança.

— Aguente firme, amigo — disse ele com uma risada, balançando a cabeça.

O cara deu um passo para trás, parecendo que ia admitir a derrota, mas então ele se virou, sorrindo para Leah quando ele disse algo. Ela sorriu educadamente antes de voltar sua atenção para a pista de dança, e mudar de lado, apoiando o cotovelo no bar quando ele se inclinou perto de seu ouvido, dizendo outra coisa.

O sorriso de Danny desapareceu.

Sua expressão era suave quando ela respondeu a ele, sem tirar os olhos da pista de dança, e o cara sorriu, dando o passo mais ínfimo perto dela.

E, assim, a decisão de Danny foi feita.

Amigos. Eles podem ser amigos. Amigos enviam uma mensagem ao outro.

E os amigos ficam parados no bar juntos.

Virou-se e caminhou rapidamente em direção à escada. Ela parecia lidar muito bem, e tinha duas amigas lá com ela, mas ele não dava a mínima. O idiota acendeu algo visceral nele, e ele a queria ao seu lado esta noite.

Ele virou a esquina, depois de passar o segurança na parte inferior da escada, examinando a multidão, até que ele a viu novamente.

Jersey Shore ainda estava aninhado ao lado dela, com o barulho do bar como uma desculpa para encostar perto dela sempre que ele falava. Ela se afastou apenas o suficiente para ser perceptível, mas não chegar a ser rude, forçando um sorriso e respondendo brevemente antes de olhar para a amiga e arregalar os olhos.

Assim que Danny se aproximou deles, ouviu o rapaz dizer: — Venha, querida. Deixe eu te pagar uma bebida. Você é bonita demais para não ter uma bebida na sua mão.

Sem pensar, Danny serpenteou seu braço ao redor da cintura de Leah, descansando a mão em seu quadril quando a puxou para o seu lado.

— Obrigado, mas ela está acompanhada — disse ele.

A medida que os olhos do cara encontraram Danny, sua expressão sedutora vacilou.

— Desculpe, cara — disse, segurando as duas mãos em uma oferta de paz antes de se virar e andar para o outro lado do bar.

Danny observou-o até que ele estivesse longe o suficiente e certo de que não voltaria, e então ele olhou para Leah.

— Eu espero não ter atrapalhado você. Você estava pensando em levar meu primo Vinny para casa?

Ela sorriu quando ela virou o corpo para encará-lo. Danny manteve a mão sobre ela, para que, quando ela se virasse, ela viajasse ao longo de suas costas, vindo a parar em seu quadril oposto.

— Levá-lo para casa? — Disse ela em horror. — De jeito nenhum. Eu provavelmente só iria levá-lo ao banheiro e, em seguida, liberá-lo.

Danny riu alto, e ela sorriu, com o queixo levantado ligeiramente quando olhou para ele.

Alguém pigarreou alto e Danny se virou para ver as duas meninas de antes olhando incisivamente para Leah.

Sua expressão e postura endireitaram simultaneamente. — Oh, desculpe. Gente, esse é Danny. Danny, esta é Robyn e Holly.

Danny tirou a mão do quadril de Leah e estendeu a mão, sacudindo cada uma delas. — Prazer em conhecê-las — disse ele. — Vocês já pediram bebidas?

— Não, ainda não — a pequena Holly, disse. — Estamos esperando o garçom.

Danny se adiantou e levantou a mão, e um segundo depois, Damon olhou para ele de trás do bar. Danny fez um grande círculo sobre as cabeças das meninas com o dedo antes de apontar de volta para si mesmo, e Damon levantou o polegar para cima e, em seguida, apontou para o segundo nível.

— Esse é o meu amigo Damon — disse Danny para as meninas. — Tudo arrumado para vocês hoje.

— Tudo arrumado? — A que chamava Robyn perguntou.

— Sim, vocês estão por conta da casa hoje à noite.

Danny pegou o sorriso que levantou o canto da boca de Holly quando ela deu uma cotovelada em Robyn pouco antes dele se virar para Leah. — Nós temos uma mesa lá em cima, se vocês quiserem subir.

Ele ainda podia ver Holly e Robyn em sua visão periférica, embora claramente não soubesse o que acontecia: Robyn balançava a cabeça com entusiasmo enquanto declamava um exagerado *diz que sim* em Leah, enquanto Holly deu o sinal de OK, olhando-o enquanto a boca sussurrava a palavra *quente*. Ele apertou os lábios, tentando manter uma cara séria enquanto esperava sua resposta.

— Hum, sim, com certeza — disse ela antes de voltar sua atenção para as meninas, e assim que Danny fez o mesmo, as duas meninas imediatamente endireitaram suas expressões. — Vocês querem subir?

— Claro — disse Holly com indiferença. — Danny, isso é simpático da sua parte. Obrigada.

— Não há problema — disse ele. — Me siga.

Danny abriu o caminho para a escada, acenando para o segurança que estava sentado no banco na parte inferior.

— Como vai, Dan — disse ele, apontando para eles passarem. Enquanto as meninas seguiam-no ao subir as escadas, ele acrescentou: — Tenham uma boa noite, senhoras.

Danny virou a esquina e seguiu em direção a sua cabine e, quando Tommy o viu se aproximando, ele gritou: — Danny boy! Para onde diabos você acabou de correr?

— Vi uma amiga. Tommy, esta é Leah, e estas são Holly e Robyn.

— Bem-vindas, moças — Tommy disse, deslizando para abrir espaço, e Holly deslizou primeiro, seguida por Robyn e Leah.

Quando Danny deslizou por trás dela, ela sorriu ironicamente. — Eu não tinha ideia de que era um figurão e tal — disse ela.

— Um figurão? — Ele riu. — Dificilmente. Sou apenas um humilde mecânico que conhece o bartender.

— Um figurão humilde? Esse é o tipo mais perigoso.

Danny sorriu e Tommy disse: — Eu acho que Damon vai mandar as bebidas. Ele sabe que elas estão aqui?

— Sim. — Danny disse assim que Jake se aproximou da mesa com sua cerveja.

— O que temos aqui? — Ele perguntou, olhando para as meninas enquanto deslizava na cabine ao lado de Tommy.

— DeLuca — Tommy respondeu, acenando para ele.

— *Todas as três?* — Ele perguntou, erguendo a cerveja em saudação. — Impressionante.

Danny se inclinou para baixo, trazendo os lábios no ouvido de Leah. — Este é Jake. Peço desculpas antecipadamente por ele.

Ela riu, inclinando-se em tom conspiratório quando apontou para Holly. — Espere até que ela comece. Eles se anularão mutuamente, e então nós estaremos quites.

Danny sorriu enquanto uma das garçonetes se aproximou deles com uma bandeja de seis doses, colocando uma na frente de cada pessoa na mesa.

— Alabama Slammers para todos — ela disse com uma piscadela antes de se afastar, e o sorriso de Danny caiu.

— Quem pediu isso? — Ele perguntou, sem rodeios.

Todos pegaram suas doses como se ele não tivesse falado, e logo se aproximou do centro da mesa.

— Eu estou bem, se alguém quer isso.

Tommy abaixou seu copo olhando para Danny sobre o mesmo. — Irmão, você tem que beber. É para Bryan.

As palavras cortaram o ar de seu corpo. Danny olhou para o seu amigo do outro lado da mesa, concentrando-se em tomar a sua próxima respiração.

Ele não tinha ideia da expressão que ele usava, mas deve ter sido algo realmente especial, porque a cor instantaneamente sumiu do rosto de Tommy e seus olhos voavam longe.

Ele podia ver que Leah olhava para ele, e ele estendeu a mão sobre a mesa, pegando o copo e bebendo com seu maxilar tenso. Seu joelho começou a saltar sob a mesa, e tudo o que ele realmente queria fazer naquele momento era pegar o copo e jogá-lo contra a parede.

Do outro lado da mesa, Jake levantou o copo para o alto, olhando para o teto antes de tomar, e esse gesto empurrou Danny sobre a borda.

Ele bebeu o resto antes de colocar o copo vazio na mesa. — Desculpe-me — ele murmurou antes de deslizar para fora da cabine e caminhar em direção à escada.

Danny rapidamente abriu caminho através da multidão no nível mais baixo, abrindo a porta e tropeçando para o ar gélido de janeiro.

Assim que ele estava fora, ele se curvou, trazendo as mãos sobre os joelhos quando abaixou a cabeça.

— Tommy, que merda — ele murmurou enquanto se endireitava, correndo as mãos pelo seu rosto.

Por que diabos ele teria feito isso?

Porque ele é amigo de Bryan também.

Danny deixou cair à cabeça para trás, deixando as mãos sobre a boca, quando ele piscou para o céu.

Porque ele está lidando com isso da sua maneira.

Ele fechou os olhos, balançando a cabeça. Ele era um maldito hipócrita. Como ele poderia invejar alguém e seu método de lidar com tudo, quando ambos, Tommy e Jake não foram nada, senão amigáveis com ele?

E seus métodos nem sempre foram tão diplomáticos quanto encomendar uma rodada de bebidas.

Basta deixar ir.

Ele esfregou as mãos sobre o rosto de novo, antes de exalar.

Ele realmente precisava empurrar toda essa merda de lado agora, porque ele tinha arrastado Leah em sua noite, e a única coisa que ele deveria era estar focado em ter um bom tempo com ela.

Deixe ir. Por uma noite, apenas deixe ir.

Com um pequeno suspiro ele tomou sua decisão, ele se virou e abriu a porta, entrando novamente no bar. Até o momento em que caminhou de volta para cima, ele podia ver que os copos vazios foram retirados. Tommy olhou para cima, pegando seus olhos quando ele se aproximou, e Danny deu-lhe um aceno de cabeça. Ele balançou a cabeça em troca, segurando a mão em compreensão, enquanto a cabeça de Leah se virava na direção de Danny.

— Ei — disse ela suavemente, brincando com um de seus brincos quando ela olhou para ele. — Aonde você foi?

Danny esfregou a parte de trás do seu pescoço. — Só precisava de um pouco de ar por um minuto.

Ela manteve os olhos sobre ele por um momento antes de assentir. — Sim, definitivamente está quente aqui — disse ela, pegando o cabelo de seu pescoço com as duas mãos.

Ele poderia dizer que ela não acreditou nessa história nem por um segundo.

E ainda assim ela sorriu para ele quando ela pegou seu cabelo, e foi afastando alguns centímetros para dar espaço para ele na cabine de novo.

Ele não tinha ideia de como ela conseguiu fazer isso, apagar o seu desconforto com um simples olhar. E quando ele se sentou ao lado dela, a tensão restante foi drenada de seu corpo como se a presença dela por si só desviara para fora qualquer outra coisa.

— Você quer uma bebida, Leah? — Perguntou Holly.

— Hum, sim. Vou querer uma margarita.

— Danny, e você?

— Estou bem, obrigado — disse ele.

Ele observou Holly e Tommy irem para o andar de baixo antes de se virar para ver Leah olhando para ele.

— Você não vai querer nada?

— Eu não bebo.

Ela levantou a sobrancelha. — Mas você tomou uma dose.

— Bem, então já passei da minha cota.

Ela riu em seguida, balançando a cabeça. — Estou feliz que você veio hoje à noite.

Se havia alguma dúvida persistente sobre a decisão dele de se aproximar dela, ela dissipou com essas seis palavras.

— Eu também — disse ele. — Então, Jake se comportou enquanto eu estava fora?

— Ele nos perguntou o que achávamos da menina de top laranja.

Danny riu. — E o que você disse a ele?

— Eu não disse nada — ela disse com uma risada. — Holly disse, e cito, S*erá uma noite cara para você. Em primeiro lugar, todas as bebidas que você terá que comprar, e então os próximos 40 anos, com as prescrições de Valtrex*[4]**.**

Danny jogou a cabeça para trás e riu. — Oh meu Deus — disse ele após conseguir se controlar. — Eu já a amo.

— Sim, bem, ela certamente é única — disse Leah com um sorriso enquanto Holly se aproximava da mesa com sua bebida.

— Aqui está, garota — disse ela, entregando a margarita. — Danny, você tem certeza que não quer nada?

Antes que ele pudesse responder, Leah disse. — Sim, você realmente não fará um drinque comigo? — Danny virou em sua direção, com a testa erguida, e ela deu de ombros. — Apenas uma bebida? Você já teve uma dose.

Danny olhou para frente e para trás entre eles. — Sinto que estou em um pós-escola especial.

4 Medicamento indicado para tratamento de Herpes-zóster.

Leah riu quando colocou a bebida em cima da mesa, e ele se virou para Holly e Tommy. — Tudo bem, vou tomar uma cerveja — disse ele, e Tommy virou para gesticular sobre o corrimão.

— Não — disse ele, voltando-se para Leah. — Uma bebida.

— Você me faz sentir como uma espécie de vilã depravada — disse ela, trazendo a margarita aos lábios e lambendo o sal da borda do copo do qual estava prestes a tomar um gole.

Seu olho foi imediatamente atraído para a sua boca, e ele sentiu um choque passar por seu estômago e direto entre suas pernas.

— Então, Leah — Tommy disse quando ele deslizou de volta para a cabine, e Danny aproveitou a pausa para tentar recuperar a compostura. — Como você conhece Danny?

— Bem, uma longa história curta, eu perdi uma pulseira a última vez que estive na cidade, e ele me ajudou a encontrá-la.

— Sim, soa como Danny — Jake entrou na conversa. — Ele a ajudou antes ou depois de salvar um gatinho de uma árvore e ajudar uma mulher idosa do outro lado da rua?

Antes que Danny pudesse responder, Leah inclinou-se para ele.

— Ele é bom — ela sussurrou.

— Quem é bom? — Perguntou Danny, inclinando-se para a conversa privada.

— Jake. Ele é um bom parceiro. Certifique-se de recompensá-lo bem esta noite.

Danny zombou, olhando para ela em ofensa fingida. — Se Jake conseguir algo de mim hoje à noite, é um pé na bunda. E o que quer dizer com ele é bom? Você não acha que eu sou do tipo que salva gatinhos, e ajuda a vovó?

Leah sentou-se um pouco, olhando-o de cima a baixo, enquanto fingia avaliá-lo. — Hmm. Eu acho que eu posso vê-lo. Embora você provavelmente assustasse o gatinho e ofendesse a avó com sua linguagem horrível.

— De jeito nenhum. Então eu teria que colocar dinheiro na jarra.

Um lento sorriso iluminou seu rosto quando ela olhou para ele. — Se você realmente tiver uma jarra, eu estou muito animada. Eu deveria ter algo muito meu por essa hora amanhã.

— Então, pouca fé — disse ele, e Leah deu de ombros.

— Velhos hábitos custam a morrer — ela respondeu trazendo a bebida aos lábios.

Ele olhou para ela lambendo a borda novamente antes de tomar um gole, e ele engoliu em seco. Ela parecia tentadora o suficiente esta noite; a última coisa que ele absolutamente precisava era de seis centímetros de distância dela, enquanto ela continuava lambendo aquele copo.

Ele tirou os olhos de sua boca e de volta até seu rosto; seu cabelo ondulado normalmente era reto e brilhante, e ela tinha algumas coisas cintilantes acima dos olhos que os fizeram parecerem intensamente verdes. E a boca – essa boca maldita. Ela não estava usando nada de gloss, aquela merda brilhante que muitas meninas usavam, mas tinha uma cor rosa suave, e tão cheia que ele queria inclinar e morder o lábio inferior.

— Você está muito bonita hoje — disse ele, antes que pudesse se conter, e ele viu o registro de surpresa em seu rosto quando ela parou de beber.

Ela engoliu em seco, limpando a garganta antes de sorrir timidamente. — Obrigada.

— Então, Tommy estava me dizendo como todos vocês trabalham juntos — disse Holly.

— Ah, é mesmo? — Perguntou Robyn. — Onde vocês trabalham?

Passaram a hora seguinte conversando e rindo sobre bebidas, e Danny foi agradavelmente surpreendido na facilidade que Leah parecia estar com os seus amigos; ela e Tommy tiveram uma afinidade rápida e fácil, e sempre que Jake dizia algo horrível, ela só revirava os olhos ou ria com isso.

E em duas ocasiões distintas, tanto Tommy e Jake deram o sinal que significava que Leah ganhou o selo de aprovação.

Danny parou de beber depois da cerveja que pediu para apaziguar Leah, mas o resto deles continuou a pedir rodadas. Jake foi entretendo as meninas com uma história sobre um cliente beligerante que insistia

ter seu carro quebrado enquanto eles trabalhavam sobre ele, e quando levaram um caminhão de reboque para buscá-lo, descobriu-se que o carro estava apenas sem gasolina. Em seu estado atual, a animação que ele colocou em contar a história fez Danny gargalhar, apesar do fato de que ele a ouviu um milhão de vezes.

No meio da imitação de Jake do cara, Danny sentiu algo escovar sobre a palma de sua mão, e ele olhou para Leah. Sua testa estava franzida, seus olhos treinados em sua mão enquanto corria a ponta do seu dedo indicador ao longo de seus dedos.

Direto sobre suas cicatrizes.

Ele empurrou a mão instintivamente, e ela sacudiu, arrancando a própria mão para trás quando seus olhos brilharam até os seus. Ela levou as mãos em seu colo, enquanto rapidamente voltou sua atenção para Jake, parecendo uma criança que acabara de ser pega fazendo algo errado.

Danny olhou por um segundo antes de olhar de volta para sua mão. Algumas delas eram apenas marcas agora; pequenas linhas prateadas contra a pele bronzeada. Mas nos nós dos dedos ainda eram linhas vermelhas brilhantes, irregulares e irritadas.

Ele molhou os lábios antes de olhar para ela. Seus olhos estavam baixos enquanto pegava em sua unha, e ele podia ver um leve rubor colorindo suas bochechas.

Mas em vez de deixá-lo louco, desta vez o fez se sentir doente.

Ele observou seus dedos mexendo sem jeito por baixo da mesa, e antes que pudesse pensar no que estava fazendo, ele se aproximou e colocou a mão sobre a dela, acalmando o movimento.

Ela congelou, lentamente levantou os olhos de volta para a conversa quando sua postura endireitou.

— DeLuca, o que o cara disse quando você disse que ele não tinha gás? — Jake perguntou sorrindo.

Danny riu, usando os dedos para virar a mão de Leah para que a palma estivesse para cima e por baixo dele. — Ele disse, *Bem, espanque minha bunda e me chame de Fudgie*[5].

5 Um turista da região norte de Michigan que pode ser identificado por usar roupas brilhantes, excesso de água de colônia, meias com sandálias, dirigir um cadillac, entre outros.

Jake caiu para frente em histeria quase derrubando a mesa, e Danny olhou para ver Leah olhando para ele. Ele deslizou os dedos entre os dela, apertando suas mãos, e até mesmo através das gargalhadas ao seu redor, ele ouviu sua pequena ingestão de ar.

Aquele pequeno soluço fez muito mais para ele do que o toque de qualquer mulher com que ele já esteve.

Seus olhos encontraram os dela, enquanto dava um aperto de mão suave, e então ele voltou sua atenção para a mesa.

— Lembre-se, nós vamos ter camisas feitas para a loja com os esses dizeres na parte de trás — disse Tommy sorrindo, e Danny assentiu com um sorriso.

Isso realmente foi ideia de Bryan.

Leah gentilmente apertou a mão de Danny antes de acariciar as cicatrizes que salpicavam sua pele, e o pouco movimento enviou minúsculos chiados de eletricidade até seu braço e no peito. Ele fechou os olhos por um segundo antes de tentar reentrar a conversa.

Foi um gesto simples e inocente – segurando as mãos – mas havia um significado para ele que Danny não poderia esquecer, e o fato de que todos os outros na mesa estavam completamente alheios ao que estava acontecendo logo abaixo, o tornava muito mais íntimo.

Ela trocou a mão e os dedos polegares encontraram, circulando em torno um do outro lentamente.

Ok, ele estava errado. Ele pensou que segurar a mão de alguém era inocente, mas foi tão malditamente sensual em sua simplicidade que o fez querer jogá-la para baixo na cabine e cobrir a boca dela com a dele.

Você precisa dar o fora daqui. Agora.

Seus dedos apertados ao redor dela por um momento, antes dele limpar a garganta e deslizar sua mão para fora de seu alcance.

— Tudo bem, eu vou indo — disse enquanto se levantava, e a expressão de Leah caiu um pouco quando ela olhou para ele.

Dê uma razão.

— Tenho que estar na loja amanhã cedo.

— Em um sábado? — Perguntou Jake, inclinando a cabeça.

Dois anos. Ele o faria limpar o chão de fábrica por dois anos.

— Sim — ele disse, passando a mão pelo cabelo. — Um velho amigo quer que eu faça uma reconstrução para ele, e eu prometi a ele que faria em tempo útil. — Ele olhou para Jake um pouco mais do que precisava, esperando que ele entendesse a mensagem, antes de se virar para as meninas.

— Foi muito bom conhecer vocês — disse ele, e então olhou para Leah. — Falo com você em breve?

Ela sorriu, chegando a mexer com o brinco novamente enquanto balançava a cabeça.

Voltou-se, então, porque se tivesse que olhar para a decepção mal escondida no rosto dela por um segundo, ele correria de volta para que ambos passassem o resto da noite fazendo qualquer coisa que ela pedisse.

Danny abriu caminho entre a multidão, pela segunda vez naquela noite, só que desta vez, em vez de sentir-se desesperado para chegar até a porta, ele sentiu um puxão em seu peito, exigindo que ele voltasse do jeito que ele veio.

Ele abriu a porta, abaixando a cabeça contra o vento enquanto enfiava suas mãos nos bolsos.

— Um idiota — ele murmurou para si mesmo, balançando a cabeça. Ele não tinha ideia de por que diabos ele fez isso. Tudo estava indo perfeitamente. Eles estavam se divertindo. Amigos em um bar. Esse era o seu plano para a noite.

E então ele tinha que ir e colocar as mãos sobre ela.

Ele riu com amargura, passando a mão sobre os olhos.

— Danny!

Sua cabeça ergueu quando ele parou, olhando por cima do ombro.

Ela estava de pé do lado de fora do bar, pulando nas pontas de seus pés enquanto torcia as mãos juntas na frente dela.

Ele virou, caminhando de volta para ela, e ela deu um passo hesitante para frente antes que ela acelerasse e o encontrasse no meio.

Seus olhos estavam arregalados, quase em pânico, quando ela se aproximou dele.

— O que há de errado? — Perguntou.

Ela abriu a boca para falar, mas depois a fechou sem dizer nada.

— Está tudo bem? — Perguntou.

— Sim, estou bem — disse ela. — Eu só... Eu não disse adeus a você lá. Então, eu só... queria dizer adeus.

— Tudo bem — disse ele com a sugestão de um sorriso.

— Ok, então — ela olhou para baixo, girando a pulseira em seu pulso antes de olhar de volta para ele. — Adeus.

O sorriso com o qual lutava finalmente quebrou quando ele balançou a cabeça uma vez. — Adeus.

Ela ficou ali, olhando para ele, e ele sabia que se ele não saísse, ele iria fazer algo estúpido. Danny se afastou dela, congelando quando sentiu seu aperto em seu bíceps.

Ele girou para encará-la da mesma maneira que ela deu um passo em direção a ele, indo na ponta dos pés, enquanto trazia sua boca para a dele.

Ele congelou.

Ela se acalmou contra ele, e por um momento, eles só ficaram lá, ambos lutando para superar o choque do que aconteceu. Mas, em seguida, os lábios dela suavizaram contra o dele quando se separaram suavemente.

Ele ainda não havia se movido.

Ele podia sentir seu coração batendo em seu peito, preparando seu corpo para a ação, mas era como se ele não tivesse mais controle de seu corpo.

Sua boca se abriu de novo, e desta vez ela roçou a ponta da língua ao longo de seu lábio inferior antes de fechar o dela sobre ele.

Parecia que algo dentro de seu peito disparou.

Danny pegou o rosto dela entre as mãos, puxando sua boca para a dele enquanto ela a beijou de volta. Ela pressionou seu corpo contra o dele, e ele deslizou a mão para a parte de trás da cabeça dela, atando seus dedos em seu cabelo.

Desacelere. Muito rude.

Mas ele não podia parar. Seus lábios estavam tão fodidamente perfeitos e ele precisava disso e ela era tão bonita e ele não conseguia parar.

Ela gemeu suavemente contra seus lábios, segurando a parte de trás de sua camisa e puxando-o para mais perto enquanto sua língua entrou em sua boca, e sua mão chegou em seu quadril, apertando-a com firmeza, enquanto tentava manter-se ligado à terra.

Foda-se. Ela iria deixá-lo duro aqui na calçada.

Como se ela o tivesse ouvido, Leah desacelerou o beijo, afastando-se um pouco antes de colocar a boca sobre ele novamente, languidamente passando a língua sobre a dele.

Sua mão em seu cabelo ficou frouxa quando deslizou para baixo para acariciar seu pescoço.

Ela pressionou seus quadris contra ele, enquanto mordia seu lábio inferior entre os dentes, e a outra mão dele deslizou em torno de seu corpo até a bunda dela, segurando-a contra seu corpo.

E então seus olhos se abriram empurrando-a para longe, dando um passo atrás.

Ela engasgou quando ela tropeçou para trás, olhando para ele com os olhos arregalados.

Sua respiração estava vindo em rajadas curtas, os vapores brancos nublando a imagem dela em pé diante dele.

E então ele se virou, as mãos em punhos nos bolsos quando ele saiu correndo pela calçada.

Danny arrancou as chaves do bolso e apertou o botão para destravar a porta, tentando fazer com que suas pernas se movessem mais rápido. Quando ele finalmente chegou ao seu carro, abriu a porta e deslizou para dentro, ligando-o antes de fechar a porta atrás de si.

Ele nem sequer verificou o tráfego antes de sair para a rua, acelerando e fazendo os pneus gritarem um pouco quando colocou o pé na estrada.

Pouco antes de virar a esquina, ele fez o seu movimento estúpido final da noite.

Ele olhou para o espelho retrovisor.

A última coisa que viu antes de fazer a curva era Leah em pé na calçada, as pontas dos dedos pressionados contra os lábios ao vê-lo acelerar à distância.

Capítulo 09

Uma semana.

Foi uma semana desde que ela beijou Danny fora do Rabbit Hole. Uma semana desde que ela totalmente se colocou lá fora, pela primeira vez em anos. Uma semana depois de incendiar suas veias e queimar a barriga ao sentir sua boca na dele.

E uma semana desde que ela ouviu falar dele.

Ele não ligou. Não mandou uma mensagem. Mas a coisa mais frustrante de tudo era que desta vez Leah sabia que era culpa dela. Afinal, ela foi a única a ultrapassar o limite várias vezes naquela noite. Ela foi a única a iniciar o toque sob a mesa. Ela foi a única a persegui-lo depois que ele já tinha dito adeus. E ela foi a que iniciou o beijo.

Ela não estava com raiva dele; não era culpa dele se ele não estava interessado nela dessa maneira. Na verdade, era algo que ela suspeitou o tempo todo. Mas agora que ela fez isso estranhamente; ele provavelmente não nunca ligaria ou mandaria uma mensagem de novo por medo de estar enviando os sinais errados para ela.

Robyn e Holly estiveram tão chateadas na volta para casa, alternando entre períodos silenciosos e pedidos de desculpas por pressionar Leah a ir atrás dele naquela noite. Ela tentou mais e mais para tranquilizá-las, dizendo que só mostrava que Danny não era para ela, e que provavelmente era melhor descobrir mais cedo que mais tarde. Isso pareceu acalmá-las, e Leah achou um tanto engraçado que ela foi a única a fazer a consoladora, quando ela acabara de se fazer uma completa idiota de si mesma em frente a um cara que ela realmente gostava.

Pelo menos, proporcionou uma distração muito necessária.

Leah colocou a xícara de chá na mesa de café antes de cair de volta para o sofá com um suspiro, esticando os braços acima da cabeça. Seu telefone tocou com o toque de Holly, e ela se inclinou, passando-o da mesa de café antes de trazê-lo para sua orelha.

— E aí?

— Olá, meu amor. Já tomou banho e está pronta?

— De banho tomado e pronta para...?

— É sexta-feira à noite. Vamos sair.

Leah bocejou, esfregando as costas da mão sobre os olhos. — Hoje não.

— Por favor, Leah? É o último fim de semana antes do casamento de Robyn, e então ela ficará fora por duas semanas em sua lua de mel.

— Ok, então saímos com Robyn. Podemos sair quando quiser.

Houve um momento de silêncio, na outra extremidade, antes de Holly exalar. — Não retroceda, Leah. Eu não quero você sentada em casa e deprimida por causa dele. Não vale a pena.

— Não estou deprimida — disse Leah.

Ela não estava deprimida ou fazendo beicinho ou furiosa ou pensativa. Ela não estava... nada.

— Leah.

— Juro, não estou deprimida — disse ela com uma risada. — Só estou cansada. Podemos sair amanhã, ok?

— Tudo bem — ela suspirou em aquiescência. — Me ligue se mudar de ideia.

— Eu ligo.

— Tudo bem. Fique em paz, baby.

Leah riu. — Fique em paz — disse ela com um revirar de olhos antes de finalizar a ligação.

Depois de um minuto, ela sentou, agarrando a caneca e desligando a televisão antes de ir pelo corredor, desligando as luzes no caminho. Leah pegou o livro que acabara de começar antes de caminhar até o banheiro e ter um banho de espuma.

— Exatamente. O. Que. Eu. Necessito — ela respirou enquanto submergia sob a água fumegante, colocando seu livro sobre a borda da banheira enquanto descansava a cabeça para trás e fechava os olhos.

Ela leu até que a água ficou gelada, e então se puxou letargicamente do banho e esvaziou a banheira, vestindo um pijama de flanela e rastejando para a cama.

A próxima coisa que ela sabia, seus olhos se abriram quando um som estridente ecoou em seus ouvidos. Em seu estado desorientado, ela estendeu a mão para seu despertador, golpeando para desligá-lo.

Ela apertou o botão, mas o som continuou.

Leah levantou a cabeça enquanto lentamente ganhava coerência, percebendo que seria sábado; seu alarme não estaria programado. Quando finalmente registrou que seu telefone estava tocando, ela levantou. O quarto estava escuro como breu, e se virou para olhar para o relógio na sua mesa de cabeceira.

Uma e cinquenta e sete da manhã.

Leah inclinou-se, deslizando a mão ao longo do topo de sua mesa de cabeceira e encolhendo-se quando ouviu o barulho e respingo subsequente que significava que ela tinha acabado de derrubar o copo de água.

— *Merda* — ela sussurrou, chegando a acender a luz. No momento em que ela chegou lá e viu seu telefone, já caíra para o correio de voz.

Ela trouxe o telefone para seu rosto, apertando os olhos contra a luz ofensiva para ver quem tinha chamado.

Uma ligação perdida de Danny.

Sua mão voou para sua boca enquanto se sentava lá, amaldiçoando-se por ter demorado tanto para chegar ao telefone. Por que ele ligava para ela? E às duas da manhã. Ela deveria ligar de volta? Mandar uma mensagem para ele? Talvez ele estivesse deixando uma mensagem de voz?

Enquanto ela ficou lá olhando para o telefone, e contemplando seu próximo passo, ele começou a tocar novamente. Seu estômago virou quando viu as palavras piscarem na tela.

Chamada de Danny.

Ela bateu a tela antes de trazê-lo para sua orelha.

— Olá? — Ela disse suavemente.

— Leah — disse ele, suspirando pesadamente no telefone. — Deus, eu nem sei o que dizer.

Ela franziu a testa enquanto se acomodava, passando a mão pelo cabelo. Sua voz soou estranha.

— Danny? O que está acontecendo? Está tudo bem?

— Não. Eu quero acertar, mas eu não sei mais o que fazer. E me desculpe se eu te beijei, mas eu não sinto muito, sabe? Eu só... Eu queria que você soubesse. Deus, eu gostaria que você já soubesse, porque eu não quero ter que dizer.

— Gostaria de saber o quê? — Ela perguntou. — Danny, o que você está falando?

Ele suspirou baixinho. — Você não tem ideia do quanto eu quero vê-la agora, mas ele pegou minhas chaves, e isso é besteira, porque eu estou fodidamente bem.

Leah fechou os olhos enquanto beliscava a ponte de seu nariz. Porque ela então percebeu por que sua voz soava tão estranha, por que ele ligou para ela às duas da manhã.

Ele estava completamente desnorteado.

Ela suspirou pesadamente antes de mudar o telefone para a outra orelha. — Quem pegou as chaves?

— Joe.

— Quem é Joe?

— O Bartender — disse ele. — Mas estou bem. Ele sabe que estou bem! Porra, eu só quero ir para casa.

Por trás de sua calúnia bêbada, havia um desespero inconfundível em sua voz.

Alguma coisa estava errada.

Além disso, ele apenas não disse a ela na semana passada que ele não bebe? E aqui estava ele, absolutamente bêbado.

— Onde estão Tommy e Jake?

— Não aqui.

Os olhos de Leah se arregalaram. — Eles deixaram você sozinho assim?

— Eu simplesmente não sei mais o que fazer. Sobre qualquer coisa — disse ele, desanimado, misturando as suas palavras. — Tudo o que eu quero é ir para casa.

— Onde você está? — Ela perguntou, balançando as pernas para o lado da cama.

— Lá fora.

Ela bufou fortemente, revirando os olhos. — Lá fora onde?

Ele não respondeu, mas ela podia ouvir um farfalhar, como se estivesse andando rapidamente.

— Danny, você tem que me dizer onde você está.

— McGillicuddy.

— Ok, onde é isso?

— Valhalla — disse ele, e o desânimo desapareceu de sua voz, deixando-o soar estranhamente distante.

Leah deixou cair a cabeça para trás, piscando para o teto antes de suspirar profundamente. — Tudo bem, você precisa entrar, ok? Eu vou até você, mas não quero que você vá a qualquer outro lugar. — Ela saiu da cama e tirou um par de calças de yoga e uma camiseta de sua gaveta.

— Leah?

— Sim? — Disse ela, saindo de suas calças de pijama.

— Não mereço isso. Eu realmente preciso que você saiba, ok?

Ela congelou com uma perna em suas calças de yoga. O que diabos ele estava falando? Suas chaves que estão sendo tomadas? Ela sair para buscá-lo? Ou algo totalmente diferente?

De qualquer maneira, as suas palavras pingavam sofrimento novamente, e ela rapidamente puxou as calças enquanto segurava o telefone com o ombro.

— Estou saindo agora. Volte ao bar, certo? Não vá a lugar nenhum.

— Sim, tudo bem — disse ele distraidamente antes de finalizar a ligação. Leah jogou o telefone na cama tirando a blusa do pijama e jogando sobre a camisola. Ela penteou o cabelo com os dedos, enquanto se sentava na ponta da cama, fazendo uma pesquisa no Google Maps por McGillicuddy em Valhalla. As direções mostraram que a viagem levaria 20 minutos, mas a esta hora da noite, sem tráfego, ela provavelmente poderia chegar lá em dez minutos.

Ignorando a pequena voz em sua cabeça que disse que ela estava louca para fazer isso, ela pegou suas chaves e bolsa e saiu do quarto.

No mínimo, Danny tornou-se um amigo dela, e ela faria isso por qualquer um de seus amigos, ela disse a si mesma enquanto trancava o apartamento e ia até o carro.

Além disso, havia algo em sua voz, algo na maneira preocupante como falou que causou um nó no estômago. Ele precisava de ajuda, e ele a chamou. Não importava o que acontecera entre eles na semana passada. Afinal, que tipo de pessoa colocaria seu próprio ego antes de ajudar alguém em necessidade?

Leah chegou ao bar em menos de 15 minutos, estacionando em frente. Ela realmente não conhecia a área e não estava feliz sobre andar sozinha esta hora da noite, e ela esperava que convencê-lo a sair fosse rápido e indolor.

Ela saiu do carro e puxou as mangas em seus braços, envolvendo os braços em torno de si mesma, ela se aproximou do bar.

Atrás da impressionante porta de carvalho, McGillicuddy's era nada além de um pub; alguns clientes aleatórios sentaram nas mesas de madeira deterioradas espalhadas, e a frequência cardíaca de Leah aumentou um nível enquanto examinava a área, não o vendo.

Assim que estava prestes a pegar o telefone e tentar ligar para ele, ela o viu na extremidade do bar sozinho. Sua cabeça estava baixa, os cotovelos apoiados no bar enquanto girava uma bebida meia vazia em sua mão, e Leah franziu a testa.

Por que eles serviram de novo? O bartender tomou as chaves, mas deu outra bebida para ele?

Leah caminhou a passos largos em direção à parte de trás do bar, olhando para o barman enquanto passava. Quando Danny a ouviu se aproximando, ele levantou a cabeça.

— Leah?

Ela colocou as mãos nos quadris. — Danny.

Ele piscou para ela, chocado. — Você está aqui?

Jesus, será que ele não se lembra de ter ligado?

— Sim, estou aqui. Venha. Você vai para casa — disse ela, tomando a bebida de sua mão e colocando-a no bar. Ela percebeu muito tarde que talvez não fosse a melhor ideia; ela não tinha ideia de que tipo de bêbado ele era, se ele ficaria com raiva ou beligerante se ela afastasse a bebida.

Mas ao invés disso ele se esgueirou para fora da cadeira, deslizando os braços ao redor da cintura dela e puxando-a contra ele. Ela levou as mãos até seu bíceps para apoiar-se, e ele enterrou o rosto em seu cabelo enquanto respirava fundo. — Você está aqui — disse ele de novo, e desta vez soava como uma oração.

Leah ficou congelada por um momento antes de fechar os olhos.

Ele está bêbado. Ele não tem ideia do que está fazendo. Ele nem se lembra de ter chamado você. Basta levá-lo para casa.

— Ok, vamos lá — disse ela, usando as mãos em seu bíceps para afastá-lo suavemente. Ele segurou-a firmemente por um segundo antes de ceder, liberando seu poder sobre ela e dando um passo para trás. Leah deslizou a mão pelo seu braço antes timidamente e envolvendo sua mão em seu pulso para mantê-lo ao seu lado enquanto se inclinava sobre a barra.

— Desculpe-me? — Disse ela, e o barman olhou para cima. — Posso ter as chaves?

O barman balançou a cabeça, sua expressão imutável enquanto voltava para a secagem de copos e empilhá-los. — Eu não tenho as chaves.

— Ok, bem, Joe ainda está trabalhando?

O barman riu quando ele pendurou o pano sobre o ombro. — Querida, ou você bebeu demais, ou você está no bar errado. Não há Joe trabalhando aqui.

Leah olhou fixamente para ele antes dela se virar para Danny. — Onde está Joe? Onde está o cara que tem as chaves?

Ele baixou a cabeça, apoiando a testa em seu ombro enquanto agarrava o lado de sua camisa. — O outro bar — ele murmurou, e Leah fechou os olhos, suspirando pesadamente.

Pelo menos agora ela sabia por que ele foi servido. Este não era o lugar em que pegaram suas chaves. A única boa notícia é que ela sabia que ele não tinha dirigido até McGillicuddy's, de modo que o outro bar deveria estar a uma curta distância de embriaguez.

— Desculpe-me? — Disse Leah, inclinando-se sobre a barra de novo, e o cara olhou para cima, com uma expressão condescendente em seu rosto. — Existe outro bar aqui perto?

— Do outro lado da rua — disse ele, quando se virou para levantar uma caixa de copos do chão.

— Obrigada — disse ela antes de voltar sua atenção para Danny, deslizando os dedos sob o queixo e levantando a cabeça. Ele abriu os olhos, sorrindo suavemente enquanto se concentrava no rosto dela.

— Venha. Eu preciso que você caminhe comigo — disse ela, passando o braço em volta de sua cintura. Ela não tinha ideia de como iria segurá-lo se ele não pudesse andar, mas quando ela deu um passo, ele seguiu.

— Cheguem em casa a salvo — disse o barman enquanto passavam, e ela levantou sua mão por trás em reconhecimento. Quando eles saíram do bar, os olhos de Leah esquadrinharam a rua em frente até que ela localizou um pequeno pub chamado The Alley.

— Lá? — Ela perguntou, e Danny deu de ombros.

— Claro.

Leah balançou a cabeça. — Não, eu não estou perguntando se você quer ir para lá... ugh, simplesmente esquece. Vamos — disse ela, puxando-o do outro lado da rua.

Quando entraram no bar, o cara atrás do balcão virou para olhar para eles. — Você está aqui por suas chaves? — Ele perguntou, e Leah assentiu.

— Sim, sinto muito por isso — disse ela.

— Não se desculpe — Danny murmurou em seu cabelo. — Você não tem nada que se desculpar. — Ele apertou os lábios para o alto da

cabeça, e Leah fechou os olhos, tentando ignorar a agitação em seu estômago que o gesto íntimo provocou.

Ele está bêbado. Ele está bêbado. Ele está completamente alheio e bêbado.

O barman pescou sob a barra e pegou as chaves de Danny, entregando-as a Leah.

— Obrigada por olhar por ele — disse ela virando-os em direção à saída, e o cara balançou a cabeça, dando-lhe uma curta saudação.

Uma vez que estavam de volta para a rua, Danny começou a inclinar-se um pouco mais de seu peso sobre ela, e ela colocou os braços ao redor da cintura, tentando acalmá-lo. — Só mais um pouco, ok? Meu carro está logo ali.

— Onde está meu carro? — Ele perguntou, e Leah balançou a cabeça.

— Você não vai dirigir esta noite. Por favor, não discuta, ok? Estou com as chaves. Você pode voltar e pegar o seu carro amanhã.

Ele se inclinou para baixo, pressionando os lábios contra o topo de sua cabeça novamente. — Eu nunca diria não — disse ele em seu cabelo. — Mas você já sabe disso, não sabe?

Ela cerrou os dentes, tentando se concentrar em caminhar na rua. Pé direito, pé esquerdo. Pé direito, pé esquerdo. Não o fôlego em seu cabelo, ou as mãos sobre seu corpo, ou essas palavras em seus lábios. Pé direito, pé esquerdo.

Ela conseguiu ajudá-lo no lado do passageiro, e enquanto caminhava ao redor da parte de trás do carro, viu-o cair para frente, enterrando seu rosto nas mãos enquanto descansava no painel. Ela parou, mordendo o lábio inferior enquanto olhava no banco de trás em busca de um saco plástico, ou um recipiente de algum tipo.

Ela ainda não pensara na possibilidade dele passar mal.

Leah passou a mão sobre a testa antes de deslizar para o banco do motorista e fechar a porta. Ela colocou a mão na parte inferior das costas, esfregando círculos suaves.

— Você se sente mal?

Ele balançou a cabeça.

— Se precisar parar, diga, está bem?

Ele acenou com a cabeça.

Ela respirou fundo baixando a mão em suas costas. — Tudo bem — disse ela enquanto exalava. — Onde você mora?

— No meu apartamento — ele murmurou no painel.

— Isso é útil, Danny — ela suspirou, olhando ao redor do carro. Ela notou o contorno de sua carteira através do bolso de trás da calça, e Leah mordeu os lábios antes de se aproximar e enfiar a mão no bolso, tirando a carteira.

— Leah — ele gemeu. — O que você está fazendo comigo?

— Eu preciso do seu documento para que eu saiba seu endereço. Apenas cale-se, ok?

Ela rapidamente digitou seu endereço no GPS do seu telefone antes de dobrar a carteira dele e deixá-la cair em seu porta-copos, e assim que ela retirou-se para a rua, ele caiu para trás contra o assento, com as mãos caindo molemente em seu colo.

— Um ano. Dá pra acreditar? Como pode fazer um ano?

— O que é um ano? — Ela perguntou em voz baixa.

Ele arrastou as mãos pelo seu rosto antes de exalar pesadamente. — Que diabos eu estava pensando? — Ele gritou, fazendo Leah saltar e olhar para ele, piscando rapidamente.

— Eu não estava pensando, você sabe? Eu só... Eu não era. Mas o que eu deveria fazer? — Disse ele, sua voz suavizando significativamente. — O que eu deveria fazer?

Ele cobriu o rosto com as mãos enquanto descansava sua testa no painel novamente, e, em seguida, ele bateu com o punho no painel. — O que eu deveria fazer? — Ele perguntou de novo, e o estômago de Leah retorceu.

Ela não tinha a menor ideia do que ele falava, mas havia tanta dor em sua voz que ela sentiu como se fosse chorar.

Ela sabia o que era sentir esse tipo de sofrimento.

Leah deu um pequeno suspiro quando estendeu a mão e voltou a esfregar círculos na parte inferior das costas dele.

— E então você — ele murmurou contra o painel.

Ela prendeu a respiração, esperando que ele continuasse, mas ele nunca o fez. Ele não voltou a falar pelo restante do caminho, e Leah manteve a mão em suas costas, tentando acalmá-lo. Não foi até que ela parou na calçada em frente de seu prédio que ela percebeu que poderia ter um grande problema em suas mãos. Se ele tivesse desmaiado, com base em como ele estava bêbado, não haveria como acordá-lo. Se esse fosse o caso, ela não tinha ideia de como o levaria para fora do carro e subir as escadas.

Leah desligou o motor, olhando para ele. Ela observou as costas expandir e contrair a cada respiração, mas ele ainda não havia se movido.

— Danny? — Disse ela suavemente, e para sua surpresa, ele virou a cabeça para olhar para ela. Ele piscou algumas vezes, com os olhos turvos e desfocados enquanto tentava se sentar.

— Ei, está tudo bem — disse ela se inclinando e passando a mão pelo cabelo dele, e ele fechou os olhos. — Você está em casa. Vamos chegar lá em cima, ok?

Ele acenou com a cabeça cansada, e ela saiu do carro e deu a volta para o seu lado, ajudando-o descer para a calçada. Ele estava inclinando a maior parte do peso sobre ela enquanto caminhavam para o saguão, e enquanto esperavam o elevador, as pernas de Leah começaram a tremer com a tarefa.

Você está quase lá. Aguenta aí.

Danny apoiou o queixo no topo de sua cabeça enquanto passava a mão sobre a parte de trás de seu cabelo. — Você é tão boa, Leah — ele suspirou.

Ela sorriu suavemente quando as portas apitaram abertas, e ela conseguiu levá-lo para dentro antes de as portas se fecharem, inclinando-o contra a parede. Ele descansou a cabeça em cima dela de novo, e ela podia ver no reflexo das portas que seus olhos estavam fechados.

Ela poderia dizer que ele estava perto de desmaiar, e Leah olhou para os números iluminando acima de suas cabeças, desejando que fossem mais rápido.

Assim que as portas se abriram, ela levantou-se, puxando-o para uma posição ereta enquanto esfregava a mão para cima e para baixo em seu lado. — Vamos lá, Danny. Quase lá, ok?

Até agora ela estava usando toda a sua força apenas para mantê-lo firme quando eles tropeçaram pelo corredor em direção a porta. Ela tinha as chaves na mão e abriu a porta rapidamente, antes de jogá-los em algum lugar no chão. Ela precisava de ambos os braços para ajudá-lo agora, e todos os músculos do seu corpo estavam tensos com o esforço.

Leah olhou ao redor do pequeno espaço rapidamente, notando duas portas da sala de estar. Supondo que seu quarto deveria ser um deles, ela começou a caminhar nesse sentido.

— Venha. Mais alguns passos — disse ela, com a voz tensa, pois tropeçou e cambaleou pela sala de estar, e quando ela virou para a primeira porta e viu sua cama, ela pensou que poderia chorar de alívio.

Leah deu um leve empurrão e ele caiu para frente antes de cair sobre o colchão com um gemido, seus olhos já fechados.

— Puta merda — ela disse para si mesma, revirando seu pescoço enquanto se inclinava contra a parede para recuperar o fôlego.

Ela olhou para ele, seu peito subindo e descendo com seus braços espalhados ao seu lado, e é aí que ela percebeu que ele estava vestindo uma camisa azul escuro de botão, calças pretas e um cinto. Ela olhou para os sapatos pretos ainda em seus pés e suspirou, caminhando alguns passos até a cama antes de se ajoelhar.

Leah tirou os sapatos, colocando-os contra a parede para que ele não tropeçasse neles se saísse da cama por qualquer motivo esta noite.

Ok, essa foi a parte fácil.

Ela estava ao pé de sua cama, com as mãos nos quadris quando ela olhou para ele.

Seria como vê-lo em um maiô. Não é um grande negócio.

Com uma respiração profunda para fortalecer sua determinação, ela subiu na cama e sentou-se sobre os calcanhares ao seu lado. Assim que ela levou os dedos para a fivela no cinto, ela sentiu a mão dele deslizar por sua coxa, indo parar mais de meio caminho.

Sua respiração ficou presa na garganta.

— Menti para você — disse ele com a voz rouca, os olhos ainda fechados.

— Sobre o quê? — Ela sussurrou, seus dedos ainda congelados em seu cinto.

Ele riu levemente, mas seu rosto se contorceu em desgosto. — Tantas coisas.

Ela não queria ser afetada ainda mais por ele, mas ela sentiu seu coração com suas palavras.

Ele mentiu para ela?

Leah balançou a cabeça rapidamente. Não importava. Nada disso importava. Ele não a queria, e eles não eram nada um para o outro. Ela se certificaria de que ele estivesse confortável, e então ela sairia rapidamente de lá.

Com propósito renovado, ela desfez a fivela do cinto, em seguida o botão em suas calças. Leah agarrou o zíper com as extremidades das unhas, tentando evitar qualquer contato quando ela deslizou para baixo. Sua mão montou um pouco mais acima de sua coxa, seu polegar começando a fazer toques suaves, sensuais sobre o tecido fino da calça, e quando Leah mudou de posição na cama, sua mão escorregou de sua perna e bateu sobre o colchão. Ela estava ao lado dele e se inclinou, enganchando os dedos no cós da calça.

— Eu menti para você sobre o almoço — ele murmurou.

Antes que ela pudesse decidir se ela entraria nisso ou não, ele continuou. — Eu não estava encontrando um amigo.

Leah franziu os lábios enquanto seu estômago revirou. Ela não queria ouvir o resto. Em vez disso, ela agarrou o topo da calça e puxou um pouco com força. Ela empurrou sobre os quadris dele, e ela apertou imediatamente os lábios em uma linha dura quando ela fechou os olhos.

Cuecas boxer. Apertadas, cuecas boxer cinza.

Ela exalou lentamente e abriu os olhos, puxando sua calça o resto do caminho para baixo e retirando o cinto antes de dobrá-la e colocar sobre uma cadeira próxima. Ela voltou para a cama e subiu, mantendo respeitosamente os olhos acima de sua cintura enquanto começava a desfazer os botões de sua camisa.

As mãos dele se aproximaram e agarraram a dela, acalmando seus movimentos enquanto seus olhos se abriam parcialmente.

— Eu não estava encontrando um amigo. Eu não estava atendendo ninguém. Eu menti porque eu queria ver você.

A respiração deixou seu corpo em uma corrida suave. Ela não esperava isso.

— Oh — ela conseguiu dizer baixinho, mas sua voz era tão baixa, que ela duvidava que ele ouvisse.

Ele esfregou os dedos sobre as costas das suas mãos e seus olhos se fecharam novamente. — Foi estúpido, sabe? Eu nem conhecia você — ele murmurou grogue. — Mas eu continuei pensando em você. Eu vi você na casa da Vovó, e não parava de pensar em você, e eu nem sequer conheço de você, porra.

Leah retirou suavemente suas mãos enquanto tentava focar em desfazer os botões, mas ela podia sentir o seu batimento cardíaco acelerar no peito.

— Eu não tinha o direito de te chamar para sair — disse ele com um leve aceno de cabeça. — Então, eu menti para você. Eu menti para mim, e fingi que estava apenas atendendo, e assim você poderia ter o seu bracelete. E então eu vi você, e eu não queria que você fosse embora.

Ele gritava, as palavras derramando de sua boca como uma avalanche, e parte dela queria detê-lo. Ela não queria ouvir isso. Porque, se o que ele dizia era verdade, por que ele a deixaria do jeito que ele deixou na semana passada? Por que ele passou a última semana fingindo que ela não existia?

Sua mão deslizou por sua coxa novamente, e Leah ignorou, concentrando toda a sua atenção em desfazer os botões.

— Então eu fiz você almoçar comigo — ele murmurou. — E você sabe o quê? Eu esperava te odiar. Teria sido muito mais fácil se você fosse uma cadela, ou uma idiota, ou alguém que me irritou profundamente. Porque então eu poderia apenas tirar essa merda da cabeça.

Ele retirou sua mão esquerda da coxa dela trazendo-a para o seu rosto, esfregando os olhos mais ou menos, antes de deixá-la cair de volta para a cama com um tapa.

— Mas é claro que você não era nenhuma dessas coisas — disse ele com outra risada sem humor. — Você era inteligente e doce... e porra, linda — acrescentou, apertando as suas duas mãos novamente.

Ela tirou as mãos do seu alcance. — Danny, não.

Ele sorriu suavemente. — Achei que poderíamos ser apenas amigos, sabe? — Sua voz era baixa e rouca, quando ele acrescentou: —

Não faz mal, certo? — Ele balançou a cabeça quando pressionou as palmas das suas mãos em seus olhos antes de deslizá-las em seu cabelo. Seus olhos se abriram, mas estavam turvos e sem foco. — Mas toda vez que eu falo com você, eu gosto de você mais e mais, e cada vez que te vejo... é tão difícil, Leah.

Ela sentou-se ali, imóvel, os dedos pairando sobre um dos botões enquanto tentava entender suas palavras.

— *E aquele beijo* — disse ele, cobrindo o rosto com as duas mãos enquanto gemia. — Meu Deus, que merda de beijo.

Seu coração trovejava no peito agora; havia um milhão de perguntas que ela queria fazer, mas não podia formulá-las em palavras.

— E eu não posso vê-la — disse ele com firmeza, colocando as mãos na cama enquanto balançava a cabeça. — Eu não posso. Não é justo para você. Merda, não é mesmo justo para mim.

Por quê? Por que não é justo?

Mas as palavras não saíam.

— Eu só queria... Deus, eu desejo... — Ele parou quando o que só poderia ser descrito como agonia nublou sua expressão, e Leah sentiu um nó formar na garganta.

— Shh — disse ela, inclinando-se para passar a mão pelo cabelo dele, e seus olhos se fecharam. — Basta fechar os olhos. Você está bem. Você vai se sentir melhor quando acordar.

Ela ficou lá por um minuto, passando suavemente a mão pelo cabelo dele até a testa suavizar e seu corpo relaxar.

Sua mente cambaleava; nada do que ele dizia fazia sentido algum, e ainda assim ela sabia que ele acabara de dar-lhe um enorme pedaço do quebra-cabeça que ele era. Ela só precisava sentar e colocar as peças no lugar.

Mas não agora. Neste momento, ela só queria ir para casa.

Leah levou as mãos de volta para a camisa dele, desfazendo os botões restantes antes de suavemente deslizá-la de seu corpo e colocando-a sobre a cadeira com as calças. Ele estava vestindo uma camisa branca com decote em V debaixo, e ela a deixou, imaginando que estava tão confortável quanto poderia.

Água. Traga um pouco de água.

Ela fez seu caminho através da sala de estar e até a pequena cozinha, abrindo a geladeira e pegando uma garrafa de água. Enquanto caminhava de volta para o seu quarto, ela parou no banheiro e pegou o pequeno cesto de lixo.

Ele estava sentado quando ela entrou, o rosto contorcido em tristeza enquanto olhava sem ver a parede na frente dele.

— Ei — Leah disse suavemente se sentando na cama ao lado dele.

Ele não se moveu.

— Hey — ela disse novamente, colocando sua mão no rosto dele e virando-o em sua direção. Ele tirou os olhos um segundo para se concentrar nela, e quando o fizeram, ele sorriu tristemente. Ele estendeu a mão e pegou a ponta de seu cabelo entre as pontas dos dedos.

— Você vai sair — ele sussurrou.

Suas palavras fizeram seu peito pesar, e Leah fechou os olhos, precisando de uma pausa da intensidade da noite. Ela não tinha ideia de por que ela estava respondendo tão visceralmente ao seu sofrimento, mas naquele momento, tudo o que ela queria fazer era tirar isso para ele.

— Não, eu não vou — disse ela suavemente. — Vou ficar aqui se você me quiser.

Danny sacudiu a cabeça enquanto seus olhos caíram para assistir seus dedos enrolando uma mecha de seu cabelo. — Você vai embora e nunca mais vai olhar para trás.

Ela franziu a testa, esperando que ele continuasse, mas ele simplesmente ficou lá, passando os dedos através das pontas dos cabelos dela.

Leah levou a mão dela de volta para o lado de seu rosto, e ele ergueu o olhar. — Eu vou ficar esta noite. Estarei na sala ao lado, se você precisar de mim. Há um balde ao lado da cama — disse ela, inclinando-se e arrastando-o para mais perto. — E aqui — acrescentou ela, destampando a garrafa de água e estendendo-a para ele.

Ele olhou para a garrafa e, em seguida, de volta para ela, sua expressão suavizando.

— Pode ajudar um pouco. Para amanhã — ela disse com um encolher de ombros.

Danny olhou para ela por um segundo antes de pegar a garrafa, tomar três longos goles antes de limpar a boca com as costas da mão.

— Ok, você precisa se deitar agora — disse ela, pegando a garrafa de sua mão, e quando ela estava prestes a levantar-se da cama, ele levou as duas mãos para os lados de seu rosto, seus dedos deslizando por trás de seus ouvidos enquanto seus polegares acariciaram seu rosto.

Leah congelou, levantando os olhos para ele, e pela primeira vez naquela noite, eles pareciam completamente em paz.

— Minha doce menina — ele sussurrou, e então seus lábios estavam nos dela.

Em comparação com a explosão de seu último beijo, este foi um fogo lento; Danny beijou reverentemente, o suave movimento de seus lábios inflamando cada terminação nervosa em seu corpo antes de se afastar um pouco, virando a cabeça levemente de um lado para o outro enquanto pousava os lábios nos dela.

E então ele deitou sobre o colchão, as mãos deslizando em seu rosto e jogando seus braços sobre os olhos.

Leah trouxe as duas mãos para a cama quando ela fechou os olhos, exalando um suspiro longo e trêmulo.

Santa. Merda.

Ela não tinha ideia de quanto tempo ela ficou lá tentando levantar, mas, eventualmente, ela se levantou, pegando o edredom no pé da cama e puxando-o para cima dele.

Ele não se moveu, e Leah suspirou de alívio; ele finalmente dormiu.

Ela caminhou ao redor para o outro lado da cama e posicionou a lata de lixo um pouco mais perto dele enquanto colocava a garrafa de água na mesa de cabeceira.

— Boa noite, Danny — ela sussurrou antes de sair para a sala.

Ela parou no meio da sala, contemplando suas opções. Dirigir para casa quase quatro da manhã não era realmente algo que ela desejava. Além disso, ela disse a ele que passaria a noite.

Embora as chances fossem dele não se lembrar disso.

Os olhos de Leah se moveram da porta da frente para o sofá, onde uma grande colcha foi estendida sobre a parte de trás das almofadas.

— Ah, dane-se — ela murmurou, caminhando para a porta da frente e trancando-a, pegou as chaves do chão e colocou sobre a mesinha na entrada. Ela voltou para a sala e tirou os sapatos enquanto pegava uma das almofadas e apoiou-a contra o braço do sofá. Era mais confortável do que ela pensava que seria, e ela estendeu a mão e agarrou a colcha, ficando de lado enquanto se enrolava nela.

Seu corpo estava completamente exausto, mas sua mente estava acelerada. Ela queria tanto entender tudo o que aconteceu. Ela queria saber o que o levara a beber tanto. Ela queria saber por que ele se esforçava para ficar longe dela se ele estava atraído por ela. Ela queria analisar suas palavras, suas ações, até que pudesse livrar-se da confusão e apreensão percorrendo seu corpo.

Ela queria pensar sobre tudo isso, mas a única coisa que sua mente se focava era naquele beijo, e o olhar em seus olhos quando ele a chamou de sua doce menina.

E assim, eventualmente, ela parou de tentar pensar em outra coisa e se rendeu, repetindo esse momento mais e mais, deixando-a acalmar para dormir.

****

Leah abriu os olhos para o sentimento inquietante, desorientado, de acordar em um lugar estranho. Assim que ela se lembrou de onde estava e por que, ela sentou no sofá, tirando o cabelo de seus olhos e olhando em volta.

O relógio marcava 11h46min.

— Jesus — ela murmurou, esfregando os olhos antes de se levantar do sofá e jogar a colcha sobre o sofá novamente. Depois de colocar a almofada de volta onde pertencia, ela sentou no braço do sofá, mordendo o lábio inferior, quando detalhes da noite vieram à tona com ela.

Danny, completamente perdido e claramente capotado em seu carro. Os lábios de Danny em seu cabelo. *Eu menti para você. Sobre muitas coisas.* Suas mãos apertando as dela quando ele disse que não

podia estar com ela. Isso não seria justo para nenhum dos dois. *Minha doce menina.* Aquele beijo suave, casto, que mais uma vez a deixou cambaleando.

Leah passou as mãos pelo seu rosto enquanto exalava, e então se levantou do sofá e caminhou até a porta do quarto dele. Ela encostou-se no batente da porta, cruzando os braços sobre o peito enquanto olhava para ele.

Ele estava deitado de bruços com a cabeça voltada para longe dela, os braços ao lado do corpo e as mãos enfiadas debaixo do travesseiro. Leah notou que a garrafa de água na mesa de cabeceira estava vazia, e foi na ponta dos pés para o balde, encolhendo-se quando ela espiou para dentro.

Tudo limpo.

Seus ombros relaxados, e viu a ascensão e queda de costas por mais um minuto antes de sair do quarto.

Leah foi para o banheiro e jogou água fria no rosto, usando algum creme dental no dedo para escovar os dentes da melhor maneira possível.

Quando terminou, ela voltou para a sala e estava no centro dela.

Ela não sabia o que deveria fazer.

Ela não queria apenas sair sem falar com ele sobre tudo, mas sabia que ele precisava dormir agora. Ela não podia ficar em seu apartamento o dia todo esperando ele acordar, e mesmo se pudesse, tentar ter uma conversa séria com alguém que estava de ressaca era apenas uma má ideia, pura e simples.

Mas ela tinha necessidade de falar com ele. Ela precisava entender tudo de uma vez por todas, porque apesar de tudo o que ele disse ontem à noite, muito ainda restava. Além do mais, Leah se sentiu mais confusa do que ela estava antes, ele confessou seus sentimentos para ela.

Vá para casa. Ligue para ele amanhã, depois que ele tiver algum tempo para se recuperar.

Com um plano em prática, Leah se sentiu um pouco melhor enquanto calçava seus sapatos e examinava o apartamento mais uma vez. Ela sabia que ele estaria sofrendo quando acordasse, é o comum, então tentou antecipar qualquer coisa que ele poderia precisar. Ela foi até a geladeira e pegou outra garrafa de água, calmamente colocando-a em sua cabeceira quando ela pegou a vazia.

Quando Leah jogou a garrafa no lixo, seu olho caiu sobre seu café, e ela decidiu que faria café para ele antes de sair.

Ela abriu alguns armários, encontrou o café na terceira tentativa, e assim que ela o levou para o balcão e abriu a tampa, ela engasgou.

A compreensão veio sobre ela, trazendo uma onda de náusea com ela, como as peças do quebra-cabeça se encaixaram.

Como ela poderia não ter visto isso antes?

— Eu não tinha o direito de te chamar para sair.

— Eu não posso vê-la. Não é justo com você.

— Eu menti para você.

E então, o que ele disse a ela um tempo atrás:

— Eu não tenho uma namorada, se é isso que você quer saber.

Leah estava ali imóvel, a tampa do café ainda na mão.

Era tão *óbvio.*

Quão perto ela chegou em ser a outra mulher? Havia uma garota lá fora que estava com Danny, que talvez ainda o amava, completamente alheia às suas chamadas telefônicas, mensagens de texto, seus beijos.

Oh meu Deus, eu o beijei. Eu beijei o namorado da outra garota.

Seu coração começou a acelerar, e ela sentiu como se pudesse estar doente. Isso tudo foi bater muito perto de casa para ela, e ela sabia que precisava sair de lá.

Imediatamente.

Com as mãos trêmulas Leah colocou a tampa de volta no café e virou, ofegando alto quando a lata escorregou de seus dedos e caiu a seus pés. A tampa abriu, pulverizando borra de café em todo o piso.

Danny estava na porta, com os braços esticados acima da cabeça. A forma como os seus braços estavam levantados, fazendo a sua camisa subir, revelando a trilha fraca de cabelo que desaparecia sob o cós das calças de pijama de flanela que ele colocara. Seu cabelo era uma bagunça amarrotada, e seus olhos estavam estreitados contra a luz.

Ele olhou para ela, o canto de sua boca levantando em um sorriso quando ele trouxe uma de suas mãos para baixo e tocou o dedo no nariz.

— Não precisa limpar isso — disse ele, a voz rouca de sono.

— Você tem namorada?

Confusão marcava instantaneamente o olhar brincalhão em seu rosto, e ele tirou o dedo do nariz e deslizou a mão em seu cabelo. Ela não tinha planos de deixá-lo escapar dessa forma, mas ela não podia suportar isso por mais tempo.

— Não — disse ele. — Eu já te disse que eu não tenho.

— Você também disse que mentiu para mim.

Os olhos de Danny se fecharam quando ele balançou a cabeça suavemente, e então ele baixou a cabeça para trás, cobrindo o rosto com as duas mãos. — Foda-se — ele disse, com a voz abafada por trás delas. Ele abaixou seu rosto antes de encontrar os olhos dela novamente. — O que foi que eu disse ontem à noite?

— Você. Tem. Uma. Namorada? — Ela perguntou, sua voz lívida. — Sim ou não?

— Não. Juro para você, Leah. Não, não tenho.

Ela olhou para ele e ele olhou de volta, nunca quebrando o contato visual. Ele parecia completamente sincero, o que ironicamente só piorou as coisas, porque agora ela estava mais confusa do que nunca.

— Sobre o que você mentiu para mim, então? — Ela perguntou.

— Nada.

Ela riu amargamente, sacudindo a cabeça. — Eu não posso fazer isso. Eu não posso jogar esses jogos. — Ela caminhou em direção a ele e torceu o corpo dela, apertando entre ele e o batente da porta antes de invadir a sala e pegar sua bolsa. Ela se virou e parou abruptamente, quase andando diretamente em direção ao seu peito. Danny estendeu a mão e a acalmou, segurando gentilmente os seus braços.

— Leah, por favor — disse ele, e ela balançou a cabeça, recusando-se a fazer contato visual.

— Não posso aceitar mentiras, Danny. É a *única coisa* que não posso fazer. — Ela deu um passo para trás e ele apertou seus braços.

— Por favor. Você pode apenas me deixar explicar?

Leah fechou os olhos, exalando suavemente. Parte dela só queria distanciar-se de toda a situação o mais rápido possível, mas a outra parte dela queria desesperadamente ouvir o que ele tinha a dizer. Se ela saísse agora, ela sabia que um pedaço dela sempre se perguntaria se ela tomou a decisão certa, e de certa forma, ela quase tinha mais medo disso do que de ser vulnerável com ele.

Ela abriu os olhos, mantendo-os apontados para o chão, mas ela balançou a cabeça ligeiramente, e Danny suspirou quando sentiu seu aperto em seus braços soltar.

Ela virou as costas para ele, caminhando até o sofá e sentando-se, e ele sentou-se à mesa de café na frente dela, inclinando-se e apoiando os cotovelos sobre os joelhos. Ele baixou a cabeça e respirou fundo antes de levantar os olhos para os dela.

— Primeiro de tudo, obrigado por cuidar de mim na noite passada. Sinto muito que você teve que lidar comigo daquele jeito.

— Não se desculpe por isso. Não me importo de tomar conta de você. Não é por isso que estou chateada.

Ele balançou a cabeça suavemente quando ele molhou os lábios.

— Não é por isso. Eu só... Eu quero explicar, mas nem mesmo sei o que eu disse a você ontem à noite.

Sentou-se um pouco mais reto, correndo as mãos pelos cabelos. Era isso. Ela falaria tudo e esperava que ele fizesse o mesmo em troca.

— Olhe — disse ela. — Não quero jogar com você. Você sempre vem e volta, e eu não gosto por que eu nunca sei o que esperar de você.

Ele franziu a testa antes de abaixar os olhos para o chão, e Leah mordeu o canto do lábio, convocando a coragem de dizer o resto.

— Quero dizer, podemos apenas ser real um com o outro? Eu gosto de você. Eu realmente gosto. E se você não quiser isso ou você não pode se sentir da mesma forma, por qualquer razão, então é só me dizer.

Ele levantou os olhos para os dela, com uma expressão derrotada em seu rosto. — Eu gosto de você, Leah. Muito. Esse é o problema.

— Por que é um problema?

Danny olhou para baixo de novo, balançando a cabeça ligeiramente. Ela esperou que ele falasse por quase um minuto antes de quebrar o silêncio, tentando a sua sorte com uma pergunta diferente.

— Sobre o que você mentiu para mim?

Ele sentou-se, segurando a borda da mesa de café. — Eu nunca menti para você. Tudo o que eu te disse sobre mim é verdade. É só que... há coisas que eu não disse a você.

— Mentiras de omissão, então.

Danny olhou para o teto, inalando profundamente. — Não é mentira. É só que... não compartilho tudo. — Seus olhos se encontraram quando ele disse. — Você já fez isso também.

— O que você está falando? O que eu não te disse?

Danny deu de ombros. — Um monte de coisas, eu tenho certeza. O que aconteceu com sua mãe, por exemplo.

Leah franziu os lábios quando seu ponto atingiu o alvo. Havia coisas que ele não sabia sobre ela também. Coisas que ela optou por não compartilhar. Como ela poderia condená-lo por algo que ela mesma fez?

— Tudo bem — disse ela, chutando os sapatos antes de se sentar de pernas cruzadas no sofá. Leah puxou a almofada no colo quando ela disse: — Ela morreu em um acidente de carro. Um cara estava dirigindo bêbado e entrou na contramão. Atingiu-a na cabeça.

Danny fechou os olhos e balançou a cabeça ligeiramente. — Sinto muito — ele disse suavemente. — Recentemente?

— Cerca de 15 anos atrás.

A sala ficou em silêncio, e Leah manteve os olhos sobre a almofada enquanto pegava um fio desgastado. Depois de alguns segundos, viu-o inclinar para frente, e ela olhou para cima para vê-lo apoiando os cotovelos sobre os joelhos, as mãos cruzadas na frente de sua boca.

— Isso fica mais fácil? — Perguntou.

No segundo em que as palavras saíram de sua boca, algo se passou entre eles, e ela sorriu tristemente. — De certa forma sim, e em outros, nem mesmo remotamente.

Ele balançou a cabeça, seus olhos caindo para assistir seus dedos brincando com o fio solto sobre a almofada.

— Quem você perdeu?

Ele engoliu em seco, e foi um momento antes de dizer: — Meu melhor amigo.

— Bryan? — Ela perguntou, e seus olhos brilharam ao dela quando ele se endireitou abruptamente.

— Como você sabe disso?

Ela encolheu os ombros. — Foi só um palpite. A rodada de doses no bar. Tommy disse que elas eram para Bryan, e você pareceu ficar chateado.

Danny respirou, seus ombros relaxaram antes de assentir. — Sim. Bryan.

A sala ficou em silêncio novamente, e Danny deslizou para frente, encontrando uma linha desfiada, do outro lado da almofada e imitando as ações de Leah.

— Há quanto tempo? — Ela perguntou, quase certa de que já sabia a resposta.

— Ontem fez um ano.

Leah assentiu. Ambos sabiam que ele não precisava dizer mais nada, e foi um momento antes de falar as palavras que foram como um tapa no rosto. — Ele era neto de Catherine.

Sua cabeça se levantou, e de forma inesperada, com os olhos cheios de lágrimas. Ela não tinha ideia de por que isso a afetava do jeito que afetou, mas a ideia dessa mulher enterrar seu neto a esmagou totalmente. Uma imagem de Catherine brilhou em sua mente: a jaqueta de grandes dimensões, as grandes luvas volumosos, o anel do homem pendurado em uma corrente no pescoço.

Seria possível estas coisas serem de Bryan?

Ela fechou os olhos, forçando uma lágrima cair, e antes que ela pudesse reagir, ela sentiu a ponta do polegar sob seu olho, limpando-a.

Leah abriu os olhos e olhou para ele; ele tinha a expressão mais suave no rosto, e de repente ela percebeu o quão invertido estava, que ele a consolava pela morte de seu amigo. Ela estendeu a mão e pegou a mão dele, imprensando-o entre as dela e trazendo para descansar na almofada em seu colo.

— O que aconteceu com ele? — Perguntou ela, correndo os dedos sobre a palma de sua mão.

Danny molhou os lábios e olhou para baixo. — Ferimento na cabeça.

Isso foi incrivelmente vago, mas Leah sabia o suficiente para não empurrar o problema. Em vez disso, ela continuou passando os dedos sobre a pele áspera, danificada dos seus dedos.

— É por isso que fiquei tão assustado sobre as flores — disse ele, e seus polegares pararam abruptamente quando ela olhou para cima.

— Por que te deixou tão bravo?

Ele balançou a cabeça com um suspiro. — Eu não estava bravo. É só que... ela mantém essas coisas por toda a casa, porque quando éramos pequenos, Bryan os pegava de jardins de outras pessoas e trazia para a casa para ela. — Ele riu levemente. — Ela ficava dizendo que ele estava roubando e que não era uma coisa boa para fazer, mas ele nunca conseguia entender como trazer flores para a avó era uma coisa ruim. E ela sempre as colocava na água. Sempre. Mesmo depois de dar lições a ele sobre o roubo, ela colocava em um vaso. Cada porra de tempo.

Ele olhou para baixo, com um sorriso em seu rosto quando balançou a cabeça com a lembrança. — Quando você as enviou isso me assustou. Eu não sei como você sabia como consegui-las para ela. Eu nem sequer pensei na possibilidade de que você tinha visto na casa dela. — Ele levantou os olhos para o seu rosto. — Eu sinto muito por isso, por sinal. Isso foi tão errado da minha parte.

Ela balançou a cabeça. — Está tudo bem.

Foi tranquilo enquanto se sentaram lá, com a mão entre as suas.

— Perder Bryan — ela finalmente disse, e ele olhou para ela. — Essa não é a razão de você continuar se afastando de mim.

Ele puxou a mão da dela e Leah se endireitou, lamentando a perda de imediato. Danny agarrou a borda da mesa e fechou os olhos. — Eu não sei como explicar isso para você.

— Apenas diga. Seja o que for, basta dizer.

Ele sentou completamente imóvel por um momento, até que se afastou da mesa com um acesso de raiva, andando para o outro lado. Ele ficou lá, piscando para o teto com as mãos em cima de sua cabeça. — Foda-se... Eu só... — Ele deixou as mãos cair, balançando a cabeça antes de olhar para ela.

Doeu assistir a luta em seu rosto. Ela podia ver que ele queria dizer a ela, mas o medo, ou vergonha, ou ambos, paravam as palavras na garganta, e ela não tinha ideia de como tornar mais fácil para ele.

Diga algo. Algo sobre você. Algo que você não se orgulha.

— Você quer ouvir uma coisa horrível? — Disse Leah suavemente, e Danny parou de andar quando olhou para ela. — Cerca de dois anos atrás, meu pai teve um ataque cardíaco.

Ela girou o fio solto em torno da ponta do dedo até que sentiu doer com o corte da circulação.

Diga a ele. Diga algo que você tem vergonha, então ele sabe que está tudo bem.

Leah suspirou. — Até nessa noite eu não falava com ele por um ano.

Ela olhou para a almofada no colo até que era uma massa de cores confusas diante de seus olhos, e ela sentiu sofá afundar sob seu peso quando ele se sentou ao lado dela.

— Por quê? — Ele perguntou em voz baixa, se aproximando mais e puxando o fio até que desenrolou de seu dedo.

Ela enrolou e desenrolou o dedo dolorido balançando a cabeça tristemente. — Você tem que entender uma coisa, Danny. Depois que minha mãe morreu, eu fiz o meu melhor para assumir seu papel. Quero dizer, eu – com doze anos – cozinhando o jantar, lavando roupa, certificando se a minha irmã tomou seu banho, lembrando o meu pai de consultas médicas.

Ela virou a cabeça para ver que ele olhava para ela atentamente. — Ninguém me pediu para fazer. Eu queria. Eu queria que a nossa família fosse normal de novo, e uma família normal precisa de uma mãe.

Leah olhou para baixo, brincando com o mesmo fio na almofada. — Todo mundo confiou em mim, sabe? Meu pai estava tão exausto por um tempo depois, que ele não poderia fazer tudo sozinho. Então eu intensifiquei. Eu era basicamente uma mãe muito jovem. Ou uma adolescente muito velha, veja como quiser — disse ela com um pequeno sorriso, e em seguida, ela levantou a cabeça, olhando para ele. — Mas eu nunca senti como se estivesse perdendo alguma coisa, sabe? Eu tinha bons amigos. Eu praticava esportes. Eu nunca senti como se estivesse

perdendo alguma coisa. Eu amava a minha família. Eu *queria* cuidar deles.

Danny estendeu a mão, tirando um fio de cabelo do seu rosto, e, instintivamente, ela se inclinou em seu toque.

— Tudo estava bem até que eu fui para a faculdade. Quero dizer, você acha que teria sido bom em eu ser independente, certo? Mas eu era muito infeliz. Eu me senti tão culpada por estar longe deles que eu não podia desfrutar de nada.

— Então, depois do primeiro semestre, eu cheguei em casa e me matriculei em uma faculdade local. Meu pai não fez nenhuma pergunta; ele apenas me acolheu de braços abertos, e tudo voltou a ser como era antes.

Danny observava atentamente enquanto ela falava, mas ela podia ver em seu rosto que ele estava confuso; que ele não entendia como isso se encaixa com o ter se afastado de seu pai.

Aqui vamos nós.

Leah respirou profundamente. — Um ano depois que me formei, eu conheci Scott. Ele era engraçado, doce, bonito e só… perfeito — disse ela, com a voz sumindo enquanto balançava a cabeça. Era tão difícil dizer essas palavras, vê-lo sob essa luz agora. — Ele era tão bom para mim. E foi bom ser cuidada por uma vez. Eu não percebi o quanto eu precisava disso.

Ela parou quando seu queixo começou a tremer, e ela apertou os lábios.

— Ei — Danny disse baixinho, passando a mão sobre a parte de trás de seu cabelo. — Você não precisa fazer isso.

Leah se virou de modo que o encarava totalmente no sofá. — Eu quero — disse ela.

Ele olhou para baixo antes de assentir com a cabeça, e então ele tomou uma de suas mãos, prendendo seus dedos e descansando-os na almofada entre eles.

Ela deu-lhe um aperto suave antes de dizer: — Cerca de seis meses depois que Scott e eu começamos a namorar, ele começou a ficar chateado com a quantidade de tempo que eu passava com a minha família. De uma forma distorcida, parte de mim pensou que era realmente doce ele querer muito do meu tempo, que ele não queria me compartilhar

com ninguém — disse ela, balançando a cabeça. — Deus, eu pareço tão estúpida quando digo isso em voz alta.

— Você não é — disse Danny. — Você pode cometer erros, Leah.

Ela sorriu tristemente. — Ele foi muito além de um erro. Porque quanto mais tempo eu passava com ele, mais eu comecei a olhar para as coisas de forma diferente. Ele plantava estas pequenas sementes em minha mente, eram tão graduais, de modo suave, eu não percebi. Ele falava sobre o quanto isso o perturbava que eu perdi a minha infância, que não foi minha culpa que minha mãe morreu, e que eu não deveria ter que pagar por isso. Como não era o trabalho de uma adolescente cuidar de uma família.

Leah podia sentir seu crescente embaraço, mas obrigou-se a manter os olhos nele, quando ela disse, — Ele me disse que o meu pai não deveria ter deixado isso acontecer, que ele me viu crescer rápido demais e não fez nada para parar. Ele disse que não deveria ter permitido que eu viesse para casa da faculdade, que se que ele realmente queria o que era melhor para mim, ele teria feito tudo ao seu alcance para ter certeza que eu tivesse uma experiência de vida. Ele disse que minha família se aproveitou da minha bondade. E depois de um tempo, eu acreditei nele. — Ela balançou a cabeça. — E eu estava tão grata que eu encontrei alguém que se importava muito comigo. Alguém que olhava para mim, e não o contrário.

Danny inclinou-se e correu nas costas de seus dedos em sua bochecha, enxugando as lágrimas que ela não percebeu que havia caído. Leah enxergou-se, limpando o rosto rapidamente, antes de exalar.

— Minha família não gostava dele. Eles disseram que ele não era bom para mim, e, claro, Scott disse que era porque ele revelava verdades que eles não queriam reconhecer. Ele disse que eles eram loucos porque ele abriu meus olhos para o que realmente estava acontecendo. Tudo o que ele disse fazia sentido, você sabe?

Danny assentiu; ele tentava manter uma expressão suave, mas ela podia ver algo *fermentando* logo abaixo da superfície.

Leah mordeu os lábios quando ela olhou para suas mãos entrelaçadas sobre a almofada. — Então, eu me distanciei deles. Discutia com eles sobre coisas estúpidas. Eu ficava louca quando meu pai ligava para saber onde eu estava. Recusei-me a ligar e avisar para ele. Era nojento. As maiorias das pessoas passam por sua fase rebelde quando

estão com quinze ou dezesseis anos, e lá estava eu, uma mulher adulta, agindo como uma criança.

Outra lágrima caiu sobre seus cílios, mas ela foi mais rápida desta vez, limpando-a antes que tivesse a chance de cair.

— Então, uma noite, meu pai e eu tivemos uma briga enorme sobre Scott, e eu disse a ele que eu não ia deixá-lo controlar a minha vida. Saí, e era isso. Eu não atendia às suas ligações ou suas mensagens. Eu não ia vê-lo. Quase um ano inteiro se passou, e eu me recusei a cada tentativa que ele fez para reconciliar comigo. Minha vida inteira foi centrada em torno de Scott, a única pessoa que eu pensei que realmente se importava comigo e queria o que era melhor para mim. E ele me tinha completamente para ele, do jeito que ele queria.

Ela se virou para Danny, suas bochechas aquecendo de vergonha. — A noite do ataque cardíaco do meu pai foi a primeira vez que eu o vi em meses. E quando o vi naquela cama de hospital, com todos os fios e máquinas, tudo o que eu queria fazer era pedir desculpas a ele. — Ela balançou a cabeça. — Mas ele estava inconsciente. Eles nem sequer sabiam se ele sobreviveria.

Leah deu de ombros quando disse: — Depois que saí do hospital naquela noite, fui ao apartamento de Scott e encontrei-o na cama com outra garota.

Danny levantou a cabeça rapidamente, e o choque inicial no rosto transitou em simpatia antes de se decidir sobre a raiva.

Ela balançou a cabeça lentamente. — Então é isso. Eu afastei minha família por causa de um controlador, mentiroso e manipulador. Se meu pai tivesse morrido naquela noite, ele teria morrido pensando que eu estava ressentida com ele, depois de tudo o que ele fez para tentar manter nossa família unida, depois de quão duro ele trabalhou para cuidar de todos nós.

Ele olhou para ela, com os olhos nadando com dor e algo mais que Leah não conseguia colocar no lugar.

Ela usou o fim de sua manga para limpar o nariz. — Sou horrível, não é?

Danny não disse uma palavra. Ao contrário, ele soltou suas mãos e colocou seu braço ao redor dela, puxando-a contra seu peito. Ela se acalmou por apenas um segundo antes de relaxar contra ele, com o rosto enterrado na curva do pescoço dele. Ele trouxe seus lábios para o topo

de sua cabeça, deixando-os pressionado lá quando ele gentilmente tocou com as pontas dos cabelos.

Leah fechou os olhos e exalou. Ela reviveria essa história de novo e de novo se ela terminasse em seus braços, porque do jeito que ele a segurava fazia sentir-se como se ela fosse alguém digna do perdão.

Foi algum tempo depois que Danny finalmente falou, e quando o fez, ela podia sentir as vibrações suaves em seu peito.

— Leah?

— Hmm? — Disse ela, com os olhos ainda fechados.

— O cara que matou sua mãe. Você o odeia?

Os olhos de Leah se abriram quando ela sentou, olhando para ele. Parecia uma coisa tão estranha para perguntar, mas sua expressão era suave enquanto esperava sua resposta.

— Hum... eu não sei. Quer dizer, eu nunca realmente pensei sobre ele. Ele morreu com o impacto.

Ele olhou para baixo e acenou com a cabeça. — Você acha que ele teve o que merecia?

Leah mordeu o interior de seu lábio. Ela pensa que ele teve o que merecia quando perdeu sua vida? Ela olhou timidamente quando perguntou: — Eu seria uma pessoa terrível se eu dissesse que sim?

Danny olhou para baixo antes de fechar os olhos. — Não. Não seria.

Ela ficou olhando para ele, tentando compreender o que ele realmente pedia a ela. Suas perguntas pareciam completamente irrelevantes para sua discussão, e ainda assim ela sabia que devia haver alguma conexão que ela estava perdendo.

— Eu vou te dizer, Leah — Danny disse depois de um longo silêncio. Quando ele finalmente olhou de volta para ela, sua expressão era uma mistura de sinceridade e medo. — Eu tenho que te dizer, porque eu não quero parar de passar tempo com você. — Ele esfregou as mãos sobre os olhos, como ele disse, — É só que... Eu nem sei o que me impede agora. Eu preciso de um pouco mais de tempo.

— Tudo bem — disse ela suavemente, e seus olhos se encontraram.

— Sério?

Ela assentiu com a cabeça. — Você pode levar o tempo que você precisa. Eu simplesmente não posso ser enganada. Eu não quero nunca mais ser enganada.

— Nunca vou mentir para você, eu prometo.

Ela sorriu suavemente. — Isso é tudo que eu peço.

Sentaram-se lá por um momento, olhando um para o outro, e então Danny fechou os olhos quando ele trouxe as pontas dos dedos nas têmporas, massageando círculos lentos.

— Você está sentindo isso, hein? — Perguntou Leah.

— Acho que vou sentir essa merda por dias — disse ele, encolhendo-se um pouco, enquanto continuava a esfregar.

Ela riu enquanto se levantava do sofá, e seus olhos se abriram. — Aonde você vai?

— Você precisa de aspirina — disse ela. — Banheiro?

Ele acenou com a cabeça, fechando os olhos novamente. — Caixa de remédios em cima da pia. Na prateleira inferior.

Leah pegou a aspirina e parou no quarto dele para pegar a garrafa de água que deixara lá mais cedo, antes de voltar para o sofá e entregar para ele. Depois que ele ingeriu os comprimidos e cerca de metade da garrafa de água, ele olhou para ela.

— Obrigado. Mas ainda não vou limpar o pó de café.

Ela riu e ele sorriu para ela, revelando as covinhas que faziam agitação no seu peito. Danny pegou a almofada e colocou atrás de sua cabeça enquanto se deitava no sofá.

E então ele levantou o braço, convidando-a para o espaço ao lado dele.

Ela provavelmente deveria ter mostrado alguma hesitação, apenas para manter uma aparência de dignidade, mas em vez disso ela se arrastou imediatamente para ele, colocando a cabeça em seu peito. Ele exalou contente quando sua mão chegou a parte de trás de seu cabelo, preguiçosamente passando os dedos por ele, e Leah fechou os olhos.

Era tão perfeito estar deitada com ele dessa maneira, como se tivessem feito isso um milhão de vezes antes. E ela sabia que ela iria implorar agora, como um vício que a enfraquecia até que ela fosse alimentada.

Leah suspirou baixinho quando fechou os dedos em sua camisa, e ela o sentiu beijar o topo de sua cabeça enquanto continuava brincando com seu cabelo.

Ela não tinha todas as respostas ainda, mas ela teria. E era suficiente saber, por enquanto, e acreditar que tudo o que ele tinha que dizer a ela não seria significativo o suficiente para mudar o que estava acontecendo entre eles.

Porque ela não queria ter que se afastar dele agora.

Capítulo 10

— Como é estar trabalhando para você?

Danny manteve a mastigação escondida no lado de sua face quando olhou para onde Leah estava encostada em seu balcão, os braços cruzados sobre o peito, lutando contra um sorriso.

Ele trouxe a mão em punho à boca. — É bom — ele murmurou.

Leah riu o empurrando do balcão e pegando o pão em cima da geladeira, e Danny deslizou o prato com um suspiro. — Tudo bem. Você pode dizer.

Seu sorriso se alargou quando ela se virou e pegou o prato dele. — Dizer o que? Eu te disse? — Ela perguntou, despejando o conteúdo no lixo. — Eu nunca faria isso.

Ele trouxe a mão em punho à boca e fechou os olhos, e ela riu de novo, dando-lhe um pequeno empurrão. — Vá deitar. Dê-me cinco minutos para fazer minha magia — disse ela, voltando-se ao balcão e puxando uma fatia de pão do saco.

Danny se levantou rapidamente e caminhou em direção ao seu quarto, agradecido por fugir do cheiro de sua tentativa de café da manhã. Era uma cura para ressaca de verdade, algo que Bryan e ele descobriram acidentalmente quando eram adolescentes, depois de ficarem doentes com uma garrafa de rum que encontraram na parte de trás do armário de Vovó. Na manhã seguinte, Bryan fez bacon, ovo, queijo e Hot Pocket para cada um, imaginando que se eles conseguissem vomitar, eles se sentiriam melhor. Em vez disso, eles foram milagrosamente curados

depois de comê-los. Era um truque que eles usaram por anos depois disso.

Danny se arrastou em sua cama e caiu sobre seu estômago com um bufo. Ele sabia que não iria trabalhar, mesmo antes de se levantar e ver Leah olhando para ele como se ele tivesse perdido a cabeça. Ele quase não tocou em álcool nos últimos 12 meses, e fazia anos desde que ele ficou tão bêbado como ontem à noite, por isso sabia que precisaria mais de um Hot Pocket para deixá-lo em linha reta novamente. Mas ele realmente esperava que funcionasse. E não só porque ele se sentia como uma merda.

Ele só queria se lembrar.

Bryan estava desaparecendo. Todos os dias ele escorregava um pouco mais longe. Ele estava lá em fotos e em histórias, mas ele não era verdadeiro mais.

Danny só queria algo tangível. Algo que provaria que Bryan realmente existiu.

Ele se virou e atirou o braço sobre os olhos quando outra onda de náusea tomou conta dele. Podia ouvi-la na cozinha, o tilintar dos talheres e abertura e fechamento de armários enquanto se ocupava, e ele desejou pela centésima vez não ter consumido seu peso corporal em licor ontem à noite, porque ele queria aproveitar isso.

Leah, em seu apartamento. Em sua cozinha, fazendo café da manhã para ele como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Ela disse que ele poderia demorar o quanto precisasse para reorganizar seus pensamentos, mas Danny sabia que ela não esperaria para sempre. Ele também sabia que assim que explicasse tudo para ela, o que quer que isso fosse terminaria. Sua janela de tempo com ela estava se fechando, e ele queria aproveitar cada segundo dela antes que ela fosse embora para sempre.

E quando ela o deixasse, ele sentiria. Não havia nenhuma dúvida sobre isso agora. Nas últimas horas, conseguiu derrubar a última das suas defesas e reivindicar sua participação em um pedaço de seu coração. Não porque ela o ajudou a chegar em casa ontem à noite, ou porque ela deu mais tempo para ele se explicar. Nem mesmo porque ela ficou para ajudar a curar a ressaca.

Não, o que o ganhou completamente foi o jeito como ela tentou absolvê-lo de qualquer pecado que ele cometeu ao oferecer suas próprias

transgressões. Ela se abriu completamente, sem um segundo pensamento – para o único propósito de aliviar seu sofrimento.

Foi um longo tempo desde que ele viu esse nível de bravura e abnegação em alguém.

E, assim, seu mundo mudou. Foi um momento tão tranquilo de transformação, nada como as explosões de tremer a terra que mudaram o curso de sua vida durante o ano passado, mas em sua tranquilidade, era tão poderoso quanto. Com isso, num movimento altruísta, ela conseguiu tornar-se a medida do que uma pessoa deve estar em seus olhos, o padrão que qualquer mulher teria de cumprir se tivesse a mínima chance de ganhar seu coração.

Danny a ouviu vindo pelo corredor, e ele sentou um pouco, apoiando o peso sobre os cotovelos enquanto ela virava a esquina em seu quarto com um prato na mão e uma caneca na outra.

— Você pode parar de brincar de doente agora — disse ela. — Eu já limpei o café.

Ele sorriu enquanto se sentava mais e estendeu a mão para o prato que ela ofereceu. —Jesus. Que tal um pouco de compaixão? Estou morrendo aqui.

— Oh, pobre bebê — ela sussurrou sentando na beira da cama, colocando a perna debaixo dela e descansando a caneca em seu joelho. Ela torceu o cabelo para cima em algum tipo confuso de nó que conseguiu ser adorável e sexy ao mesmo tempo; que o fez querer atirar o prato para o lado da cama e puxá-la para baixo no colchão para que ele pudesse cobrir seu corpo com o dele.

Em vez disso, ele respirou fundo e sentou totalmente, equilibrando o prato em sua coxa quando ele olhou para o que ela fez para ele.

— O que diabos você colocou nesse pão?

— Minha cura mágica.

Danny ergueu os olhos. — Parece vômito de gato.

Leah riu e puxou a outra perna para cima da cama para encará-lo totalmente. — É purê de banana com um pouco de manteiga. O sal na manteiga irá ajudá-lo a reter água, e as bananas têm potássio e eletrólitos, o que você realmente precisa no momento. Pense nisso como uma bebida esportiva, só que sem todo o açúcar que mexe com o seu

estômago. Além disso, o alimento sólido é sempre um pouco mais fácil de segurar de qualquer maneira.

Danny arqueou a sobrancelha enquanto ela segurava a caneca. — E esta é água quente com suco de limão. Idealmente, deve haver mel aqui também, mas você não tem nenhum. — Ele pegou a caneca dela enquanto ela dizia: — O limão vai ajudar a melhorar o seu estômago. Além disso, ele te dará uma pequena carga de vitamina C.

— Uau — ele disse com um aceno de cabeça antes de olhar para ela. — Então, você é uma alcoólatra feroz?

Leah bufou quando ela pegou um travesseiro e apoiou-se contra a sua cabeceira. — Eu deveria ter deixado você sofrer com o Hot Pocket, seu ingrato.

Danny riu quando ela se recostou no travesseiro e puxou os joelhos em seu peito. — Eu tenho um irmão mais velho que costumava festejar muito quando estávamos no colégio — disse ela. — Era uma espécie de trabalho para mim nas manhãs de fim de semana torná-lo apresentável antes que meu pai o visse e chutasse a bunda dele.

— Mas como você sabia que este material funcionaria? — Ele perguntou antes de levantar a caneca e tomar um gole cuidadoso, o líquido quente acalmando-o instantaneamente.

— Eu não sabia — disse ela com um encolher de ombros. — Foram várias tentativas. Houve misturas desagradáveis antes que eu encontrasse isso, então você deve agradecer a sua estrela da sorte por me receber como uma veterana.

Danny sorriu quando se mudou para sentar-se contra a cabeceira da cama ao lado dela, dando uma mordida no pão e mastigando lentamente. — Não é ruim — disse ele. — Não deve ser muito difícil quando se trata de volta.

Leah balançou a cabeça pegando o controle remoto de sua mesa de cabeceira e ligando a TV. — Quando você melhorar, eu aceitarei o seu pedido de desculpas em forma de joias ou sapatos de grife — ela disse, e ele com sua boca cheia de comida.

— Ei! — Queixou-se enquanto pulava a ESPN.

— Desculpe, mas isso não vai acontecer.

Danny ergueu a sobrancelha. — Esta não é a minha televisão?

— Sim, mas eu peguei o controle remoto primeiro. Isso sempre foi a regra em minha casa. Além disso, você não precisa fingir que só assiste esportes. Não há outros rapazes ao redor. Zona livre de julgamento aqui — disse ela, gesticulando em torno de si, enquanto continuava surfando pelos canais.

— Hmm. Isso é realmente uma espécie de alívio — disse ele, voltando-se para a TV. — Então... pornô, então?

Ela zombou, acenando com a mão para ele com desdém quando ele se inclinou para colocar seu prato entre eles, e o estalo do quadrado controle remoto batendo na testa dele foi imediatamente seguido de um suspiro de pânico de Leah.

— *Oh meu Deus* — disse ela rapidamente virando para ele, colocando a mão sobre onde Danny pressionava entre os olhos. — Oh meu Deus, você está bem?

— Sem pornô. Anotado — ele fez uma careta, e ela tirou a mão dele e substituiu com sua própria enquanto esfregava a testa.

— Sinto muito — disse ela através do riso.

— Bem, você parece devastada.

Ela riu mais então, e seu sorriso finalmente quebrou até que ele começou a rir com ela.

Leah passou os dedos sobre a marca vermelha entre os olhos antes de estender a mão e entregar o controle remoto. — Você venceu. Eu posso assistir o que quiser. Pornô. Esporte. E vou fingir amar cada minuto.

Danny pegou o controle remoto, dizendo, — eu sou agredido em minha própria casa e minha única compensação é o controle da televisão?

— Bem, o que você prefere?

Ele manteve os olhos na TV quando começou a passear pelos canais, mas um sorriso levantou o canto da boca.

— Certo. — Leah riu se sentando de costas contra a cabeceira da cama. — Porque, na sua condição atual, tenho certeza que você balança meu mundo.

Danny pegou o pão. — Acredite em mim, se for me dada a oportunidade de agitar o seu mundo, não há a ressaca que me impediria de fazer bem o meu trabalho — disse ele antes de dar uma mordida.

Ele colocou o pão de volta no prato e olhou para ela; ela olhava para a tela, puxando suavemente o lábio inferior, com as faces coradas em um rosa delicado.

— Bem, sua confiança continua intacta, eu vejo — ela murmurou, e ele sorriu.

Não tinha nada a ver com confiança; era só que ele poderia imaginar o que seria tê-la, e ele sabia, sem dúvida, uma vez que suas mãos estivessem em seu corpo, tudo mais no mundo cairia. A ressaca, as suas reservas, seu passado.

O seu futuro.

E quanto a ser minucioso? Isso não foi muito alarde. Isso foi uma promessa.

— Pare! — Leah disse de repente, acalmando a mão no controle remoto, e Danny olhou para cima para ver três homens gordos de jaleco branco parados na frente de uma bandeja de cupcakes.

— Isso? — Perguntou. — Que diabos é isso?

— Você está brincando, certo? Diga-me que você nunca viu *Cake Boss*.

— Que porra é *Cake Boss*?

— Jarra de promessas — disse ela, tomando o controle remoto dele e aumentando o volume. — É um reality show sobre uma padaria em Hoboken.

Danny franziu sua testa e deu outra mordida na torrada, seus olhos fixos na tela. — Então, você assiste esses caras assando coisas por uma hora?

— Primeiro de tudo, eles não assam. Eles criam — disse ela, e Danny trouxe a palma de sua mão à boca para abafar o riso. — Em segundo lugar — continuou ela, — não é só sobre eles assarem. Você conhece as histórias dos clientes, você tem um olhar para a vida dos homens que possuem a loja. Além disso, os bolos que eles fazem são insanos. Eu quero tanto ir lá.

Danny sorriu com bajulação, trazendo a caneca à boca. — Então, por que você não vai?

— Eu vou um dia, quando tiver tempo. Não é como uma padaria normal. É famosa. As pessoas esperam na fila por horas só para entrar.

— Huh — Danny disse, terminando o seu pão. — Eu me pergunto se as pessoas esperam tanto tempo porque querem estar na TV ou se a merda que eles fazem é que é boa.

— A merda é que é boa — ela disse confiante, e Danny riu.

— E se você for e não é? Você está pronta para esse nível de decepção?

Leah pousou a cabeça no travesseiro quando ela se virou para olhar para ele. — Eu não me importo com um pouco de decepção de vez em quando. Significa apenas que você tem padrões elevados. Eu preferiria voar alto e me decepcionar algumas vezes do que apenas viver no meio com a ilusão de estar satisfeita.

O sorriso de Danny caiu enquanto ele continuava olhando para ela. Não era a primeira vez que ela fizera isso: disse algo carinhosamente cômico, só para seguir com algo tão profundo, que o fez se sentir como se o mundo tivesse parado momentaneamente enquanto ele absorvia suas palavras.

Ela estendeu a mão, em seguida, colocando a mão em seu rosto enquanto passava o dedo sobre a testa. — Você tem um vergão agora — disse ela suavemente.

Ele engoliu em seco quando uma corrente de calor escorreu pelo seu corpo, como uma série de dominós que foram disparados pelo toque de seus dedos.

Seus olhos caíram para a boca por um momento antes de voarem para cima, e sua mão escorregou de seu rosto quando ela sentou rapidamente. — Você quer mais torrada? — Perguntou ela, pegando o prato vazio entre eles e deslizando para fora da cama.

— Não, obrigado — ele conseguiu dizer, e ela balançou a cabeça antes de se virar e sair de seu quarto.

Danny caiu de costas na cama, piscando para o teto, exalando a respiração que não percebeu que segurava.

Jesus Cristo, ele queria beijá-la novamente.

Quando eles se beijaram do lado de fora no Rabbit Hole – uma memória que ainda fazia seu pulso disparar sempre que pensava nisso – Leah tinha bebido. E ele tinha quase certeza de que a beijou ontem à noite, mas é claro, ele bebeu.

Ele queria beijá-la, quando ambos estavam sóbrios.

Mas ele não podia tomar liberdades assim, não enquanto ainda abrigava segredos. Agora ela precisava ser a única a dar as ordens. Ela precisava dar o tom, ditar o ritmo. Ele não podia correr o risco de estragar agora. Não quando ele sabia o quanto estragaria as coisas no futuro.

Danny fechou os olhos e soltou o ar pesadamente, apertando as mãos atrás da cabeça, antes de abri-los.

— Puta merda — disse ele, assim que Leah entrou em seu quarto, e ela virou a cabeça, seguindo sua linha de visão. Assim que seus olhos caíram sobre a tela, ela sorriu.

— Eu te disse — disse ela, voltando para a cama. — Incrível, não é?

— Isso é um bolo? — Disse ele, e ela balançou a cabeça.

— Sim. E cada parte do que você vê é comestível.

— Sem chance — disse ele, olhando com espanto para a mesa de roleta em tamanho natural, com uma roda em funcionamento. — Você pode comer os números? E os chips?

— Eles são de pasta americana — disse ela, movendo-se para se deitar ao lado dele. — É como uma cobertura maleável. Você pode fazer isso de qualquer cor que você quiser esculpir com ele. — Ela virou de lado, de frente para ele, com um suspiro. — Eu deveria ter sido padeira.

Ele sorriu quando se virou para ela, deitado de lado, espelhando a sua posição, e seu olhar foi imediatamente atraído para a silhueta delicada de seu perfil, seu pescoço se curvando em seu ombro, sua cintura afinando para o inchaço de seu quadril.

Foi uma das coisas mais sensuais que ele já viu.

Danny trouxe seus olhos para o rosto dela, e ela sorriu suavemente. — Sente-se melhor?

— Sim — disse ele. — Eu não posso acreditar que eu sinto, mas sinto.

Leah levantou a sobrancelha. — Você duvidou de mim?

— Pela primeira e última vez — disse ele, e um lento sorriso curvou seus lábios.

— Essa foi uma resposta muito diplomática.

— Obrigado. Sou excepcional em tirar o pé da minha boca.

Ela riu suavemente antes de abaixar seus olhos, e ele viu a expressão dela endireitar quando ela mordeu o lábio. Então ela se aproximou, pressionando-o sobre o colchão enquanto descansava a cabeça em seu peito.

— Está tudo bem? — Ela sussurrou, jogando seu braço sobre seu estômago, e Danny fechou os olhos quando ele levou a mão às costas.

— Sim — disse ele, arrastando as pontas dos dedos de sua cintura até a sua nuca.

— Eu sei que fizemos isso antes, mas não estávamos em sua cama, e eu não quero... Eu só quero...

Ela parou de falar, e Danny assentiu contra a sua cabeça antes de sussurrar: — Eu sei. Só isso.

Leah suspirou baixinho. — É só que... é bom.

— Sim — disse ele suavemente, puxando-a para o seu lado, e o canal mudou de repente quando ela rolou sobre o controle remoto.

— *Mostre-me coragem no chão.*

Leah suspirou assim que Danny ergueu o braço no ar.

— Tudo bem, *Cake Boss* é impressionante, mas não é páreo para *The Karate Kid*. Estamos deixando nesse — disse ele.

— Totalmente — ela disse enfaticamente, jogando o controle remoto atrás dela antes de aconchegar mais perto. — Este é um dos maiores filmes de todos os tempos.

Danny se mexeu um pouco, olhando para ela. — Você está sendo sarcástica agora?

— Nem um pouco — disse Leah, brincando com a bainha de sua camisa enquanto mantinha os olhos na TV. — Quando eles fizeram o remake com Jackie Chan, eu levei para o lado pessoal.

Danny riu enquanto descansava a cabeça no travesseiro. — Coloca jaqueta, tira jaqueta!

— O quê?

— É assim que eles fizeram isso no novo. Coloque a jaqueta, tira a jaqueta. É assim que ele aprende a lutar.

— Oh meu Deus, eu odeio ainda mais agora — disse Leah contra o peito dele, e ele sorriu, passando o polegar sobre o pedaço de pele exposta em sua parte inferior das costas.

Eles assistiram em silêncio cativados quando Daniel percebeu que todas as tarefas as quais foi forçado a fazer o ensinaram a se defender, e, enquanto olhava para o Sr. Miyagi no temor, Danny assentiu.

— Aí. Pronto.

— Certo? — Disse Leah. — A primeira vez que eu vi essa cena, não vou mentir, fiquei um pouco afim dele.

— Sim, bem, foi bom ser Ralph Macchio nos anos oitenta.

— Eu estava falando sobre o Sr. Miyagi.

Danny começou a rir antes de puxá-la um pouco mais perto.

Ela se encaixava tão perfeitamente. E não apenas fisicamente, mas ele não podia negar que quando ela estava ao lado dele dessa forma, parecia que ela era apenas uma extensão natural do seu corpo, como se fossem duas metades do mesmo todo.

Mas era mais do jeito como ela se encaixava em sua vida. Em um mundo perfeito, ele podia ver sendo esta sua existência. Passar os fins de semana com preguiçosos afagos com ela no sofá, assistindo TV e contando piadas. Desperdiçando horas conversando sobre coisas que eram ridículas e significativas e, por vezes, ambas ao mesmo tempo.

Era tão fácil esquecer a feiura de sua realidade, quando ela estava com ele.

Passaram a hora seguinte assistindo o resto do filme, e sem absolutamente nenhum esforço, ela conseguiu reivindicar outro pedaço do seu coração. O jeito que ela brincou com a bainha de sua camisa, mesmo sem perceber o que estava fazendo. A forma como o cabelo dela cheirava a primavera com um pouco de coco misturado. A forma como o som de sua risada o fez rir, mesmo quando ele não achava nada engraçado.

E no momento em que os créditos rolaram, ele não podia resistir mais.

Danny usou as pontas dos dedos para tirar o cabelo de sua testa antes de arrastá-los para baixo em seu rosto, e ela ergueu os olhos, olhando para ele. Ele se moveu lentamente, e ele ouviu sua respiração, assim que a ponta do nariz tocou o dela.

E então ele parou.

Seus termos. Ele precisa estar em seus termos.

— Leah — disse ele, sua voz quase um sussurro.

Ele observou o movimento de sua garganta antes dela murmurar. — O quê?

Danny ergueu o queixo para que suas bocas estivessem apenas a centímetros de distância, antes de sussurrar: — Posso?

Por um momento, o mundo pareceu parar.

E então ela balançou a cabeça.

Sua boca estava sobre a dela antes dela sequer terminar, e ela inclinou imediatamente para ele, entregando sua boca enquanto permitia que ele controlasse o beijo.

Ele se concentrou em manter os lábios suaves, separando-os um pouco e passá-los sobre os dela, e ela seguiu seu exemplo, beijando-o de volta com reverência cautelosa que o fez se sentir como se pequenas pedras fossem acendendo em suas veias.

Era muito pura para ser perigosa, mas muito sensual para ser inocente.

Ele se afastou logo que sentiu seu controle escorregar, e ela imediatamente apoiou a cabeça no travesseiro, exalando trêmula antes de pressionar as palmas das suas mãos em seus olhos. — Você é bom nisso.

Danny sorriu, piscando para o teto. — Eu acho que nós somos bons nisso.

Ela passou as mãos em seus cabelos e soltou uma baforada de ar. — Eu acho que é hora de levá-lo de volta para seu carro.

Danny balançou a cabeça, passando os dentes no lábio inferior. — Eu acho que você está certa.

Ambos ali, imóveis, até Leah dizer: — Mais dez minutos de afagos. É isso aí. E então nós vamos.

Seu lábio deslizou por entre os dentes enquanto sorria. — Como quiser — disse ele, e ela virou a cabeça para ele.

— Você acabou de citar *The Princess Bride*[6]?

— Sim.

Ela olhou para ele por um segundo antes de rolar de volta para seu lado. — Bem. Vinte minutos — disse ela enquanto descansava a cabeça em seu peito, torcendo a barra da sua camisa entre os dedos.

Danny sorriu em seu cabelo. — Vinte minutos — repetiu ele, sabendo que se ela pedisse a ele agora, ele daria a ela a cada minuto que restava a ele.

6 A Princesa Prometida

Capítulo 11

— Uau — disse Robyn quando ela caiu para trás contra o sofá de Leah.

— Não me diga — acrescentou Holly.

— Eu sei.

— Estou animada — Robyn irradiou e Holly suspirou.

— Estou nervosa.

— Bem, eu também — disse Leah, — então acho que funciona.

Holly mordeu a unha do polegar. — Devagar, Leah. Você precisa ir muito, muito devagar.

— Ela sabe disso — disse Robyn. — Não seja condescendente.

— Não estou sendo condescendente, estou sendo cautelosa. Quero dizer, ele admitiu abertamente que está guardando um enorme segredo. Isso já está começando estranho, não acha?

— Tudo bem, mas pelo menos ele disse a ela sobre isso, mesmo que ele não esteja pronto para contar ainda. Se ele fosse algum tipo de sacana sombrio, ele não teria dito nada.

— Gente, pare — interrompeu Leah. — Holly, ouço o que você está dizendo, e sim, irei devagar com ele. É só que... — Ela balançou a cabeça. — Eu gostaria de poder explicar isso sem soar como uma idiota, mas há algo nele. Ele é verdadeiro. Posso sentir isso em meus ossos.

Ela ficou em silêncio por um tempo antes de Holly dizer: — Você também pensou que Scott fosse verdadeiro.

— Holly — Robyn falou, e Leah baixou os olhos quando Holly cobriu o rosto com as duas mãos.

— Sinto muito, Leah. Não quis dizer isso.

— Não, está tudo bem — disse Leah, os olhos ainda no colo. — Você está certa. Eu sei que está. Mas desta vez... tudo parece diferente. Não consigo explicar.

E ela não podia explicar. Tudo o que ela sabia era que se sentia estranhamente ligada a Danny. Havia algo nele que falou a uma parte que havia muito se esquecido dela, que despertou algo adormecido em sua alma e a fez querer as coisas de novo.

Desde aquele primeiro dia no Cheesecake Factory, algo mudou para ela. Era como se ela tivesse abaixado a guarda com ele, e isso de alguma forma abalou sua estrutura, e cada camada de resistência e desprendimento que ela construiu nos últimos dois anos se desintegrou sobre si mesma. E, em vez de entrar em pânico – em vez de se esforçar para juntar os cacos e reconstruir – ela se viu querendo chutar os detritos e respirar tudo ao seu redor.

Cada conversa, cada interação com ele, libertou-a um pouco mais.

Foi nas pequenas coisas, como a forma como seu corpo reagia ao timbre de sua voz, ou o mais simples dos seus toques. A maneira de vê-lo sofrendo causou um nó em sua garganta, como se ela fosse a única sofrendo. Sua conexão com ele parecia madura, como se fosse algo que já existisse muito antes dela sentir isso ou reconhecer.

O que aconteceu entre eles naquela manhã só reforçou isso; ela confessou sua maior desgraça, seu pesar mais humilhante, só para tê-lo envolvendo seus braços, sem sequer pestanejar pelo seu delito. Como se ele soubesse o tempo todo e já tivesse a perdoado.

Ela poderia tentar explicar isso para Holly e Robyn, mas Leah sabia que elas não entenderiam. Inferno, nem sequer ela entende. Mas isso não o torna menos real para ela.

Holly moveu de seu lugar no chão, rastejando até onde Leah se sentara no sofá antes de descansar a cabeça em seu colo. — Sinto muito. Você sabe que eu e minha boca grande te amamos e estamos apenas cuidando de você.

Leah sorriu, passando a mão sobre a parte de trás do cabelo de Holly. — Eu sei. E irei devagar. Prometo.

Holly ergueu a cabeça, sorrindo para Leah antes de levantar. — Ok, devemos colocar o filme agora? Ryan Gosling está sem camisa nesse, sério, o que diabos estamos esperando?

Leah e Robyn riram e Holly caminhou até o aparelho de DVD com o filme. Ela levou-o, juntamente com algumas barcas favoritas das meninas do restaurante de sushi, em honra de sua última noite de meninas antes de Robyn se casar. Mas assim que elas entraram no apartamento de Leah, o implacável interrogatório tomou precedência sobre a alimentação e entretenimento. Elas a conheciam por muito tempo, e elas podiam ver em seu rosto que algo mudou para ela. Dentro de dez minutos de sua chegada, Leah havia contado tudo, começando com o telefonema bêbado de Danny e terminando com ela levando-o para buscar o seu carro à tarde.

— Oh, aqui — disse Robyn, pegando sua bolsa e retirando uma pequena pilha de envelopes antes de jogá-los para Leah. — Suas cartas.

— Obrigada — disse Leah, rapidamente peneirando a pilha enquanto Robyn começou a tirar os sushis do saco. Havia duas faturas e uma renovação de assinatura de revista.

E outra.

Leah riu sem graça assim que ela viu.

— O quê? — Perguntou Holly, voltando para o sofá com o controle remoto.

— Bem, ele certamente tem um objetivo — disse Leah jogando o envelope na mesa de café à sua frente. — Você tem que dar crédito a ele.

— Oh meu Deus, é de Scott? — Perguntou Robyn.

Leah assentiu.

— O que é isso?

— Não importa — disse Leah quando ela pegou um dos recipientes da mesa e tirou a tampa.

— Eu me importo — disse Holly, pegando-o da mesa e abrindo o envelope.

— É uma carta de amor? — Perguntou Robyn. — Faça uma leitura dramática!

Leah riu e Holly balançou a cabeça. — Não é uma carta de amor. Muito pesado — disse ela, enfiando a mão e puxando uma pilha de fotos. Ela se sentou entre Leah e Robyn no sofá e começou a folhear.

A primeira era de Leah e Scott na praia no verão em que se conheceram. Ela estava sentada entre as pernas em sua toalha, recostando-se contra seu peito e sorrindo enquanto ele beijava a bochecha dela. O próximo era o dois no campo de beisebol, onde Scott jogou com sua equipe de trabalho. Era uma foto sincera, nenhum deles olhando para a câmera; Leah estava com os braços em volta de sua cintura, com os olhos fechados e seu rosto pressionado contra seu peito. Scott tinha seus braços em volta dos ombros com o queixo apoiado no topo de sua cabeça. A foto seguinte era dos dois deitados na cama de Scott, as cabeças juntas quando Leah segurou a câmera longe deles e tirou a foto. Ambos estavam com sorrisos satisfeitos e preguiçosos, e Leah fechou os olhos momentaneamente para afastar a memória. Eles passaram todo aquele dia na cama, fazendo amor mais e mais, só se levantando para ir ao banheiro ou para pegar uma bebida.

Foi assim por diante. Várias fotos deles se abraçando, beijando, rindo, sorrindo. Apenas quando Leah pensou que ela não aguentava mais, o ataque de imagens finalmente terminou.

E então veio o cartão.

Sei que você se lembra de como costumava ser. Olhe para nós, Leah. Você estava feliz comigo. Um erro não é suficiente para mudar isso, e você sabe disso. Você estava chateada. Você tinha o direito de estar. Mas você provou seu argumento, e eu certamente tive minha sentença. Vamos parar de perder tempo. Somos melhores juntos, e você sabe disso também. Você ainda me ama, linda. Tanto quanto eu ainda te amo.

Holly balançou a cabeça em descrença enquanto Robyn mordeu o lábio, olhando nervosamente para Leah.

Alguns segundos de silêncio passaram antes de Leah dizer: — Gente, eu não farei o que todos pensam que eu farei, que é, você sabe... *pirar*! — ela gritou, agitando os braços loucamente no ar.

Holly e Robyn riram instantaneamente para ela imitando *Jerry McGuire*, e Leah pegou a pilha de fotos da mão de Holly.

— O que você vai fazer com isso?

— Purificar — disse ela caminhando em direção à cozinha.

Leah virou a esquina e se aproximou da lata de lixo, pisando no pedal para levantar a tampa. Assim que estava prestes a lançar as fotos, ela parou, repassando-as mais uma vez.

Ela estava tão feliz em todas elas.

Mas muito aconteceu desde então, e parecia que ela olhava para uma garota diferente. E verdade seja dita, Leah se sentia mal por ela. Ela se sentiu mal que o tapete estava para ser puxado de debaixo dela, e esta menina não tinha a menor ideia.

Leah virou até que estava mais uma vez olhando para o cartão.

Eu sei que você se lembra de como costumava ser.

Mas ela não podia. Era como quando ela era uma menina, e assistiu a um programa que explicou como mágicos faziam coelhos e outras coisas aparecem em chapéus. Depois disso, ela nunca pôde assistir a um show de mágica de novo, não depois de ver o que eles realmente eram. Uma artimanha. Uma falsidade.

Uma mentira.

E era exatamente assim que se sentia. Olhando essas imagens sentia como assistir a um truque de mágica que já havia sido exposto. Ele a deixou se sentindo desapontada, e mais importante, sem se impressionar.

Com um movimento de seu pulso, ela jogou as fotos na lata de lixo, deixando a tampa fechar o que foi sua vida de uma vez por todas.

****

— Jesus Cristo. Então isso é típico, ou Robyn é uma daquelas noivas ditadoras?

Leah riu, rolando para o lado dela para desligar a luz, realizando manobras ainda mais sob as cobertas. — É muito típico — disse ela, passando o telefone para a outra orelha. — Você nunca esteve em uma festa de casamento?

— Uma vez — disse Danny. — Para o meu primo, quando eu tinha doze anos. Mas eu definitivamente não me lembro de ser um assunto de três dias.

— Bem, é típico para meninas, eu diria.

— Claro. Vocês sempre têm que complicar tudo — disse ele, e Leah sorriu.

Ela passou os últimos meses, animada com o casamento de Robyn, mas esta noite, pela primeira vez, ela desejou que ele não fosse ocupar todo o seu fim de semana.

Ela falara com Danny no telefone todas as noites dessa semana, e desta vez, quando ele ligou, ele perguntou se ela queria sair naquele fim de semana. Leah explicou que passaria a sexta-feira recebendo massagens, manicure, pedicure e tratamentos faciais para a festa nupcial, seguido pelo jantar de ensaio. Sábado era o casamento, o que naturalmente ocuparia todo o seu dia, e depois domingo, toda a festa de casamento, junto com as famílias de Robyn e Rich, participaria de um café da manhã de comemoração no hotel.

— Tudo bem, talvez no próximo fim de semana então — disse ele. — Tenho algo que quero te mostrar.

— Bem, voltarei no final da tarde de domingo. Poderíamos fazer algo no domingo à noite, se quiser. Eu não trabalho na segunda-feira.

— Você não trabalha?

— Dia de Martin Luther King — disse ela.

— Ah, isso é certo.

— Você pode sair na noite de domingo? Eu não sei qual o seu horário de trabalho na segunda-feira.

— Eu faço meus próprios horários. Uma das vantagens de ser o chefe.

Leah balançou a cabeça. — Você se acha tão legal.

Danny riu. — Vamos sair no domingo à noite então. Mande-me uma mensagem quando você voltar.

— Tudo bem — disse ela bocejando.

— Tudo bem, falarei com você depois. Divirta-se neste fim de semana.

— Obrigada — disse ela, seus olhos se fechando. — Boa noite.

— Boa noite, doce menina — disse ele antes de finalizar a chamada.

Os olhos de Leah abriram antes dela sorrir, estendendo a mão para colocar o telefone em sua mesa de cabeceira. Foi a primeira vez que ele a chamou assim desde o seu discurso embriagado no fim de semana antes, mas enviou a mesma emoção pra ela.

Com um pequeno suspiro, ela se enrolou em seu edredom e fechou os olhos.

Ela adormeceu imaginando essas palavras saindo de seus lábios antes dele pressioná-los nos dela.

****

Por mais clichê que fosse dizer que uma noiva parecia uma princesa no dia de seu casamento, era a única maneira que Leah poderia pensar para descrever Robyn. Ela não conseguia se lembrar de um tempo em que a amiga estivesse mais bonita. E não era só o vestido de conto de fadas, ou seu elegante coque, ou sua delicada maquiagem. Era porque ela estava tão incrivelmente feliz. O sorriso dela a deixou enfrentar o dia inteiro, e cada vez que Leah via Robyn e Rich olharem um para o outro, parecia que ela estava se intrometendo em um momento privado. Eles estavam em seu pequeno mundo, tão embrulhados em si, de modo visivelmente apaixonado. Era extremamente humilhante estar ao redor.

Leah disse adeus a Holly e Robyn na tarde de domingo, desejando a Robyn uma lua de mel maravilhosa e dizendo a Holly que conversaria com ela naquela semana. Ela não contou a ela sobre seus planos com Danny naquela noite por medo de ouvir um sermão sobre não levar as coisas devagar o suficiente.

Antes de Leah deixar o hotel, ela mandou uma mensagem para Danny, e ele pediu para ela encontrá-lo em seu apartamento por volta das sete. Ele também disse que ela não deveria comer nada, porque ele teria o jantar pronto para eles, uma noção que a deixou apreensiva e intrigada.

Ela ouviu os recados antes de tomar banho e seguir para o apartamento dele, e assim que ela se aproximou de seu prédio, uma série de vibrações começou em seu estômago. Ela pensara em Danny tantas

vezes naquele fim de semana, imaginando como seria se ele tivesse ido para o casamento com ela. Imaginando-o em um terno, seu cabelo preto sexy em desordem, com seu sorriso encantador. Rindo com ela, segurando a mão dela enquanto ela o apresentava para as pessoas.

Beijando-a suavemente enquanto dançavam.

Leah estacionou seu carro no final do seu bloco, e a vibração em seu estômago dobrou quando ela tomou o elevador para o andar de Danny.

Quando as portas finalmente se abriram, ela se aproximou de seu apartamento e fechou os olhos, respirando fundo antes de abri-los e bateu. Houve um som de sussurro abafado, seguido pelo baque abafado de passos.

Poucos segundos depois, a porta se abriu, e a vibração subiu para o seu peito. Seu cabelo escuro estava despenteado à perfeição, e ele tinha uma sugestão de uma sombra de barba de cinco horas definindo seu queixo. Ele vestia uma calça jeans desgastada com um moletom cinza com zíper sobre uma camiseta branca.

E o seu favorito sorriso com covinhas.

— Ei — ele disse, inclinando-se para beijar seu rosto antes de dar um passo para o lado para deixá-la entrar, e ela foi imediatamente saudada com o cheiro de comida chinesa.

Leah cantarolava enquanto passava por ele para o apartamento. — Boa pedida. Isso cheira incrível.

— Você chegou aqui antes que eu pudesse retirar dos recipientes e colocar em potes e panelas no fogão.

Leah riu quando ele pegou o casaco e pendurou na porta. — Certo, porque eu teria acreditado nisso totalmente.

— Ei, eu posso cozinhar — disse ele em ofensa fingida enquanto caminhava até a mesa e puxava uma cadeira para ela.

— Eu sei — ela disse, sentando. — Eu estava lá para o Hot Pocket.

Danny riu, balançando a cabeça. — Por que eu te chamei para sair de novo?

— Nenhuma pista. Talvez você seja masoquista.

Danny empurrou a cadeira antes de dar a volta para o outro lado da mesa. — Às vezes, eu acho que sim — disse ele, mas sua voz estava estranhamente desprovida de humor.

Leah olhou para ele, mas enquanto se sentava em frente a ela, suas covinhas estavam de volta.

— Então, como foi o casamento? — Ele perguntou quando começou a abrir os recipientes. Ele olhou para ela, seu sorriso ainda estava intacto.

Talvez ela tivesse imaginado.

— Foi muito divertido — disse Leah, pegando a garrafa de água na frente dela. — Robyn parecia incrível. Tudo correu bem.

— Correu bem? O que há para atrapalhar? Ambas as pessoas dizem *eu aceito* — disse Danny, segurando um pacote de pauzinhos e um garfo para Leah para que ela escolhesse.

Ela pegou o garfo. — Coisas de menina novamente. Mas há um monte de coisas por trás-das-cenas que pode ficar confuso se não for bem planejado. Ou, se a noiva é uma cadela. — Ela sorriu. — Felizmente, não foi o caso neste fim de semana.

Danny colocou duas caixas abertas de comida na frente de Leah, antes de começar a abrir as outras. — Será que essas noivas cadela realmente existem? Eu pensei que essa merda era apenas para a TV.

— Elas existem — disse Leah, olhando dentro dos recipientes. Um estava cheio de frango com gergelim, e outro com empanados.

A boca de Leah caiu. — Como você sabia que deveria pedir isso?

— O quê? — Ele perguntou com os olhos treinados sobre os pauzinhos que ele estava desembrulhando.

— Frango com gergelim e empanados? O que fez você pedir isso?

— Porque é o seu favorito — ele disse simplesmente, enfiando a mão no recipiente com seus pauzinhos e tirando um pedaço de brócolis.

— Como você sabe disso?

Ele colocou o brócolis em sua boca. — Você me disse — disse ele em torno de sua comida.

— Eu disse?

Ele riu suavemente. — Sim. Era terça-feira à noite. Ou talvez quarta-feira. Uma das noites em que falei com você esta semana.

— Huh — disse Leah. — Não me lembro disso. — Ela enfiou a mão no recipiente e tirou um empanado.

— Eu presto atenção.

Leah olhou para cima, e ele piscou para ela antes de pegar sua garrafa de água e torcer a tampa. Ela o viu tomar um longo gole, de repente sobrecarregada com o desejo de arrancar a garrafa de seus lábios e substituir com a boca.

— O quê? — Perguntou ele enquanto colocava a garrafa na mesa e pegava seus pauzinhos.

— Nada — disse Leah. — Só... vendo você se exibir.

— Exibir?

Ela acenou para seus pauzinhos, e ele riu.

— Eu não estou me exibindo. Isto é como você deveria comer essas coisas.

Ela encolheu os ombros, espetando um pedaço de frango com o garfo e levando-o à boca, e ele sorriu, abaixando o recipiente e inclinando-se sobre a mesa.

— Aqui — ele disse, pegando o garfo de sua mão e substituindo com os pauzinhos. Ele manipulou os dedos em torno das varas, com a testa franzida em concentração, e Leah manteve os olhos fixos no rosto dele.

Talvez fosse o fato de que ela havia ansiado estar com ele todo fim de semana, mas agora, tudo sobre ele, seu toque, sua risada, sua voz estava deixando-a louca.

— Não — ele disse, puxando sua mão. — Experimente agora.

Leah se esforçou para manter os dedos na posição que ele colocou os palitos quando ela trouxe-os para a sua comida, segurando sem firmeza um pedaço de frango entre eles. Ela levantou-o cuidadosamente do recipiente, sorrindo com orgulho enquanto olhava para Danny, mas as varas mudaram em sua mão. Ela tentou apertá-los de forma rápida, mas escorregou e bateram juntos, enviando o frango que estava voando por cima da mesa no peito de Danny antes de cair em seu colo.

Ela apertou os lábios, olhando para ele, e ele olhou para o seu colo e, em seguida, voltou para ela antes que ambos começassem a rir. Danny pegou o pedaço de frango e colocou na sua boca antes de chegar do outro lado da mesa e pegar os pauzinhos.

— Ok, você está dispensada — disse ele, entregando de volta o garfo.

Leah sorriu quando ela tomou dele o garfo, espetando um pedaço de frango, quando o duplo sinal sonoro de seu telefone alertou para o recebimento de uma mensagem. Ela estendeu a mão e puxou o telefone de sua bolsa, passando o dedo sobre a tela para ler a mensagem.

Ela riu baixinho antes de responder.

— O que há de tão engraçado?

— Meu pai — disse Leah, terminando de responder antes de afastar o telefone. — Ele acabou de me perguntar quantos anos o meu irmão tinha quando ele parou de dormir com seu dinossauro de pelúcia, o que só poderia significar que meu irmão está na casa dele agora e eles estão tendo uma discussão acalorada sobre este tema. Eu tenho certeza que estou sendo chamado como árbitro.

Danny sorriu. — Quantos anos ele tinha?

— Quatorze. Meu irmão vai dizer que eu sou uma merda, mas esse menino tinha quatorze anos. — Ela viu quando Danny ergueu os pauzinhos e pegou um pouco de macarrão, com um rolo rápido do pulso e um toque de seus dedos, ele tinha os longos macarrões girando em um rolo arrumado no final das varas. Ele olhou para ela e deu de ombros sem altivez antes de trazê-lo para a sua boca, e Leah revirou os olhos, fazendo-o rir.

Seu celular apitou duas vezes e ela se inclinou. — Meu irmão — disse ela antes de tocar no visor. Leah sorriu enquanto segurava o telefone, virando-o para Danny ver.

VOCÊ É TÃO CHEIA DE MERDA!

Danny riu quando ela colocou o telefone de volta na mesa. — Eu te disse — disse ela.

— Sua família parece legal.

— São os melhores — disse ela, dando uma mordida no empanado. — Você tem que ter uma casca grossa para nos aguentar.

— Acredito nisso — disse ele com uma risada.

— E você? — Perguntou Leah, tomando um gole de água.

— O que você quer dizer?

— Como é a sua família?

Ele riu sem graça. — Não é como a sua.

Leah girou a tampa na sua água. — Você não se dá bem com eles?

— Nós nos damos, acho. — Ele deu de ombros. — Apenas não somos tão próximos.

— Você tem uma família grande?

— Só eu, minha mãe e minha irmã.

— E o seu pai? — Disse ela.

— Eu não conheci meu pai.

Leah o observou por um segundo antes de baixar os olhos. — Ele faleceu? — Ela perguntou, vasculhando o frango com o garfo.

— Não, ele foi embora antes de eu nascer.

— Ah. — Depois de alguns segundos de silêncio, ela disse: — Sinto muito.

Ele balançou a cabeça. — Está tudo bem. Quer dizer, eu não estou com raiva dele nem nada. Eu acho que eu poderia estar, mas eu tive uma família. Apenas não era verdadeira.

— Sua mãe não estava por perto, quer dizer?

Danny suspirou, passando a mão pelo cabelo. — Não, não realmente.

Leah mordeu os lábios antes de dizer: — Nós não temos que falar sobre isso.

— Não me importo — disse ele. — Quero dizer, se você não se importa de ouvir essa merda.

Ela balançou a cabeça. — Eu quero saber sobre você. Até mesmo a parte de merda.

Ele sorriu com tristeza, seus olhos caindo um segundo antes de dizer: — Aqui é a coisa sobre a minha mãe. Ela fez o seu melhor, mas a vida a tratou com uma porcaria atrás da outra. Ela engravidou da minha irmã aos dezoito anos. Supostamente o cara teve a decência de esperar por um ano depois que ela nasceu antes de ir embora.

Danny olhou para cima, quando disse. — Eu tenho certeza que ele era um idiota. Quer dizer, não posso imaginar ser deixado com um bebê tão jovem. E eu acho que nessa idade, a única maneira que ela pôde pensar em consertar foi o de encontrar um substituto para ele. Ela foi à procura de um cara que poderia cuidar delas. E ela pensou ter encontrado.

— Seu pai?

Danny assentiu. — Eu ainda não sei se ela ficou grávida para tentar mantê-lo ou se foi um acidente, mas de qualquer forma, obviamente não era para ele.

Leah franziu a testa, e ele disse: — Então, ela acabou uma mãe solteira de duas crianças de dois caras diferentes que não queriam nada com ela. — Danny estendeu a mão e girou a garrafa de água na mesa. — Ela teve que trabalhar em dois empregos só para pagar as contas, e quando não trabalhava, tentava encontrar o próximo homem que cuidaria de nossa família. Então, nós realmente nunca a vimos. Quero dizer, a coisa de ter dois empregos pode ter ajudado, mas eu só queria que ela percebesse que não precisava de um homem. Nós ficaríamos bem sem um pai enquanto tivéssemos uma mãe.

Leah apertou os lábios quando Danny deu de ombros. — Quem sabe. Talvez um homem fosse mais para ela do que para nós de qualquer maneira. Deus sabe que ela deve ter precisado de um suporte.

— Isso é muito triste — disse Leah baixinho, e ele concordou.

— Eu sei. Não fiquei ressentido com ela. Mas eu fui deixado sozinho na maioria das vezes por causa disso.

— E a sua irmã?

— Minha irmã era mais velha do que eu. Ela ficava longe de casa a maior parte do tempo, porque ela podia. E assim que ela se tornou adolescente, eu tive sorte se eu a vi duas vezes por semana. — A mão de Danny mudou-se da garrafa de água para o recipiente de papelão em frente a ele, brincando com a tampa quando disse: — Eu não a culpo também. Quer dizer, eu saí de lá assim que eu pude também.

Leah balançou a cabeça, e ele disse: — As coisas melhoraram quando eu estava na segunda série. Foi quando eu conheci Bryan, e depois eu passei praticamente todo o meu tempo com ele. Ele morava com sua avó há algumas quadras.

— Catherine — disse Leah, e Danny concordou.

— Sim. Sua mãe o teve jovem também. Mais jovem do que minha mãe. Então Vovó foi quem o criou para que sua mãe pudesse terminar a escola.

Leah baixou os olhos e engoliu em seco. Então, Catherine não perdeu um neto.

Ela perdeu um filho.

— Eu chegava em casa da escola e ia para a casa de Bryan em vez da minha. E Vovó nos alimentava, ajudava com a nossa lição de casa, nos mandava lavar o rosto. Você sabe, merda normal de mãe.

— Ela o chama de seu menino — disse Leah, e Danny sorriu.

— Ela nos chamava assim. — Ele olhou para baixo, cutucando sua comida com a ponta de seus pauzinhos. — É assim que eu fui para os carros, sabe. O avô de Bryan era incrível com eles. Ele estava sempre mexendo com algo em seu carro, mesmo quando não estava quebrado. Ele deixava Vovó louca — disse ele com uma risada.

Leah sorriu, e ele disse: — Quando éramos mais velhos, estávamos habituados a esperar por ele para chegar em casa do trabalho para que pudéssemos vê-lo mexer com o carro. Eventualmente, ele começou a nos deixar trabalhar com ele também.

Ele pegou sua bebida, tomando um gole rápido antes de dizer: — Quando ele morreu, Vovó desprezou sua apólice de seguro de vida. Ela sempre disse que ela guardava para um dia chuvoso. Mas quando Bryan e eu decidimos abrir nossa loja, ela acabou nos dando esse dinheiro e mais um pouco para que pudéssemos fazer isso acontecer. Praticamente limpou sua conta bancária para nós.

— Uau — Leah disse suavemente, tentando entender o quanto ela amava esses dois meninos. — Assim, era a loja de Bryan também?

Danny assentiu. — D & B Automotive.

— Danny e Bryan — disse Leah.

— Danny e Bryan — repetiu ele. — Ele sempre reclamou que ele deveria ter um corte maior entre os lucros desde que a minha inicial vinha primeiro. — Ele sorriu para ela antes de dizer: — Eu ainda divido os lucros meio a meio. Eu dou a parte de Bryan para a Vovó. Ela não aceitou no início, então eu apenas escondi porções em torno da casa, pensando que eu estava conseguindo. Ela descobriu, apesar de tudo.

Leah sorriu tristemente. — Você cuida tanto dela.

— Ela merece isso — disse Danny. — Gostaria de fazer mais, se pudesse.

Leah balançou a cabeça, e ele ficou em silêncio por um minuto enquanto os dois brincavam com a comida na frente deles. De repente, Danny limpou a garganta se mexendo na cadeira, e ela sabia que essa conversa estava encerrada.

— Então — ele disse, levando mais um pedaço de comida. — O seu irmão é mais velho ou mais novo?

— Mais velho — disse ela. — Ele tem vinte e nove anos.

Danny assentiu. — Ele desafia os seus namorados agora?

— O que você quer dizer? — Perguntou Leah, mergulhando um empanado no pote de molho de soja.

— Depois do que aquele pedaço de merda fez com você. Ele tem andado resistente com todos os seus namorados desde então?

— Oh — disse Leah, desviando os olhos.

— Você não tem que me dizer. Eu só estava pensando. Eu seria difícil com os namorados da minha irmã, se fosse comigo, e nós não somos nem tão próximos como vocês parecem ser.

— Não, não é que eu não queira — disse ela, torcendo o garfo entre os dedos. — É só que... Eu não tenho uma resposta.

Danny franziu a testa, e Leah deu um pequeno suspiro antes de dizer: — Eu não tive um namorado desde Scott.

— Nada? — Ele perguntou incapaz de esconder sua surpresa.

Leah sentiu calor em suas bochechas, e o conhecimento que apenas corava a fez corar mais profundamente.

— Não tenha vergonha — disse ele suavemente. — Eu estou surpreso. Ninguém se aproximou de você em dois anos?

— Não, fui abordada. Eu só... — Ela parou de falar com um encolher de ombros.

— Não confia em ninguém?

— Eu não confio em mim mesma. Passei anos pensando que Scott fosse essa pessoa incrível. Eu teria jurado que ele era. Eu virei as costas para as pessoas por causa disso. E ele simplesmente mexeu com minha cabeça dizendo que eu estava tão errada. Depois eu simplesmente não confio mais no meu próprio julgamento. — Ela encolheu os ombros. — Além disso, meu pai precisava ser cuidado por um tempo depois disso, e eu só mergulhei de cabeça nisso por que...

— Porque era como a sua penitência.

Não era uma pergunta, e ela não respondeu. Ela não precisava.

— Então você não namorou ninguém em dois anos? — Perguntou.

Ela balançou a cabeça.

— E quanto... — Ele parou, passando a mão pelo cabelo. — Você já esteve com alguém desde Scott?

Ela balançou a cabeça de novo, e ela o viu cair para trás contra sua cadeira com sua sobrancelha levantada. — Uau — ele disse em voz tão baixa, que ela não poderia sequer ter a certeza que ele disse.

Ela precisava mudar de assunto.

— Então o que você quer me mostrar?

Ele sorriu suavemente, vendo o que estava fazendo, mas ele jogou bem.

— Você quer ver agora?

— Claro — ela disse, e ele assentiu com a cabeça, empurrando a cadeira para trás da mesa, antes de levantar. Ele acenou com a cabeça para ela segui-lo enquanto ia em direção à porta.

— Vamos embora? — Ela perguntou.

— Não, é no prédio, é só aqui em cima — disse ele, pegando as chaves da mesa na entrada. Ele abriu a porta e a permitiu sair antes de fechar a porta atrás de si e trancar.

Eles caminharam até o elevador em silêncio, e em poucos segundos, ele olhava para ela. Ele parecia nervoso, embora Leah estivesse ciente de que ela só poderia estar projetando sua própria ansiedade para ele.

Quando eles entraram no elevador, Danny apertou o botão para o porão.

— O porão? — Ela perguntou.

— É no depósito — disse ele simplesmente, olhando para cima para ver os números serem iluminados um por um, enquanto desciam os andares.

Com um ding final, as portas se abriram, e Danny saiu do elevador, voltando quando Leah não o seguiu.

Ela ficou ali, com os olhos arregalados e completamente imobilizados.

— O que há de errado? — Ele perguntou, e ela balançou a cabeça ligeiramente. Ele olhou para ela até o entendimento tomar conta de seu rosto, seguido de um sorriso lento, e então ele estendeu a mão e apertou a mão dela, entrelaçando os dedos.

— Vamos lá — disse ele. — Eu conheço o caminho.

Ele saiu do elevador, puxando Leah atrás dele na escuridão do porão. Foi um longo corredor, preto quase como o breu, exceto por dois sinais de saída em cada extremidade do corredor, o que só serviu para lançar uma luz vermelha misteriosa em cada direção.

Leah inalou profundamente, e ele deu-lhe um aperto de mão suave.

— Você está bem — disse ele através de uma pequena risada até que um alto barulho metálico deu lugar a um zumbido assustador. Leah gritou, puxando sua mão para que ele tropeçasse de volta para ela.

— É só o aquecimento — ele disse com uma risada. — Estamos quase lá.

Depois de mais alguns passos Danny parou de andar, e Leah podia ouvir o tilintar de suas chaves, enquanto seus olhos começaram a ajustar-se à escuridão. Ela poderia apenas perceber o contorno de uma porta diante deles, e então ela o ouviu abrir e Danny deu um passo para

dentro, e ela se aproximou dele, puxando uma corda que iluminava uma pequena luz fraca no quarto.

Era um espaço pequeno, do tamanho de um closet, cheio de caixas e caixas e caixas de plástico. Danny caminhou mais para dentro do quarto e Leah seguiu, ainda segurando sua mão.

— Posso ter minha mão de volta por um segundo? — Disse ele através de um sorriso mal contido. — Eu preciso afastar algumas coisas. — Leah balançou a cabeça antes de soltá-lo, cruzando os braços sobre o peito enquanto seus olhos passeavam pelo espaço minúsculo.

— Podemos nos apressar? Realmente não gosto daqui.

Ele riu se virando para ela, levantando uma caixa de uma das pilhas antes de movê-la para o outro lado. Leah o assistiu mover mais duas caixas, até que se afastou, limpando as mãos nas laterais da calça jeans.

— Tudo bem — disse ele, virando para ela e estendendo a mão, e ela aceitou quando ele a puxou gentilmente em direção a ele.

Ele colocou as mãos em seus ombros e a virou para que estivesse de pé na frente dele. Os olhos de Leah esquadrinharam a área diante deles. No início tudo o que ela podia ver era algumas caixas cheias de livros e o que parecia ser revistas de carros antigos.

E então ela viu.

Ela suspirou alto quando as duas mãos voaram para sua boca, e ela sentiu as mãos deslizarem para baixo de seus ombros e esfregar os topos de seus braços.

— Espero que isso valha a pena a caminhada até aqui — ele sussurrou.

Ela virou a cabeça para olhar para ele, com os olhos arregalados de choque e as mãos ainda tampando sua boca. Ele sorriu suavemente antes de pedir a ela para ir em frente, e ela se virou e caiu de joelhos, com as mãos caindo de sua boca e passando sobre o concreto áspero.

Ela arrastou-as sobre o irregular LM que foi gravado na pedra. Ela usou a ponta do dedo para traçar o CM e SM ao lado dele.

E então ela chegou ao DM.

Ela não continuou. Em vez disso, ela apenas pressionou as pontas dos seus dedos nos sulcos, como se pudesse de alguma forma incorporar

as iniciais em sua pele. Leah cuidadosamente deslizou sua mão até que afundou na marca de mão de sua mãe.

Era um ajuste perfeito agora.

Um soluço suave caiu de seus lábios, e ela de repente estava ciente da mão dele em suas costas, esfregando suavemente enquanto se agachava atrás dela.

— Pavimentei o quintal no ano passado, porque alguns dos blocos afundaram e levantaram bordas em todo o lugar. Eu estava com medo que Vovó tropeçasse em alguma. — Ele continuou a esfregar para cima e para baixo suas costas, sua voz um murmúrio suave, quando ele disse, — Passei o dia inteiro quebrando o concreto no quintal, mas eu não pude quebrar este. As pequenas impressões de mãos, com a grande...

Ele parou de falar, e Leah o sentiu passar a mão sobre a parte traseira de seu cabelo. — Apenas me tocou. Então, eu peguei um pé de cabra, e arranquei. Eu não sabia o que fazer com ele, mas eu simplesmente não conseguia jogar fora. Eu acabei enterrando-o sob algumas coisas no porão de Vovó. Ela nem sabia que eu fiz isso.

Leah soluçou novamente, e ele passou a mão pelo seu cabelo. — Quando você me falou sobre isso no The Cheesecake Factory, eu queria te dizer. Eu realmente quis. Mas eu não tinha certeza de que ainda estivesse lá, ou se ainda estava inteiro, e eu só queria ter certeza antes que eu tivesse muitas esperanças. Fui à Vovó e o trouxe até aqui, enquanto você estava no casamento neste fim de semana.

Leah olhou ela descansar a mão na marca de sua mãe, e disse a única coisa que podia pensar em dizer, apesar de não chegar nem perto de expressar o que sentia.

— Obrigada — ela sussurrou enquanto mais duas lágrimas rolaram pelas bochechas.

— De nada — disse ele, sua voz suave, e então ela o sentiu pressionar os lábios em sua cabeça, antes de se levantar. — Eu a trarei aqui sempre que quiser.

Leah ficou lá por mais alguns minutos, deixando os dedos serpentearem sobre cada marca, cada solavanco, cada linha. Danny estava atrás dela, dando a ela o silêncio e o tempo que ela precisava.

Finalmente, ela levantou, virando-se para olhar para ele pela primeira vez, e seus olhos encontraram os dela, enquanto ele corria as

costas dos dedos sobre sua bochecha, limpando os restos de suas lágrimas.

— Você está pronta para voltar lá para cima?

Ela assentiu com a cabeça, e ele estendeu a mão para ela pegar. — Ficará muito escuro lá fora novamente, porque seus olhos estão acostumados com a luz. Basta segurar a minha mão. Vamos andar rápido, ok?

Ela assentiu com a cabeça novamente, e ele apertou-lhe a mão antes de levantar a mão e puxar a corda, submergindo-os na escuridão. Caminharam alguns passos para o corredor, e Leah estava atrás dele, segurando sua mão entre as suas, enquanto ele trancava o depósito e retornavam para o elevador.

Eles seguiram de volta para o andar de Danny em silêncio, mas o ar entre eles parecia chiar e crepitar com energia elétrica. Ela esgueirara olhares fugazes para ele, perguntando se ele podia sentir a corrente no ar que fazia todos os pelos em seu corpo ficar em pé. No momento em que as portas se abriram, seu coração estava acelerado, e ela ainda lutava para seguir respirando.

Eles caminharam até a porta em silêncio, e ela estava atrás dele quando ele se atrapalhou desajeitadamente com suas chaves. Ela o ouviu inspirar lentamente, e ela estendeu a mão, levando as mãos para os lados de sua cintura e apertando os lábios para a parte de trás do ombro.

Sua cabeça caiu para frente quando a respiração acelerou, e sua mão apertou em torno de suas chaves por um momento antes de levantar a cabeça e abrir a porta.

Danny jogou as chaves sobre a mesa de entrada, enquanto caminhava rapidamente para o apartamento dele, e Leah deu um passo para dentro e fechou a porta atrás dela, encostando-se a ela com os olhos fixos nele. Ele estava parado a poucos metros à sua frente, de costas para ela e sua cabeça abaixada.

— Danny — disse ela suavemente, e os ombros levantaram-se com uma respiração lenta, antes dele levantar a cabeça, virando-se para encará-la.

Ficaram ali, imóveis, ambos olhando um para o outro.

E então ele se moveu.

Com três passos longos, ele estava de repente na frente dela, agarrando-lhe o rosto quando ele bateu a boca com a dela.

As mãos de Leah deslizaram sob os braços dele, segurando as costas de seus ombros, puxando-o contra ela e seu coração trovejou no peito.

Foi como o primeiro beijo novamente; no segundo em que seus lábios se tocaram, mil borboletas explodiram em seu estômago, enviando lancinantes formigamentos por sua coluna e através de sua pele.

Suas mãos deixaram seu rosto quando ele passou os braços ao redor da cintura dela, levantando-a e fazendo com que seus lábios não quebrassem o contato, e Leah enrolou as pernas em torno de seus quadris quando ele enterrou seu rosto contra o lado de seu pescoço.

— Leah — disse ele grosseiramente, pressionando-a contra a porta antes de beijar a pele logo abaixo da orelha, e ela inclinou a cabeça para o lado, dando-lhe um melhor acesso.

Sua respiração ofegante cresceu rapidamente enquanto ele esbanjava atenção a sua garganta, beijando-a na curva de seu pescoço e ao longo do seu queixo até que suas bocas se encontraram novamente. Ela deslizou as mãos em seus cabelos e enrolou-os em punhos. Ele recompensou com um gemido rouco contra sua boca, e então suas mãos seguravam as costas de suas coxas enquanto ele girou bruscamente e foi tropeçando através de seu apartamento.

Ela continuou a beijá-lo, arfando e suspirando em sua boca enquanto seus dedos cavavam na carne de suas coxas. Seu ombro bateu em alguma coisa que caiu no chão, mas ele manteve seu ritmo, cambaleando cegamente através da sala até que finalmente chegou em seu quarto.

Leah assumiu que ele a levava para a cama até que suas costas bateram na parede com um baque, e de repente ela podia sentir o quanto ele era incrível, uma pressão firme entre as pernas.

Ela arrancou sua boca da dele e suspirou, e ele gemeu profundamente em sua garganta.

— Temos que parar — disse ele, beijando o lado de seu pescoço e ao longo de sua clavícula, intercalando seus beijos com pequenas mordidas que incendiou sua pele e desencadeou um constante pulsar na sua barriga. Seus quadris se moveram por vontade própria, rolando contra os dele, buscando o atrito.

— Leah, temos que parar — ele arquejou, mas ele pressionou seus quadris no dela, arrancando um gemido baixo de seus lábios.

— Oh Deus — ela respirou, apertando as pernas ao redor de seus quadris antes de trazê-lo de volta para sua boca.

Ele beijou-a com força, agarrando sua cintura antes de levantá-la ligeiramente, e Leah desembrulhou as pernas de seu corpo antes de deslizar para baixo na parede. Danny manteve as mãos firmemente em seus lados, enquanto ela deslizava para baixo da frente de seu corpo, fazendo a sua camisa levantar um pouco. Ele pareceu hesitar por um segundo antes de sentir os dedos ondularem sob a bainha, e em um movimento rápido, ele a puxou para cima e sobre a cabeça.

— Maldição — ele disse com voz rouca quando levou as mãos de volta para seu corpo, cobrindo seus seios, se inclinando e beijando ao longo da borda rendada do sutiã, e Leah deslizou as mãos sob a camisa, levemente arranhando as unhas para baixo em seu estômago. Ele sussurrou de prazer antes de reivindicar sua boca novamente, seus beijos mudando de apaixonado para desesperado.

Leah chegou à frente, enganchando os dedos na frente de seu jeans e dando-lhe um puxão firme, trazendo seus quadris nivelados com os dela novamente. Ela podia sentir o quanto ele a queria, e o conhecimento só fez sua dor no corpo aumentar.

— Não podemos — ele murmurou contra sua boca, colocando a mão sobre a barriga nua e empurrando-a ligeiramente para trás, e Leah agarrou seu pulso e deslizou sua mão para baixo da superfície plana de seu abdômen até as pontas dos dedos mergulharem sob a cintura da calça jeans.

— Merda — ele respirou, e ela sentiu os músculos de seu antebraço flexionar em protesto por um momento antes de ele mergulhar a mão para baixo, deslizando por baixo da calcinha. Ele tocou-lhe suavemente, e só o golpe cauteloso enviou parafusos de eletricidade decolando através de seu corpo. Ela chupou uma respiração afiada quando jogou a cabeça para trás, batendo-a contra a parede. Sob qualquer outra circunstância, ela sabia que teria machucado, mas a única coisa que ela podia sentir era a pressão do seu toque onde ela precisava, lentamente trabalhando-a em um frenesi.

Ela gemia baixinho, contorcendo-se contra a mão dele, e ele baixou a cabeça em seu ombro. — Jesus Cristo — ele murmurou. — Leah, por favor.

Ele começou a tirar a mão de sua calça, e ela agarrou os lados de seu rosto, puxando sua boca de volta para a dela e beijando-o com cada grama de desejo que ele despertou, reviveu e acendeu dentro dela. Nunca antes foi tão consciente da fina linha entre o prazer e a dor. Cada toque, cada beijo, parecia tão incrivelmente bom, e ainda seu desejo por ele estava agonizando.

— Danny — ela respirou contra sua boca. — Não temos de parar. Eu quero você.

Ela sentiu o corpo tenso, e então ele se afastou dela abruptamente, dando dois passos rápidos para trás antes dele se sentar na beirada da cama e passar as mãos pelo rosto. — Não posso, Leah.

— Por favor — disse ela, seu peito arfando com a respiração ofegante. Ela percebeu que deveria ter ficado constrangida pelo seu comportamento, pelo fato de que ela estava pedindo, mas ela estava muito selvagem de desejo para se importar. Ela o queria. Ela queria tocar cada centímetro dele. Queria ouvir seus suspiros, seus gemidos e seu nome em seus lábios. Ela queria fazer ele se sentir bem.

Ele deixou cair as mãos de seu rosto, segurando a borda da cama de cada lado dele, mas ele não olhava para ela. Ela deu o passo mais ínfimo para ele, e um músculo no lado de sua mandíbula flexionou antes dele dizer: — Eu acho que você deve ir.

Ela congelou, sem saber se ela o ouviu corretamente. Vários segundos se passaram, mas ele ainda não olhava para ela. Ele sentou-se ali com os seus olhos fixos no chão e o músculo do lado de sua mandíbula flexionando mais e mais.

— Você quer que eu saia? — Ela perguntou, sua respiração ainda instável, e ele fechou os olhos.

— Sim. Sinto muito.

Leah continuou a olhar para ele, e quando a intensidade do momento dissipou e seu desejo lentamente diminuiu, ela percebeu quão exposta ela estava fisicamente e emocionalmente. Ela cruzou os braços sobre os seios descobertos, voltando-se para procurar no chão a sua camisa, e assim que ela encontrou, ela inclinou-se e pegou, segurando-a sobre seu peito enquanto caminhava rapidamente pra sala.

Uma vez fora, ela vestiu a camisa passando pela sala de jantar, pegando sua bolsa do chão e seu telefone celular em cima da mesa. Assim

que saiu pela porta da frente, ela ouviu um estrondo forte que parecia que Danny atingira algo.

Leah contornou o elevador e foi direto para a escada, recusando-se a oportunidade e a possibilidade dele sair enquanto ainda esperava que o elevador chegasse.

Seu corpo respondia ao que ele pediu, levando-a a descer os degraus, trazendo-a para o seu carro, ligando-o e colocando-o em movimento; ela fazia os movimentos físicos de sair, mas sua mente parecia estar parada no tempo. Foi uma mudança tão abrupta e chocante, ir de mergulhar no desejo potente para se afogar na rejeição, e seus pensamentos ainda lutavam para se recuperar. E sabia que, quando isso acontecesse, quando ela finalmente começasse a processar o que acabara de acontecer entre eles, ela gostaria de estar tão longe deste lugar o quanto possível.

Leah ligou o rádio, tentando colocar um pouco de barulho em sua cabeça. Ela só queria um pouco mais de tempo antes que fosse forçada a pensar. A música desnecessariamente alta erradicava qualquer possibilidade e ela se concentrou apenas na curva da estrada, as linhas brancas e amarelas correndo em direção a ela no para-brisa, as luzes traseiras de outros carros, e ela afundou na dormência reconfortante de tudo.

Quando ela parou em seu lugar na garagem e desligou o motor, de alguma forma, o silêncio súbito parecia ainda mais alto do que a música que o substituiu, e ficou lá olhando para fora do para-brisa, tentando por mais alguns minutos manter os seus pensamentos distantes.

O duplo sinal sonoro de seu telefone a trouxe de fora do seu torpor, e ela enfiou a mão na bolsa apaticamente, puxando-o para fora e olhando para a tela.

Uma nova mensagem de Danny.

Eu sinto muito Leah. Não era sobre você, era sobre mim.

Uma risada ofegante caiu de seus lábios quando ela jogou o telefone de volta na bolsa. Ele teve quase uma hora, e o melhor que ele poderia fazer era o *não é você, sou eu*?

Ela balançou a cabeça enquanto saía do carro, e uma corrente de ar frio atingiu-a no rosto, puxando-a de seu nevoeiro e forçando-a a sentir. E então tudo bateu nela ao mesmo tempo.

Confusão. Rejeição. Constrangimento. Renúncia.

Quando ela entrou em seu apartamento e foi direto para seu quarto, ela tinha certeza de duas coisas: ela tinha sentimentos por Danny e seus problemas eram muito mais profundos do que pensava inicialmente.

Em outro momento, em outra vida, ela poderia ter sido capaz de ser dura com ele, para enfrentar a tempestade e deixá-lo sair, enquanto ela sentava à margem, ter alguns golpes e alguns acertos de vez em quando. Mas Leah sabia que ela não podia fazer isso agora. Ela prometeu a si mesma que nunca deixaria um cara transar com ela de novo, e enquanto ela sabia que Danny e Scott não estavam nem perto de ser cortados do mesmo tecido, o resultado final era, óbvio, ele não estava pronto para o que ela queria.

Para frente e para trás, a empurrar e puxar, ela pensou que tivessem vencidos os mistos sinais após a conversa na semana passada, mas aparentemente isso não era o caso. E ela se valorizava muito para ser tratada dessa maneira, mesmo sabendo que não vinha de um lugar malicioso. Ela não permitiria se contentar com algo menos do que o que ela queria, ou esperar por algo que ela nunca poderia ter.

A vida era muito curta, e ela já perdeu muito tempo.

Holly tinha razão; ela foi muito rápida com Danny. Havia coisas que ele precisava descobrir, pedaços de sua vida que ele precisava consertar. E ela precisava ir embora e deixá-lo fazer isso. Seria melhor para os dois neste momento. E talvez quando ele descobrisse tudo, quando ele pudesse dar cem por cento de si mesmo, eles poderiam tentar novamente.

Leah tirou os sapatos e puxou o cobertor sobre ela mesma, sem se preocupar em trocar de roupa.

Ela sabia qual era a sensação de se preocupar, qual era a sensação de querer tanto que apagou todo o pensamento racional de sua mente.

E quando ela fechou os olhos, começou a temer qual seria a sensação de sentir falta dele.

Capítulo 12

Ele não podia acreditar que estava fazendo isso.

Danny fechou os olhos e balançou a cabeça quando ele pegou a caneta, rabiscando o endereço de Leah antes de fechar a tampa de seu laptop.

Já era ruim o suficiente procurar o endereço on-line de uma menina, mas fazê-lo para que ele pudesse aparecer em sua casa sem ser convidado? Não sabia de nada mais assustador do que isso.

Ele passou as mãos pelo rosto quando exalou, porque nas últimas 24 horas, ele conseguiu ser uma provocação e um idiota, então rastejar não era tão longe de uma sequência.

Ele mandou uma mensagem para ela na noite passada, depois de se desculpar duas vezes, uma vez pedindo para deixá-lo saber que ela estava bem em casa, e a outra, algumas horas depois, perguntando se ele poderia ligar para ela de manhã para que pudessem conversar. Ela não respondeu a um ou outro, e ele conseguiu o pior sono de sua vida por causa disso.

Ele só queria explicar o que aconteceu na noite anterior. Mesmo que ela decidisse que não queria falar com ele novamente, ela ainda merecia uma explicação.

Ele já tinha planos para ir trabalhar tarde naquela manhã, mas agora ele estava debatendo tudo. Não era apenas o fato de que ele estava exausto, ele poderia trabalhar com isso. Foi porque ele estava completamente infeliz, e ele não queria lidar com Jake ou Tommy ou

qualquer outra pessoa que tentaria descobrir o que estava acontecendo com ele.

Em vez disso, ele passou a manhã deitado em seu sofá, e pensando em todas as maneiras nas quais ele poderia ter lidado com as coisas de forma diferente na noite passada. Ele ouvira o retrospecto dizendo que tinha vinte, embora não fosse preciso.

Retrospectiva era um babaca e estúpido filho da puta.

Por volta das dez horas, o telefone tocou com uma mensagem de texto, e, apesar das horas que ele passou alertando-se para não ter esperanças, não podia deixar de se sentir derrotado ao ler suas palavras. Ela disse que não estava brava com ele, mas ela precisava de algum espaço, que seria melhor para ambos se eles dessem uma pausa por um tempo.

Por mais que o matasse fazer isso, no começo ele obedeceu. Ele não respondeu a mensagem dela, imaginando que depois de desrespeitá-la na noite anterior, o mínimo que ele podia fazer era respeitar seus desejos agora. Afinal, ela não disse nunca; ela apenas disse que queria alguma distância por um tempo.

Mas o problema era que ele não sabia se tinha um tempo para dar a ela.

O que, ironicamente, completou o círculo, porque foi exatamente por isso que ele não deveria ter começado nada com ela, em primeiro lugar. Era como se o universo estivesse enviando um lembrete para ele: *Hey, idiota, você devia tê-la deixado sozinha para começar, mas já que aparentemente você não tem autocontrole, eu estou fazendo a decisão para você.*

Cerca de uma hora depois, ele finalmente decidiu se levantar e ir para o trabalho; ele precisava de uma distração, e trabalhar na garagem era algo que sempre conseguiu limpar sua cabeça.

Mas quando Danny chegou à porta, ele notou a jaqueta dela ainda pairando onde ele colocou-a na noite anterior, e ele parou com a mão na maçaneta.

Será que ela percebeu que ela a deixara lá? Ela não mencionou isso em sua mensagem. Mas, novamente, sua mensagem não era exatamente de conversação. Deveria mandar uma mensagem para ela e dizer que ele a tinha? Ou será que ela acharia que ele estava apenas fazendo uma tentativa patética de tentar falar com ela? Embora, como

poderia ser uma tentativa patética se a jaqueta realmente estava em sua casa?

Danny fechou os olhos e apertou a ponte do nariz.

Ele não podia fazer isso – este pensar e repensar cada merda até que sua cabeça girava. E ele definitivamente não conseguiria olhar para aquele casaco cada vez que entrasse e saísse de seu apartamento nas próximas semanas.

E, assim, a sua decisão foi tomada. Houve uma solução fácil para ambos os problemas.

Ele iria até ela. Ele devolveria o casaco e contaria tudo a ela. Não apenas por que ele fez o que fez na noite passada.

Tudo.

Ele colocaria todas as suas cartas na mesa e lidaria com as consequências, e se o seu desejo para uma pausa temporária virasse permanente, bem, então, não era isso que ele esperava desde o começo? Não havia mais nenhum ponto em prolongar o inevitável.

Então ele olhou para seu endereço. E então ele se sentou em seu sofá, olhando para o chão com o pedaço de papel na mão e um pedaço de mau agouro em seu estômago.

Ele nunca disse a ninguém o que ele estava prestes a dizer. As pessoas que eram importantes para ele já sabiam, e aqueles que não sabiam sobre isso ou ouviram falar sobre isso foram de segunda ou terceira ou quarta pessoa. Mas ele nunca disse as palavras, e ele sabia que de alguma forma, dizer para ela faria isso mil vezes mais difícil.

Ele se levantou do sofá e caminhou em direção à porta, agarrando o casaco e as chaves e descendo. Depois de programar o endereço em seu GPS, ele ligou o rádio e começou a dirigir.

Danny passou a primeira metade do caminho praticando o que ele diria, brincando com as palavras para tentar amenizar os seus efeitos, mas era um exercício sem sentido; do jeito que ele disse isso, foi horrível. Na verdade, quanto mais ele ouviu isso em voz alta, mais terrível se tornou, até que finalmente ele aumentou o rádio e seguiu o resto do caminho ouvindo alguma música pop insípida, em contagem regressiva.

Enquanto subia o pequeno caminho para a porta dela, sua ansiedade adquiriu um senso de urgência; ele só queria acabar logo com isso e lidar com o resultado final, seja ele qual for.

Danny deu um pequeno suspiro antes de bater em sua porta. Foi um minuto até ouvir o som de alguém se aproximando do outro lado, e em seguida, fez-se silêncio. Ele sabia que ela devia estar olhando pelo olho mágico para ver quem estava lá fora, mas ele não conseguia levantar os olhos.

O silêncio foi passando, e por um segundo ele pensou que ela não abriria a porta. Mas então ele ouviu o deslizar da trava antes dela abrir a porta um pouco, e ele ergueu os olhos para ela.

Sua expressão era suave quando olhou para ele.

Cautelosa.

— O que você está fazendo aqui? — Ela perguntou em voz baixa.

Danny molhou os lábios antes de levantar seu casaco, e ela olhou para o casaco antes de voltar os olhos para ele.

— Obrigada — disse ela, tirando isso dele, e ele entregou antes de enfiar as mãos nos bolsos.

— Eu estou pronto para contar tudo, Leah.

A centelha mais ínfima de surpresa atravessou o rosto dela antes dela recompor sua expressão novamente, dobrando o casaco sobre o braço.

— Eu sei que não mereço isso — disse ele, — mas apenas me ouça. Depois disso, se você não quiser mais nada comigo, eu prometo que eu nunca vou incomodá-la novamente.

Ela ficou ali, em silêncio, com os olhos procurando seu rosto, e então ela mordeu os lábios antes de dar um passo para o lado, concedendo-lhe o acesso ao seu apartamento.

Ele passou por ela e em sua sala de estar, os nervos temporariamente vencendo sobre sua decisão, e ele estendeu a mão e esfregou as costas de seu pescoço quando a ouviu fechar a porta atrás de si.

— Como você sabia onde eu morava?

Danny enfiou as mãos nos bolsos novamente. — Eu procurei por você — ele disse se virando para ela. — Sinto muito. Você não estava respondendo minhas mensagens, e para ser honesto, eu pensei que se eu pedisse você me diria para não vir, e eu precisava vir. Eu não posso mais fazer isso. As verdades parciais, as besteiras e os segredos.

Ela suspirou baixinho, colocando seu casaco sobre uma cadeira próxima antes de fazer um gesto para que ele se sentasse. Danny sentou na beirada do sofá, inclinando-se para descansar os cotovelos sobre os joelhos quando ele baixou a cabeça.

Poucos segundos depois, ouviu-a entrar na sala, e ele olhou para cima quando ela se enrolou na espreguiçadeira ao lado dele, com os olhos na bainha de sua camisa enquanto a retorcia entre os dedos.

Ele respirou fundo, deslocando-se para encará-la, e seus dedos se acalmaram quando ela olhou para ele.

— Ontem à noite — Danny começou, e seus olhos caíram instantaneamente. — Eu realmente sinto muito sobre a maneira como lidei com isso.

Seus olhos ainda estavam presos em sua camisola, mas Danny podia ver suas bochechas inundando com a cor.

— Não é que eu não queria você. Eu quis. Eu queria você, porra. Eu continuo a querer.

Os olhos de Leah se abriram, sua expressão surpresa, e ele sentiu seus ombros amolecerem.

— Você realmente acha que foi porque eu não queria você?

Ela encolheu os ombros. — O que mais eu deveria pensar?

Ele exalou pesadamente antes de arrastar as duas mãos pelo seu rosto. — Deus, eu sou um idiota — ele murmurou. — Você tem que entender uma coisa, Leah. Você tinha acabado de me dizer que não saía com ninguém, não estivera com qualquer um em dois anos, e depois, você me queria. Não importava o quanto eu queria você. Eu não poderia fazê-lo. Não antes de saber a verdade. Você estava tomando uma decisão sem ter todas as informações. Eu não quero que você se arrependa de estar comigo, e há uma boa chance de que, depois de ouvir o que eu estou prestes a dizer, você se arrependa. E me recuso a ser outro motivo para você duvidar de si mesma.

Danny encostou-se no sofá, passando as duas mãos pelo seu cabelo, dizendo: — Me desculpe, por pedir que você saísse do jeito que eu fiz, mas Jesus Cristo, Leah, eu só não tenho tanto autocontrole. Eu estava tentando tanto fazer a coisa certa, mas o jeito que você olhava para mim... e do jeito que você me beijava... e depois de ouvir você dizer, por favor. — Ele fechou os olhos e exalou, a memória fazendo com que seu

estômago virasse de uma forma que não tinha nada a ver com os nervos. — Eu não sei quanto tempo mais eu poderia aguentar com você na minha frente. Eu estava pendurado por uma porra de um fio — disse ele, esfregando a mão sobre os olhos.

A ouvi-la deslocar-se um pouco, ele virou a cabeça para olhar para ela.

— Diga-me — disse ela suavemente.

Danny assentiu se sentando lentamente, voltando-se para ela. — Você me perguntou uma vez por que eu continuei me afastando de você. Por que eu disse que era um problema eu ter sentimentos por você. — Ele respirou fundo. — É porque há uma boa chance de que sairei em breve.

— Para onde você vai?

Foda-se. Basta dizer isso.

Ele engoliu todo o nó na garganta quando seus olhos se encontraram. — Cadeia.

Ela sentou-se completamente imóvel por alguns segundos antes de fechar os olhos e apertou os dedos em suas têmporas. Ela parecia mais confusa do que chateada, embora Danny soubesse que estava prestes a mudar.

— O que você fez? — Ela disse fracamente.

Danny atou os dedos juntos, dizendo, — Eu não planejei isso, Leah, e não tive a intenção de fazê-lo.

Ela baixou as mãos abrindo os olhos. — O que você fez? — Repetiu mais firmemente.

Ele respirou fundo antes de dizer: — Bryan não está morto.

Seus olhos voaram para os dele; havia fúria por trás deles, e ele levantou a mão rapidamente. — Eu não menti, Leah. Ele está vivo porque as máquinas fazem tudo por ele. Bombeia seu coração, fazem-no respirar, dão comida. Seu corpo está vivo, mas ele se foi. Ele se foi há um ano. Não há atividade cerebral. Não sobrou nada. É que Vovó não pode deixá-lo ir, porque ela ainda está esperando. Mas ele se foi.

Leah olhou para ele, seus olhos suavizando um pouco antes de balançar a cabeça. — O que isso tem a ver com você ir para a prisão?

Danny se inclinou para frente, esfregando as palmas das mãos em seus olhos. É fisicamente doloroso dizer estas palavras. Ele sabia que seria difícil, mas ele não esperava a dor física. Parecia que seu peito estava desabando.

— Na noite em que aconteceu, eu estava com ele. Nós estávamos saindo de um bar em Manhattan, e Bryan fez rodada após rodada de Alabama Slammers. — Ele sorriu tristemente, antes de dizer: — Essa era a sua dose. Ele sempre começava a noite com uma dose, mas naquela noite ele apenas continuou. E eu fui junto com ele.

— Em algum momento durante a noite, três rapazes chegaram até nós. Não tínhamos ideia de quem eles eram, mas, aparentemente, eles conheciam essa garota com quem Bryan mexeu. Então o cara começou a falar com Bryan o que faria com Bryan por foder sua namorada. O barman foi rápido, no entanto. A coisa toda foi parada antes que pudessem chegar às vias de fato, e os caras foram convidados a sair porque foram eles que começaram a coisa toda.

Danny passou a mão sobre a testa antes de dizer: — Então eles saíram, e nós permanecemos. Nós nem sequer pensamos duas vezes sobre eles. Idiotas típicos bebendo em um bar. Nós tínhamos visto um milhão de vezes. Inferno, que fomos eles algumas vezes. Nada fora do comum, sabe?

Ela assentiu com a cabeça suavemente, e ele disse: — No momento em que o bar estava fechando, nós dois estávamos muito fodidos, e eu fui para o banheiro. — Ele parou de repente, com a flexão da mandíbula acelerada enquanto cavalgava a dor aguda no seu peito.

Danny pigarreou. — Eu fui para o banheiro, e quando eu saí, era apenas o caos. E eu sabia. Eu só sabia porra. Algumas pessoas se moviam em direção a ele, e alguns tentavam se afastar, mas depois de alguns passos, eu poderia vê-los por cima das cabeças das pessoas, os mesmos caras de antes. Eu não sei como eles voltaram. Eles deviam conhecer o segurança ou algo assim, porque não fazia qualquer sentido porque ninguém estava tentando impedi-los desta vez. — Danny sacudiu a cabeça. — E se eu não tivesse ido ao banheiro, ou se não tivesse bebido pra caralho... — Sua mandíbula se apertou novamente quando sentiu raiva e arrependimento começando a chegar em suas veias, e foi um momento antes que ele pudesse falar novamente.

Ele olhou para Leah; ela olhava para ele com partes iguais de simpatia e medo, como se ela soubesse onde essa história ia parar. E

mesmo ele sabendo que ela não tinha como saber, ele agarrou-se ao pequeno fio de compaixão que ela jogou e continuou o resto da história.

— Ele não tinha chance — disse ele com voz rouca. — Bryan estava bêbado, e havia três deles. E eu tinha que passar por aquela multidão maldita. — Ele fechou os olhos e suspirou. — Eu podia ver tudo, mas eu não podia chegar lá rápido o suficiente. Bryan foi atingido e caiu, e um dos caras chutou com força no lado da cabeça. À direita, na têmpora.

Ele viu Leah pressionar a mão em punho em sua boca enquanto balançava a cabeça ligeiramente.

— E eu o perdi — disse ele. — Eu fui até o cara e o carreguei, e fomos brigando até uma mesa e pela janela da frente do bar. — Ele olhou para baixo e flexionou sua mão, observando suas cicatrizes se expandirem e contraírem com o movimento. — Eu não me lembro muito depois disso. Lembro-me de cair no chão do lado de fora. E o vidro quebrado. E todo o sangue em minhas mãos. Eu não tinha ideia de onde ele vinha.

Ele olhou para ela; seu punho ainda pressionado contra seus lábios, mas seus olhos estavam cheios de lágrimas. — E a próxima coisa que eu sabia, era que eu estava sendo jogado sobre o capô de um carro da polícia e algemado. Eles estavam lendo meus direitos, me dizendo para ficar em silêncio, e eu continuei gritando com eles para ir ajudar Bryan.

Danny apertou as palmas das mãos em seus olhos novamente quando eles começaram a arder, e ele respirou lentamente antes de continuar. — Eles me levaram para uma delegacia e me colocaram em uma cela, e ninguém quis me dizer o que aconteceu. Ninguém me disse. — Ele balançou a cabeça lentamente. — Algumas horas depois, eles vieram e disseram que pagaram a fiança. Saí para o vestíbulo, e Vovó estava lá.

Ele encostou a cabeça contra o sofá e fechou os olhos. — E ela me apertou em seus braços e começou a lamentar. E então eu soube.

Danny ouviu seu movimento ao lado dele, e antes que pudesse abrir os olhos, ela estava rastejando para o seu colo, envolvendo os braços em volta dele quando ela escondeu o rosto em seu pescoço.

Ele serpenteou seus braços ao redor da cintura dela e puxou-a contra seu corpo. Mesmo sabendo que o pior ainda estava por vir, ela se sentia tão bem em seus braços que não podia parar. Ele precisava disso agora. Ele precisava dela.

Ele ouviu um pequeno soluço abafado, e Danny fechou os olhos pressionando seus lábios contra seu ombro. Ele desejou que a história acabasse ali. Ele desejou que ele merecesse a simpatia que ela mostrava a ele agora. Danny apertou os braços e segurou-a mais perto, querendo absorver cada último segundo do que ele certamente estava a ponto de perder.

— Eu não entendo — ela murmurou na curva do pescoço dele. — Então, agora esse cara está acusando contra você? Como ele pode fazer isso? Por que não é ele em apuros pelo que fez com Bryan?

Leah, por favor, não me odeie.

— Não é ele que está fazendo a acusação — ele sussurrou contra seu ombro.

Sentou-se e olhou para ele, sua testa franzida e seu rosto coberto de lágrimas. Ela parecia tão perturbada, tão triste e tão bonita que ele preferia arrancar o braço dele a dizer as palavras seguintes.

Ele estendeu a mão e acariciou as manchas de lágrimas no rosto dela. — Quando fomos pela janela, uma artéria no pescoço foi cortada. Levaram-no para o hospital naquela noite, mas eles não podiam parar o sangramento a tempo.

Sua testa suavizou, mas ela balançou a cabeça. — O que... o que você quer dizer?

Danny olhou para ela, enxugando a outra face com a ponta do polegar.

— Será que ele...? — Ela parou de falar, e Danny concordou.

Algo parecido com o pânico tomou conta sua expressão quando ela disse: — Então você é...?

— Estou sendo acusado de homicídio.

Leah olhou para ele, e ele viu a rápida ascensão e queda de seu peito enquanto sua respiração ficava irregular, o mesmo olhar de pânico em seu rosto.

Ele olhou para seu cabelo escuro caindo sobre os ombros, aqueles belos e expressivos olhos, o nariz delicado, os lábios que poderia roubar o fôlego e fazê-lo sentir-se vivo ao mesmo tempo. Ele queria memorizar tudo sobre ela enquanto ainda podia.

E então, sem aviso, ela se jogou para frente, envolvendo os braços em volta dele com tanta força, que podia sentir seus músculos tremendo com o esforço.

Seu coração parou no peito antes que dobrasse o ritmo.

Toda vez que ele imaginou este momento, sempre acabava com algumas variações de sua saída, alguma versão de horror, medo, nojo.

Mas nunca imaginou isso.

— Leah. — Ele suspirou a embalando em seus braços, e outro soluço rompeu de seus lábios, sufocado pela frente de sua camisa.

— Mas você não tinha a intenção de fazê-lo — disse ela em meio às lágrimas. — Foi um acidente. Basta dizer que foi um acidente.

Danny fechou os olhos enquanto esfregava a mão para cima e para baixo de suas costas. Ela estava defendendo ele. E de certa forma, era quase mais doloroso do que teria sido se ela o mandasse para o inferno.

— Não é assim que funciona, doce menina — ele sussurrou.

Ela assentiu com a cabeça contra o peito antes de fungar. — Então, não há nenhuma maneira? Não há como isso ficar bem?

Danny deslizou a mão sob os cabelos, massageando o pescoço suavemente. — O melhor que podemos esperar é que o juiz leve em consideração o que aconteceu com Bryan, que eu não tenho antecedentes... e talvez ele entenda da situação.

— O juiz? E sobre o júri?

— Não vai a julgamento — disse ele. — Eu estou pegando um apelo. É melhor assim.

— Como? — Ela perguntou, limpando o nariz com a manga e sentando para olhar para ele.

— Isso deve diminuir a pena — disse ele em voz baixa.

Ele ficou em silêncio por alguns segundos antes dela sussurrar: — Quanto tempo?

Ele passou os dedos pela parte de trás de seu cabelo. — Dois anos, provavelmente.

Ela fechou os olhos e seu queixo tremia violentamente, e ele usou a mão atrás de seu pescoço para puxá-la de volta para ele.

— Eu sinto muito, Leah — ele sussurrou enquanto ela escondia o rosto em sua camisa.

— Não se desculpe — ela disse, com voz embargada antes de fungar e soluçar contra seu peito, e ele a abraçou, passando as mãos por suas costas, os braços, os cabelos, em qualquer lugar que ele poderia alcançar.

Depois de alguns minutos, ela voltou a falar, sua voz macia quebrando o silêncio. — Quanto tempo você tem?

— Eu não sei. Um monte de coisas se arrastou no início por causa de tudo com Bryan e sua participação em tudo isso. É tudo papelada neste ponto. A data para o meu julgamento não foi definida, mas o meu advogado diz que será ainda este ano.

Ela assentiu com a cabeça contra ele.

— Eu vou entender Leah. Eu juro, eu vou entender.

— Entender o quê? — Ela sussurrou.

— Se isso mudar a forma como você se sente sobre mim.

Ela sentou-se, olhando para ele, e ele olhou para ela. — Eu entendo — ele prometeu.

E ele o faria. Ele não a odiaria por ir embora. Ele nem mesmo a odiaria se ela achasse que ele era um monstro, porque a verdade era que ele se sentia como um monstro neste momento, olhando-a magoada por ele.

Ela olhou para ele, até que seus olhos se encheram de lágrimas novamente.

— Isso é muito para assimilar — disse ela à medida que lágrimas inundavam seus cílios inferiores.

— Eu sei — ele sussurrou, limpando-as com os polegares.

— Eu só... Eu preciso pensar. Há tanta coisa... — Ela parou e balançou a cabeça, e ele concordou.

— Eu sei. Está tudo bem.

Ela olhou para ele, e ele sorriu para ela, esperando que ela não pudesse ver a tristeza por trás dele.

Leah levou a mão ao rosto dele, e ele se inclinou em seu toque.

— Eu só... Eu quero que você saiba que não importa o que aconteça, eu sei quem é você, Danny — disse ela. — Eu sei quem você realmente é.

Ele olhou para ela, e a dor sufocante em seu peito começou a abrandar, pela primeira vez desde que entrou em seu apartamento. Não havia nada mais perfeito que poderia ter dito naquele momento do que as palavras que ela acabara de falar.

Porque não importa o que ela decidisse, após isso, mesmo que ela escolhesse ir embora e nunca olhar para trás, de certa forma, ela acabara de absolvê-lo.

Ela olhou todo o horror e a feiura, e ela ainda o viu.

E quando ela deitou a cabeça em seu peito, ele descansou sua bochecha contra o cabelo dela e fechou os olhos, imaginando se algum dia haveria um homem neste planeta que fosse digno dela.

Capítulo 13

Leah sentou em sua mesa, girando um clipe de papel entre os dedos.

Ela só queria que esse dia acabasse.

Toda terça-feira, ela administrava o programa de Ajuda Após-Escola, ou AAE, como os alunos chamavam. De duas a quatro horas e meia, os alunos poderiam vir e receber ajuda extra em quaisquer matérias com os quais lutavam, embora na maioria das vezes fosse invadido por atletas apenas à procura de um lugar tranquilo para fazer sua lição de casa antes da prática começar.

Quando a campainha tocou após a última aula de Leah, já sentia como se fosse o dia mais longo que ela já experimentou, por isso às duas horas e meia que ela ainda teria que suportar antes que pudesse ir para casa parecia intransponível.

Ela pensou que o trabalho proporcionaria uma distração muito necessária, mas não importa o que ela fazia, ela não conseguia se concentrar em qualquer coisa, exceto o que aconteceu no dia anterior. Ela podia ver tudo tão vividamente, a cena que ele descreveu, o rosto como ele disse a ela, e ela passou a maior parte do dia à beira de lágrimas por causa disso.

As imagens de Bryan tentando defender-se contra três caras, o chute contínuo na cabeça até destruir sua consciência, e ela ainda nem estivera lá. Ela não podia imaginar como deve ser para Danny.

Ela sabia que se fosse ela, ela nunca superaria isso – observar algo perturbador acontecer com sua melhor amiga.

Mas Bryan foi o mais próximo de um irmão de Danny.

Por uma fração de segundo, ela imaginou qual seria a sensação de assistir Christopher sofrer desse jeito e o pensamento era suficiente para incapacitá-la.

E quando não eram essas imagens torturando-a, era a lembrança daquele olhar em seu rosto quando ele explicou tudo para ela; pior que a

culpa e tristeza em seus olhos foi a derrota, como se ele esperasse por sua condenação ou mandá-lo embora, ou se afastar dele.

Foi absolutamente devastador.

Ele disse a ela que entenderia se seus sentimentos por ele mudassem, mas a verdade era que só se reforçaram. Porque quando ele falou, tudo o que ela ouviu foi como ele tentou defender seu irmão, como ele tentou proteger alguém que amava, e ele falhou.

Ele era uma boa pessoa que fez uma decisão de impulso com resultados desastrosos, e Leah não podia esquecer a injustiça de tudo – que Bryan morreu por algo tão sem sentido, que Danny pagaria um preço tão alto para algo que foi claramente um acidente.

Que ela estava prestes a perder outra pessoa que importava.

Ele foi a primeira pessoa que ela deu permissão para passar por suas defesas em anos, e ele estava indo embora. Quantas vezes isso poderia acontecer a uma pessoa? Quantas vezes ela seria forçada a suportar?

Ela não sabia se poderia sobreviver novamente.

Isso a fez querer pegar seu cabelo e gritar, porque tudo o que ela queria fazer era envolver os braços ao redor dele e protegê-lo do que estava vindo em sua direção. Mas, se ela fizesse isso, quem iria protegê-la?

Ela já se preocupava tanto com ele, e assustava a ela pensar o quanto podia sentir por ele se continuasse nesse caminho. Ela poderia suportar isso? Deixar-se apaixonar por ele completamente e depois perdê-lo? Por anos?

Ela não podia imaginar cortando-o de sua vida, mas, ao mesmo tempo, seria incrivelmente estúpido e descuidado continuar assim. Não havia resposta certa, e pensar a fez sentir-se desorientada, irritada e completamente exausta.

No momento em que terminou AAE, Leah se sentia fraca, como se ela estivesse ficando doente conforme mentira o dia todo quando as pessoas perguntaram o que estava errado com ela. Ela entrou no carro, desesperada para chegar em casa e rastejar na cama, mas logo que ela entrou no carro, ela ouviu o toque de Holly tocando de algum lugar dentro de sua bolsa.

Leah deu marcha ré no carro e puxou o telefone de sua bolsa.

— O que foi? — Disse ela, segurando o telefone entre o ombro e a orelha enquanto esticava o pescoço para fora.

— *Ughhh!* Estou prestes a perdê-lo. Você já terminou com essa coisa de reforço?

— Sim, eu estou indo para casa agora. O que está errado?

— Eu preciso de sua ajuda. Você pode vir para o apartamento de Evan?

— Agora? — Perguntou Leah.

— Agora mesmo.

— Por quê? Está tudo bem?

— Sim, eu estou bem, eu estou com uma crise de tempo e eu realmente preciso de sua ajuda. Por favor? Vou explicar quando você chegar aqui.

Os ombros de Leah caíram derrotados quando ela exalou suavemente. Esse dia nunca acabaria.

— Tudo bem. Eu estarei aí em 15 minutos.

— Oh, graças a Deus — disse Holly exalando. — Ok, te vejo depois.

Leah terminou a chamada e jogou o celular em sua bolsa. Ela saiu da estrada e fez uma inversão de marcha, esperando que Holly fosse uma distração melhor do que o trabalho tinha sido.

Cerca de vinte minutos depois, Leah caminhou até a porta da frente de Evan, parando quando ouviu um barulho abafado seguido pelo coro de Holly, — maldito pedaço estúpido de merda!

Leah sorriu seu primeiro sorriso genuíno do dia antes de bater de leve.

— Holly?

— Entre! — Ela chamou, e Leah abriu a porta e congelou.

Holly estava sentada no meio da sala de estar de Evan, cercada por pedaços de madeira preta laqueada, um monte de papéis amassados, vários painéis de vidro, um mar de parafusos e porcas, e várias chaves de fenda. Ela olhou para cima, sua expressão patética quando ela soprou a franja dos olhos com um acesso de raiva.

— Hey — ela disse fracamente.

— Que diabos é isso? — Perguntou Leah, e Holly deixou cair o rosto com as mãos e choramingou.

— O presente de aniversário de Evan.

— Você pegou os restos? — Ela perguntou, largando a bolsa sobre a mesa da sala de jantar antes que andasse na ponta dos pés pela sala, tentando não pisar em nada.

— O nosso aniversário de três anos é amanhã, e ele está querendo este centro de entretenimento, mas uma vez que estamos economizando para comprar um lugar, ele não vai gastar o dinheiro, então eu queria surpreendê-lo, e comprei, mas não sabia que teria que montar e ele estará em casa em umas duas horas, e eu estou tão fodida — ela vociferou, golpeando em uma das peças de papel amassado e fazendo elas voarem pela sala.

— Tudo bem, relaxe — disse Leah com uma risada quando se sentou ao lado dela. — Somos duas mulheres com formação superior; devemos ser capazes de montar isso em duas horas. Quero dizer, há instruções, certo? Nós vamos segui-las. Quão difícil pode ser?

Holly olhou para ela, incrédula quando ela fez um gesto para o desastre no chão em frente a eles, e Leah sorriu. — Tudo bem, vá a cozinha. Faça uma pausa. Faça um lanche e deixe-me reorganizar tudo aqui.

— Tudo bem — disse Holly quando se levantou, esticando os braços sobre a cabeça antes de pular a bagunça na frente dela e ir para a cozinha.

Leah começou por desamassar todas as peças de papel amassado e descobrir quais eram as instruções e, em seguida, ela organizou todas as tábuas, parafusos, e placas de vidro na ordem em que precisaria deles. No momento em que Holly voltou com nachos e uma cerveja para elas, ela elaborou um sistema bastante simples. Ela explicou a Holly, e durante os primeiros dez minutos ou assim, as únicas palavras ditas entre elas eram ou pedir peças ou instruções de leitura.

Holly estava trabalhando em montar uma das prateleiras para a mesa enquanto Leah anexava as dobradiças para as portas de vidro, quando, de repente, sem sequer decidir totalmente fazê-lo, Leah falou.

— Danny me contou seu segredo.

— Sério? — Disse Holly, peneirando a pilha de parafusos. — Quando?

— Ontem — disse ela, desta vez com um pouco de receio quando percebeu que acabara de abrir a porta para uma conversa que ela não tinha certeza de que queria ter.

— Bem, isso não demorou muito — disse Holly, desajeitadamente torcendo a chave de fenda com as duas mãos. — Então... o que é?

Leah mordeu o interior de seu lábio enquanto terminava de fixar a dobradiça. Ela nunca esteve em conflito sobre algo quando ela estava presente de fato, como o passar do dia, as advertências foram ficando mais elevadas, enquanto a atração que sentia por ele se intensificava. E inquieta como estava, discutir isso com Holly ou com qualquer um, talvez ajudasse a começar a entender o que ela estava sentindo.

— Ok, bem, se lembra que eu disse que o amigo dele morreu há um ano?

— Sim — ela disse, apertando a mão dela antes de continuar torcendo a chave de fenda.

— Bem, acontece que ele está vivo pela ajuda de aparelhos. Danny diz que ele se foi. Sem atividade cerebral ou qualquer coisa. Mas sua família ainda está esperando por ele acordar.

Holly fez uma careta. — Ugh, isso é tão triste. Ele finalmente te disse como isso aconteceu?

— Sim — disse ela, seu estômago revirando. — Ele, hum... foi uma briga de bar.

A mão de Holly parou de torcer quando ela olhou para cima. — Uma briga de bar?

Leah assentiu.

— Assim que, ele foi morto?

— Tecnicamente, sim.

— Meu Deus. Isso é horrível.

— Eu sei — Leah respondeu suavemente, olhando para baixo quando ela começou a trabalhar na próxima dobradiça.

Holly ficou lá imóvel por um segundo antes de balançar a cabeça, voltando sua atenção para a chave de fenda. — Por mais horrível que seja, eu não entendo por que ele estava com tanto medo de te dizer isso.

Aqui vamos nós.

— Bem, esse não é o segredo. Quer dizer, isso é parte dele, mas... não era a parte pela qual ele estava nervoso para me dizer.

— Tudo bem... — Holly parou de falar, se afastando para que ela continuasse.

Leah pigarreou baixinho antes de dizer: — Danny estava lá na noite que aconteceu. Ele se envolveu. Foi atrás do cara que fez isso.

— Isso não é surpreendente — disse Holly.

— Bem, ele provavelmente vai para a prisão agora — disse ela, com as mãos trabalhando furiosamente na tarefa à sua frente. Ela podia ver Holly fora do canto do olho, testa franzida enquanto balançava a cabeça.

— Por que diabos ele iria para a cadeia? Por que eles não guardaram o animal que agrediu seu amigo?

Leah sorriu com tristeza; Holly refletia exatamente sua linha de pensamento de ontem.

Ela tomou um pequeno fôlego para se firmar. — Porque ele está morto.

Holly finalmente olhou para cima. — Espere... quem está morto? O cara que bateu no amigo dele?

Leah assentiu.

Holly olhou para ela durante o que pareceu uma eternidade antes de compreender, finalmente, tomou conta de seu rosto, seguido imediatamente de horror.

— Não foi intencional — disse Leah rapidamente, de repente se sentindo extremamente protetora sobre ele. — Ele só tentava afastá-lo de Bryan, mas eles passaram por uma janela, e o vidro acabou cortando o pescoço do rapaz. Danny não se lembra nem mesmo totalmente do que aconteceu. Foi um acidente.

Holly molhou os lábios antes de olhar para baixo.

— Ele é uma boa pessoa, Holly. Provavelmente uma das melhores pessoas que eu conheço.

Holly manteve os olhos no colo, rolando a chave de fenda entre os dedos. Após um minuto de silêncio, ela disse: — Então, o que você disse a ele?

— Eu disse que precisava pensar.

Ela balançou a cabeça lentamente. — Você sabe quanto tempo ele estaria fora?

— Ele não tem certeza. É homicídio culposo, e não homicídio, mas ainda assim... provavelmente uns dois anos.

Holly fez uma careta antes de pegar outro parafuso e começou a trabalhar na prateleira. — Merda, Leah. Quero dizer, como você pode... existe mesmo qualquer coisa para pensar?

— É claro que há algo para se pensar! — Leah agarrou. — Eu me preocupo com ele, Holly. Ele só estava protegendo seu amigo. Você até mesmo disse que era compreensível. Foi um acidente. Isso não muda quem ele é, e isso não muda o que sinto por ele!

Holly manteve a cabeça baixa, quando disse: — Eu não estou questionando seu caráter, Leah. Eu percebi que ele é um cara bom. Isso não é o problema que está aqui.

Leah suspirou, correndo as costas de sua mão sobre os olhos. — Eu sei. Eu não quero brigar com você. Estou tão confusa. Eu não sei se eu posso me afastar dele. Ele não merece isso.

— Tudo bem, mas você tem que parar de colocar as necessidades dos outros antes das suas.

— Mas ele é o que eu preciso — disse ela, congelando assim que as palavras saíram de sua boca. Ela não percebera quão verdade era até que disse isso em voz alta.

— Leah — Holly disse suavemente.

— Eu não sei o que fazer. Eu não tenho certeza se posso fazer isso de novo.

— Fazer o que de novo?

— Perder alguém — disse ela, e os ombros de Holly caíram e sua expressão se suavizou. — Quero dizer, eu perdi a minha mãe. Perdi

Scott... ou, pelo menos, eu perdi a pessoa que eu pensei que era Scott. — Ela balançou a cabeça. — Mas ambas as situações foram fora do meu controle, sabe? Eu não vi elas chegando, então eu não tinha escolha, mas sim lidar com as consequências. E eu fico pensando que aqui, eu tenho uma escolha. Eu sei o que o futuro nos reserva, e eu posso ir embora desta vez. Eu posso salvar-me da dor de cabeça.

Holly suspirou baixinho antes de baixar os olhos e pegar a chave de fenda, e Leah voltou a fixar a dobradiça. Por alguns minutos, elas trabalharam no centro de entretenimento em silêncio, o ar pesado com palavras não ditas.

— Essa coisa com você e Danny — Holly finalmente disse: — Acho que seus caminhos se cruzaram por uma razão. Talvez ele fosse concebido para ser fugaz. Talvez vocês apenas devessem ajudar um ao outro a vencer a partir de certas coisas em seu passado. Ou talvez vocês devessem ficar juntos para sempre.

Ela olhou para Leah quando disse: — Eu gostaria de poder ajudá-la, mas não sei qual é a escolha certa, Leah. A única pessoa que pode descobrir isso é você. E você é capaz de fazê-lo. Eu sei que você não acha que você é, mas você precisa parar de duvidar de si mesma. O que aconteceu com Scott não foi culpa sua. Ele era um oportunista. Isso não faz você incompetente, faz dele um idiota.

O canto da boca de Leah levantou em um sorriso, quando Holly disse: — Então você levará algum tempo para pensar sobre isso, e você descobrirá o que a fará mais feliz, e depois o faça.

Leah manteve os olhos no chão, quando ela balançou a cabeça.

— E você sabe que o que você escolher, eu vou apoiá-la. Não importa o que aconteça.

Leah sorriu quando ergueu os olhos. — Eu sei. E muito obrigada.

— É claro — disse Holly. — Você é minha garota, e eu te amo.

— Eu sei disso também.

Holly sorriu antes de olhar para baixo e apertar o último parafuso, e então levantou a placa com a prateleira que ela tinha anexado. Ela riu triunfantemente quando um dos lados da prateleira desconectou e a tábua de madeira deslizou até que ficou pendurada desajeitadamente por um parafuso.

Leah apertou os lábios, lutando contra o riso que sentiu borbulhando na garganta, e Holly fechou os olhos antes de respirar fundo, colocando a tábua de volta no chão.

— As coisas que fazemos por amor — ela suspirou pegando a chave de fenda, e Leah balançou a cabeça, perguntando se era realmente ao centro de entretenimento que ela estava se referindo.

****

Leah virou a esquina e colocou a cabeça no escritório principal, dizendo boa noite aos secretários antes de sair para o estacionamento. Assim que ela estava abrigada no refúgio de seu carro, ela deixou cair a cabeça para trás no assento e exalou pesadamente.

Fazia mais de uma semana desde que Danny veio para o apartamento dela e contou tudo a ela, e com a exceção de duas mensagens de *boa noite*, ela não falara com ele. Ela sentia falta dele mais do que estava preparada para lidar, mas sabia que seria injusto continuar ligando para ele se ela ainda não descobriu o que queria.

Mas pensava nele o tempo todo.

O trabalho era a única coisa que lhe proporcionou um alívio; ela ficou muito melhor em colocar uma cara feliz durante o dia, mas assim que ela saía da escola, sua mente e seu corpo começavam a funcionar como entidades separadas. Seu corpo estaria ocupado com a direção, cozinhar, limpeza, ou se preparando para dormir, operando totalmente no piloto automático enquanto sua mente se rendia aos pensamentos de Danny que evitara durante todo o dia.

Ela imaginaria como seria a sensação de estar com ele, divertindo-se com a maneira como ele a fazia sentir, a maneira como ele a fazia rir, do jeito que ele a tocava, a maneira como eles combinavam em todos os níveis, e ela se acharia oscilando em direção a essa decisão. E então ela se imaginava em um tribunal, observando Danny ser levado através de um conjunto de portas que não era permitido ninguém, e sua garganta se fechava instantaneamente quando ela fugia.

Leah abriu os olhos e olhou para o seu reflexo no espelho retrovisor. Ela não queria ir para casa, porque ela sabia o que estava lá

esperando por ela, mais uma noite de sono agitado depois de uma batalha sem fim de lógica e emoção.

Ela sentou e ligou o carro, seguindo para a rua e indo na direção oposta de seu apartamento.

Ela não tinha ideia do que diria a ele, ou se diria algo, mas naquele momento, ela só queria estar com o seu pai.

Leah parou em um supermercado primeiro, pegando algumas coisas para que ela pudesse fazer o jantar. Assim que ela chegou, ela viu as cortinas da sala de estar recuarem antes de se fecharam de novo, e segundos depois, ele estava do lado fora, seus pés descalços, ajudando-a a levar as sacolas.

— Papai! Há neve no chão! — Ela repreendeu. — Volte para dentro, eu_dou conta.

Ele a ignorou, encontrando-a no meio da calçada e beijando o topo de sua cabeça enquanto tirava as sacolas de suas mãos.

— Está tudo bem? — Perguntou.

— Sim, está tudo bem. Eu apenas senti que deveria fazer uma visita.

Ele olhou para ela por um segundo, e Leah podia dizer pela sua expressão que ele não acreditou, mas ele sorriu antes de se virar para caminhar de volta até a entrada para a casa.

— Então — ele disse enquanto colocava as sacolas no balcão da cozinha, — você precisa da minha ajuda aqui?

Leah sorriu. — Você parece um piloto no quarteirão agora.

— O que isso quer dizer? — Ele riu.

— Vá — disse ela por meio de uma risada quando ela começou a desembalar os sacos. — Eu sei que o jogo começou. Eu vou chamá-lo quando estiver pronto.

— Tem certeza?

— Tenho certeza. Eu não sei como eu vou conseguir preparar uma refeição sem os seus conhecimentos culinários, mas vou tentar.

Ele riu de si mesmo quando se virou para sair da cozinha. — Assim como a sua mãe com essa boca inteligente — disse ele, e Leah sorriu.

Ela concentrou toda a sua atenção na preparação do jantar; ela empanou o frango, ela lavou e cozinhou no vapor os legumes, ela misturou o molho de limão e ervas da estação, e porque era o favorito de seu pai, ela fez uma farofa.

— Pai? — Ela chamou, retirando dois pratos do armário.

— Sim?

— Você quer comer lá?

— Não, os Lakers estão uma merda. Eu não posso ver isso enquanto eu estou comendo.

Leah riu quando ela serviu dois pratos com alimentos e os trouxe para a mesa antes de pegar duas garrafas de cerveja na geladeira.

— Tudo bem, está pronto — ela chamou abrindo as garrafas e trazendo para a mesa.

— Isso cheira muito bem, princesa. Obrigado. — Ele passou por ela e sentou-se à mesa, e ela sorriu antes de pegar seu troféu.

— Então, o que está acontecendo com você, Leah?

Ela se acalmou com a faca e o garfo na mão antes de forçar um sorriso e voltar a cortar seu frango.

— O que você quer dizer?

— Se você não quer falar sobre isso, tudo bem, mas algo está acontecendo — disse ele, apontando para ela com o garfo. — Você acha que eu não conheço minha própria filha?

Ela manteve os olhos no prato, enquanto continuava a cortar, mas ela suspirou baixinho. Em algum nível subconsciente, ela percebeu que era por isso que ela veio. Se alguém diria diretamente a ela, seria seu pai. Mas ela não teve coragem de revelar tudo. Ele nem sequer conheceu Danny, e ela não queria que a primeira coisa que ele soubesse dele fosse o fato de que ele estava prestes a ir para a prisão. Seu pai era um homem justo e honesto, mas ele ainda era um pai, e ele nunca iria querer isso para ela.

— Eu conheci alguém — disse ela, com os olhos no prato.

— Eu tive um sentimento — disse ele, e ela olhou para cima para ver seus olhos sobre ela enquanto tomava um gole de cerveja.

— Por que você diz isso?

Ele deu de ombros. — Você tem estado diferente.

— Diferente como?

Ele colocou a cerveja de volta na mesa. — É sutil. Mas, ultimamente, quando você sorri, alcança seus olhos novamente. Eu não vi isso em um longo tempo.

Ela desviou o olhar, tentando engolir o nó na garganta provocado por suas palavras.

— Você esteve se guardando por um longo tempo, então se alguém finalmente conseguiu falar com você, ele deve ser muito especial.

Ela assentiu com a cabeça, ainda olhando para baixo. — Ele é.

Quando seu pai não respondeu, ela olhou para ele. Ele a olhava atentamente quando disse: — Então, qual é o problema?

— É só que... não será fácil — disse ela, dando uma pequena mordida em seu frango e mastigando lentamente.

Seu pai riu. — Qualquer um que diz que um relacionamento deve ser fácil nunca esteve em um. — O canto da boca de Leah levantou quando ele acrescentou: — Então, o que faz você pensar que este será tão difícil?

Leah girou o garfo entre os dedos. — Ele provavelmente vai embora em breve.

— Para sempre?

— Não, não é para sempre. Mas por um tempo, provavelmente.

— Ah — disse seu pai, tomando outro gole de cerveja. — E você está preocupada em ter um relacionamento de longa distância?

Ela sorriu suavemente. — Algo como isso.

— As pessoas fazem isso o tempo todo, Leah.

— Eu sei que as pessoas fazem isso. Eu só não sei se eu posso fazer isso. Você sabe que eu tive um momento muito difícil de me abrir desde Scott. — Seu pai fez uma careta com a menção do nome dele,

enquanto Leah dizia. — E quando eu penso em me permitindo ficar ligada a esse cara, e depois vê-lo ir... — Ela parou, balançando a cabeça. — Eu não sei se sou forte o suficiente para isso. Será muito difícil.

Ele não respondeu, e nos próximos minutos, eles comeram em silêncio. Leah manteve roubando olhares rápidos para seu pai, mas sua expressão era a mesma quando ele continuou comendo.

— Sua mãe teve uma gravidez terrível com Christopher — disse ele, de repente, e Leah franziu sua testa quando olhou para ele.

— Eu quero dizer realmente terrível — disse ele. — Nos primeiros cinco meses, ela estava doente durante todo o dia. E eu quero dizer todo o dia. Eu pensei que era o chamado enjoo matinal porque acontecia no período da manhã. O que diabos eu sei — acrescentou com uma risada. — Eu cometi o erro de mencionar isso a ela uma vez. Eu nunca disse isso de novo.

Leah sorriu, e ele disse: — No meio da gravidez, ela começou a manter o alimento, mas isso foi quando a azia começou. Tudo o que ela comia lhe dava azia. Um copo de água faria a mulher arrotar fogo.

Leah riu, pegando no rótulo da sua cerveja.

— E, em seguida, cerca de seis semanas antes de Chris nascer, ela começou a ter contrações, por isso o médico a colocou de repouso. Ela só foi autorizada a estar de pé durante dez minutos por dia. Eu trouxe para ela todas as revistas, todos os livros, todos os filmes que eu poderia pensar para tentar mantê-la ocupada, mas a coitada estava rastejando para fora de sua pele. — Ele sorriu e olhou para baixo. — E então veio o trabalho de parto. Trinta e sete horas. E estes eram dias antes deles aplicarem aquela coisa nas costas. Isso... isso... epicentro.

— Epidural — Leah corrigiu com uma risada.

Ele acenou com a mão no ar. — O que quer que essa coisa seja chamada. Eles não estavam tão dispostos a dar essas coisas. Então, sua mãe fez isso natural. — Ele balançou a cabeça. — Trinta e sete horas. Eu nunca vou esquecer isso. Até hoje eu não sei como ela fez isso.

Seu pai sorriu, antes de abaixar os olhos, e Leah estendeu a mão do outro lado da mesa, dando um aperto na mão dele.

— E então, quando Christopher estava em torno de nove meses de idade, ela disse que queria ter outro. Eu não podia acreditar. Imaginei que depois de tudo que ela passou, nós não estaríamos tendo mais filhos.

Quer dizer, eu estava emocionado, ela queria mais. Eu simplesmente não podia acreditar que ela quisesse.

Ele olhou para Leah. — Então, eu perguntei a ela, *Dee, você tem certeza que quer passar por tudo isso de novo?* E sabe o que ela me disse?

— O quê?

Olhou-a nos olhos. — Ela disse que a recompensa era maior do que o sofrimento.

Leah engoliu em seco quando sentiu a picada de lágrimas picando seus olhos, e ele colocou a mão sobre a dela. — Então, se algo parece muito difícil, princesa, antes de jogar a toalha, você deve sempre se perguntar: *Será que a recompensa vale a pena depois do sofrimento?*

Ele deu-lhe um aperto de mão rápido antes de pegar o garfo e voltaram a comer.

Leah sentou-se ali, imóvel, permitindo que o peso das palavras de seu pai afundasse. Depois do que pareceu uma eternidade, ela olhou para cima para vê-lo olhando para ela, e um lento sorriso curvou seus lábios.

— Quando conhecer esse cara, você tem que me lembrar de agradecer a ele.

— Para quê? — Ela perguntou.

Ele fez um gesto em direção a ela com sua garrafa de cerveja. — Para eu retribuir esse sorriso.

****

Leah estava em sua cama, segurando o celular contra seu estômago enquanto olhava para o teto. Quanto mais definido seus planos tornavam-se mais rápido seu coração batia em seu peito. Ela pensara nisso em todo o caminho para a sua casa; depois de passar a semana isolada de Danny, ela sabia que ela ainda o queria em sua vida; ela só não tinha certeza se era capaz. Ela poderia começar um relacionamento com ele, sabendo o que estava em jogo? Ou faria mais sentido continuar sua amiga?

Será que ela ainda será capaz de amizade, se decidisse isso?

A única maneira de descobrir isso seria passando um tempo com ele.

Ela não confiava em si mesma sozinha com ele. Ainda não. Não com a tensão sexual não resolvida ainda travada entre eles cada vez que estavam na mesma sala juntos. Mas este fim de semana seria a oportunidade perfeita para vê-lo novamente e deixar as pessoas que importavam para ela se familiarizar com ele.

Antes que ela sequer tomasse a decisão consciente de fazê-lo, ela estava percorrendo seus contatos. Seu polegar pairou sobre o botão de chamada por apenas um segundo, e então ela fechou os olhos e clicou nele antes de colocar o telefone no ouvido.

Ele respondeu após o primeiro toque.

— Olá?

Borboletas vibraram através de seu estômago no som familiar de sua voz, e ela sorriu. — Oi.

— Leah — disse ele em voz baixa. Ele limpou a garganta antes de dizer: — Como você está?

— Eu estou bem. E você?

— Não tão ruim.

Um silêncio encheu o espaço entre eles, e Leah mordeu o lábio inferior enquanto girava as pontas dos cabelos entre os dedos. — Então, eu queria te perguntar uma coisa.

— O que é?

Ela largou seu lábio antes de dizer: — Você quer jantar neste fim de semana?

Quando ele não respondeu de imediato, ela disse, — Robyn vai voltar de sua lua de mel amanhã, então Holly, seu namorado e eu vamos para lá no sábado à noite como uma espécie de coisa. *Bem vindo de volta.*

Demorou alguns segundos para responder, e quando ele finalmente falou, ele parecia surpreso. — E você quer que eu vá com você?

— Sim. Se você quiser. Vai ser bastante descontraído. Você sabe, apenas sair. Se você tem planos ou algo assim, tudo bem.

— Não, eu não tenho planos — disse ele. — Eu... eu posso ir. Parece divertido.

— Ótimo — ela disse, com o pulso acelerado em antecipação. — Você me encontra na minha casa por volta das seis?

— Sim, isso funciona.

— Ok. Então, eu te vejo no sábado.

— Ok — ele disse, ainda parecendo pego desprevenido.

— Tudo bem — disse ela, enrolando o cabelo em torno de seu dedo. — E... Danny?

— Sim?

Leah fechou os olhos. — Eu também liguei para dizer... que eu sinto sua falta.

Ele exalou no telefone, e desta vez, quando ele falava, suas palavras foram inundadas com alívio e alguma outra coisa que ela não conseguia situar.

— Eu sinto sua falta também, Leah.

Capítulo 14

— Então, quando podemos sair com ela de novo?

Danny sacudiu a cabeça enquanto abria seu refrigerante. — Você poderia me fazer um favor de engolir sua comida antes de falar?

— Por quê? — Jake murmurou ao redor de sua almôndega. — Você pode me entender.

— Sim, porque esse era o meu problema. Não é o fato de que eu estou sendo pulverizado com a porra de estilhaços de sua boca.

Jake sorriu. — Não mude de assunto. Quando podemos sair com ela de novo?

— Eu acho que você está se adiantando — disse Danny, levando uma mordida de sua pizza.

— Como estou me adiantando? Ela sabe o que está acontecendo e ela ainda está por aí. Você saiu com ela duas vezes nas últimas duas semanas.

Danny mastigou lentamente antes de tomar um gole de refrigerante. Jake estava certo, é claro; Leah não desapareceu de sua vida, e ele a viu duas vezes desde que ele disse tudo a ela.

A primeira vez, quando foi ao apartamento de seus amigos, as coisas começaram desajeitadamente entre eles; no caminho para a casa de Robyn, houve um monte de silêncio desconfortável e conversa forçada. Era como se eles não soubessem como se comportar nesta fase intermediária, na qual os dois lutavam contra todos os seus instintos e inclinações para o outro.

Assim que chegaram lá, porém, as coisas melhoraram quase que instantaneamente. Robyn e Holly eram tão amáveis e acolhedoras como foram naquela primeira noite no The Rabbit Hole, e os caras eram ambos comuns, gente da mesma classe e fáceis de conversar.

Danny não tinha ideia se alguma de suas amigas sabia da sua história, mas se o fizessem, ou elas não se importam, ou elas foram fenomenais em fingir tolerância. Independentemente disso, logo que Leah chegou perto deles, se soltou. Talvez ela estivesse esperando por sua aprovação. Talvez ela só precisasse estar na presença de um grupo de apoio. Mas de qualquer forma, suas interações com Danny tornaram-se mais naturais e relaxadas até que eles estavam conversando e rindo como se nada tivesse causado uma rachadura no que começara entre eles.

Depois do jantar, Robyn trouxe o jogo Catch Phrase, e eles passaram o resto da noite morrendo de rir enquanto tentavam fazer o outro adivinhar as pistas. Foi a maior diversão que ele teve em um longo tempo.

Quando voltavam para a casa dela naquela noite, ele a acompanhou até a porta antes de voltar para o carro.

E foi aí que ela o beijou.

Um beijinho rápido na boca, mas foi o suficiente para ele sentir como se pudesse correr todo o caminho de volta para o seu apartamento.

A segunda vez que saíram, Leah foi com a cunhada para algum tipo de consulta pré-natal, cerca de dez minutos de distância da loja dele. Ela mandou uma mensagem perguntando se ele queria almoçar em sua folga, e Danny a encontrou no restaurante do quarteirão. Esse tempo não houve constrangimento algum; eles falaram sem esforço durante toda a refeição, e quando eles se despediram, ela o abraçou e disse para ligar mais tarde.

A ideia de que ela ainda queria passar mais tempo com ele, que ela continuou a tratá-lo da maneira que ela tratou antes de descobrir que ele acabara com a vida de alguém, tudo parecia bom demais para ser verdade, e apesar do fato de acusar Jake de se adiantar, a verdade era que Danny estava com medo de que ele poderia ser o único culpado disso.

Ele deu outra mordida na pizza. — Só porque ela não me deu o bilhete azul não significa que ela quer estar comigo.

— Isso significa que ela ainda quer ficar perto de você.

Danny sacudiu a cabeça. — Eu não vou empurrá-la. Eu não sei o que ela quer. Isso tem que ser em seus termos, tudo bem? Basta deixá-la sozinha.

Ele precisava ficar se lembrando disso. Porque quanto mais ele pensava sobre a sua situação, mais esperançoso se tornava, e ele não podia se dar ao luxo de estar em uma página diferente do que ela.

— Convide-a para o seu aniversário.

Danny riu, incrédulo. — Você não ouviu uma única palavra do que eu disse?

— Não, eu ouvi o que você disse — disse Jake em torno de outro bocado de comida. — Eu só acho que você está sendo um idiota de merda.

Danny parou de mastigar quando ele reprimiu um sorriso. — Desde quando é aceitável chamar seu chefe de um idiota de merda em sua cara?

— Vamos lá, cara — disse Jake. — Eu vejo o que se trata. Você não quer ter esperanças no caso dela, não oferecer a você o que você quer dela. Mas o resultado final é, esta menina gosta de estar perto de você. Talvez ela queira ser sua amiga, talvez ela queira ser mais. Ouço toda a coisa, *dê-lhe espaço*, mas se você for muito legal, você vai acabar com isso. Você não quer parecer indiferente. Você acha que ela vai ficar por aqui se ela achar que você não dá uma merda de qualquer maneira?

Danny olhou para o amigo. Talvez fosse porque Jake passou tanto tempo dizendo coisas que eram intencionalmente provocativas ou ofensivas, mas, nas raras ocasiões em que ele foi sincero, suas palavras pareciam muito mais profundas.

— Convide-a para o seu aniversário — Jake sugeriu novamente. — Amigos saem para comemorar aniversários. Você não está fazendo suposições ou declarações, incluindo ela. Eu e Tommy não iremos trazer ninguém, então não terá uma vibe de casais ou qualquer coisa. Você gosta dessa garota. Você gosta de estar perto dela. Pare de perder o tempo que você não tem.

Danny passou a mão pelo cabelo quando palavras de Jake ecoaram em seus ouvidos, saltando ao redor de seu crânio e cavando sua consciência até que elas estavam batendo em seu sangue.

Você gosta de estar perto dela. Pare de perder tempo que você não tem.

Ele não viu o que estava fazendo como perda de tempo, mas Jake tinha um ponto. Seus dias estavam contados, e ele queria passar muitos deles com ela, amigos ou não.

Pare de perder o tempo que você não tem.

Danny girou a tampa na sua bebida. — Eu vou pensar sobre isso — disse ele. — Podemos calar a boca sobre isso agora?

Jake deu-lhe uma saudação frágil antes de empurrar o resto de seu sanduíche na boca.

— A propósito — ele foi ilegível com sua boca cheia. — Eu não estou trazendo uma menina, mas ainda posso tentar obter um boquete no banheiro. O que Leah não precisa saber, apesar de tudo.

E assim, Jake estava de volta.

Danny começou a rir antes de jogar um maço de papéis de alumínio nele, e Jake encolheu os ombros, enxugando as mãos em suas calças antes de levantar e voltar para a garagem.

Danny sacudiu a cabeça voltando para a mesa, e então ele enfiou a mão no bolso e tirou seu telefone, olhando para a tela por um momento antes de abrir uma nova janela de mensagem e clicar sobre o seu nome.

Você está livre neste livre fim de semana? Vamos até Dave e Buster comemorar o meu aniversário.

Ele clicou em enviar e exalou, colocando o telefone sobre a mesa antes de pegar a pizza.

Um minuto depois, seu celular vibrou com a resposta dela, e ele parou de mastigar quando deslizou a tela com o lado do seu dedo.

Feliz Aniversário! E definitivamente. Ligue-me mais tarde.

Ele sorriu, limpando a tela antes de deslizar o telefone de volta no bolso.

Sem mais perder o tempo que você não tem.

****

— Eu não vou nessa coisa — disse Leah quando ela tomou um gole de cerveja, e Jake zombou.

— Oh, vamos lá. É um jogo!

— Sim, é um jogo. Um jogo 4D, onde você se tranca em um espaço confinado e não apenas vê e ouve, mas também sente os monstros atacando você, se você não matá-los rápido o suficiente. Não, obrigada.

— Quantos anos você tem, oito? — Disse Jake. — Não é real.

— Então vai você! — Disse Leah através de uma risada.

Jake sorriu, apoiando os cotovelos sobre a mesa se inclinando sobre eles para Leah. — Importa-se de fazer isto interessante?

Ela abaixou a cerveja e espelhou sua posição, inclinando-se em direção a ele. — Sempre.

Danny sorriu quando ele trouxe a bebida aos lábios, seu braço apoiado na parte de trás da cabine atrás dela.

— Ok — Jake disse, sentando-se e olhando em volta da mesa. — Ok, então...

— Ele não tem nada — disse Tommy, com uma risada, e Danny riu enquanto Leah se recostou no estande, virando a cabeça para olhar para ele. Ele olhou para ela, com um sorriso nos lábios, e ela se ajeitou na cadeira, fechando a pequena distância entre eles para que seus corpos se tocassem do ombro ao joelho.

Seu braço desceu da parte de trás da cabine, envolvendo em torno de seus ombros, e ela levou a mão no joelho por baixo da mesa.

A partir do segundo que ele a pegou naquela noite, ele poderia dizer que algo estava diferente. Não só o constrangimento entre eles se foi, mas qualquer hesitação, qualquer sentido de restrição, desapareceu completamente. No carro, ela alcançou sobre o console e segurou sua mão. E várias vezes ao longo do jantar, ela encontrou uma desculpa para tocá-lo. Um tapa brincalhão aqui, um ombro esfregando lá, e agora a mão em sua perna.

Na superfície Danny estava completamente calmo e sereno, mas no fundo, sua adrenalina acelerava com cada toque, com o que isso poderia significar, com a consciência de que cada um aquecia suas veias e fazia seu coração bater mais rápido e sua respiração crescer curtas vezes.

— Entendi! — Jake finalmente disse, sorrindo triunfante. Ele estendeu a mão por cima da mesa para os restos de seus aperitivos e deu duas mordidas. Ele colocou um na frente de Leah, e o outro em frente de

si mesmo antes de pegar o molho de pimenta do lado da mesa e apertar uma quantidade excessiva em cada um.

— Cara, isso são fodidas asas incendiárias — disse Tommy. — O que você está fazendo?

— Aumentando as apostas — disse ele antes de enfiar a mão no prato de nachos de Tommy, puxando duas pimentas jalepeno do queijo e colocando no topo de cada pedaço de frango, como uma cereja no topo de um sundae.

— Ele vai me fazer comer isso? — Disse Leah no ouvido de Danny, e ele se inclinou para ela, divertindo-se com o cheiro do seu cabelo.

— Você não tem que fazer nada que não queira fazer. Diga-lhe para se foder.

— Jarra de promessas — disse ela, e Danny sorriu enquanto ela se sentava para enfrentar Jake. — Tudo bem, o que estamos fazendo?

— Cada um de nós vai comer isso. A coisa toda. Uma mordida. Quem bebe primeiro, perde. E se você perder, seu traseiro vai no Dark Escape.

Danny observou enquanto Leah franziu os lábios, pesando suas opções.

— Então, não estamos autorizados a beber qualquer coisa — ela esclareceu, e Jake sorriu.

— A não ser que você queira perder.

Seus ombros subiram quando ela respirou fundo, e então ela exalou rapidamente. — Ok, vamos fazer isso.

— *Sério?* — Perguntou Jake.

— Sim — ela respondeu com um sorriso. — Por quê? Era tudo papo agora?

Danny sorriu quando Tommy e ele fizeram contato visual do outro lado da cabine.

— Não — ele disse um pouco tarde, pegando o lanche terrivelmente reforçado, e Leah fez o mesmo, segurando-o para ele.

— Saúde — disse ela, batendo o dela no do Jake, e então os dois colocaram em suas bocas.

Nos primeiros segundos, eles mastigaram em silêncio, mas depois começou.

O rosto de Jake ficou vermelho quando ele começou a mastigar mais rápido em uma tentativa de acabar com isso, e Leah pressionou as pontas dos dedos sobre os lábios, piscando rapidamente quando seus olhos começaram a lacrimejar.

Danny levou a mão à parte de trás do pescoço dela, esfregando suavemente quando se inclinou em direção a sua orelha. — Você pode beber. Eu não vou deixá-lo fazer você ir lá.

Ela balançou a cabeça. — Eu estou bem — ela conseguiu dizer com a voz rouca, e então fechou os olhos e engoliu em seco.

Do outro lado da mesa, Jake batia o punho contra a lateral da cabine, com os olhos bem fechados, enquanto tentava se forçar a engolir.

— Woo! — Leah suspirou, seus olhos lacrimejando pesadamente enquanto pegava a colher na frente dela, e então se inclinou sobre a mesa arrastando-a ao longo do monte de creme de leite no topo de nachos de Tommy.

Danny observava Leah trazer a colher em seus lábios, lambendo o excesso de creme de leite dos lados antes de colocar a colher na boca, chupando como se estivesse comendo um pirulito. Ela puxou lentamente de seus lábios, passando a colher ao redor e arrastando a língua em volta dela para remover a última gota antes de colocar de volta na mesa.

Santo. Foda-se.

Ele olhou por cima da mesa para ver se os outros estavam olhando para ela, se eles estavam reagindo ao que ela acabara de fazer, mas Jake tinha os punhos fechados à frente de seus olhos, respirando como se estivesse prestes a dar à luz, e Tommy estava com a cabeça atirada para trás contra a cabine, rindo histericamente.

Ele se virou para ver Leah olhando para ele. Seu rosto estava corado e seus olhos ainda estavam vidrados, mas ela certamente não sentia a dor de Jake.

— O quê? — Ela perguntou suavemente, e Danny olhou para ela, sem dizer nada. — Por que você está me olhando assim?

Ele abriu a boca, mas a fechou antes que ele pudesse formular uma resposta, e o canto da boca levantou.

— Você está brincando comigo? — Disse ela através de seu sorriso.

— O quê?

— Isso te excita?

— O quê? Não! Não... eu não... Eu só estava...

Seu sorriso ficou mais pronunciado, e Danny baixou a cabeça, exalando uma risada ofegante.

— Sério? Molho apimentado?

— Não — ele disse suavemente. — Aquela coisa que você fez com a colher.

Leah sorriu. — Ah — disse ela com um aceno de cabeça. — Bem, isso foi uma das coisas mais horríveis que eu já experimentei, por isso estou feliz em ouvir isso, pelo menos, parecia sexy.

Ele riu, levantando os olhos para ela, e ela sorriu, chegando a colocar o polegar sobre sua bochecha.

— Ele está fora! — Tommy gritou. — Feito!

Leah e Danny viraram a cabeça na direção de Tommy vendo Jake com a cabeça jogada para trás, entornando um copo de água tão rapidamente que escorria nos cantos de sua boca e pelo queixo.

— Não, não! — Leah riu. — Não é a água!

— Foda-se — disse Jake quando ele bateu o copo sobre a mesa, com lágrimas escorrendo pelo rosto. — O que é você, sobre-humana? Estou queimando, porra! — Ele lamentou, pegando a água de Leah.

Ela agarrou seu pulso, impedindo-o. — Não é a água — disse ela através de sua risada. — Aqui. — Ela pegou a colher e pegou um monte de creme de leite, entregando a ele.

Danny assistiu Jake enfiar a colher na boca com um gemido, e de repente colheres e creme de leite tornaram-se muito menos eróticos.

— Foda-se — ele murmurou ao redor da colher. — Foda-se, que é melhor. — Ele puxou para fora de sua boca e deu mais uma lambida antes de colocá-la_de volta.

Depois de mais uma colherada, Jake enxugou os olhos com a manga e olhou para Leah. — Como você sabia que funcionaria?

— Você nunca deve beber água se comer algo picante. Capsaicina é a substância química que queima em alimentos picantes, e a única coisa que desengata é a caseína química. Você pode encontrá-la na maioria dos produtos lácteos, como leite ou iogurte. Ou creme de leite — disse ela com um sorriso. — Mas não há nada na água. Ela só espalha os óleos em sua boca e torna pior.

A mesa inteira olhou para ela.

— Você é uma espécie de gênio do mal? — Perguntou Jake, e Danny riu antes de olhar para Leah. Ele amava que ela era inteligente, na verdade, era uma das coisas que o atraíram mais nela, mas quando ela usou a inteligência para derrubar Jake?

Foi uma das coisas mais sexy que ele já viu.

— Então foi isso que você fez? Você comeu creme de leite logo após? —Jake perguntou, e Leah deu de ombros.

— Você disse para não beber. Você não disse nada sobre o creme de leite.

Tommy começou a rir antes de dizer: — Puta merda, ela é um gênio do mal! Adoro esta menina!

Leah riu, descansando a cabeça no ombro de Danny, e ele colocou o braço em volta dela novamente.

Eu também, pensou ele, esfregando a mão para cima e para baixo no braço dela enquanto ela brincava com a bainha de sua camisa.

****

Quando Danny virou no complexo de apartamentos de Leah, ela deu um aperto suave de mão. — Obrigada por me convidar para sair esta noite. Eu tive um monte de diversão.

Ele sorriu. — Não teria sido tão divertido sem você lá, por isso eu que agradeço. Ouvir Jake gritar como uma menina dentro daquele jogo foi o melhor presente de aniversário que alguém poderia ter me dado.

Leah cobriu a boca, rindo com a lembrança. Depois de Jake perder a aposta, os quatro caminharam até Dark Escape 4D para que Jake pudesse pagar, e os gritos e guinchos vindos da cabine tinha todos

os três deles apoiados um ao outro enquanto riam. Seus músculos abdominais doíam.

Na verdade, ela não conseguia se lembrar da última vez que ela riu tanto quanto ela fez esta noite. Ela e Danny jogaram o jogo Nothing But Net, onde foi cabeça-de-cabeça com o outro para ver quem poderia fazer o maior número de cestas antes que o relógio parasse, e eles passaram mais tempo tentando distrair o outro de arremessar do que tentando fazer suas próprias cestas.

Em seguida, houve o incidente no Boliche; Leah tentou mostrar a Danny como agitar seu pulso para que ele pudesse obter a pontuação máxima, e ele acabou acidentalmente atirando a bola para duas pistas abaixo deles e assustara os adolescentes jogando lá.

E quando os quatro jogaram Dance Revolution um contra o outro, Leah pensou que poderia fazer xixi em suas calças de tanto rir.

Ela amava seus amigos. E ela adorava passar o tempo com ele. Ela adorava flertar com ele, tocá-lo, falar com ele e estar com ele.

Ela adorava a maneira como ele esfregou as costas dela e seu pescoço quando pensou que ela estava inquieta. Ela amava como ele sorriu para ela quando achava que ela não pudesse vê-lo.

E adorava que, apesar da tensão sexual palpável entre os dois, ele foi um perfeito cavalheiro durante toda a noite.

Danny estacionou o carro em um espaço vazio na frente de seu apartamento, e antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, Leah se virou para ele.

— Você quer entrar um pouco?

Ele se virou para olhar para ela. — Hum... sim. Ok.

— Tudo bem — disse ela antes de desfazer o cinto de segurança, e Danny desligou o motor e saiu do carro.

Eles caminharam até o caminho para a porta em silêncio, e uma vez que eles estavam lá dentro, Leah tomou o casaco, pendurando-o ao lado dela no armário. Ela fechou os olhos, dando um pequeno suspiro, firmando antes de endireitar sua expressão e se virar para encará-lo. Ele estava de pé ao lado da porta, as mãos enfiadas nos bolsos.

— Então — ele disse, revirando-se na ponta dos pés.

— Então.

Seus olhos se encontraram, e do jeito que ele olhava para ela a fez querer prendê-lo contra a porta.

Em vez disso, ela limpou a garganta e disse: — Eu tenho algo para você.

— Você tem?

Ela assentiu com a cabeça. — Embora, não fique animado. Não é grande coisa. Na verdade, é meio bobo.

Eles olharam um para o outro por alguns segundos, e Leah sentiu seu estômago vibrar quando um lento sorriso curvou seus lábios.

— Então... eu posso ter isso? — Perguntou ele através de uma risada.

— É na cozinha — ela respondeu, virando-se nessa direção.

— Será que você me conseguiu um Slap Chop[7]?

— O que? — Ela riu. — Por que você acha isso?

— Eu não sei. Você disse que estava na cozinha e que era bobagem.

— Ok, vamos esclarecer uma coisa. Um Slap Chop não é bobo. É um golpe de gênio — ela disse enquanto se voltaram para a cozinha.

— Um cara cortar um punhado de amêndoas, enquanto diz ao público: *Espere até você ver as minhas nozes* é um golpe de gênio?

Ela se virou para ele, lutando contra uma risada. — Você assiste muita TV.

— Disse a garota que possui o Slap Chop.

Ela riu em seguida, pegando o tabuleiro do balcão, se virando e estendendo para ele.

— Não é nenhuma mesa de roleta com uma roda em funcionamento, mas eu tentei.

O sorriso em seu rosto caiu. — Você fez isso?

— Hum-hum — disse Leah, colocando sobre o balcão na frente dele. — Bem, não os carros, obviamente.

7 Processador de alimentos

Ela olhou para ele, mas ele olhava para o bolo em reverência. Era um bolo quadrado típico, mas toda a metade inferior foi feita para parecer uma estrada com dois carros nela. Na metade superior do bolo estava um sinal que combinava com a forma e a tipografia do sinal da loja de Danny, onde as palavras, *Feliz Aniversário Danny,* foram escritas.

— É tudo pasta americana. A estrada, o sinal. Assim, você pode comer tudo. Eu tentei fazer os carros de pasta americana, mas pareciam insetos mutantes, então desisti e usei brinquedos.

Ele girou o tabuleiro lentamente, olhando para ele de todos os lados, e então olhou para ela. — Eu não posso acreditar que você fez isso.

Ela encolheu os ombros. — Não foi um grande negócio. Foi muito divertido.

— E demorado. E incrivelmente bem planejado.

Ela sorriu para ele, e ele balançou a cabeça antes de olhar de volta para baixo no tabuleiro. — Eu não me lembro da última vez em que eu tive um bolo de aniversário.

— Você está falando sério?

— Sim, quero dizer, depois de passar dos dez, meio que perde a sua grandeza, você não acha?

— De jeito nenhum! Que tal fazer o seu desejo de aniversário, então?

Ele deu de ombros, e ela balançou a cabeça em descrença.

— Bem, saiba que no meu aniversário, esta garota precisa de seu bolo e seu desejo de aniversário. Sem exceções.

Ele sorriu. — Quando é seu aniversário?

— Três de Maio.

— Anotado — disse ele. — Espera, eu tenho que fazer um para você?

— Digamos — ela disse. — Você pode comprar um e me dizer que você fez isso, e eu vou fingir que acredito.

Ele riu antes de colocar o braço em volta dela e puxá-la para o seu lado. — Obrigado. Eu amei isso — disse ele contra o topo de sua cabeça

antes de beijá-la ali. As vibrações em sua barriga subiram para seu peito, e ela fechou os olhos, descansando a mão sobre o estômago.

— Esta cozinha é incrível, por sinal.

— Eu sei — disse ela, com a cabeça ainda descansando em seu ombro. — Era a única coisa que me fez ter este apartamento. Isso, e o banheiro.

— O que há de tão especial sobre o banheiro?

Leah sorriu. — Você quer fazer um tour?

Ele desembrulhou o braço em torno dela e fez um gesto grandioso. — Depois de você.

Leah saiu da cozinha com Danny atrás dela, e ela balançou a cabeça para a direita. — Sala de estar, mas você viu da última vez que esteve aqui. — Ela virou e deu alguns passos para a esquerda e disse: — A sala de jantar.

Danny sorriu para o pequeno recanto fora da área da cozinha que era grande o suficiente para caber uma pequena mesa e quatro cadeiras.

— Quarto de hóspedes — disse ela, acenando com o braço na porta de entrada para a sua esquerda como uma garota do *Price Is Right*[8]. Danny colocou a cabeça um segundo antes de acenar com a aprovação, e Leah sorriu.

— Prepare-se — disse ela, estendendo a mão para a próxima sala e acendendo as luzes.

Danny mudou-se para ficar na porta ao lado dela, seus olhos vasculhando o quarto. — Puta merda — disse ele. — Essa é a maior banheira que eu já vi.

— Certo? É uma banheira de hidromassagem. Não é linda?

— Se uma banheira pode ser linda, eu acho que esta seria. Estou mais preocupado com o chuveiro, no entanto. Por que há quarenta e sete chuveiros nele?

Leah riu. — O cara que morava aqui antes de mim trabalhava para Kohler. Ele ganhou a vida projetando banheiros.

8 Programa de TV

Danny balançou a cabeça, seus olhos vasculhando o banheiro, e Leah bufou, cruzando os braços sobre o peito. — Você deveria fazer uma coisa maior do que isso.

— *Oh meu Deus!* — Disse ele, esfregando os olhos antes de aumentá-los. — Isso é real? Eu tenho que estar alucinando. Esta é a coisa mais incrível que eu já vi na minha vida! Estou arruinado para todos os outros banheiros agora!

Ela olhou para ele, completamente sem expressão, e quando ela viu os primeiros sinais de suas covinhas, ela empurrou seu peito antes de recuar para o corredor.

— Você não presta — ela disse, e ele riu, desligando a luz no banheiro.

Ele voltou para a sala com ela, e ela apontou para a última porta. — E esse é o meu quarto.

Danny foi até a porta, acendeu a luz antes de dar alguns passos no quarto, e Leah estava atrás dele, tentando imaginar como era vê-lo pela primeira vez.

As paredes eram de uma cor de terracota quente, a madeira de cerejeira no chão. Sua cama estava contra a parede à direita, coberta por uma colcha de cor creme cheia de várias almofadas de grandes dimensões. Contra a parede à esquerda estava a sua cômoda com seu aparelho de som e algumas fotos na parte superior. Uma televisão de tela plana pendurada na parede acima dela.

A parede do fundo era composta inteiramente do chão ao teto de prateleiras; na parte superior, havia vasos de flores e algumas velas perfumadas. As prateleiras na parte inferior estavam cheias de livros. E a do centro consistiu em fileira após fileira de CDs de Leah.

Danny olhou por cima do ombro para ela. — Posso? — Ele perguntou, apontando para as prateleiras, e ela balançou a cabeça.

Leah se encostou ao batente da porta, cruzando os braços ao vê-lo aproximar-se da parede. Danny agachou-se, verificando os livros ordenadamente alinhados na parte inferior.

Depois de um minuto ele se endireitou, olhando para as prateleiras com sua música. — Eu acho que não conheço quem ainda tem CDs — disse ele, de costas para ela puxando um deles para fora, olhando para a capa antes de deslizar de volta em seu lugar.

— Eu amo meus CDs. Tem música no meu computador e meu iPod. Eu só...

Danny olhou para trás por cima do ombro. — Você é apenas uma colecionadora? — Disse ele com um sorriso.

— O termo politicamente correto seria sentimental — disse ela, e ela o ouviu rir baixinho. — Mas sim... Acho que posso ser uma colecionadora. Mas só com as coisas que significam algo.

— Tudo isso significa alguma coisa? — Perguntou ele, inclinando a cabeça para olhar para a segunda fila.

— De certa forma, sim. Pode ser uma música que significa algo, ou em alguns casos, é todo o álbum que me faz lembrar certo tempo na minha vida. Em outros, é apenas a memória de comprar o próprio CD – que eu estava, ou o que estava acontecendo quando comprei. — Ela encolheu os ombros, mesmo ele não olhando para ela.

Danny assentiu distraidamente, dando um passo para a direita e inclinando-se enquanto lia os títulos de álbuns, e Leah empurrou o batente da porta e entrou no quarto, seus olhos sobre ele, enquanto se sentava na beira da cama.

Ela se sentiu um pouco nervosa, quase como se ela estivesse olhando para ele lendo o seu diário. Ela sempre acreditou que o tipo de música que uma pessoa ouviu foi um retrato bastante preciso de quem elas eram, e ela não podia deixar de se perguntar o que ele estava adivinhando sobre ela enquanto estudava as prateleiras.

Danny correu lentamente o dedo ao longo das capas; havia algo quase sensual sobre a maneira como ele fez isso, e, do nada, ela imaginou-o a repetir o movimento, desta vez ao longo da pele de sua coxa, e ela engoliu em seco.

O dedo de Danny parou abruptamente, e, em seguida, ele puxou um dos cds e virou, segurando-o para ela.

— Sério? — Perguntou ele.

N'SYNC: No Strings Attached.

Ela cruzou os braços quando olhou para ele. — Eu não comprei todos ontem.

— Eu não me importo quando você o comprou — disse ele com uma risada. — Não há desculpa para isso.

— Eu achava que sabia.

— Você pensou que sabia?

— Não — Leah riu. — Esse é o nome da música que o levou a um lugar na prateleira. *Eu achava que sabia.* É uma música a cappella. Letra muito bonita.

Danny olhou para a caixa do CD, virando-o para ler a parte de trás.

— Além disso, homens gostosos cantando, por isso.

Ele olhou para cima com um sorriso antes de balançar a cabeça. — Eles não são objetos, Leah. Eles são homens de verdade, com sentimentos e talentos discutíveis.

Ela apertou os lábios, lutando contra um sorriso quando ele se virou para deslizar o CD de volta na prateleira, em seguida, ele estendeu a mão e puxou outro.

— Se você vai tirar sarro de cada CD que eu tenho aí, eu estou saindo deste quarto.

Ele riu para si mesmo antes de se virar para ela, o cd imprensado entre as duas mãos.

— Qual deles você tem? — Ela perguntou, esticando o pescoço para ver, e ele virou seu corpo, protegendo-o dela quando ele balançou a cabeça.

— Você verá em um segundo — disse ele, caminhando alguns passos até o estéreo dela e apertando o botão para ligá-lo. Leah viu quando ele colocou o CD no aparelho, e então ele pulou para frente algumas faixas antes de apertar o play.

Os acordes de abertura de Ray LaMontagne de *Hold You In My Arms* encheu a sala, e Leah imediatamente fechou os olhos. Quando os abriu, alguns segundos depois, ele estava apoiado contra a parede, olhando para ela.

— Eu amo essa música.

— Eu também — disse ele, empurrando a parede enquanto caminhava em sua direção. — Eu acho que o seu gosto musical não é tão ruim depois de tudo.

Ela riu levemente, olhando para ele quando ele chegou a ficar na frente dela.

— Dança comigo — disse ele, estendendo a mão.

— Dançar com você?

Ele acenou com a cabeça. — É meu aniversário, então você realmente não pode dizer não.

— Hey, agora. Acabou o seu aniversário.

Danny olhou para o relógio. — Não, é por mais duas horas.

Ela riu quando ela deu-lhe a mão, e ele a puxou para encará-la. Por um segundo, apenas ficaram lá, olhando um para o outro, e depois os seus sorrisos lentamente desapareceram quando a atmosfera mudou. Leah baixou os olhos, a intensidade repentina do momento pegando-a de surpresa.

Danny levantou delicadamente as mãos unidas, e seu coração começou a bater de forma irregular quando sentiu o outro braço contornar ao redor da cintura dela, a palma da mão aberta descansava em sua parte inferior das costas.

Ela deu um passo hesitante em direção a ele, seus corpos quase nivelados quando ela deslizou sua mão esquerda para cima do braço e por cima do seu ombro, vindo para descansar um pouco abaixo da nuca.

Ele começou a balançá-los ainda que levemente, e Leah sorriu para o absurdo e o charme deles dançando no meio do seu quarto.

— Você é muito melhor nisso do que eu esperava — disse ela. — Dance Dance Revolution não foi sua amiga hoje à noite.

— Oh, eu joguei essa batalha — disse ele com desdém. — Eu não quero lidar com Jake e Tommy questionando minha masculinidade pelo meu desempenho. Além disso, todas as mulheres do lugar viriam para cima de mim depois disso, e teria sido muito difícil para todos.

Ela apertou os lábios, mas o sorriso rompeu de qualquer maneira, e ele mostrou suas covinhas se virando e se aproximando dela.

Leah deixou cair a cabeça para trás e riu, e Danny lentamente a puxou de volta para cima, olhando para ela quando ele usou as mãos unidas para afastar o cabelo de seu rosto.

E então ele se inclinou, seu rosto roçando o dela enquanto cantava as próximas palavras baixinho em seu ouvido.

Quando você beijou meus lábios, com a boca tão cheia de perguntas,

Foi minha mente preocupada que você acalmou.

Coloque suas mãos no meu rosto, feche os olhos e diga

Que o amor é o alimento de um homem pobre. Não profetize.

Naqueles primeiros segundos, seu coração parecia ter parado, mas pelo tempo que o verso acabou, ele estava batendo tão violentamente que ela tinha certeza que ele podia senti-lo contra o peito; Danny levantou a cabeça e ela se afastou, seus lábios entreabertos enquanto olhava para ele.

O sexy timbre gutural de sua voz ainda ressoava no quarto; ele derramou todo o seu corpo, esquentando suas veias e fazendo-a sentir-se pesada e sedada, como beber vinho em frente à lareira, enquanto uma tempestade de neve assolava do lado de fora.

Era sexo e salvação, desejo e serenidade, mexendo algo primordial e inato feminino nela.

A respiração de Leah se tornou superficial, enquanto ela continuava a olhar para ele, e ele manteve os olhos nos dela, ainda balançando-os delicadamente com a música. Parecia que uma corrente corria logo abaixo da superfície de sua pele, fazendo-a hipersensível a tudo ao seu redor: a mão nas costas dela, o suave som de sua respiração, o cheiro da sua pele.

E essa voz.

Queria ouvi-la novamente. Ela queria dormir ouvindo-a todas as noites. Ela o queria para acordá-la em ela todas as manhãs.

Leah deu um passo adiante, fechando a pequena distância entre eles e pressionando seu corpo contra o dele, e ele baixou a cabeça um pouco e suspirou. A corrida quente de sua respiração dançou sobre o lado de seu pescoço, causando arrepios que formigaram sobre sua pele, e Leah virou a cabeça um pouco, respirando-o quando eles se mudaram para a música.

Ela queria isso por tanto tempo, sentir seu corpo contra o dela novamente. Ela imaginava tantas vezes, mas esses devaneios eram ecos lamentáveis da realidade.

De uma vez ela percebeu que tremiam, e Leah apertou seu braço em torno dele, tentando firmar-se contra ele. Ela sabia o que queria, porque ela o pediu para entrar, e agora que ele estava bem na frente dela, ela podia sentir a apreensão começando a rodar com o desejo crescente em sua barriga.

A mão de Danny mudou em suas costas, os dedos brincando com o pedaço de pele exposta acima da cintura da calça jeans.

— Você está tremendo — ele sussurrou, deslizando a mão nas costas de sua camisa e traçando círculos suaves em sua pele superaquecida. Os olhos de Leah se fecharam quando ela deixou cair a testa em seu ombro. A cada passagem dos dedos, uma sensação de formigamento ondulava sobre sua pele, fazendo-a sentir-se quase tonta.

Ela nunca esteve em toda sua vida respondendo fisicamente a alguém da forma que ela fez para Danny, e era tão aterrorizante para ela como era emocionante.

Leah agarrou a parte de trás de sua camisa, sua testa ainda pressionada no ombro, e a estabilidade sólida de seu corpo a fez tremer muito mais obviamente.

Danny baixou o queixo de modo que a única coisa que separava os lábios de sua orelha era o delicado véu de seu cabelo. — Você está bem? — Ele perguntou em voz baixa, e ela balançou a cabeça contra ele, não confiando em sua voz.

Ele achatou sua mão contra suas costas, pressionando-a para mais perto dele, e isso foi tudo o que levou para sua mente render-se completamente ao seu corpo.

Leah virou a cabeça ligeiramente, acariciando seu pescoço antes de dar um beijo suave apenas sob o queixo, e seu balanço chegou a um impasse quando ele congelou. Ela se acalmou instantaneamente, seus lábios imóveis em seu pescoço.

Danny respirou fundo antes de tirar delicadamente a mão da dela, e o estômago de Leah caiu.

E então ele passou o braço em volta da cintura com a outra mão e puxou-a contra ele, de modo que qualquer medida de espaço entre eles

foi completamente abandonada. Ela exalou contra sua pele quando ele começou a balançá-los novamente, seus movimentos fluidos, carnais, inebriantes e perfeitos.

Sua mão livre subiu para a parte de trás do seu pescoço, e quando ela voltou a beijar seu queixo, ele inclinou a cabeça ligeiramente para cima, as pontas dos dedos cavando em sua parte inferior das costas. Encorajado por sua reação, ela arrastou seus beijos para cima, pressionando sua boca logo abaixo de sua orelha antes de levemente roçar seus dentes sobre sua pele.

Ele fez um som minúsculo no fundo de sua garganta, e ela beijou-o lá antes de arrastar os dedos para baixo na parte de trás do seu pescoço.

— Danny? — Ela sussurrou, e ele se afastou apenas o suficiente para olhar para ela. Ela molhou os lábios antes de timidamente levar os olhos para ele. — Você vai me beijar?

Seus olhos se fecharam, e Leah o viu engolir em seco. E então, a soltou e suas mãos vieram para os lados, lentamente arrastando-se ao longo do seu corpo e sobre os ombros. Seus dedos tocando suavemente ao longo de seu pescoço, fazendo-a tremer.

Ele usou seus polegares sob o queixo para inclinar seu rosto antes de correr sobre suas bochechas.

E então ele acenou com a cabeça, fechando lentamente a distância entre eles.

Beijou-a com cuidado, seus lábios suaves e Leah tentou manter-se flexível quando respondeu, mas era como tentar impedir uma onda de se quebrar. Ela podia sentir crescer a cada toque de seus lábios, construindo e construindo, até que finalmente ela apertou seu abraço em volta do pescoço dele e aprofundou o beijo com um suspiro.

Ele gemia baixinho em sua boca, e cada arrepio, cada delicioso chiar de eletricidade que dançava sobre sua pele recolhida de uma só vez, fundindo juntos até parecer que seu corpo inteiro estava cantarolando.

Em poucos segundos, seus beijos ficaram febris e sua respiração ofegante, o som áspero suave da mistura com a música de fundo. Ela nunca soube o que era perder o controle até que ela o conheceu; ela sentiu na noite em que mostrara o bloco de concreto, e ela sabia que estava lá de novo, naquele lugar onde a única coisa que importava era o

que seu corpo queria, onde ela precisava ser tocada e como, e onde ela queria tocá-lo.

Não havia mais nada além disso. Nenhum pensamento, nenhuma razão, nenhuma consequência. Nada existia exceto sua boca na dele e suas mãos em seu corpo e o desejo esmagador de mais, mais, mais.

Relutantemente, ela interrompeu o beijo, e Danny resmungou baixinho quando seus lábios deixaram os seus. Viu-a baixar os braços na cama por trás deles, rastejando para trás até que ela estava ajoelhada no centro da mesma. Leah cruzou os braços na frente do seu corpo e segurou a barra de sua camisa, puxando-a sobre sua cabeça antes de jogá-la no chão, e os olhos de Danny finalmente saíram dela à medida que caíram para tomá-la.

Seu peito subia e descia rapidamente enquanto seus olhos correram sobre seu corpo, e era como se ela pudesse realmente senti-los arrastando sobre sua pele.

E então ele se inclinou para frente, colocando as mãos sobre o pé da cama quando ele começou a rastejar em direção a ela.

Ela sentiu as pernas fraquejarem, e ela caiu de sua posição de joelhos para se sentar em suas pernas assim que seus lábios se encontraram novamente. Ele aplicou uma leve pressão, empurrando-a para trás até que ela caiu na pilha de travesseiros atrás dela.

Danny segurou seu peso em seus braços enquanto ele a beijou, empurrando as pernas dela com os quadris antes de abaixar seu corpo sobre o dela.

Ela engasgou quando sentiu sua pressão entre as coxas, e quando ele empurrou gentilmente seus quadris para dentro dela, ela gemeu em sua boca.

— Esse som — disse ele com voz rouca entre beijos. — Você tem alguma ideia do que esse som faz comigo?

Sua boca se moveu sem problemas na garganta dela, e quando ela sentiu o calor de seus beijos no seu seio, ela arqueou-se ligeiramente, enredando os dedos em seu cabelo.

Suas mãos deslizaram entre seu corpo e o colchão, e sentiu quando ele pegou o fecho do sutiã entre os dedos.

— Posso? — Ele sussurrou contra sua pele, e ela balançou a cabeça fervorosamente, arqueando-se para ele.

O fecho se abriu, e Danny puxou a roupa de seu corpo antes de deixá-la cair para o lado da cama. E então sua boca estava de volta para ela, desta vez sem a barreira de roupas entre eles, e seus quadris para cima empurrando por sua própria vontade quando ela chupou em uma respiração afiada.

Suas mãos foram para seus quadris, prendendo-os a cama quando ele beijou seu caminho de volta até seu pescoço, parando pouco antes de seus lábios se tocarem.

— Fácil — ele sussurrou, dando um beijo suave em sua boca, e então ele foi de novo, arrastando sua boca até o centro de seu corpo.

Leah fechou os olhos e esticou os braços para trás, agarrando a cabeceira da cama enquanto tentava ainda se segurar. Em vez de se concentrar no que ela queria que acontecesse, ela começou a se concentrar no que estava acontecendo agora. Com os olhos fechados, ela não sabia onde ele a tocaria depois, se seria com os lábios, a língua ou as mãos – e a antecipação só amplificou o que ele estava fazendo, fazendo com que o menor arranhão do dedo a incendiasse.

Sentiu que ele retirou a calça jeans dela, mas ela manteve os olhos fechados, prendendo a respiração enquanto esperava seu próximo movimento.

— Leah — disse ele em voz baixa, e ela abriu os olhos e olhou para ele.

Ele estava ajoelhado ao pé da cama, com a calça jeans dela em sua mão, e deixou-as cair no chão enquanto seus olhos viajaram até o comprimento do seu corpo, projetados dele como uma oferenda. Ele balançou a cabeça um pouco antes de erguer os olhos para ela.

— Você é tão linda — ele sussurrou.

Ela largou a cabeceira da cama e sentou-se, tomando seu rosto entre as mãos e beijou-o, e ele passou os braços em volta dela. Ela podia sentir o material áspero de sua camisa contra seus seios, e ela se abaixou e puxou a bainha.

— Eu quero sentir sua pele na minha — disse ela contra sua boca, e ele acenou com a cabeça antes de quebrar o beijo, ela chegou por trás da cabeça dele puxando sua camisa. Leah levou as mãos ao peito, traçando os contornos com a ponta dos dedos antes de arrastá-los para baixo sobre seu estômago.

Ele permaneceu imóvel, com os olhos fechados e sua respiração superficial, enquanto ela o tocava. Seu corpo era forte, magro e musculoso, e ela beijou na parte superior do seu peito antes de se deitar sobre o colchão e puxá-lo com ela.

— É tão bom ter você assim — ela sussurrou, passando as mãos por suas costas enquanto a pele de seu peito roçava a dela em cada movimento.

Ele lentamente trouxe sua boca de volta para a dela, seus beijos, mais uma vez cuidadosos e medidos. Parecia que cada um foi projetado para provocar e atormentá-la, e depois de vários minutos de sua linda tortura, ela se contorcia embaixo dele.

Leah gemeu pateticamente contra sua boca, e ela sentiu a curva de um sorriso.

— Relaxe, doce menina — disse ele, os lábios passando nela enquanto falava. — Eu a farei se sentir bem, desta vez, eu prometo.

Ele abaixou a cabeça e a beijou, e então ela sentiu o rastro da sua mão pelo seu estômago antes até ir à frente de sua calcinha.

Suas mãos voaram de volta para a cabeceira da cama, enquanto tentava recuperar o controle que ela conseguiu antes, mas foi como a última vez que ele a tocou dessa maneira; era como se ele conhecesse seu corpo por anos. Ele sabia exatamente o que fazer e como fazê-lo, e dentro de dois minutos tocando-a, ela estava ofegante, seus quadris levantando-se da cama, enquanto se aproximava de sua libertação.

De repente, sua mão parou, e os olhos de Leah se abriram quando ela levantou a cabeça.

— Por que você parou? — Ela respirou, e ele sorriu antes de se inclinar e beijar seu pescoço.

— Ainda não — ele murmurou contra sua pele.

— Danny — ela começou, e então ele cobriu sua boca com a dele. Ela queria protestar. Inferno, ela queria defender. Mas quando ele a beijou desse jeito, a única coisa que conseguia fazer era beijá-lo de volta.

Depois de um minuto, ele levantou a cabeça, observando a reação dela quando ele começou a mover sua mão novamente, e ela mordeu o lábio para abafar o som construindo em sua garganta quando ela se afastou dele. Ela não sabia que seria assim, que ela poderia voltar até onde parou tão facilmente. Leah fechou os olhos quando suas pernas

começaram a tremer, e desta vez quando ela começou a ofegar, ele tirou a mão de seu corpo completamente.

Ela bateu as mãos no colchão e jogou a cabeça para trás. — Oh, filho da puta! — Ela gritou, e ele riu, beijando ao longo de sua mandíbula.

— Jarra de promessas — disse ele, aninhando debaixo da orelha.

Ela deslizou as duas mãos em seu cabelo enquanto tentava recuperar o fôlego. — Você está me deixando louca — ela ofegava.

— Eu sei — ele disse, lambendo o local debaixo da orelha. — Você não tem ideia do quão sexy você está agora.

— Danny — ela suspirou, levando as mãos ao rosto e forçando-o a olhar para ela. — Por favor, não me faça esperar mais.

Ele se inclinou para que seus narizes se tocassem quando ele alcançou entre eles e deslizou sua calcinha sobre seus quadris, e ela deslizou para fora dela antes de chutá-la.

E quando sua mão deslizou por seu estômago novamente, ela agarrou seu pulso, impedindo-o.

Ele congelou, levantando a cabeça para olhar para ela.

— Não foi isso que eu quis dizer — disse ela suavemente.

Danny franziu sua testa, e ela largou seu pulso, baixando os olhos quando ela alcançou entre eles, mexendo com o botão da calça jeans dele antes de abrir. Quando ela deslizou o zíper para baixo, ela ergueu os olhos para os seus e a compreensão varreu seu rosto.

— Leah — disse ele com voz rouca. — Você tem certeza?

Ela assentiu com a cabeça. — Sim — ela sussurrou. Ela tinha certeza sobre isso. Ela tinha certeza sobre ele. Ela tinha certeza sobre eles. Não havia mais dúvida em sua mente sobre onde ela pertencia.

— Eu quero você — ela disse, passando as costas dos seus dedos sobre seu estômago. — E eu não me refiro apenas à noite. Eu quero nós, Danny.

Ele fechou a pequena distância entre eles, pressionando-a de volta para os travesseiros a beijando profundamente, e Leah agarrou a cintura de suas calças de brim e boxers e deslizou para baixo sobre seus quadris.

Danny removeu o resto do caminho, pegando a carteira do bolso antes de jogar tudo no chão atrás dele. Leah o observou remover um preservativo e abrir a embalagem, e de repente, seu estômago revirou com a ansiedade.

Ela fechou os olhos e concentrou-se em tomar respirações lentas e profundas.

— Leah — ele disse suavemente, colocando as mãos sobre as coxas, e ela abriu os olhos.

Ela podia ver a preocupação em seu rosto, e ela estendeu a mão para ele; Ele desceu com ela imediatamente, apoiando o peso sobre os cotovelos enquanto embalava seu rosto.

— Eu estou bem — disse ela com um pequeno sorriso. — Eu só estou um pouco nervosa.

— Porque está nervosa? — Ele perguntou, brincando com o cabelo em seu rosto, e ela fechou os olhos.

Fazia tanto tempo para ela, e ela só queria que fosse bom para ele. A maneira como ele a fazia se sentir esta noite foi muito além de qualquer coisa que ela já experimentou. Ela queria que ele se sentisse assim também.

— É só que... foi a um tempo — disse ela, com os olhos fixos em seu ombro.

— Hey — ele disse suavemente, e ela ergueu os olhos para ele. — Você está no controle aqui. No entanto, se você quer que isso continue, o que você precisar, é só me dizer.

Ela sorriu suavemente. É claro que ele estava pensando nela.

— Eu não estou nervosa sobre mim — disse ela, observando os dedos desenhar padrões em seu ombro. — Eu só... Eu quero fazer você se sentir bem.

Ela olhou para cima a tempo de ver suas covinhas aparecerem lentamente. — Leah — disse ele por meio de uma gargalhada. Ele circulou seus dedos em torno de seu pulso e guiou sua mão para baixo entre eles até que ela o tocava.

Oh Deus.

— Você sentiu isso? — Ele perguntou em voz baixa. — É assim que você me faz sentir. E nós ainda nem sequer começamos ainda.

Ela fez um pequeno som quando fechou a mão em torno dele e guiou-o para seu corpo, e ele exalou em uma corrida, largando a testa na dela.

E então ele pressionava dentro dela.

Ela estendeu a mão e agarrou a parte de trás de seus ombros, e assim que seus quadris estavam alinhados com os dela, seu corpo inteiro entrou em erupção, todo arrepiado.

— Foda-se — disse ele em voz baixa, e Leah viu o músculo do lado de seu maxilar flexionar, antes dele timidamente mover contra ela. Ela arqueou a cabeça para trás quando um arrepio percorreu seu corpo, e sentiu as mãos deles deslizarem entre ela e o colchão, segurando seus quadris contra o seu próprio corpo enquanto se balançava para ela novamente.

— Maldição, você é tão boa — ele respirou.

Ela quis responder. Ela queria que ele soubesse o que estava fazendo com ela, mas o ritmo dele efetivamente roubou todas e quaisquer palavras de sua boca. Em vez disso, ela colocou os braços ao redor dele, gemendo e suspirando em seu ombro enquanto cada um de seus movimentos a empurrava mais à beira e ela oscilava durante toda a noite.

Depois de estar à beira duas vezes, não demorou muito para ela sentir o aperto na barriga, a tensão incrível que ele estava construindo dentro dela, e se agarrou nele quando o seu nome saiu de seus lábios.

Danny a beijou, dizendo alguma coisa contra os lábios dela que ela não conseguia entender; ela estava muito perdida no que estava acontecendo com seu corpo. Era como se um elástico foi esticado impossivelmente além de sua capacidade, e esperava por ele para largar a qualquer momento. E justamente quando ela pensava que seria de alguma forma esticada ainda mais.

Danny trocou a posição de seus quadris, e Leah suspirou em voz alta enquanto suas mãos voaram de volta para a cabeceira da cama em cima dela. Tudo o que ele estava fazendo agora causou a bela pressão na barriga dela, a qual se espalhava para baixo em suas coxas e até através de seu peito. Tudo dentro dela parecia ferido, apertado e pronto para quebrar, e ela não sabia como poderia tomar muito mais; esse foi o mais intenso do que qualquer orgasmo que ela já teve.

— Oh Deus... por favor — ela ofegou, apertando seu corpo na cabeceira da cama.

— Vamos lá, baby — ele sussurrou, descendo para segurar seus quadris, e depois se inclinou para ela.

Leah arqueou para fora da cama quando o elástico finalmente estalou, enviando ondas de choque concentrados de prazer batendo através de seu corpo. Sabia que devia ter gritado, mas ela não podia ver ou ouvir qualquer coisa; toda a sua consciência estava voltada para a dor torturante sendo levada pelo sentimento indescritível pulsando em suas veias.

Ele continuou se movendo contra ela, arrastando cada último segundo, até que ela sentia como se seus ossos estivessem desligados, deixando-a completamente inútil. E assim que ela se sentia começando a descer, Danny fez algo com a mão que a levou de volta para cima, inesperadamente mandando-a sobre a borda uma segunda vez.

Desta vez, ela se ouviu gritar, mas foi perdida nos belos sons que foram derramando dos lábios de Danny quando ele enterrou o rosto em seu cabelo.

Seus movimentos lentos até que ele caiu em cima dela, serpenteando os braços entre ela e o colchão e puxando-a contra seu corpo. Leah desenrolou as mãos da cabeceira da cama e colocou os braços ao redor dele, enterrando seu rosto na curva de seu pescoço e inalando seu perfume inebriante. Podia senti-lo beijando-a suavemente na parte superior do ombro, e por alguns minutos eles ficaram dessa forma, tentando obter o controle de sua respiração.

— Puta merda — Leah disse finalmente, sua voz grossa e preguiçosa, e Danny cantarolava languidamente em resposta. Ela fechou os olhos. — Esse CD ganhou um lugar permanente na prateleira.

Ele riu contra seu ombro antes de sair lentamente, sua mão encontrando a dela no colchão.

Danny entrelaçou os dedos juntos. — Isso foi... — Ele balançou a cabeça, passando a outra mão sobre os olhos. — Eu nem tenho palavras para o que foi.

— Eu nem sabia que existia — disse ela, e ele riu se inclinando, seus lábios pairando sobre os dela.

— Eu não acho que existia antes de nós — ele sussurrou. Ele deu um beijo suave em seus lábios. — Volto já — disse ele antes de beijá-la novamente, lentamente no início, e depois mais profundamente, de forma que seu corpo já debilitado derreteu novamente no colchão. Até o

momento em que ele se sentou e balançou as pernas para o lado da cama, ela mais uma vez lutou para recuperar o fôlego.

Danny levantou e se dirigiu ao banheiro, e ela sentou lentamente, esticando os braços acima da cabeça, quando encontrou seus músculos novamente.

Água. Ela precisava de água.

Ela saiu da cama e agarrou a camisa de Danny do chão, puxando-a sobre a cabeça, e foi para a cozinha. Ela abriu a geladeira e pegou uma garrafa de água, bebendo metade dela em questão de segundos.

Leah encostou-se ao balcão com seu quadril, enroscando lentamente a tampa de volta, e é aí que seus olhos pousaram sobre ele.

Ela sorriu, colocando a garrafa sobre o balcão enquanto abria a gaveta na frente e tirava dois garfos. Depois de pegar uma vela da caixa sobre o balcão e acender no centro do bolo, Leah segurou os garfos e fechou a gaveta com seu quadril antes de voltar para o quarto.

Danny estava deitado em sua cama, os lençóis em seus quadris e as mãos cruzadas atrás da cabeça, deixando seus bíceps grandes.

Ele encarnava sexo assim, e Leah estava tentada a lançar o bolo por cima do ombro e rastejar em cima dele.

Danny riu quando viu o que ela segurava, e sentou quando ela colocou o bolo em cima da cama antes de subir atrás dele.

— Você tem que fazer um desejo neste ano — disse Leah.

Ele sorriu para ela antes de fechar os olhos e franzir o rosto, fazendo um grande show de ponderar o que deveria desejar. E então sua expressão se endireitou, e com os olhos ainda fechados, ele apagou a vela.

Quando os abriu e olhou para ela, seu olhar era adorável, e ela inclinou-se e beijou-o suavemente antes de entregar um garfo.

Danny estava deitado de lado, apoiando a cabeça na mão, e Leah espelhando sua posição, de frente para ele, com o bolo na cama entre eles.

Eles comeram até que não podiam mais dar outra mordida, e Leah mudou o que sobrou do bolo para o seu armário antes de voltar para a cama.

— Você está bem na minha camisa — disse ele, agarrando sua cintura e puxando-a para cima dele. Ele segurou suas mãos na cama de cada lado do seu corpo, e quando ela olhou para ele, ele torceu o cenho sugestivamente.

Ela sorriu, inclinando-se para baixo até que seus lábios quase se tocavam. — O que você é, insaciável?

Danny riu suavemente; seu hálito quente cheirava a bolo, e Leah molhou os lábios antes de fechar o pequeno espaço entre eles e pressionar a boca na dele.

Uma hora depois, ela estava deitada de lado com o braço de Danny em torno de sua cintura e seu peito pressionado contra suas costas. Quando ela contornou a fronteira entre a consciência e o sono, Leah sentiu seu cabelo passar sobre o ombro, e então a boca dele estava na parte de trás do seu pescoço.

Ela inclinou a cabeça para frente, uma reação involuntária que lhe dava um melhor acesso, mas ela não conseguiu muito mais do que isso.

— Mmm — ela cantarolou sonolenta. — Se você quer mais, tente não me acordar enquanto está nisso.

Ele riu contra a parte de trás do seu pescoço antes de remover os lábios de sua pele. O ar estava frio agora em comparação com o calor de sua boca, e quando ele arrastou a ponta do dedo dele na parte de trás do seu pescoço, ela estremeceu.

Seu braço deslizou sobre sua cintura novamente quando ele a puxou contra ele, e Leah se aconchegou de volta em seu peito com um suspiro.

— O que significa isso? — Ele perguntou em voz baixa.

— Hmm? — Ela cantarolou, com os olhos ainda fechados.

— Isso — disse ele, arrastando a ponta do seu dedo sobre seu pescoço novamente.

Direto sobre sua tatuagem.

— Oh — ela murmurou, sua voz suave com o sono. — Isso significa duas coisas.

— Diga-me — disse ele, sua respiração esvoaçando seu cabelo.

Leah arrastou a ponta dos dedos para cima e para baixo em seu antebraço. — No Celta, a espiral triskele é o símbolo para a mãe. Isso é, na verdade, a primeira razão que me atraiu para ela.

Ele beijou as costas de seu ombro quando ela disse: — Mas o próprio triskele é geralmente um símbolo para a progressão da vida... como muda constantemente, mas sempre nos leva a um novo começo — ela murmurou, sonolenta. — É sempre um novo começo. E eu amo a ideia.

Danny apertou os lábios sobre a tatuagem novamente. — Eu também — ele disse suavemente.

Leah levou a mão dele até a boca, beijando sua mão antes de interligar seus dedos. Ela se sentia tão segura, tão confortável, tão contente envolta de seus braços, com o calor de sua pele na dela e as batidas suaves do seu coração contra suas costas. Tão exausta como estava, ela se viu lutando contra o sono só para que ela pudesse se divertir um pouco mais.

E nesse momento, ela percebeu que o intenso sentimento de que era inundada cada vez que Danny colocava os braços em volta dela. Era o mesmo sentimento que teria uma garota quando sua família estacionasse em sua garagem, depois de passar uma semana de férias. Era o mesmo sentimento que teve quando rastejou de volta para sua própria cama pela primeira vez depois de voltar para a casa do o pai durante a faculdade. E era o mesmo sentimento que ela tem em cada Natal, quando ela vai para aquela pequena Rua no Bronx e para em frente à casa de Catherine.

Seus olhos ardiam com lágrimas atrás de suas pálpebras fechadas, e ela sorriu, sabendo com certeza que ela tomara a decisão certa.

Porque, para ela, estar nos braços de Danny parecia como voltar para casa.

Capítulo 15

Leah estava ao lado da cama, com Danny vestindo apenas uma camiseta e um par de cuecas e ela passava uma escova no cabelo molhado.

Ela sorriu para si mesma, olhando para ele.

Os cílios dele se espalhavam sob seus olhos, a barba por fazer estava áspera e escura em seu maxilar. Um de seus braços estava pendurado ao lado da cama, sua outra mão apoiada em seu estômago.

O lençol mal o cobria, e Leah deu-se um minuto para admirar seu corpo antes de se virar para voltar para o banheiro.

Dois braços envolveram sua cintura, e ela gritou quando ele a puxou para baixo em cima da cama e começou a fazer cócegas em suas costelas. Leah gritou quando ela virou, tentando agarrar seus pulsos.

Finalmente, depois de muito esforço, ela foi capaz de obtê-los, prendendo-os na cama acima de sua cabeça enquanto montava sobre seu estômago.

— Idiota — ela riu entre as respirações, e ele sorriu para ela.

— Eu seria bom se eu fosse você. Você percebe que você só está me prendendo agora porque eu estou bonzinho.

— Ah, é mesmo? — Perguntou ela, inclinando todo o seu peso corporal em seus braços enquanto segurava-o na cama. — Experimente.

Sem esforço, ele levantou os braços, e Leah bloqueou os cotovelos, tentando mantê-lo preso. Ele levantou seu corpo, segurando-a ali por alguns segundos, enquanto ela lutava para empurrar seus braços de volta para a cama.

Danny riu quando ele baixou os braços para o colchão acima de sua cabeça, permitindo-lhe prendê-lo mais uma vez, e ela balançou a cabeça enquanto abandonava seu domínio sobre ele. — Sabe, fingir dormir é uma coisa assustadora — ela disse enquanto se deitava em seu peito.

— É tão assustador como ver alguém dormir?

— Touché — ela disse, e ele riu, arqueando as costas enquanto estendia os braços.

— Eu preciso de café — ele disse, com a voz tensa quando se esticou, e, em seguida, seu corpo relaxou quando levou as mãos atrás da cabeça.

Leah se inclinou para que seus narizes se tocassem. — Eu faço. Há toalhas para você no banheiro — disse ela, beijando-o rapidamente antes de pular da cama e dirigir-se para a cozinha.

Quando Leah pegou um pote de café, ouviu a água cair do chuveiro.

— Eu sinto que estou prestes a entrar em um lava-jato — ele disse do banheiro, e ela riu enquanto abria a geladeira.

— Você vai adorar! — Ela disse de volta, agarrando todas as coisas que ela precisava para fazer omeletes. Ela ralou um pouco de queijo cheddar e usou seu Slap Chop para cortar alguns tomates, pimentões e cebolas, e então ela rachou quatro ovos em uma tigela. Assim que estava prestes a começar a batê-los, ela ouviu o som de chaves na porta e congelou.

As únicas pessoas que tinham as chaves de seu apartamento eram sua irmã, Holly e Robyn, e ela não podia imaginar o que qualquer uma delas estaria fazendo chegando a sua casa agora.

A porta da frente abriu e fechou, seguindo-se o som de passos suaves. Finalmente sua irmã apareceu, passando pela cozinha, a caminho do quarto de Leah.

— Sarah?

Ela pulou, chicoteando a cabeça na direção de Leah. — Oh, hey — disse ela, virando-se para a cozinha. — Você está acordada.

— Sim, eu estou — ela riu. — Por que você está entrando no meu apartamento quando pensa que estou dormindo?

— Porque Kyle vem jantar a noite no papai e eu ia roubar o seu suéter azul de cashmere para usar — disse ela, se aproximando mais e pegando uma pimenta da tábua de cortar. Após colocar na sua boca, ela viu as duas tigelas na frente dela, olhando para os quatro ovos prestes a ser colocados. — Jesus, Leah. Com fome?

Ela abriu a boca, tentando encontrar uma resposta, e antes que ela pudesse chegar a algo, ela ouviu a voz dele.

— Tudo bem, realmente me arruinou para todos os outros banheiros. — Suas palavras cortaram abruptamente quando ele se virou para a cozinha, encontrando Sarah lá com ela. Ele estava vestido com apenas uma toalha pendurada em torno de seus quadris, as pequenas gotas de água do seu chuveiro ainda agarradas ao seu peito e ombros. Sua mão veio para a toalha, prendendo-a quando ele limpou a garganta.

— Oi — disse ele, sem jeito.

Sarah sorriu de orelha a orelha. — Oi — disse ela, logo voltando a olhar para Leah.

— Sarah, este é Danny — disse ela, olhando para ele e tentando se desculpar com os olhos. — Danny, esta é a minha irmã.

Ele sorriu suavemente antes de voltar sua atenção para Sarah. — É bom conhecer você, Sarah — disse ele, estendendo a mão para ela.

— Você também — disse ela, apertando a mão dele quando seu sorriso ficou mais pronunciado.

— Ok, bem, eu só vou me vestir — disse ele, erguendo a mão em uma despedida e um pedido de desculpas antes de se virar e caminhar de volta para o corredor.

Sarah virou-se lentamente para Leah, seu sorriso ameaçando dividir o rosto em dois. Leah ouviu o som da porta do quarto se fechando, e Sarah cruzou os braços e balançou a cabeça.

— Bem, bem, bem — disse ela.

Leah pegou o batedor e começou vigorosamente a chicotear os ovos.

— Então — disse Sarah. — Vocês estão namorando? Porque, obviamente, você está fodendo.

O batedor escorregou de sua mão, jogando ovos em todo o balcão.

— Jesus, Sarah — disse ela com uma risada nervosa, pegando o batedor de volta.

— Bem? Vocês estão juntos ou apenas transando? Porque porra, não haveria nenhuma vergonha nesse jogo — disse ela, inclinando-se

para trás para fora da porta e esticando o pescoço para ver se ela poderia obter outro vislumbre dele.

— Há, sério, há algo errado com você — disse Leah com uma risada. Ela voltou a bater os ovos, e quando não houve resposta de Sarah, ela ergueu os olhos para ver sua irmã olhando para ela, um pequeno sorriso em seus lábios.

— E então?

Leah suspirou. — É muito, muito novo.

— Mas vocês estão juntos. — Ela disse como uma afirmação.

Leah assentiu.

Ela sorriu de novo, vindo de trás do balcão e dando a Leah um grande abraço. — Yay — ela guinchou em seu ouvido, e Leah sorriu.

Sarah soltou e encostou-se ao balcão, agarrando outra pimenta. — Papai e Chris já o conheceram?

— Ainda não.

Ela assentiu com a cabeça, estalando a pimenta em sua boca. — Ele provavelmente deve usar roupas para isso.

Leah riu de novo, balançando a cabeça enquanto jogava os legumes e queijo nos ovos. — Então, Kyle vem jantar hoje à noite? — Ela perguntou, virando a mesa sobre ela.

— Yeah. Eu nunca pensei que eu seria uma daquelas meninas irritantes que diz isso, mas... Eu acho que ele é o único.

Leah levantou as sobrancelhas. — Sério?

Ela assentiu com a cabeça. — Quando penso no futuro, se é na próxima semana ou no próximo ano, eu não posso imaginar qualquer coisa sem ele lá. Isso nunca aconteceu comigo antes.

Leah olhou para Sarah enquanto servia a mistura de ovos na panela no fogão. — *Ohhh, alguém se deu mal*, Leah cantou.

— Cale-se.

— Todas as piadas de lado, isso é incrível, Sarah. Estou feliz por vocês.

— Idem — disse ela, e elas sorriram uma para a outra.

Só então elas ouviram a porta do quarto abrir, e as duas imediatamente se endireitaram, como se acabassem de ser pegas fazendo algo errado. Elas perceberam o absurdo de suas ações, ao mesmo tempo, caindo nas gargalhadas, assim que Danny virou a esquina para a cozinha. Ele estava vestindo as roupas da noite anterior, e seu cabelo – como de costume – estava na sexy desordem, as pontas molhadas bagunçadas saindo em todas as direções.

Ele passou a mão por ele, sorrindo para elas quando elas continuaram a rir como meninas.

— Eu não vou nem perguntar — disse ele, enquanto caminhava até onde Leah estava junto ao fogão e pegou a garrafa de café. — Sarah, você quer um café?

— Não, obrigada. Eu não posso ficar. Eu só vim aqui pegar uma blusa de Leah.

— Engraçado, eu não me lembro de ter dito que você poderia pegá-la — Leah respondeu, cutucando a espátula sob a borda da omelete cozinhando.

— Isso é provavelmente porque eu não pedi.

Ela ouviu Danny dar risada quando ele derramou um pouco de café em uma caneca, e ela balançou a cabeça. — Está no meu armário, no lado direito.

— Doce — disse ela, virando-se e andando pelo corredor em direção ao quarto.

Leah virou-se para Danny, sua expressão de desculpas. — Sinto muito, muito mesmo. Eu não sabia que ela estava vindo.

Ele sorriu enquanto encostou-se ao balcão, trazendo a caneca aos lábios. — Não se preocupe — disse ele antes de tomar um gole. — Poderia ter sido pior. Pelo menos eu usava a toalha. Eu estava indeciso por um minuto.

— Bem, isso teria sido agitado.

Ele riu chegando por trás dela, passando o braço em volta da cintura e apoiando o queixo no ombro dela. — O que você está fazendo?

— Omeletes — disse ela, e ela sentiu-o virar o rosto, acariciando seu cabelo ainda úmido.

— Mmm — ele cantarolou, e ela sorriu, sabendo que não tinha nada a ver com a comida.

— Você pode colocar a torrada? — Disse ela, levantando a borda da omelete com a espátula. — Este está quase pronto.

— Sim — ele disse, beijando o pescoço dela rapidamente antes de se virar para a torradeira.

Sarah voltou à cozinha, segurando o suéter de Leah. — Então, Danny, você vem jantar hoje à noite na casa do meu pai?

Leah virou sua cabeça em direção a sua irmã, os olhos arregalados, e então ela olhou rapidamente para Danny; sua mão estava congelada na guia da torradeira. — Hum — disse ele, dizendo devagar, — Eu não tenho planos.

— Venha — disse Sarah. — Meu namorado estará lá, e meu irmão e sua esposa. Vai ser divertido.

Ele se virou para ela, sorrindo com facilidade. — Obrigado pelo convite. Talvez eu passe lá.

— Ótimo — ela disse com um aceno de cabeça. — Ok, eu estou fora daqui. Vejo vocês mais tarde. — Ela piscou para Leah antes de se virar na cozinha, e, em seguida, a porta da frente abriu e fechou. Leah manteve os olhos sobre a omelete, cutucando-a com a espátula.

Por um minuto, nenhum deles falou.

— Eu não tenho que ir, você sabe — Danny disse finalmente. Leah virou para vê-lo encostar-se ao balcão, olhando para ela. — Eu não quero que você fique desconfortável.

— Não é nada disso — disse ela enquanto tirava a panela do fogão, cortando a omelete ao meio com a ponta da espátula antes de servir nos pratos. — Eu adoraria que você viesse. É que... Eu não quero que você se sinta obrigado só porque ela pediu. Ela vai entender.

— Eu não me sinto obrigado.

Leah olhou para ele. — Você realmente quer conhecer minha família?

— Eu adoraria conhecer a sua família — disse ele, como se fosse óbvio.

Eles se olharam por alguns segundos, e Leah sorriu e pequenas borboletas voavam através de seu estômago.

— Bem, isso fará meu pai feliz, pelo menos. Ele quer conhecê-lo.

Danny levantou a sobrancelha. — Ele sabe sobre mim?

— Claro.

Ele ficou em silêncio por uma batida antes de falar baixinho. — Tudo?

Leah congelou, com a mão enrolada em torno de dois garfos na gaveta de utensílio. Ela deu um pequeno suspiro antes de olhar para cima e vê-lo observando-a atentamente.

— Não — ela disse, abaixando os olhos, e ela podia vê-lo olhar para baixo quando ele balançou a cabeça lentamente. — Não é que eu sou... você sabe que eu não... É só que... ele não o conhece ainda. Eu não quero que seja a primeira coisa que saiba de você.

— Eu compreendo totalmente. Eu aprecio isso, na verdade.

Leah ouviu o menor indício de tristeza por trás de suas palavras, e ela deixou os garfos e caminhou até onde ele estava encostado no balcão. Ela colocou os braços em volta do pescoço dele, e as mãos de Danny veio até a cintura dela, esfregando suavemente para cima e para baixo seus lados.

— Eu não tenho vergonha de você — ela disse, e ele assentiu com a cabeça, olhando-a nos olhos.

— Eu sei.

Ela subiu na ponta dos pés e pressionou seus lábios contra os dele, mantendo-os lá até que o rosnar alto de seu estômago interrompeu o momento. Ela sentiu a curva de lábios em um sorriso contra os dele, e ela se afastou.

— Estou com fome — disse ela.

— Eu posso ver isso. — Ele riu, tirando o cabelo do rosto.

Leah virou e pegou seus pratos, e Danny pegou seu café e o dela, seguindo-a para a mesa.

Sentaram-se e imediatamente se serviram, e Danny sacudiu a cabeça enquanto mastigava. — Você está estragando totalmente com isso — disse ele, apontando para o prato.

— Você poderia fazer isso, sabe. Não é difícil.

— Você está superestimando minhas habilidades culinárias.

— Você conserta carros! — Ela riu. — Eu tenho certeza que você poderia fazer uma omelete.

Ele sorriu, dando outra mordida. — Então, a que horas que eu deveria buscá-la hoje à noite?

— Me buscar?

— Bem, sim. Eu tenho que ir para casa primeiro. Eu não vou conhecer seu pai com essa roupa.

— Não, eu sei que você tem que ir para casa — disse com uma risada, — mas você passa pela casa do meu pai para vir até aqui me pegar.

— Então?

— Então, você estará dirigindo um extra de 20 minutos para ir e mais vinte para voltar.

— Ok.

— Ok, então isso é um desperdício de tempo ridículo e gasolina. Você não precisa fazer isso.

Danny largou o garfo em cima da mesa e se inclinou em direção a ela. — Leah?

— Sim?

— A que horas devo buscá-la hoje à noite?

Ela olhou para ele por um segundo antes de admitir com um suspiro. — 17h30min.

Danny sorriu, tirando os cotovelos da mesa e pegando o garfo. — Lá. Agora, era tão difícil?

****

Quando Leah e Danny subiram a garagem de seu pai, ela mordeu o canto do lábio, olhando para ele. Ela não conseguia entender como ele podia estar tão calmo; seu estômago revirou incessantemente todo o caminho para a casa do seu pai, e agora que eles se aproximavam de sua porta da frente, ela sentiu como se pudesse estar doente.

Danny a notou olhando para ele, e deu um pequeno sorriso, apertando a mão dela enquanto subiam os degraus. Eles pararam em frente à porta, e Leah olhou para ele.

— Última chance de voltar atrás — ela disse, e ele sorriu.

— Eu estou dentro — ele disse, colocando uma mão reconfortante sobre a parte baixa de suas costas, e ela respirou fundo antes de se virar e abrir a porta da frente.

Os sons de conversas e risadas os cumprimentaram imediatamente, seguido pelo cheiro da lasanha de Sarah.

Aqui vamos nós, pensou, assim que a voz de seu irmão soou pela casa.

— Oh, você tem que estar brincando comigo! Alguém pagou este árbitro!

Ela se encolheu e balançou a cabeça, olhando para Danny.

— Será que ele tem uma jarra de promessas? — Perguntou.

Antes que ela pudesse responder, Sarah e Alexis saíram da cozinha.

— Hey pessoas! — Disse Sarah animadamente, pegando a garrafa de vinho das mãos de Leah. — Danny, eu estou tão feliz que você decidiu vir. — Ela subiu na ponta dos pés e beijou sua bochecha, e ele sorriu seu sorriso com covinhas para ela.

— Aqui, deixe-me ter isso — ela disse, estendendo a mão para a caixa de sobremesa com o logotipo da Giovanni rabiscada na parte superior. — Tudo o que está aqui precisa ser escondido antes de meu irmão vê-lo.

Ela virou e caminhou para a cozinha, e Alexis avançou, estendendo a mão. — Oi, Danny. Sou Alexis, a esposa de Chris.

Danny pegou a mão dela e se inclinou para baixo, dando um beijo em sua bochecha. — Prazer em conhecê-la — disse ele, e ela corou ligeiramente.

Leah tirou o casaco e Danny seguiu o exemplo. Quando Leah foi para ele, Alexis a interceptou. — Não, deixe-me levá-los. Vocês entrem. Danny, os meninos estão todos bebendo cerveja. Você quer uma? Ou um copo de vinho?

— Uma cerveja seria ótimo, obrigado — disse ele, entregando o casaco. Alexis sorriu com um aceno de cabeça, virando-se para Leah para pegar-lhe o casaco. Ela fez contato visual com ela, levantando uma sobrancelha antes de continuar em direção ao armário do corredor.

Leah virou para Danny, olhando para ele quando ela respirou. — Pronto?

Ele acenou com a cabeça. — Se você estiver.

Ela forçou um sorriso e se virou para ir para a sala de família. Porra, ele ainda era o epítome da calma e serenidade. Enquanto isso, sua pulsação corria em seus ouvidos quando se aproximaram da sala.

Quando chegaram à porta, três cabeças se viraram para olhá-los simultaneamente. Seu pai estava sentado no seu lugar habitual na poltrona, e seu irmão no outro lado do sofá, com uma mão atrás da cabeça. Kyle estava assentado na namoradeira, um braço nas costas e a outra segurando uma garrafa de cerveja em seu joelho.

— Ei, olha quem está aqui! — Disse Chris, balançando as pernas sobre o sofá enquanto ele se endireitava, e seu pai mudou de posição na cadeira, segurando os lados e se levantando.

Ele caminhou em direção a eles, olhando para Danny antes de trazer seus olhos para Leah. — Princesa — disse ele, estendendo a mão para lhe dar um abraço. Ele passou a mão para cima e para baixo das suas costas enquanto sussurrava, — Relaxe — em seu ouvido.

Ela assentiu com a cabeça, respirando fundo antes de soltá-la.

Chris e Danny já apertavam as mãos; seu irmão parecia amigável o suficiente, mas Leah o conhecia bem o suficiente para ver que ele estava avaliando Danny enquanto olhava para ele.

— Danny, este é o meu pai.

Danny sorriu, estendendo a mão. — Prazer em conhecê-lo, Sr. Marino.

Leah viu o pai com cuidado, ele estendeu a mão e apertou a mão de Danny, e ela suspirou de alívio quando viu que Danny encontrava o olhar de seu pai. Por quanto ela conseguia se lembrar, seu pai sempre disse que ele nunca confiou nas intenções de um homem que não podia olhar nos olhos dele quando apertavam as mãos.

— Prazer em conhecê-lo, Danny.

— Aqui está — disse Alexis atrás deles, e Leah virou para vê-la entregando a Danny uma cerveja.

— Onde está a minha? — Chris disse, e Alexis deu de ombros.

— Meu palpite seria na geladeira.

Danny apertou os lábios e olhou para baixo, apenas permitindo-se a rir quando todos os outros fizeram.

Seu pai se virou e voltou para a cadeira. — Sente-se, Danny.

Ele deu alguns passos na sala, e Leah estava prestes a seguir, assim que Alexis disse: — Ei, Leah? Sarah disse que ela precisa de você na cozinha.

Ela olhou para Alexis antes de se virar para Danny, mordendo o lábio.

— Cai fora, mãe galinha — disse Chris casualmente, e ela lançou um olhar feio antes de virar os olhos para Danny.

— *Você está bem aqui?* — Ela murmurou, e ele assentiu encorajando.

— Ele vai ficar bem — disse Alexis suavemente, envolvendo o braço em torno de Leah e guiando-a para a cozinha.

Assim que elas entraram, Sarah entregou-lhe um copo de vinho.

— Obrigada — ela disse, tomando um longo gole enquanto se encostava no balcão.

Alexis levantou as mãos. — Ok, eu só vou dizer isso. Des... lumbrante — disse ela, fazendo-a soar como duas palavras separadas.

— Você deveria vê-lo sem camisa — disse Sarah, sorrindo para Leah sobre sua taça de vinho antes de tomar um gole.

— De jeito nenhum — disse Alexis se abanando. — Eu não poderia lidar com isso. Os hormônios da gravidez são uma força a ser reconhecida.

— Eu odeio tanto vocês — disse Leah, corando carmesim, e as meninas riram.

As três continuaram trabalhando no jantar, e em um ponto, Christopher entrou na cozinha para pegar mais uma rodada de cervejas. Quando ele se virou na geladeira, ele fez contato visual com Leah, e ela ergueu a sobrancelha para ele. Ele sorriu suavemente antes de piscar, e então ele voltou para a sala da família.

Naquele pequeno sinal de aprovação, Leah sentiu um pouco da tensão deixar seus ombros, e sorriu para si mesma enquanto picava os legumes para a salada.

Um pouco mais tarde, Alexis e Leah estavam servindo a lasanha enquanto Sarah chamava os meninos para jantar. Kyle entrou pela cozinha primeiro, beijando a testa de Sarah antes de continuar até a sala de jantar.

O som de risos chamou sua atenção, e Leah se virou quando Chris e Danny entraram juntos na cozinha. Chris sorriu para ela, atrapalhando seu cabelo enquanto passava, e ela deu um tapa nele, saindo de seu alcance. Antes que ela pudesse corrigi-lo, Danny se aproximou dela, passando as mãos pelos cabelos e desembaraçando-o.

— Oi — ela disse.

— Oi — disse ele, colocando o cabelo atrás da orelha.

— Vocês estão se divertindo?

— Eu estou. Eles são ótimos. E você parece muito melhor. — Disse ele, envolvendo os braços em volta da cintura dela.

Ela trouxe os braços para cima, bloqueando seus dedos atrás do pescoço. — Eu pareço melhor?

— Yeah. Você não parece mais como se você estivesse prestes a ir à merda.

Ela abriu as mãos por trás do pescoço e empurrou-o, e ele riu, puxando-a para um abraço. Leah descansou sua bochecha contra seu peito e fechou os olhos.

— Eu era tão óbvia? — Ela murmurou.

— Só um pouco — disse ele contra o topo de sua cabeça, beijando-a lá antes de deixá-la ir.

Seu pai entrou na cozinha, em seguida, batendo nas costas de Danny enquanto passava. — Brees será melhor na próxima semana.

— Vai acontecer — disse Danny, e Leah olhou para ele, com a sobrancelha franzida.

— O que foi aquilo?

— Temos uma aposta no jogo da próxima semana. Seu pai e eu contra Kyle e seu irmão.

— Ok, mas o que isso tem a ver com o clima?

— O que? — Disse ele por meio de uma gargalhada. — O que você está falando?

— Meu pai disse que apenas uma brisa será melhor na próxima semana.

Danny olhou para ela por alguns segundos antes de começar a rir. — Oh meu Deus — disse ele, tomando seu rosto entre as mãos. — Você tem alguma ideia de como você é adorável?

Ele se inclinou e deu um beijo suave em seus lábios antes de se virar para a sala de jantar, e ela ouviu o riso começar novamente.

Ela balançou a cabeça, ainda confusa quando terminou de cortar o último pão de alho, em seguida, ela levou a bandeja na sala de jantar. Assim que ela sentou, ouviu Chris rir baixinho antes de limpar a garganta.

— Então, Leah — ele disse, — Você quer entrar nessa aposta de vento? Vou ver se consigo encontrar o meu anemômetro.

Os meninos caíram na gargalhada, inclusive seu pai, e as meninas olhavam para ela com partes iguais de simpatia e diversão. Ela se virou para Danny, que tentava controlar sua risada enquanto olhava para ela pedindo desculpas.

Chris riu. — Drew Brees é o quarterback para o New Orleans Saints, sua imbecil. Brees. BREES. Você não deveria ser uma PROFESSORA DE INGLÊS?

Ela olhou para Danny. — Você me dedurou?

— Eu tive que fazer — ele disse, tentando não sorrir. — Seu pai me perguntou o que era tão engraçado.

Ela apertou os lábios e balançou a cabeça lentamente. — Ok, eu vejo como é — disse ela, pegando o garfo e virando-se para o irmão. — E Chris, para sua informação, Brees e brisa seria considerado palavras homônimas que soam iguais, mas são escritas de forma diferente e têm significados diferentes. Elas são fáceis de confundir, se você não vê-las escrito, caso esteja interessado.

Ele parou por um segundo, olhando para o teto, pensativo, antes de trazer seus olhos para os dela. — Sim, eu não estou interessado, na verdade.

A mesa toda caiu na gargalhada novamente, e desta vez Leah se juntou a eles, sacudindo a cabeça. Danny apertou-lhe a mão por baixo da mesa, trazendo-a até a boca e dando-lhe um beijo rápido antes de soltá-la.

O jantar não poderia ter ido mais perfeito se Leah tivesse o roteiro dela mesma. Ambos, Danny e Kyle, eram recém-chegados ao jantar dos Marino no domingo, mas parecia como se sempre fossem parte da tradição. Os meninos falaram de carros por muito tempo, uma vez que descobriram o que Danny fazia para viver, e mesmo que a maioria do que eles diziam não fazia sentido na cabeça de Leah, ela encontrou-se ouvindo atentamente a conversa. Danny parecia tão inteligente, tão ardente, tão confiante, que ela poderia ter escutado ele por horas, mesmo que nada disso fizesse sentido para ela.

Depois do jantar, as meninas trouxeram a sobremesa para a mesa, e todos se sentaram em volta, tomando café e conversando casualmente. Em um ponto Kyle estava contando uma história, e Leah olhou para Danny para encontrar seu olhar focado no outro lado da mesa. Ele parecia quase melancólico, e Leah seguiu sua linha de visão para onde Chris e Alexis estavam sentados; eles olhavam para Kyle enquanto ele falava, mas a mão de Chris estava na barriga da Alexis, esfregando-a suavemente, enquanto ouvia a história de Kyle.

Ela enfiou a mão debaixo da mesa e pegou sua mão, e Danny piscou rapidamente, tirado de qualquer feitiço sob o qual ele estivesse quando ele olhou para ela. Ela deu um pequeno aperto na mão dele, e ele sorriu antes de devolvê-lo.

Assim que todo mundo estava terminando, Leah pediu licença para ir à lavanderia separar a roupa de seu pai, e no momento em que

ela voltou para a cozinha, apenas Sarah e Kyle estavam lá. Sarah estava colocando as sobras em recipientes de plástico, e Kyle carregava a máquina de lavar louça.

Leah caminhou em direção a sala e enfiou a cabeça para dentro. Chris e Alexis estavam sentados juntos no sofá, assistindo TV.

— Onde está o papai e Danny? — Ela perguntou.

— Lá fora — Chris respondeu.

— O que eles estão fazendo lá fora?

Chris encolheu os ombros, os olhos na televisão. — Não se preocupe. O papai não faria qualquer coisa lá fora. Muitas testemunhas.

Leah revirou os olhos, caminhando até a janela e puxando as cortinas. A luz de fora estava ligada, levemente iluminando o caminho, e ela levou um segundo para encontrá-los. Assim como ela, seus olhos ardiam com a ameaça de lágrimas.

Eles estavam no topo da calçada atrás da picape que Danny pegara emprestado com Jake. Danny foi para o lado, com as mãos nos bolsos e cabeça baixa. A caçamba do caminhão estava aberta, e o pai de Leah inclinou-se sobre ela com as duas mãos, olhando com ternura para o que havia dentro.

Depois de um minuto ele voltou-se para Danny, e Leah viu quando Danny levantou a cabeça. Eles estavam longe demais para ela ver suas expressões, ou mesmo se suas bocas estavam se movendo, mas eles ficaram ali por um momento, de frente para o outro. E então o pai andou em direção a ele, colocando a mão no ombro de Danny.

Leah deu um passo atrás e deixou que a cortina fechasse de repente, se sentindo como se estivesse escutando. Uma onda de emoção caiu sobre ela, e de repente, ela sentiu vontade de rir, ou explodir em lágrimas, ou ambos.

Sarah e Kyle se juntaram a eles na sala de estar, e Leah se enrolou na cadeira de seu pai, tentando assistir TV com todos os outros. Cerca de dez minutos depois, ela ouviu a porta da garagem se abrir, e ela sabia que Danny e seu pai estavam carregando a laje de concreto para dentro da casa.

Eventualmente, ela ouviu os sons deles vindo a subir as escadas do porão, e quando a porta abriu, Leah se virou para ver seu pai em pé no topo. Seus olhos se encontraram, e então ele caminhou até onde ela

estava sentada, levando a mão ao rosto enquanto olhava para ela. Ela sorriu para ele, e seus lábios se curvaram em um sorriso gentil em troca antes dele abaixar os olhos e dar uma pequena respiração trêmula. Ele saiu da sala em seguida, e ela sabia que ele devia precisar de alguns minutos para si mesmo.

Leah voltou sua atenção para a escada do porão; Danny estava encostado no batente da porta, com as mãos nos bolsos e os olhos nela. Antes que ela sequer tivesse tomado a decisão consciente de fazê-lo, ela estava fora da cadeira e cruzando a sala para ele. Ele se afastou da parede enquanto ela se aproximava, e Leah imediatamente envolveu os braços ao redor da cintura dele, escondendo o rosto em seu peito e inalando o cheiro que estava rapidamente estava se tornando vital para ela. Ele levou a mão ao seu cabelo, segurando-a contra seu peito enquanto apertava os lábios no topo de sua cabeça.

E esse foi o momento em que ela sabia que se apaixonara por Danny DeLuca.

Capítulo 16

Leah tinha acabado de enrolar o cabelo quando ouviu o beep do telefone indicando uma mensagem, e ela se inclinou e deslizou a tela.

Estamos um pouco atrasados. Vocês já estão a caminho?

Leah pegou o telefone e mandou uma mensagem respondendo a sua irmã.

Ainda não. Danny deve chegar a qualquer minuto. Encontraremos vocês lá.

Um minuto depois, a resposta de Sarah veio.

K. Consigam uma mesa se vcs chegarem lá primeiro.

Leah colocou seu telefone na pia antes de verificar a maquiagem no espelho. Danny e ela se reuniriam com Sarah e Kyle em um de seus antigos pontos de encontro para celebrar a promoção que Kyle acabara de ganhar no trabalho.

Ela saiu do banheiro e voltou para o seu quarto para pegar seus saltos plataforma roxo, ou como Robyn chamava, seus *sapatos felizes*. Ela se sentia feliz. Era um conceito tão simples, mas a iludiu por tanto tempo que ela estava constantemente ciente de sua presença em tudo o que fazia. Tudo parecia novo, como se estivesse olhando para o mundo através de um par diferente de olhos, redescobrindo e de repente apreciando as coisas que a velha Leah esquecera.

As duas semanas desde o aniversário de Danny foram as melhores duas semanas de sua vida – um borrão incrível de sorrisos, conversas e afagos, de sorrisos e segredos compartilhados, e fazer amor.

Ela nunca imaginou mesmo em seus sonhos de adolescente mais otimista, que estar apaixonada poderia ser assim.

Leah ouviu uma batida na porta, e colocou a cabeça para fora do quarto. — Entre! — Ela chamou. — Vou sair em um segundo!

Ela ouviu a porta da frente abrir e fechar enquanto tirava os sapatos para fora do armário e deu um passo para eles, e então ela foi

até o espelho de corpo inteiro, dando uma última olhada em si mesma antes de ir à sala de estar, seus saltos clicando contra o piso de madeira.

— Então o que acha? — Disse ela, parando quando o viu na sala de jantar. Ele estava sentado com os cotovelos sobre a mesa e as mãos na frente da boca. Assim que a viu, ele baixou as mãos e sorriu, mas ela podia ver que foi forçado.

Que houve uma luta por atrás de seus olhos.

— O que há de errado? — Ela perguntou.

Ele inalou lentamente, e Leah viu sua garganta convulsionar quando ele engoliu em seco. — Meu advogado ligou hoje.

Seu estômago embrulhou, e ela sentiu uma pontada de frio na espinha.

— O que ele disse?

Danny molhou os lábios antes de olhar para ela. — Nós temos uma data da sentença.

Parecia que sua garganta estava fechando. Ela tentou respirar, mas era como se os seus pulmões estivessem cheios de cola. — Quando? — Ela conseguiu dizer, com a voz quase inaudível.

— 02 de Maio.

Leah ficou lá por um minuto, tentando processar o que ele acabara de dizer.

02 de maio. Um dia antes de seu aniversário.

Ela atravessou a sala para ele, e ele continuou sentado quando ela se aproximou, permitindo que ela rastejasse em seu colo. Danny baixou a cabeça em seu ombro, e ela enrolou os braços em volta dele, tentando manter a respiração.

Ela não conseguia reagir agora. Ela não podia desmoronar. Ela precisava ficar junto dele.

Mas qual era o ponto de ser forte? Que diferença isso faria? Se ela chorou ou se não o fizesse, se ela gritasse ou se ela permanecesse impassível, se ela esperava ou negava ou aceitava ou travava nada disso mudaria nada. Nada disso impediria o que estava prestes a acontecer.

02 de Maio. Menos de dois meses.

Ficaram sentados em silêncio, com os braços em torno um do outro enquanto os pensamentos de Leah corriam desenfreados. Um minuto sua mente estava correndo com o que isso significava para eles, o que significava para ele, e no próximo ela estava estranhamente desprovida de qualquer coisa.

— O que fazemos agora? — Ela sussurrou, sua voz não soando como a dela.

Ela não se sentia tão completamente impotente desde que sua mãe morreu.

Danny respirou antes de levantar a cabeça, olhando para ela quando tomou um de seus cachos entre os dedos. — Nós vamos encontrar Sarah e Kyle no bar, e nós celebramos a promoção dele.

— O quê? — Perguntou Leah, com a sobrancelha franzida. — Danny, não.

— Nós concordamos Leah.

— Quem se importa? — Disse ela, desesperada.

— Eu me importo! — Disse ele, e então fechou os olhos, respirando quando ele freou-se. — Eu me importo — ele repetiu, desta vez com mais calma. — Não podemos deixar isso ditar os próximos dois meses. O que vamos fazer Leah? Sentar-nos aqui e lamentar? Chafurdar nela? Eu não deixarei isso tomar mais tempo de mim do que já toma.

Leah molhou os lábios e assentiu. — Tudo bem — disse ela, baixando os olhos. — Ok. Você está certo.

Danny usou as pontas dos dedos sob o queixo para levantar os olhos dela para os dele. — Eu não quero que isso influencie tudo o que fazemos agora. Não pode ser assim.

Ela assentiu com a cabeça novamente.

— Quero dizer, eu sei que será... — Ele parou, balançando a cabeça. — Nós temos que pelo menos tentar.

Seus olhos imploravam quando ele olhou para ela, e ela sabia que se ele precisava manter um senso de normalidade, ela ajudaria, não importa o quão difícil seria. E de certa forma, ela entendeu. Ele não tinha controle sobre o que estava vindo em sua direção em dois meses, mas ele poderia controlar tudo até aquele ponto.

E talvez fosse assim que ela precisava lidar com isso também.

— Tudo bem — ela disse suavemente, pressionando os lábios nos dele. — Ok.

— Ok — ele sussurrou, afastando o cabelo do rosto.

Ela sorriu para ele, tentando manter a tristeza fora dele, e ele torceu um dos seus cachos em torno de seu dedo.

— Parece bom assim — ele murmurou, observando o fio deslizar como seda através de seus dedos.

Ela levou a mão ao rosto dele, passando o polegar sobre sua bochecha.

— Você está pronta para ir, ou você precisa de mais um minuto? — Perguntou.

— Eu estou pronta — ela sussurrou.

Ele balançou a cabeça, olhando para ela. — Você e eu hoje à noite. Nada mais, ok?

— Nada mais — repetiu em voz baixa.

— Tudo bem — disse ele, erguendo o queixo e pressionando os lábios nos dela, e ela se concentrou na sensação de sua boca. Saboreando-o.

E nada mais.

Nada mais.

****

Paddy era um bar local que foi o favorito de Leah nos anos logo depois que ela se formou na faculdade. Era divertido, um público mais jovem, mas sem todo o caos que a maioria dos bares universitários ostentava. Ela não ia há muito tempo, mas assim que Danny e ela atravessaram as portas, ela sentiu como se nunca tivesse saído.

Tudo era o mesmo, desde a decoração das mesas até aos quadros nas paredes e a música que tocava. Era reconfortante e familiar, e exatamente o que ela precisava naquele momento.

— Sarah diz que eles estão a dez minutos — disse Leah a Danny colocando o telefone de volta na bolsa. — Você quer ir pegar uma mesa e eu vou obter as bebidas?

— Sim.

— Veja a jukebox lá? — Disse Leah, e Danny ergueu o queixo, olhando para a multidão. — Há um pequeno recanto do outro lado dela. As mesas lá atrás são geralmente abertas.

— Tudo bem — disse ele, inclinando-se para beijar sua testa antes de se virar e caminhar por entre a multidão.

Leah fez seu caminho para o bar, apoiando os cotovelos em cima dele enquanto olhava ao redor do espaço familiar.

— O que eu posso pegar, querida?

Ela olhou para cima a tempo de ver o rosto do barman se iluminar com o reconhecimento.

— Leah! Querida! Como está?

— Eu estou bem, Sammy. E você?

— Oh, você sabe, o de sempre, o de sempre — disse ele, inclinando-se sobre o bar em frente a ela. — Deus, isso já faz um tempo. Você parece bem, garota!

Leah sorriu. Sammy era o mais doce idoso que ela conhecia; ele era o bartender na Paddy desde quando ela ia lá, e ele parecia se lembrar de cada rosto, cada nome, cada história que cruzou seu caminho.

— Obrigada. Você está parecendo muito bom mesmo.

— Bah — disse ele, levantando-se e acenando com a mão para ela. — Pare de fazer um velho homem corar.

Leah riu, e ele sorriu. — Então, o que eu posso pegar para você?

— Posso ter uma jarra? Tudo o que você tem de especial está bom.

— É isso aí, querida.

Assim que Sammy afastou-se dela, Leah sentiu dois braços envolver em torno de sua cintura, e ela recostou-se em seu abraço.

— Não há mesas livres? — Ela perguntou, virando a cabeça para olhar para ele.

E então, seu coração parou.

— Hey linda — disse ele, esfregando os dedos sobre seu estômago através do tecido de sua camisa.

Depois de um segundo atordoado ela se virou em seus braços, usando a mão em seu peito para afastá-lo. Ele deu um passo para trás, abrindo mão de seu poder sobre ela, mas ele sorriu.

— Você está incrível — disse ele, e ela balançou a cabeça.

— Scott, não...

— Precisamos conversar — disse ele, com o rosto sério.

— Eu não tenho nada a dizer para você.

— Bem. Não fale então. Basta ouvir.

— Eu não quero fazer isso agora — disse ela, dando um passo para o lado na tentativa de caminhar em torno dele, mas ele a pegou imediatamente, dando um passo a frente e colocando as mãos na barra de cada lado dela.

— Você não fará isso em qualquer outro lugar — disse ele suavemente. — Eu tentei.

Ela olhou para seus braços, prendendo-a, e então ela levantou os olhos para ele, com uma expressão de aço.

— Deixe-me dizer isto. Ela não significava nada para mim, Leah — disse ele, e ela zombou antes de rolar os olhos. — Quero dizer, nós trabalhamos juntos, e ela constantemente flertava comigo, e eu só... Eu estava sob um monte de estresse, e ela sempre estava lá, bem na minha frente. Quero dizer, merda, um homem só pode ter tanta tentação. Eu tive que tirá-la do meu sistema. Mas isso não quer dizer nada. Ela não significou nada.

Enquanto Scott falava, ela olhou por cima do ombro, com uma expressão desinteressada procurando pelo bar qualquer sinal de sua irmã e Kyle.

— Eu sei que você está com raiva porque eu não saí atrás de você, mas eu sabia que precisava de um tempo para se acalmar...

Leah virou sua cabeça em direção a ele, sua expressão incrédula quando uma pequena risada escapou de seus lábios. — Então, o quê? Você pensou em terminar de transar com ela enquanto eu esfriava? —

Ela deu uma gargalhada em seguida, balançou a cabeça. — Sabe, pelo tempo que teve para planejar esse discurso, deveria ser um pouco menos patético. — Ela empurrou o braço para fora da barra e deu um passo atrás dele.

Scott deu um passo para trás e para o lado em um movimento rápido, bloqueando seu caminho. — Eu sei que você ainda está chateada...

— Na verdade, eu não estou. Eu superei essa coisa toda. É por isso que eu quero ser deixada em paz — disse ela, dando um passo para o outro lado.

Desta vez, ele estendeu a mão e agarrou seu pulso, puxando-a de volta na frente dele.

— Tire as mãos de cima de mim — disse ela, com a voz baixa, mas firme.

Ela não estava bem para lidar com isso hoje à noite; ela já oscilava em seu ponto de ruptura antes de atravessarem as portas do bar. Ela não tinha mais nada para ele.

Ele se inclinou e segurou seu rosto com a mão. — Eu não posso deixar você ir. Isso é o que eu estou tentando dizer. Eu ainda quero você, Leah. Eu ainda nos quero.

Ela se inclinou para trás e sua mão escorregou de seu rosto, mas ele apertou seus braços em seu pulso para que ela não pudesse ir embora.

— Scott, pare com isso. Você está me machucando.

— Você não acha que eu estou sofrendo?

Leah fechou os olhos e balançou a cabeça. Ela precisava mudar sua abordagem. Ela precisava parar de antagonizar ele. Se ela tivesse alguma esperança de colocar alguma distância entre eles, ela teria que acalmá-lo.

— Olhe — disse ela. — Eu não quero fazer uma cena. Não vamos fazer isso aqui. Podemos conversar, mas simplesmente não aqui, ok?

Seus olhos procuraram os dela antes dela sentir a mão dele soltar seu pulso. — Tudo bem — disse ele. — Onde então?

Leah escorregou o pulso de sua mão, e antes que ela pudesse responder, ela sentiu alguém agarrar sua outra mão e afastá-la. Ela olhou

para cima, assim que Danny a puxou contra seu corpo, seus olhos fixos sobre Scott.

— Está tudo bem por aqui? — Ele perguntou, com os olhos avaliando-a rapidamente antes de voltar em Scott.

— Ei, cara, ninguém precisa de você para o papel de herói. Nós nos conhecemos, ok? Isso não é da sua conta.

Scott pegou o braço de Leah, e Danny usou seu poder sobre ela para puxá-la parcialmente atrás dele, deslocando seu corpo na frente dela.

— Ela é o meu negócio. — Disse ele, sua voz calma desconcertante. — E se você colocar suas mãos sobre ela novamente, nós vamos ter um problema.

Scott olhou para Danny, o canto de sua boca levantando em um sorriso, e o coração de Leah começou a acelerar em seu peito. Ela não gostou da expressão no rosto de Scott, e naquele momento, ela não se importava o quanto ela o odiava, ou que ele não merecia uma chance de se explicar. Sua única prioridade tornou-se separar os dois.

Leah puxou suavemente a mão de Danny. — Nós nos conhecemos — disse ela, e Danny olhou para ela, sua mandíbula relaxando um pouco. — Por favor, me deixe lidar com isso.

— Sim, deixe-a lidar com isso.

— Scott — Leah latiu, e os olhos de Danny se arregalaram antes de voarem de volta para ele. Assim que Danny percebeu quem ele era, o músculo do lado de sua mandíbula piscou, e Leah imediatamente levou a mão ao rosto, puxando sua atenção de volta para ela. Ele olhou para baixo de novo, mas desta vez sua expressão não suavizou.

— Eu vou cuidar disso, ok? E então nós vamos sair. Nós iremos para outro lugar.

Danny olhou para ela, hesitando enquanto seus olhos procuraram os dela. Ela sabia que ele deve ter visto o pânico lá, que ele atribuía a ela estar desconfortável em falar com Scott, quando na realidade ela estava com medo do que poderia acontecer se ela não falasse com ele.

Leah forçou um sorriso. — Eu estou bem. Eu ficarei bem. Me deixe lidar com isso.

Danny baixou os olhos, seu maxilar ainda flexionado enquanto inalava. — Eu estarei lá, ok?

Ela assentiu com a cabeça se inclinando e o beijou rapidamente, e quando Danny endireitou, seus olhos se voltaram para Scott. Ele sustentou seu olhar por um momento antes de se virar e caminhar os poucos metros até o final do bar.

— Então, eu acho que esse é seu homem? — Disse Scott, arqueando a sobrancelha, divertido. — Ele é um pouco superprotetor, você não acha?

— Scott, me escute — Leah disse suavemente, tentando apelar para a bondade que se lembrava nele, porque mesmo sabendo que esses três anos foram baseados em mentiras, ela precisava acreditar que havia algo de bom em algum lugar, alguma parte dele que ainda poderia se importar o suficiente com ela para fazer a coisa certa. — Acabou, ok? Seja qual for o seu raciocínio para fazer o que você fez isso nunca vai ser bom para mim.

Ele balançou a cabeça ligeiramente. — Você está olhando através da sua raiva. Você não está se lembrando de como isso era — disse ele, arrastando a parte de trás do seu dedo para baixo de seu braço.

Ela se afastou dele. — Você não entende. Não é sobre eu estar com raiva. É sobre mim, sabendo que eu não quero estar com você.

Um flash de dor registrou atrás de seus olhos com as palavras dela, mas foi embora antes que ela pudesse reagir. — É por causa desse idiota? — Perguntou ele, balançando a cabeça sobre seu ombro.

Leah olhou para ver Danny inclinando-se contra a barra, com os braços cruzados sobre o peito enquanto ele observava.

— Acabamos muito tempo antes disso — ela disse, — mas se você realmente quer saber, então sim. Eu não quero ninguém além dele.

Scott olhou para ela por um momento, seus olhos procurando os dela. — Beije-me — disse ele de repente.

— O que?

— Beije-me — ele repetiu. — Se você puder me dizer honestamente que não sente nada depois de me beijar, então eu deixarei isso pra lá.

— Eu não preciso te beijar para saber que eu não sinto nada.

Sua boca se elevou em um leve sorriso. — Está vendo? Você está com medo — disse ele. — Você está com medo porque se lembra de como era. Como eu fazia você se sentir. O que eu poderia fazer para seu corpo. Você se lembra. E você sabe que se você me beijar, você não será capaz de negar — disse ele, levando a mão ao rosto dela.

Leah deu um passo para trás, e com o canto do olho, ela viu Danny desdobrar seus braços e se endireitava.

Seu coração saltou em sua garganta, e ela sabia que ela precisava acabar com isso imediatamente.

Ela estendeu a mão e tirou a mão dele do rosto dela. — Ok, isso é o suficiente. Pare de me ligar, pare de me mandar mensagens, e pare de me enviar coisas. Se você realmente se importa comigo conforme você diz, então você vai respeitar o que eu quero. E isso não é você.

E então tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo.

Ela se afastou de Scott e começou a caminhar em direção a Danny, mas seus olhos estavam focados atrás dela. Ele se moveu em direção a eles, e de repente, fúria varreu em seu rosto, e Leah sentiu um aperto de mão na parte superior de seu braço a girando. Antes que ela pudesse se orientar, Scott agarrou a parte de trás de sua cabeça e puxou-a para si, a beijando.

Suas mãos voaram para seu peito, empurrando contra ele, mas ele tinha um braço enrolado em torno de sua cintura e sua outra mão segurando a parte de trás de sua cabeça, segurando-a com firmeza contra a sua boca. Leah gemeu, e ele tomou isso como um sinal de encorajamento, forçando a língua em sua boca.

E então sua boca se foi quando ela foi puxada para trás.

Seus olhos focados apenas a tempo de ver Scott com o braço armado de volta, pronto para bater em Danny.

— Não! — Ela gritou. — Não!

Scott balançou, conectando com o queixo de Danny. A cabeça dele recuou ligeiramente com a força da batida, e então ele pulou para frente, agarrando Scott pela garganta.

— Danny — ela gritou. — Pare com isso!

Ela se lançou para frente, tentando agarrar o braço dele, mas ele puxou-o facilmente de suas mãos enquanto mirava em Scott, acertando-

o na boca. Ela foi para agarrá-lo novamente, mas foi puxada para trás de repente.

No mesmo instante, uns grupos de homens convergiram para eles, obstruindo sua visão. O braço de alguém estava enrolado firmemente em torno de sua cintura, mas ela não lutou contra quem quer que fosse. Em vez disso, ela ficou ali, olhando com pânico quando o grupo de homens ondulava com a luta antes deles finalmente se separarem.

Dois dos homens que ela agora podia ver eram seguranças, arrastou um Scott ainda gritando em direção à saída de trás, a boca coberta de sangue.

Ela virou-se a tempo de ver as costas de Danny quando ele foi pela porta da frente do bar e para a rua, alguém logo atrás dele.

Leah tentou segui-lo, mas o braço em volta de sua cintura a puxou de volta. — Você está maluca tentando ficar entre esses dois?

Ela virou-se, finalmente, reconhecendo a pessoa segurando-a, e ela tentou retirar o braço ao redor da cintura dela, enquanto fazia um movimento para a porta novamente.

Sarah apertou sua mão. — Hey — ela disse calmamente. — Deixe-o esfriar. Ele está com Kyle. Ele vai ficar bem. Basta dar-lhe um minuto.

Leah se virou para olhar para a irmã, com os ombros caídos em aquiescência e sentando na banqueta atrás dela.

Seus olhos imediatamente se encheram de lágrimas.

— Por que você está chorando? — Disse Sarah. — Ele não está machucado.

Leah virou a cabeça e olhou para a porta, o queixo começando a tremer.

— Foram apenas alguns socos, Leah — disse ela com uma pequena risada. — Não é o fim do mundo.

— Eu não posso acreditar nisso — Leah murmurou, sacudindo a cabeça.

— Oh, por favor, não me diga que você está com raiva dele. Você sabe que Scott merecia isso. Na verdade, ele já devia ter recebido a um longo tempo.

Ela olhou para Sarah. É claro que ela não entendia. Como poderia?

— Eu só estou um pouco abalada — disse Leah, e Sarah se aproximou e esfregou seu ombro.

— Tudo bem, bem, você pode relaxar agora. Kyle vai voltar e nos pegar quando ele se acalmar. Aqui — ela disse, entregando-lhe uma cerveja. — Beba.

Leah deu um gole cuidadoso, lutando para engolir.

— Se você quer a verdade — disse Sarah, — Eu meio que gostaria que eles brigassem alguns minutos a mais. Scott poderia aprender a lição de humildade.

Leah sentou-se ali, olhando para a cerveja quando seu estômago revirou. Claro que Sarah achava que sua reação parecia excessiva. Ela não sabia que isso era mais do que apenas alguma briga de bar. Ela não sabia o que isso poderia significar para ele.

Leah repetiu a cena em sua mente, reconhecendo que deveria ter lidado com a situação de forma diferente. Ela poderia ter pedido para Sammy ajudar logo que Scott não a deixava sair. Ele teria afastado Scott em um segundo se ele a estivesse deixando desconfortável. Ela deveria ter feito tudo ao seu alcance para acabar com a situação antes de Danny sentir que tinha de se envolver.

Leah olhou para baixo e balançou a cabeça, porque se ela estivesse sendo honesta consigo mesma, ela deveria ter lidado com a situação muito antes disso. Ela deveria ter lidado com ele assim que ele começou a entrar em contato com ela depois de sua separação, em vez de tomar o caminho mais fácil e ignorá-lo o tempo todo. Então, na verdade, ela causou tudo isso por si mesma.

E, consequentemente, ela trouxe isso para Danny.

A imagem de Danny batendo em Scott brilhou em sua mente, e seus olhos se encheram de lágrimas novamente. Como podia ter sido tão descuidada? Ela o colocou em uma situação em que ele sentiu que precisava tomar uma atitude.

Ela o deixou sem nenhuma escolha.

E o que teria acontecido se ele tivesse ficado preso esta noite para protegê-la? Como isso teria parecido para o juiz ao tentar determinar se ele era um criminoso violento?

Leah limpou sob seus olhos, querendo que seu batimento cardíaco voltasse ao normal, mas foi em vão. Cada segundo que passava fazia o nó no estômago crescer com mais força. Onde ele estava? E se Kyle não foi capaz de acalmá-lo? E se Scott foi atrás dele de novo lá fora?

Ela tomou um gole de cerveja, e o sabor a fez se sentir como se estivesse passando mal. Leah pressionou os dedos à boca e fechou os olhos.

Ela sentiu Sarah cutucar ela com o cotovelo, e quando Leah abriu os olhos, Sarah apontou para frente do bar. Kyle estava na porta, gesticulando para que Leah fosse lá fora, e ela levantou do banco tão rapidamente que ele caiu para trás contra o bar quando ela fez seu caminho através da multidão.

Assim que ela saiu, ela olhou ao redor freneticamente. — Onde ele está?

— Ele está no carro. Ele está bem agora, mas eu estou pensando que vocês provavelmente deveriam ir.

Ela assentiu com a cabeça rapidamente. — Ok. Obrigada — disse ela. — Eu sinto muito pela sua noite.

— Não se preocupe com isso — disse Kyle, cortando-a quando ele colocou a mão em suas costas. — Você está bem?

Leah forçou um pequeno sorriso e acenou com a cabeça, e então ela se virou e beijou Sarah no rosto, dizendo que ligaria amanhã.

Quando Sarah e Kyle voltaram para o bar, Leah virou e caminhou rapidamente pelo estacionamento em direção ao carro de Danny. Quando ela se aproximou, ela diminuiu a velocidade, quase parando; ela podia ver o contorno dele sentado no banco do motorista, com as mãos segurando o volante e com a cabeça abaixada.

Ela abriu a porta e deslizou para o banco, fechando-a suavemente atrás de si, esperando que ele dissesse alguma coisa. Fizesse alguma coisa.

Quase um minuto se passou, mas ele permaneceu na mesma posição, imóvel e silencioso.

Se ele estava zangado com ela, ele tinha todo o direito de estar. Ela foi irresponsável, e por causa disso, ele teve que arriscar tudo para defendê-la.

Leah manteve os olhos fixos no painel enquanto mastigava o interior de seu lábio. Ela queria desesperadamente falar com ele, mas também sabia que o tempo era tudo. Se ele ainda não tivesse esfriado totalmente, ela não queria dizer ou fazer qualquer coisa que pudesse agravar a situação.

Depois de um minuto ela viu Danny fechar os olhos e balançar a cabeça levemente. Ele largou a mão do volante, primeiro movimento real que ele fez desde que Leah se sentou ao lado dele, e trouxe-a para a ignição, ligando o carro.

Toda a viagem para casa foi em silêncio. Danny manteve os olhos na estrada e as mãos no volante, e embora ela roubasse vários olhares fugazes para ele, ele não olhou para ela uma única vez.

Quando eles pararam no espaço vazio em frente ao apartamento de Leah, seus olhos começaram a arder com a ameaça de lágrimas. Ela queria que ele dissesse alguma coisa, qualquer coisa, e quando ele não fez, ela baixou os olhos, balançando suavemente antes de se virar e sair do carro.

Assim que ela estava lá fora, as lágrimas que ela lutou durante toda a noite, finalmente transbordaram, e ela pegou o ritmo, desesperada para entrar no refúgio de seu apartamento.

Leah empurrou a porta e caminhou direto para a mesa da cozinha, deixando cair sua bolsa antes de espalmar as mãos sobre a madeira e baixar a cabeça. E então ela ouviu a porta da frente fechar suavemente atrás de si, e sua respiração ficou presa na garganta quando ela levantou a cabeça.

Ela não esperava que ele a seguisse.

Leah se manteve de costas para ele enquanto tentava se recompor. Havia um milhão de coisas que ela queria dizer, mas ela não sabia por onde começar, ou onde traçar a linha para essa matéria. Tudo que ela sabia era que ela queria consertar isso. A última coisa que ela queria fazer era lutar com ele.

— Eu sinto muito, Leah — disse ele, de repente, sua voz rouca cortando o silêncio.

Ela se virou para vê-lo parado em frente à porta, com a cabeça abaixada enquanto ele brincava com as chaves na mão.

— Porque você está triste? — Perguntou ela, com a voz quase inaudível. — Isso é tudo culpa minha.

Sua mão imediatamente se acalmou quando ele ergueu os olhos para ela. — A culpa é sua? — Perguntou. — Você acha que isto é a sua culpa?

Ela assentiu com a cabeça imperceptivelmente, seus olhos fixos nele.

Danny baixou os olhos, seu músculo do maxilar flexionando rapidamente.

— Como é sua culpa ele ser um idiota desrespeitoso? — Ele perguntou, levantando os olhos para os dela. — Como é sua culpa ele tentar intimidá-la?

Leah abriu a boca para responder, mas Danny a cortou. — E como é sua culpa que eu fui estúpido o suficiente para deixá-lo ter uma segunda chance nisso? — Disse, levantando a voz com raiva. — Como é sua culpa eu a deixar sozinha com ele, mesmo depois que o vi te prender no canto, depois que eu o vi pegar você? Eu deixei você sozinha com ele, para quê? Assim, ele poderia colocar as mãos em você de novo? Porra, sua boca em você?

Ele virou-se rapidamente, jogando as chaves do carro na sala, elas se chocaram contra a porta da frente com um barulho, e Leah deu um pulo, apertando os lábios.

— Como é sua culpa que fiz merda? Eu estraguei tudo, Leah! Eu continuo fodendo! E você pagou por isso! Assim como Bryan pagou por isso! Assim como Vovó pagou, e Jake, e Tommy e todos com quem me importo neste mundo está pagando!

Ele gritava agora, e Leah estava ali, com os olhos nadando em lágrimas. Porque eles não falavam de Scott mais.

E, de repente, ela percebeu que o que aconteceu esta noite foi muito maior do que ele.

Em algum nível Danny era um barril de pólvora no último ano de sua vida. Aquele telefonema hoje foi o estopim.

E Scott caiu dentro.

Danny amaldiçoou em voz baixa, deixando cair a cabeça para trás e cobrindo o rosto. — Não é sua culpa — disse ele por trás de suas mãos.

— Você não merecia o que aconteceu esta noite. Eu não deveria ter deixado você com ele. Eu estraguei tudo.

— Você estava apenas fazendo o que eu pedi — disse ela, com a voz trêmula, e as mãos de Danny caíram de seu rosto com o som dele. — Eu o coloquei em uma posição em que você se sentiu como se tivesse que me proteger. E isso foi tão estúpido da minha parte, porque eu não quero que você me deixe por mais tempo do que precisa.

Suas palavras cortaram de repente quando ela começou a chorar, e ela segurou a mão sobre sua boca.

Dizer essas palavras em voz alta a destruiu completamente, porque não era hipotético mais. Não era algo que poderia acontecer algum dia. Aquele telefonema tornou real. A data foi definida. Estava tão perto.

Ele estava em frente a ela imediatamente, puxando-a em seus braços, e ela cobriu o rosto com as mãos enquanto soluçava em seu peito.

— Por favor, não chore — ele sussurrou baixinho, passando a mão sobre a parte de trás de seu cabelo. — Eu sinto muito por gritar assim. Eu não estou bravo com você. Você sabe que eu não estou bravo com você.

A respiração de Leah engatou quando outro soluço saiu de seus lábios, sufocado pela camisa.

Danny afastou e se abaixou, trazendo os olhos para o seu nível quando ele tirou as mãos dela do rosto e substituiu-as pelas suas. — Não chore, doce menina — disse ele, apertando os lábios em sua testa. — Eu sinto muito. Por tudo isso. Eu só... Eu não suporto a ideia de alguém machucar você. Isso me deixa louco.

Sua voz era abatida, quebrou em um milhão de pedaços, e ela soluçou repetidamente, tentando se acalmar. Danny roçou os polegares sob os olhos, pressionando sua testa contra a dela. — E eu sei que eu sou a pessoa que está te machucando agora, e eu não sei como corrigir, e isso está me matando. Porque eu te amo, Leah — disse ele, roçando os lábios nos dela.

Tudo parou.

Suas lágrimas. Sua respiração. Seu coração.

Danny se afastou um pouco, com as mãos ainda em seu rosto quando ele encontrou os olhos dela. — Eu te amo — ele repetiu baixinho.

Seu coração voltou vivo em seu peito, bombeando freneticamente, cada batida enviando essas magníficas palavras percorrendo seu corpo, reparando-a de dentro para fora. E naquele momento, toda a culpa, ansiedade, o medo e a frustração desapareceram. A única coisa que existia para ela era a conexão imensurável que sentia para ele, fortalecido por suas palavras, a intensa satisfação de saber que a pessoa que ela amava com todo o seu ser, a amava de volta.

— Eu também te amo — ela sussurrou, sua respiração falhando à medida que as lágrimas caíram sobre seus cílios.

Ele fechou os olhos e exalou, e por um momento, seu rosto relaxou, e tudo se foi para ele também.

Leah levantou o queixo, fechando a distância entre suas bocas, e Danny deixou seu rosto, envolvendo seus braços firmemente em torno de sua cintura.

— Tanta coisa — ela sussurrou entre beijos, e Leah sentiu sua curva de lábios em um sorriso contra o dela.

Ela trouxe seus braços ao redor de seu pescoço, e ele apertou o controle sobre ela, levantando-a do chão. Leah enrolou as pernas em torno de seus quadris, e ele caminhou para seu quarto, seus lábios nunca quebrando o contato.

Assim que suas costas foram para a cama, ela arqueou-se, puxando a blusa sobre a cabeça dela, e quando ela jogou ao outro lado da sala, ela podia ver que Danny já estava desfazendo a fivela do seu cinto. Ela sentou-se rapidamente, assumindo a tarefa para que ele pudesse tirar a camisa, e uma vez que estava fora, ele enfiou os dedos sob as taças do sutiã e puxou-a sobre a cabeça, ignorando completamente o fecho.

Havia urgência em seus movimentos, seriedade em seus beijos, alimentada pelo telefonema, a luta, as suas declarações. Depois de dois minutos de entrar no quarto, seus corpos já estavam unidos, e eles se abraçaram, apertando, arranhando, ofegantes e ainda precisando de mais. Era como se eles não pudessem chegar perto o suficiente, e o desespero deixou zeloso e feroz.

O movimento incessante dos quadris de Danny gradualmente empurrou-a sobre a cama de modo que no momento em que acabou, a cabeça estava pendurada do outro lado, e sua mão estava na parede em frente, apoiando-os.

A intensidade deixou ambos ofegantes e tremendo, e eles se abraçaram, beijando e sussurrando até que seus corações finalmente diminuíram e sua respiração equilibrou.

Eventualmente, Danny moveu-os para uma posição mais confortável, e Leah estava com a cabeça em seu peito e sua perna jogada sobre sua coxa enquanto ele gentilmente puxou o cabelo dela entre os dedos.

— Eu tenho um favor a pedir — disse ele em voz baixa.

— Qualquer coisa.

Danny respirou profundamente. — Eu tenho que ir para o Brooklyn na próxima semana para me reunir com meu advogado, e eu estou levando Vovó. Ele precisa entrevistá-la, mas a coisa é, ele tem que conversar comigo também, e eu não quero ela na sala. Ela não precisa saber os detalhes — disse ele, passando a mão sobre os olhos.

— Por que ele quer falar com ela?

— Ele já falou com ela algumas vezes, mas eles estão finalizando tudo agora. Ele está tentando estabelecer a relação que tive com Bryan. Se o juiz reconhecer que isto era sobre a família, e não alguma briga de bar da faculdade, ele poderia ser mais compreensivo.

— Então, ele quer falar com ela sobre a sua infância?

— Yeah. Nossa infância, até quando isso aconteceu.

— Oh — ela disse suavemente.

— A coisa é, eu não tenho certeza de quanto tempo esse encontro comigo durará... — Ele suspirou. — Agora que as rodas estão em movimento. E não quero deixá-la sozinha no saguão do hotel, enquanto estou lá. Ela fica muito emocional cada vez que tem que fazer isso, e eu só...

— Eu vou cuidar dela — Leah prometeu suavemente. — Vamos tomar uma xícara de chá em algum lugar. Ter um pouco de tempo de garota.

— É em uma semana.

— Então, eu vou tirar o dia de folga.

Danny trouxe seus lábios até o alto da cabeça. — Obrigado — disse ele antes de beijá-la ali. — E eu só quero que você saiba que... Eu não farei isso de novo — acrescentou ele em voz baixa.

— Fazer o que de novo? — Ela perguntou, arrastando os dedos ao longo de sua cintura, e ela sentiu os músculos do estômago se contrair em resposta.

— Eu não vou perdê-la assim novamente. Esta noite foi... — Ele balançou a cabeça. — Está fora do meu sistema.

Leah levantou a cabeça, apoiando o queixo em seu peito enquanto olhava para ele. — Não, não está — disse ela suavemente. — E você não pode esperar que isso esteja.

Danny piscou para o teto.

— Eu sei o que você quis dizer antes — disse ela, colocando a cabeça em seu peito enquanto brincava com os dedos. — Que você não quer viver os próximos dois meses sob uma nuvem de medo. E eu concordo. Devemos tentar aproveitar o máximo possível. Mas haverá dias em que não podemos ignorar. E isso é bom, Danny. Não há problema em precisar de um tempo. — Ela apertou os lábios em seu peito. — Esta noite foi uma daquelas noites.

Danny deslizou as mãos sob os braços e puxou-a para a parte da frente de seu corpo de modo que ela estava deitada em cima dele. Ele estendeu a mão, pegando o cabelo para trás em um rabo de cavalo e segurando-o lá com uma mão enquanto ele trouxe a outra para o rosto dela.

— Você é incrível — disse ele com ternura, correndo o dedo sobre os lábios e ela beijou a ponta dele. — Você é linda, inteligente, pensativa, perfeita e eu não mereço você.

— Bem, isso é muito ruim, porque você está preso comigo — disse ela, e ele sorriu para ela, usando sua mão em seu cabelo para puxar a boca para baixo da sua.

O som de seu telefone apitou com uma mensagem de texto interrompendo o silêncio, e Leah levantou a cabeça, quebrando o beijo.

— Provavelmente é Sarah verificando — disse ela, inclinando-se sobre o lado da cama e pegando seu telefone no criado-mudo. Ela deitou sobre ele, e ele manteve as mãos em sua cintura enquanto ela abria o texto.

E então ela suspirou alto, atirando-se na cama, e Danny levantou para ficar ao lado dela.

— O que é isso? O que aconteceu?

— Alexis está em trabalho de parto! — Ela gritou, deixando cair o telefone e batendo as mãos rapidamente, como uma criança.

Danny suspirou, passando a mão pelo rosto. — Jesus, você só me matou de susto.

— Desculpe — disse ela, atirando-se para frente e derrubando-o de volta na cama. Ela segurou seu peso em seus braços enquanto sorria para ele, e ele riu levemente, olhando para ela.

— Eu serei tia! — Ela guinchou.

— Você será tia — ele repetiu, colocando o cabelo atrás da orelha.

Ela suspirou, deitada em seu peito, e sua mão veio para o cabelo novamente, preguiçosamente correndo os dedos por ele.

Eles ficaram ali em silêncio por um tempo, e Leah ouviu a batida rítmica do coração de Danny, deixando acalmá-la em um estado de serenidade. Eventualmente, a ascensão e queda de seu peito nivelaram e tornaram-se regular, e Leah assumiu que ele tinha adormecido até que sua voz quebrou o silêncio.

— Você já pensou em ter filhos?

Leah esfregou seu peito, saboreando as vibrações suaves que retumbava nele enquanto falava. — Eu penso — disse ela.

Ele ficou em silêncio por uma batida antes de dizer: — Eu me lembro de ser jovem, com 12 anos de idade, e pensando sobre como eu seria um bom pai. Acho que foi porque meu pai era um bastardo inútil. Como, de certa forma, eu queria provar a mim mesmo que eu poderia fazer o que ele não podia.

Leah levantou a cabeça, descansando o queixo no peito. — Você será um pai incrível — disse ela suavemente.

Ele olhou para ela e sorriu tristemente. — Acredito que sim. É só que... Eu estou com 29 anos de idade. E estou prestes a perder algum tempo. Talvez muito. E eu sei que os homens podem ter filhos sempre, mas ... as mulheres não podem.

De repente, Leah lembrou-se da noite que ele conheceu sua família, a maneira como ele olhou para Christopher enquanto esfregava a barriga de Alexis.

Leah abaixou a cabeça, pressionando os lábios contra seu peito enquanto falava. — Mesmo se fosse cinco anos — ela sussurrou com voz rouca, — você teria trinta e quatro. Eu teria trinta e três. As mulheres ainda podem ter filhos com segurança aos trinta e três.

No segundo em que as palavras saíram de sua boca, ela congelou. Leah sentiu seu peito parar em movimento, e ela fechou os olhos, afastando-se dele enquanto descansava sua bochecha em seu peito.

Ela não podia acreditar que acabara de dizer isso.

Eles apenas acabaram de dizer *eu te amo* pela primeira vez, e ela já estava deduzindo que ela seria a mãe de seus filhos.

— Eu não quis dizer... Eu não estava assumindo... Eu só tentava mostrar a você... — Ela se atrapalhou em suas palavras, eventualmente, parando de falar.

Ambos ali, sem dizer nada, e apesar de sua mão ainda repousar sobre sua cabeça, seus dedos pararam de brincar com seu cabelo.

Depois do que pareceu um silêncio interminável, Danny falou, o timbre de sua voz penetrando na quietude.

— Leah?

— Hmm?

Ele arrastou a mão sobre o lado de seu rosto, levando o queixo na mão e levantando-o quando ela se virou em direção a ele.

— Eu quero que eles sejam exatamente como você.

Ela olhou para ele, com um sorriso lento se espalhando sobre os lábios, e ele levantou a cabeça, trazendo suas bocas juntas.

E ela colocou os braços ao redor dele enquanto se beijavam figurativa e literalmente abraçando seu futuro.

Capítulo 17

Leah e Danny se sentaram no sofá fora do escritório de seu advogado.

Danny descansava os cotovelos sobre os joelhos, olhando para suas mãos quando ele torceu-as juntas, e Leah se sentou ao lado dele com a mão na parte inferior das suas costas, esfregando o polegar para trás e para frente. Eles não falaram, e ela sabia que ele provavelmente preferia que fosse assim. Cada vez que olhava para o seu perfil, ela podia ver que sua testa estava franzida, ou sua mandíbula apertada. Ele parecia tão vulnerável, e ela desejava que houvesse algo que pudesse fazer para mandar embora o que quer que ele estivesse sentindo.

Por mais que os três tentassem manter a conversa leve sobre a viagem para o Brooklyn, houve um tom óbvio de ansiedade. A última vez que Leah viu Catherine, seus sorrisos foram quentes, convidativos, genuínos. Desta vez, eles foram tensos e artificiais.

Durante todo o passeio Danny contribuiu para a conversa, sua voz soando fácil e fluida, mas seu corpo o traiu. Ele sentou-se em linha reta, os ombros rígidos e as mãos apertadas no volante. Leah sabia que ele podia sentir a apreensão e tristeza de Catherine, e lentamente o corroía.

Quando eles chegaram ao escritório, o advogado de Danny, um homem chamado Eric Warden levou Catherine para dentro imediatamente. Assim que a porta se fechou atrás deles, a fachada cuidadosamente cultivada de Danny derreteu, e todo o estresse e culpa que Leah sabia que ele sentia durante toda a manhã veio correndo para a superfície. E assim eles se sentaram no sofá em silêncio. Ela sabia que as palavras não eram capazes de sumir com esses sentimentos, mas esperava que sua presença pelo menos os entorpecessem um pouco.

Catherine estava no escritório de Eric por um pouco menos de uma hora. Quando ela saiu, ela tinha vários lenços amassados na mão. Seus olhos estavam vidrados e vermelhos, e ela parecia completamente drenada.

Leah assistiu uma intensa oscilação de dor atrás dos olhos de Danny antes de a fachada voltar ao lugar, e ele sorriu, caminhando até dar um abraço nela.

Quando ele a deixou ir, Eric voltou para seu escritório e se virou para Danny. — Pronto? — Ele perguntou, e Danny assentiu antes de olhar para Leah.

Ela andou até eles, colocando a mão no ombro de Catherine. — Catherine, você quer ir tomar uma xícara de chá? Notei uma lanchonete no final da rua quando chegamos aqui.

Danny assentiu. — Essa é uma boa ideia, Vovó. Vai ser mais confortável do que esperar aqui fora. Eu as encontro lá quando terminar.

Ela sorriu vacilante. — Isso parece adorável, querida.

Leah virou-se para Danny, dando-lhe um abraço e trazendo seus lábios para seu ouvido. — Ela ficará bem, eu prometo. Vá fazer o que você tem que fazer.

— Obrigado — disse ele antes de pressionar os lábios em sua testa, e então se virou e entrou no escritório. Eric sorriu e deu-lhes um pequeno aceno de cabeça antes de fechar a porta.

— Pronta? — Perguntou Leah, e Catherine assentiu fracamente.

Andaram uma quadra e meia até a lanchonete em relativo silêncio. A entrevista com Eric exigiu muito dela, e a última coisa que Leah queria era fazê-la se sentir obrigada a manter-se em um papo sem sentido. Então, ela seguiria seu exemplo; se Catherine preferisse sentar-se em silêncio reflexivo em vez de falar, então isso é o que elas fariam.

Uma vez que estavam sentadas, cada uma delas pediu uma xícara de chá e um muffin, e quando a garçonete deixou sua mesa, Catherine tirou o casaco.

— Engraçado, não é? — Perguntou ela com sua voz suave e rouca. — Você e eu tomando chá juntas novamente?

Leah sorriu. — Eu aposto que você não sabia que me veria antes do próximo Natal.

— Na verdade, eu tinha a sensação de que eu a veria de novo. — Ela sorriu verdadeiramente pela primeira vez naquele dia, e ela disse: — Velhas senhoras italianas têm um sexto sentido. Nós sabemos de tudo.

Leah riu quando a garçonete se aproximou da mesa com seu chá e bolos, e ficaram em silêncio por um minuto, pois ambas fixaram o chá.

— Sabe — disse Catherine, molhando seu saco de chá na caneca fumegante, — quando você saiu da minha casa naquele dia, Daniel me levou para jantar, e em poucos minutos, ele encontrou uma maneira de voltar a conversa para você. *Então, quem era? Por que a convidou para entrar? Quanto tempo ela ficou? O que você está falando?* Eu acho que ele tentava ser casual. — Ela olhou para baixo com um sorriso enquanto tirava o saco de chá, sacudindo a cabeça. — Os homens são tão transparentes — ela riu baixinho, colocando o saquinho de chá usado no pequeno pires.

Catherine envolveu suas mãos frágeis em torno da caneca quente. — Eu admito que uma pequena parte de mim queria ter alguma maneira de contatá-la. E então, você sabe, ele chegou em casa e encontrou sua nota. — Ela sorriu para si mesma. — E foi aí que eu soube que eu poderia relaxar, porque havia poderes mais altos no trabalho.

Ela olhou para Leah com uma pequena risada. — Na noite em que ele encontrou o seu bracelete, ele tinha um pequeno brilho em seus olhos. Como a manhã de Natal. Ainda melhor do que encontrá-la, foi achar uma desculpa para ligar.

O estômago de Leah vibrou ao perceber que ele esteve interessado nela, mesmo naquela época.

— Eu acredito que tudo acontece por uma razão — disse Catherine, correndo o dedo ao longo da borda de sua caneca. — Eu sempre acreditei nisso. Eu só tive uma filha. Minha filha. Houve algumas complicações durante o parto, e eu não fui capaz de ter mais.

— Sinto muito — disse Leah, e Catherine sorriu tristemente.

— Obrigada. Sabe, eu estava bem com isso, realmente. A única coisa que me deixou triste foi que eu não fui capaz de fornecer ao meu Louie um filho. Ele nunca disse isso, mas eu sabia que ele queria. — Ela respirou fundo. — Mas Deus tem um plano para todos, e ele trabalha de formas misteriosas. Minha filha... ela fez algumas escolhas erradas em sua vida. Mas essas escolhas me deram Bryan.

Catherine sorriu, seus olhos focaram sua caneca como se estivesse vendo algo diferente do que o que estava em sua frente. — Não foi o caminho certo, e não foi do jeito que eu planejei, mas foi maravilhoso ter esse menino. — Ela balançou a cabeça lentamente, e depois os

ombros saltaram com uma risada tranquila. — E então veio o Daniel. Quando eu o conheci, ele tinha seis anos de idade.

Ela levou a mão delicada até o peito, pressionando-o sobre seu coração. — Ele foi uma das mais amáveis pequenas coisas que eu já conheci. Ele tinha um calor em seu coração, mesmo naquela época.

Leah olhou para baixo e sorriu, imaginando um Danny criança, de seis anos de idade, doce, com grandes olhos azuis e cabelo bagunçado.

— E que par que eram — disse Catherine com uma risada. — Eles certamente me mantiveram na ponta dos pés. Esses bons meninos. Parceiros no crime. Eles fariam qualquer coisa um pelo outro... — Ela parou, e seus olhos se encheram de lágrimas.

Leah chegou do outro lado da mesa, colocando a mão sobre a de Catherine, e por um minuto se sentaram dessa forma, nenhuma delas falou.

Eventualmente, Catherine pegou o guardanapo com a mão livre e enxugou os olhos, respirando firme.

— Meu doce Daniel — ela disse, mais para si do que para Leah. — Gostaria que eles entendessem que a perda de Bryan foi punição suficiente para ele.

Não havia palavras para dizer. Leah sabia o que ela estava sentindo. A tristeza. A raiva. A frustração. O desejo irresistível de convencer as pessoas que ocupavam o futuro de Danny em suas mãos quão maravilhoso ele era, apesar do que ele fez. E porque ela conhecia a sensação, ela sabia que não havia nada que alguém pudesse dizer para aliviá-la.

— Você é boa para ele, sabe — disse Catherine.

Leah levantou os olhos.

— E eu sei que ele é meu filho, e eu sou um pouco tendenciosa, mas ele é bom para você também, não é?

Leah balançou a cabeça, seus olhos começaram a arder, e Catherine esticou o braço e acariciou a mão dela.

— Ele vai cuidar bem de você, querida.

A garçonete se aproximou da mesa, e em seguida perguntou como tudo estava e se precisavam de alguma coisa. Depois que ela saiu,

Catherine mudou de assunto, perguntando sobre o seu trabalho, o que a fez querer ser uma professora, o que mais gostava de ensinar.

Um pouco mais tarde, Leah recebeu uma mensagem de Danny perguntando se elas ainda estavam na lanchonete. Ela disse que estavam, e alguns minutos depois, ele entrou pela porta parecendo completamente exausto e pronto para ir para casa. Catherine insistiu que ele se sentasse e comesse alguma coisa já que ele não comeu nada o dia todo, mas ele recusou.

A viagem para casa foi mais uma vez tranquila; a postura de Danny era rígida, mas ele conseguiu manter seu rosto suave todo o caminho até a casa de Catherine. Assim que eles a deixaram, no entanto, caiu a farsa, e a tensão começou a rolar para fora dele em ondas.

Leah sentou-se calmamente ao lado dele, sua mão apertando-a no console, desenhando padrões suaves preguiçosos na parte de trás da sua mão com o polegar.

Quando estavam a poucos minutos de seu apartamento, o estômago de Danny roncou alto.

— Você realmente não comeu nada o dia todo? — Ela perguntou.

Ele deu de ombros. — Eu não estive com fome o dia todo. No entanto, eu provavelmente poderia comer agora.

— Você quer que eu faça alguma coisa quando voltarmos?

— Não, está tudo bem. Vou apenas fazer um lanche rápido.

— Tudo bem — disse ela, lançando-se a ele e descansando a cabeça em seu ombro.

Uma vez que estavam de volta no apartamento de Leah, ela se dirigiu ao quarto para trocar de roupa quando Danny foi até a cozinha para encontrar algo para comer, e em seu caminho de volta para fora de seu quarto, uma ideia finalmente ocorreu-lhe.

Durante todo o dia ela estava tentando chegar a algo que o faria se sentir melhor, e havia uma coisa que sempre a ajudou a relaxar quando estava estressada ou chateada. Ela sabia que o tipo de preocupação que Danny estava lidando era algo muito distante do que já experimentara, mas esperava que ainda pudesse ajudá-lo de alguma forma.

Leah se virou para o banheiro e sentou na beirada da banheira, inclinando-se para ligar a torneira. Depois de ajustar a água à temperatura certa, ela ligou o dreno e permitiu que a banheira enchesse, e então ela se virou e enfiou a mão no armário debaixo da pia, tirando o gel de banho de lavanda e orquídea com aroma.

Leah espremeu uma generosa quantidade do mesmo sob a torneira aberta e, quase que instantaneamente, as bolhas espumosas apareceram, lentamente aumentando de volume à medida que penetravam através da superfície da água. O cheiro do gel permeava o ar, aumentando em potência, uma vez que misturava com a água quente.

Enquanto a banheira enchia, ela voltou para o armário e pegou algumas velas, alinhando-as ao longo da borda de trás da banheira contra a parede. No momento em que ela terminou de acendê-las, a banheira encheu completamente, as reluzentes bolhas quase transbordando os lados. Ela desligou a torneira e colocou o macio tapete de banho no chão antes de diminuir as luzes e observar a cena. E então ela sorriu para si mesma se virando e indo para a cozinha.

Ele estava apoiado contra o balcão, uma garrafa aberta de água em uma mão e uma barra de granola pela metade na outra. Quando ele a ouviu entrar na sala, olhou para cima e sorriu fracamente.

— Você está bem? — Ela perguntou em voz baixa, e ele concordou.

— Cansado — disse ele, comendo o último pedaço da barra de granola.

— Eu sei de algo que pode fazer você se sentir melhor.

— O que é? — Perguntou ele após engolir.

— É uma surpresa — disse ela, pegando a garrafa de água da sua mão e colocando-a sobre o balcão. — Venha comigo.

Ela pegou a mão dele e puxou-o para ela, e quando ele se afastou do balcão, ela veio por trás dele e subiu na ponta dos pés, colocando as mãos sobre os olhos.

— O que você está fazendo? — Ele riu.

— Levando-o a sua surpresa — ela disse, guiando-o para fora da cozinha. Seu ombro bateu no batente da porta quando saíram, e ela se encolheu. — Whoops. Sinto muito.

Leah conduziu-o lentamente pelo corredor e virou-o para o banheiro, parando quando ela veio para o seu lado. — Pronto? — Ela perguntou, olhando para ele.

— Acho que sim — disse ele com uma pequena risada.

Ela tirou as mãos de seus olhos e eles se abriram; depois de um segundo atordoado, ele franziu a testa.

— Você quer que eu tome um banho de espuma?

Ela assentiu com a cabeça. — Eu nunca vou entender por que vocês não fazem isso.

Sua expressão era cética quando ele olhou de volta para a banheira, transbordando com bolhas e cercada por velas, e Leah revirou os olhos, empurrando-o suavemente em direção à banheira. — Eu estou dizendo a você, é incrível. Você vai adorar.

Ele cruzou os braços. — Ainda cheira feminino aqui.

— É gel de banho de aromaterapia. Você vai apreciá-lo mais quando estiver submerso.

Danny olhou para as bolhas cheias, não parecendo totalmente convencido.

— Oh meu Deus — disse ela. — Quer parar de ser um bebê e apenas entrar?

Seus lábios se curvaram em um pequeno sorriso. — Você sabe o que fazer isso parecer um pouco menos afeminado?

Leah jogou as mãos para cima em derrota. — Eu não sei. Um charuto e uma revista de sacanagem?

Ele começou a rir. — Isso não é uma má ideia — disse ele. — Mas não, eu estava pensando que poderia não ser tão ruim se você estiver lá comigo.

Ela colocou as mãos nos quadris, balançando a cabeça antes de se virar para sair do banheiro.

— Aonde você vai?

Leah olhou por cima do ombro. — Pegar outra toalha.

Danny sorriu antes de chegar por trás de sua cabeça e tirar sua camisa.

Até o momento que Leah voltou para o banheiro, ele já estava submerso nas bolhas espumantes com a cabeça apoiada no travesseiro de banho e os olhos fechados. Ela sorriu quando tirou a roupa e pegou um clipe, prendendo o cabelo com um toque confuso quando ela se aproximou da banheira.

Quando ela aliviou-se na água, Danny sentou, tomando conta de sua cintura e virando-a de modo que ela estava sentada entre as pernas dele com as costas contra seu peito. Leah descansou contra ele, deixando cair a cabeça sobre o ombro com um suspiro.

— Mmm — ela cantarolava quando o calor da água começou a permear seus músculos. — Bom, não é?

— Está bom — disse ele, e ela riu. As mãos de Danny arrastaram-se pelos seus braços e sobre seus ombros, e ele agarrou-a delicadamente, pressionando os polegares na parte de trás de seu pescoço quando ele começou a esfregar círculos suaves.

Sua cabeça caiu para frente enquanto ele continuava sua massagem, usando um pouco mais de pressão quando trabalhou seu caminho até os ombros, e Leah gemeu baixinho quando ele desfez um nó muscular no lado direito. — Eu deveria fazer isso por você. Isto é suposto ser sobre ajudar você a relaxar.

— Fazer você se sentir bem me ajuda a relaxar — disse ele, trazendo os braços sob a água e envolvendo-os em torno de sua cintura. Ele puxou-a nivelada contra o seu peito, beijando o lado de sua cabeça. — Obrigado. Eu realmente precisava dessa noite — disse ele em seu cabelo.

Leah arrastou seus dedos sobre sua perna sob a água. — Você quer falar sobre isso?

— Não realmente.

Leah balançou a cabeça, e por um minuto ele ficou ali sentado, com a cabeça em seu ombro e os braços ao redor da cintura dela.

— Há algo que você queria saber? — Perguntou.

— Não, se você não quiser falar sobre isso.

Danny voltou sua cabeça, olhando para ela. — Não, está tudo bem. Pergunte-me. Você tem o direito de saber o que está acontecendo.

Leah mordeu o lábio antes de dizer: — Ok, bem, eu só queria saber se você sabe qual pode ser o pior cenário.

— Você quer dizer qual é a maior pena que eu poderia pegar?

Leah assentiu.

— Dez anos.

Ela fechou os olhos, grata por estar de costas para ele, porque sabia que a dor aguda no peito estaria estampada por todo o rosto. — Isso é provável? — Ela perguntou com voz fraca.

— Meu advogado não pensa assim — disse ele, esfregando os dedos sobre a pele de seu estômago. — Uma das principais razões que aceitou um acordo foi para evitar isso. Além disso, ele está construindo todo seu argumento em torno do fato de que eu sou uma pessoa respeitável, com boa posição na comunidade, que foi descaradamente provocado. Quanto mais provas ele tiver para comprovar isso, mais provável é a sentença ser diminuída.

— Ok... então o que ele pensa que você terá?

— Seu palpite é 2 a 4.

Ela deveria estar feliz, ou pelo menos, aliviada. Dois a quatro anos era muito melhor do que dez. No entanto, um nó ainda se formou em sua garganta e ela engoliu várias vezes, tentando limpá-la antes de falar novamente.

— O que vai acontecer com a loja? — Ela perguntou com voz rouca.

Danny tirou a mão do seu estômago, levando-a acima da água e arrastando os dedos através das bolhas. — Venho treinando Jake nos últimos seis meses. Ele vai continuar com ela.

Ela levantou a sobrancelha. — Você está dando a ele?

— Por um tempo, sim. Ele vai comandar enquanto eu estiver fora, e quando eu sair, eu a terei de volta. Ele está falando sobre abrir sua própria loja em Queens por um tempo agora, então isso será uma boa experiência para ele. Além disso, o dinheiro que ele ganhará como coproprietário o colocará muito bem para o que ele quer fazer.

— Coproprietário?

— Eu fiz de forma que ele ainda dará a parte de Bryan para Vovó.

Leah fechou os olhos; ela não achava que era possível amá-lo mais do que já estava, mas ela estava errada.

Ele ficou em silêncio novamente, pegando algumas bolhas, espalhando-as pelos braços de Leah, ao longo do topo de seus ombros, ao longo de sua clavícula.

— Há alguma coisa que você queria saber? — Perguntou.

Quando ela não respondeu de imediato, ele disse: — Pergunte-me, Leah.

Ela deu um pequeno suspiro. — E o seu apartamento?

— Meu contrato de locação vence neste verão. Eu vou ter que separar todas as minhas coisas. Vou guardar uma parte na Vovó, e alguns vão para os caras, e eu acho que algumas eu apenas precisarei me livrar. E então, quando tudo isso acabar, eu encontrarei um novo lugar.

Leah assentiu enquanto Danny deslocou, afundando um pouco mais para dentro da água e levando-a com ele.

— Você está com medo? — Ela perguntou em voz baixa.

Ele respirou fundo, seu peito subindo drasticamente abaixo dela.

— Sim. Mas, provavelmente, não pelas razões que você está pensando.

Leah virou a cabeça ligeiramente, olhando para ele.

— Eu não tenho medo de estar na prisão — disse ele. — Eu estou com medo sobre o que estará acontecendo aqui enquanto eu estiver fora.

— O que você quer dizer?

Danny olhou para baixo, balançando a cabeça. — Por um lado, eu não gosto que Vovó estará sozinha. Jake vai ter certeza que ela é cuidada financeiramente, mas...

— Eu vou cuidar dela.

Ele sorriu tristemente, beijando sua cabeça. — Você esteve cuidando das pessoas toda a sua vida, doce menina. Você não precisa de mais alguém para cuidar.

Leah sentou, virando-se para ele enquanto balançava a cabeça. — Não é um fardo, Danny — ela disse simplesmente. — É um dado. Eu amo

você, e você a ama. Então é claro que eu vou ter certeza de que ela está bem.

Danny olhou para ela por um momento, a adoração clara em seus olhos antes de fechá-los. Ele baixou a cabeça para trás na borda da banheira, exalando antes de dizer: — Não é apenas com Vovó que eu me preocupo. Eu tenho medo de deixá-la também.

— Não fique. Você não tem que se preocupar comigo. Eu posso cuidar de mim mesma.

Ele abriu os olhos. — Eu sei que pode. Você é uma das pessoas mais fortes que eu conheço, e eu realmente odeio que a vida continua a fazer você ter que provar isso.

Leah engoliu em seco, baixando os olhos para o monte de bolhas espumantes entre eles.

— Você já passou por muita coisa, Leah. Você não deveria ter que sofrer com qualquer outra coisa. E a ideia de que você sofrerá por minha causa... — Ele fechou os olhos e balançou a cabeça. — Isso me revira o estômago.

— Danny — disse ela em voz baixa, com os olhos ainda abatidos.

— E se aquele idiota voltar de novo? — Ele perguntou, sua voz endurecendo um pouco.

Leah balançou a cabeça antes dele terminar a sua pergunta. — Não. Isso acabou. Eu não vou mais tomar o caminho mais fácil. Sinceramente, depois do que aconteceu no Paddy, eu realmente acho que ele não virá novamente, mas se o fizer, eu farei o que for necessário. Vou dizer ao meu irmão. Eu vou chamar a polícia se eu tiver que fazer.

Danny olhou para baixo com um aceno de cabeça, mas ela podia ver em seu rosto que ele não estava satisfeito. Havia algo que ele não estava dizendo.

— Se você acha que eu sou forte o suficiente para lidar com isso, então do que você tem medo?

Ele molhou os lábios antes de erguer os olhos para ela. — Eu tenho medo que você fique com raiva de mim.

As costas de Leah se endireitaram. — Bem, você não tem nenhuma razão para ter medo disso, porque isso não vai acontecer.

— Leah — ele disse suavemente, — não há dúvida em minha mente que o que temos é real. Não duvido nem por um segundo. Mas sua vida será colocada em espera. Anos de sua vida, desperdiçados. Para mim. Por minha causa. E eu só... Eu não quero que você se arrependa.

Ela abriu a boca para falar, mas ele balançou a cabeça. — Só sei que eu não culpo você se ficar demais. Se ficar muito tempo, e você precisar seguir em frente. Eu não odiarei você, se isso acontecer. Eu prefiro que você cuide de suas necessidades do que ficar com raiva de mim. Você merece ser feliz, com ou sem mim.

Ele segurou os olhos por mais alguns segundos, certificando-se que suas palavras foram recebidas, e Leah balançou a cabeça ligeiramente, olhando para baixo quando ela arrastou a ponta dos dedos através da espuma.

— Quando eu era uma caloura na faculdade, eu trabalhava neste projeto com uma garota de uma das minhas aulas. Lembro-me sentada na biblioteca com ela um dia, e ela falava sobre o quanto odiava a namorada de seu pai, e de repente percebi que em todos os anos desde que minha mãe morreu, o meu pai não saiu para um único encontro. Nenhum.

Danny olhou para ela, com a testa ligeiramente franzida, enquanto tentava descobrir a relevância do que ela dizia.

— Eu não podia acreditar que eu nunca percebi isso antes, mas depois disso eu não conseguia parar de pensar nisso. Até então já passaram quase dez anos, e eu só fiquei pensando sobre o quão solitário ele deve ter sido. E então eu comecei a me sentir realmente culpada, porque a única razão que eu poderia pensar no por que ele não estava namorando foi por causa de nós, por causa de Chris, Sarah e eu. Eu imaginei que ele não queria nos incomodar, ou nos fazer pensar que ele tentava substituí-la. Quero dizer, tinha que ser, né? Por que mais alguém escolheria ficar sozinho?

Leah viu o brilho de tristeza por trás dos olhos de Danny quando ela disse, — Eu realmente odiava a ideia de que ele se privava de ser feliz por causa de nós. E eu queria que ele soubesse que ele merecia ter uma vida também. Que se ele seguisse em frente, tudo ficaria bem, e entenderíamos. Eu só queria que ele tivesse a chance de ser feliz novamente.

Leah pegou algumas bolhas e se inclinou para frente, espalhando-as sobre o peito plano e forte de Danny.

— Então, um dia, eu disse a ele. — Ela sorriu, sacudindo a cabeça. — Ele me escutou falar e falar, justificando ações que ele ainda não tomara ainda. E quando eu finalmente terminei, ele sorriu para mim e me agradeceu por minha preocupação. E então ele me disse que não era necessário. Ele disse que não estivera em um encontro porque não havia nenhuma razão para ir em um.

Leah olhou para Danny. — Ele disse que se ele estava só, não era porque ele precisava estar com alguém. Foi porque ele precisava estar com ela. E se ele não podia ter isso, ele não queria qualquer outra coisa.

Os olhos de Danny suavizaram quando ele olhou para ela, e ela sorriu.

— Sabe, eu acho que eu nunca entendi completamente o que ele queria dizer até agora. Não será um homem que eu vou precisar quando você for embora. Nem mesmo será companhia. Será *você*.

A maneira que Danny olhava para ela causou um leve formigamento em sua pele, e ela encontrou sua mão debaixo da água, entrelaçando os dedos.

— E eu tenho sorte, Danny. Realmente, eu tenho. Porque meu pai... tudo que ele quer é ela. E ele nunca terá isso. Mas você — disse ela, colocando a mão sobre seu coração: — você voltará para mim. Eu sei que não é para sempre. Então, eu posso esperar.

Os olhos de Danny caíram, sua garganta fechada balançando enquanto ele engolia. Quando os abriu, ele balançou a cabeça ligeiramente.

— Você tem alguma ideia de como você é perfeita? — Ele sussurrou.

Leah baixou os olhos. — Estou longe de ser perfeita.

Ela sentiu os dedos sob o queixo, levantando o olhar para ele.

— Você é perfeita para mim — ele emendou.

E quando ele se inclinou para frente e trouxe sua boca para a dela, não havia dúvida em sua mente que era verdade.

Capítulo 18

— Aqui, temos um pouco mais — disse Vovó, inclinando-se para colocar outro pedaço de carne em lata no prato de Danny, e ele balançou a cabeça, usando a mão para desviá-lo enquanto mastigava.

— Nuh-uh — disse ele ao redor de sua boca cheia de comida. — Eu estou cheio.

— Oh, vamos lá agora — disse ela, esmagando a mão dele antes de deixar cair o pedaço de carne em seu prato. — Eu vi você comer mais do que isso.

— Vovó, seriamente, eu vou vomitar — disse ele, sentando-se e segurando as duas mãos sobre a barriga.

— É um feriado, Daniel. Você deveria encher-se com boa comida em um feriado.

Danny riu, jogando o guardanapo na mesa. — Eu nunca conheci uma mulher siciliana tão encantada com o Dia de São Patrício. Você não deveria estar vagando pela casa resmungando algo sobre aqueles malditos irlandeses?

— Oh silêncio — disse ela, tomando seu lugar no outro lado da mesa. — Além disso, é um feriado que envolve cozinhar grandes quantidades de comida. Isso é bom o suficiente para mim.

— Sabe, você só deveria cozinhar grandes quantidades de comida quando você tem uma grande quantidade de pessoas que vão comer. *Isso* — disse ele, apontando para a extensão da mesa, — foi um pouco demais para duas pessoas, você não acha?

Vovó encolheu os ombros. — Eu não sei cozinhar para apenas duas pessoas.

Danny começou a rir enquanto se levantava, agarrando seu prato e o dela. — Isto é verdade. Eu deveria estar com obesidade mórbida por agora.

Vovó riu enquanto lavava os pratos antes de colocá-los na máquina de lavar louça, e então ele fez o mesmo com as panelas no fogão, e pegou alguns recipientes de plástico e os levou para a mesa para Vovó poder guardar as sobras.

— Aqui — ele disse, entregando um para Vovó antes de começar a preencher o outro. — Você quer guardar o repolho, ou não dá?

— Daniel, precisamos conversar sobre algo.

— Sobre o quê? — Disse ele, empilhando as fatias de carne enlatada no recipiente.

Vovó colocou a tupperware vazia na mesa. — Você pode sentar primeiro?

Danny congelou com a mão no prato antes de levantar os olhos para os dela. — Você está bem?

— Eu estou bem — ela disse simplesmente.

Ele ficou ali por alguns segundos, estudando sua expressão, tentando avaliar a sua honestidade.

Ela apontou para a cadeira. — Sente-se, por favor.

Danny deslizou o garfo de volta para o prato antes de voltar para sua cadeira e sentar, deslocando-a para que ele estivesse completamente de frente para ela. Ele viu esse olhar poucas vezes, mas todas elas foram associadas com más recordações.

Não era raiva ou tristeza que enchia os olhos. Em vez disso, ele se parecia mais com resignação. Ou resolução.

Ou os dois.

Ela sorriu suavemente quando se virou para encará-lo.

— Eu tenho pensado muito, e... é hora — disse ela.

— Hora para quê?

Vovó alcançou através da mesa e colocou a mão aberta na frente de Danny; instintivamente, ele ergueu a mão de seu colo e pegou a mão dela.

Ela deu-lhe um aperto suave antes de dizer: — É hora de deixar Bryan ir.

Suas palavras tiveram o efeito de um aríete para o estômago; primeiro o roubo da respiração, seguido pelo aparecimento imediato de pânico, e então, finalmente, o escalonamento da dor.

Elas eram tão inesperadas que Danny não conseguia nem abrir a boca para tentar uma resposta. De alguma forma distorcida, sempre houve conforto no fato de Vovó não desistir. Danny sabia que Bryan não voltaria, mas o fato dela ainda acreditar... fez parecer que talvez, em algum longínquo, mundo remoto tinha possibilidade mais ínfima que poderia acontecer.

Ele não queria que ela desistisse. Ele precisava dela acreditando, mesmo quando não podia.

— Foi longo o suficiente, Daniel. Ele está cansado. Eu sei que ele está muito cansado.

O estômago de Danny ficou agitado, e ele engoliu várias vezes, tentando manter o seu jantar.

Não. Não desista dele.

— Há uma linha fina entre ser esperançoso e ser egoísta, e acho que atravessou um longo tempo atrás. Só espero que ele me perdoe por fazê-lo ficar assim por muito tempo.

— Vovó — Danny sufocou, mas sua voz soou estranha, como se viesse de algum lugar muito longe e não na sua própria boca. — Os médicos nem sempre estão certos. Talvez...

Ela balançou a cabeça. — Eu conheço o meu Bryan. Ele teria voltado para nós se ele pudesse. Ele teria lutado e lutado e lutado. Mas ele está cansado, amor. É hora dele descansar.

Danny tirou a mão da dela e a passou para cima pelos cabelos antes de balançar a cabeça. — Nós não temos que decidir isso agora.

— Sim, nós temos — disse ela suavemente.

— *Por quê?* — Danny retrucou, batendo a mão na mesa.

Vovó nem sequer pestanejou. Em vez disso, os ombros se suavizaram quando seus olhos se encontraram. — Porque eu quero que você seja capaz de dizer adeus... antes de ir.

A cadeira gritou abruptamente quando ele se levantou da mesa e foi até a cozinha. Com um movimento rápido de seu braço, ele roubou as

chaves fora da meia parede e saiu pela porta da frente, fechando-a com uma batida atrás dele.

****

Danny sentou no banco de trás do carro de Leah, olhando para os edifícios enquanto eles passavam um após o outro pela janela. De vez em quando ele olhava para o espelho retrovisor, vendo o reflexo de seus olhos até que olhava para cima e encontrava o seu. Sempre que isso acontecia, ele sentia seu pulso lento em suas veias, as náuseas no estômago diminuindo temporariamente. Toda vez. Como se ela estivesse de alguma forma sugando toda a sua ansiedade, todo o seu sofrimento, com apenas um olhar.

Ele olhou para onde Vovó sentou no banco do passageiro, os olhos fixos em sua bolsa, a qual estava em seu colo. Ela ficara quieta durante toda a manhã, perdida em algum lugar distante, e então, Danny se viu tendo que dizer alguma coisa duas ou três vezes antes dela ouvir.

Após Danny sair naquela noite, ele dirigiu sem rumo por aí por duas horas antes de acabar no apartamento de Leah. Vovó disse que fazia isso porque ela queria que Danny tivesse a chance de dizer adeus.

Mas tudo o que Danny ouviu foi que ela estava desistindo de Bryan por causa dele.

Leah demorou horas para convencê-lo do contrário. Mas ela foi paciente, e ela foi gentil. Ela deixou-o desabafar. Ela deixou-o gritar. Ela deixou-o ditar o ritmo. E ela o deixou cair.

E então ela se deitou com ele até as três horas da manhã, apesar de ter que levantar para o trabalho no dia seguinte, conversando e ajudando-o a entender o que era realmente.

Ajudando-o a ver que Vovó estava certa.

Ela se ofereceu para levá-los ao hospital, sabendo o quão difícil seria para qualquer um deles fazer a viagem de volta.

Ele nunca a pediria para fazer algo assim, submetê-la a algo tão mórbido como dizer adeus a alguém que passou o último ano de sua vida na UTI. Ela teve o suficiente de hospitais e despedidas. Mas ele era egoísta o suficiente naquele momento para aceitar a oferta. E quando eles pararam dentro do estacionamento do hospital e ele encontrou os olhos no espelho novamente, ele se perdoou por essa decisão.

Porque não havia nenhuma maneira dele ser capaz de fazer isso sem ela.

Eles caminharam até o prédio em silêncio, Leah um passo atrás de Vovó e Danny quando ele atravessou os corredores com facilidade, trazendo-os para os elevadores que os levariam até a UTI. Ele fez isso tantas vezes, seu corpo poderia completar a tarefa sem a ajuda de sua mente.

Mas desta vez parecia diferente.

Cada som foi amplificado. O clique de sapatos no linóleo. O rangido de rodas como máquinas e camas movidas de um lugar para outro. A conversa de pessoas. O sinal sonoro delicado que significava que alguém estava sobrevivendo.

Ele queria desligar seus ouvidos.

Vovó foi ao hospital no início da semana para completar toda a papelada, o que significava que no segundo que a porta do elevador se abriu, não havia mais nada a fazer além de ir até o fim.

Não havia tempo para comprar. Não havia desculpas para usar. Não havia razão para adiar.

Parecia que as paredes do elevador se aproximavam, e Danny estendeu o braço e colocou a mão na parede à sua esquerda, empurrando seu peso para ele, tentando mantê-lo firme.

Ele sentiu uma mão em suas costas, em seguida, os dedos femininos espalhados nos seus quando ela aplicou uma pressão suave, e ele fechou os olhos, concentrando-se na sensação até que, finalmente, ficou frouxo e caiu da parede. Poucos segundos depois, as portas apitaram abertas, e ela manteve a mão em suas costas, aterrando-o enquanto se aproximavam do posto de enfermagem.

Quando a mulher por trás da recepção os viu se aproximando, ela se levantou e sorriu gentilmente para Vovó.

— Mrs. Giordano. Se você puder se sentar ali, eu vou chamar o Dr. Racine para você.

Vovó assentiu, mas não se moveu; ela parecia congelada no lugar, e naquele momento, algo no peito de Danny mudou um pouco, apenas o suficiente para lembrá-lo de que ele não era o único sofrendo.

— Vamos lá, Vovó — ele disse suavemente, passando o braço em torno dela e encaminhando-os para a área de estar. Ele sentiu a mão de Leah deslizar de suas costas, e uma onda de pânico passou por ele, mas ele se concentrou na sensação de Vovó debaixo do braço, fina, frágil e trêmula.

Você não é o único. Não a deixe sozinha nessa.

Eles se sentaram em duas cadeiras, e Leah estava a poucos metros de distância, os braços cruzados sobre o peito e os olhos varrendo a área. Ele podia ver que ela estava tentando segurá-la juntos, e ele sentiu a mudança em seu peito novamente.

Ele precisava estar presente agora. Ele precisava arcar com isso. Por ambos. Porque ele seria condenado se tivesse que assistir as mulheres que ele amava assumirem algo além da sua carga.

Uma mulher aproximou-se deles em seguida, vestida de uniforme lavanda. Ela tinha um daqueles rostos amigos que faziam Danny sentir como se conhecesse milhares de vezes, embora ele nunca a tivesse visto antes de hoje.

— Olá. Meu nome é Amanda. Eu estarei com Dr. Racine hoje.

— Olá — Danny conseguiu dizer suavemente.

— Eu sei que isso não é fácil — disse ela. Sua voz era como aloe vera em uma queimadura de sol, e por um momento, Danny encontrou-se perguntando se isso era algo que ensinavam na escola de enfermagem. — Qualquer coisa que você precisar, por favor, nos avise. Gostaríamos de apoiá-lo de qualquer maneira que pudermos.

Danny umedeceu os lábios enquanto olhava para baixo. — Obrigado.

— Eu só queria tomar um minuto para orientá-lo através do processo para que você saiba o que esperar, uma vez que entrar. Está tudo bem se fizermos isso agora?

Danny balançou a cabeça, esfregando a mão para cima e para baixo no braço de Vovó. Ela estava completamente impassível, descansando a cabeça em seu ombro enquanto olhava para frente.

— Ok. Quando estiver pronto, o médico irá remover o tubo de respiração, e então eu vou desligar o gotejamento de epinefrina. Depois disso, sua pressão arterial vai cair, e sua respiração começará a desaparecer.

Ele fechou os olhos, mordendo o seu lábio inferior até sentir o gosto de sangue.

— Nós estaremos monitorando seus sinais vitais no posto de enfermagem. Você pode ficar com ele o tempo que você quiser.

Danny limpou a garganta antes de erguer os olhos. — Será que vai doer? — Ele conseguiu.

— Não. Se o Dr. Racine achar que vai demorar um pouco para ele passar, ele vai pedir alguma medicação para deixá-lo confortável. Ele não sentirá nenhuma dor.

Embora a expressão de Vovó não tenha mudado, Danny apertou seu braço ao redor dela enquanto passava a mão sobre os olhos.

— O que você quer dizer por um tempo? Quanto tempo vai demorar?

— Nós não sabemos o que estamos enfrentando até ver como os sinais vitais respondem sem assistência. Poderia ser alguns minutos, ou algumas horas. Em alguns casos, pode ser poucos dias.

Danny viu Leah fechar os olhos antes de se virar.

Eu não posso. Eu não posso fazer isso. Eu não posso.

— Você tem alguma pergunta? — A enfermeira perguntou gentilmente, colocando a mão no ombro de Danny.

Ele manteve os olhos fixos no chão quando balançou a cabeça.

— Se você, ou você precisar de mais alguma coisa, por favor, não hesite em nos perguntar.

— Obrigado — disse Danny com a voz rouca, olhando para Vovó. Seus olhos vidrados ainda estavam fixos em algum ponto distante.

— Deixe-nos saber quando estiverem prontos — disse ela se levantando, colocando a mão em cima de Vovó antes de seguir para o posto de enfermagem.

— Vovó — Danny disse, e ela piscou algumas vezes antes de virar a cabeça para olhar para ele. — Você entendeu tudo o que a enfermeira disse?

Depois de alguns segundos, ela balançou a cabeça.

— Tudo bem — disse ele, esfregando a mão sobre o braço dela. — Tudo bem... avise-me quando estiver pronta.

Vovó respirou fundo antes de dizer: — Eu preciso ir ao banheiro.

— Tudo bem — disse ele, movendo-se para ajudá-la, e quando ele deu um passo com ela, ela balançou a cabeça.

— Eu gostaria de ir sozinha.

Danny gradualmente a soltou, certificando-se de que ela estava firme em seus pés. — Você tem certeza?

Ela assentiu com a cabeça, dando em sua mão um aperto antes de soltar e começar a descer o corredor, e ele manteve seus olhos nela até que ela virou a esquina e sumiu de vista.

Danny sentou-se na cadeira atrás dele, deixando cair a cabeça nas mãos. E então Leah estava de pé na frente dele, descansando a mão na parte de trás de sua cabeça.

Sem levantar a cabeça, ele estendeu a mão, envolvendo os braços em torno de seus quadris e puxando-a para ficar entre as pernas antes de ele enterrar seu rosto em seu abdômen.

— Isso é... — ele sussurrou.

— Eu sei — ela murmurou, passando os dedos pelo seu cabelo, se inclinando e apertando seus lábios contra sua cabeça, deixando-os lá quando ela acrescentou: — Mas ele nunca vai embora, Danny. Porque você ainda o ama. E ele sempre existirá através de você por causa disso. Eles nos deixam baby, mas eles nunca se vão.

Ela se endireitou, e ele levantou a cabeça, apoiando o queixo em seu estômago enquanto olhava para ela. Ela sorriu um sorriso aguado passando os dedos pelo cabelo dele de novo. — Você está fazendo a coisa certa — ela sussurrou.

Ele acenou com a cabeça antes de pressionar o rosto em seu estômago novamente, e ela ficou ali, acariciando seu cabelo até Vovó voltar do banheiro.

— Eu estou pronta — disse ela suavemente, e Leah deu um passo para trás, permitindo-lhe sentar.

— Tudo bem — disse ele, passando a mão sobre os olhos. — Deixe-me apenas... Eu vou...

— Eu vou chamá-los — Leah interrompeu. — Fique aqui com ela.

Ele exalou quando Leah virou para o posto de enfermagem, grato por sua oferta; ele acha que não seria capaz de falar com ninguém agora. Ele não tinha certeza de como ele ainda estava de pé.

Vovó veio e tomou sua mão, segurando-a com cuidado, pois estava à espera de Leah retornar.

Poucos minutos depois, o Dr. Racine virou a esquina com a enfermeira chamada Amanda. Ele aproximou-se e estendeu a mão, sacudindo Danny enquanto dizia algo Danny não ouviu. Em vez disso, seus olhos estavam em Leah, onde ela estava a poucos metros de distância, com os olhos lacrimejantes presos nele.

— *Eu te amo* — ela murmurou.

— Se você me seguir — disse o Dr. Racine, puxando a atenção de Leah, e Danny piscou rapidamente antes que ele assentisse.

O médico e a enfermeira deram alguns passos à frente, enquanto ele e Vovó seguiram para o quarto de Bryan.

Este era geralmente a parte em que Danny poderia exalar; não importava quantas vezes ele entrou pela UTI, sempre o inquietava. Rostos solenes. Vozes pouco acima de sussurros. Sem flores. Sem balões. Tudo estéril. Angular. Frio. Máquinas apitando em um coro repetitivo de esperança, ou vibrando em advertência. Faces desgastadas de vigílias que duravam dias ou semanas, ou pior, os rostos listrados com as lágrimas de uma vigília que tinha terminado.

Mas então ele ficava dentro do quarto de Bryan, a porta se fechava atrás dele, e ele exalava. Ele puxava uma cadeira e sentava-se ao lado da cama, e ele falaria com seu melhor amigo como se estivessem sentados na parede exterior da loja na hora do almoço. Ele diria a ele sobre sua vida, sobre o trabalho, sobre os caras. Ele diria a ele sobre o tempo, sobre os filmes que viu. E, mais recentemente, ele diria sobre Leah.

Era um pequeno pedaço normal dentro de um ciclone de tristeza.

Mas hoje, quando a porta se fechou atrás dele, ele não expirou. Ele não puxou uma cadeira. Ele não sorriu ou falou ou compartilhou.

Ele não se mexeu.

Vovó soltou sua mão quando Amanda a guiou para o outro lado da sala, puxando uma cadeira para ela se sentar ao lado da cama do

Bryan. Danny ainda estava preso ao chão, enquanto o médico olhava as leituras das máquinas de Bryan e a enfermeira ajudava Vovó a se sentir confortável em sua cadeira. Ela disse algo a ela que Danny não conseguiu ouvir, e depois Vovó apertou os lábios antes de assentir.

— Tudo bem — disse Amanda, colocando a mão no ombro de Vovó antes de se virar para Dr. Racine, olhando para ele de forma significativa.

Danny viu quando ele se aproximou do lado da cama e pegou o tubo na boca de Bryan. Mas, quando ele deu um passo atrás, alguns segundos depois, o longo tubo de serpentina, um pequeno cilindro de plástico ainda ligado ao lábio de Bryan por alguma fita adesiva médica – aquele que Danny sabia que enviava oxigênio que dava vida a seus pulmões – se fora.

Seus olhos foram atraídos para Amanda no outro lado da cama, enquanto ela estendia a mão e clicava em um botão na máquina acima da cabeça de Bryan.

O gotejamento. A única coisa que manteve o bombeamento do sangue através de seu corpo.

Se foi.

Algo como pânico vibrou em seu peito, tornando difícil respirar, e seus olhos voaram para Vovó. Ela estava sentada na cadeira do lado oposto da cama, sorrindo suavemente enquanto acariciava a mão para cima e para baixo no braço de Bryan.

Ele pensou que fizera as pazes com isso. Ele sabia há um ano que Bryan não voltaria. Ela era a única que esperou. Ela era a única que acreditou, contra todas as probabilidades, que uma manhã ele abriria os olhos. Danny sempre soube que era um sonho. Ele disse suas despedidas muito antes disso.

Então por que era tão difícil?

Vovó parecia tão calma, pacífica, ele sentiu que estava prestes a perdê-lo. Como se quisesse bater os punhos contra o objeto mais próximo e gritar até que sua garganta estivesse crua e sangrenta e seu corpo entrasse em colapso.

O médico colocou uma cadeira até a cabeceira de Bryan oposta a Vovó, acenando para Danny antes de caminhar para o outro lado da sala para consultar com a enfermeira.

Danny caminhou os poucos passos até a cadeira e sentou-se nela, apertando as mãos nos topos das suas coxas para tentar impedi-las de tremer.

Ele olhou para o rosto de Bryan, tentando fazer com que ele aparecesse. Tentando animá-lo. Tentando lembrar seus maneirismos. Suas expressões faciais. Sua risada.

Quando Danny não estava com ele, era sempre tão difícil de fazer. Ele poderia evocar imagens, mas os detalhes eram nebulosos, como olhar para uma imagem no fundo de uma piscina.

Mas com Bryan na frente dele, estava tudo de repente afiado. Seu rosto impassível na tela em branco para Danny recriar imagem após imagem de seu amigo – feliz, triste, confuso, irritado, divertido – tudo muito claro e perfeito. Sempre que ele ia embora depois de uma visita, Danny prometia a si mesmo que, desta vez, ele não esqueceria. Ele reproduzia as imagens em sua mente como uma amostra de slide enquanto dirigia para casa, tentando comprometer sua clareza na memória permanente. Mas era como tentar segurar água na mão.

Ele falhava o tempo todo.

O rosto de Bryan era mais fino do que nas memórias de Danny, algo que ele gradualmente se acostumara, mas hoje seu maxilar estava coberto por uma sombra de barba de cinco horas. Vovó e as enfermeiras passaram o último ano mantendo um sistema estável de barbeá-lo, cortar o cabelo, as unhas.

Preservá-lo.

Mas ninguém fez a barba dele hoje.

Dr. Racine aproximou-se do lado de Vovó na cama, colocando uma mão em seu ombro. — Não vai demorar muito agora — disse ele suavemente.

Danny endireitou quando seu estômago sacudiu, enviando bile na parte traseira de sua garganta.

Não. NÃO.

Seu coração começou a correr, instando-o a fazer alguma coisa. Peça para realizar a RCP. Peça-os para ligar o tubo de volta. Discuta com eles para reiniciar o gotejamento.

Não. Não vá ainda. Ainda não.

Seus olhos corriam para o monitor em cima da cama; a enfermeira silenciara antes de desligar o gotejamento, mas ele podia ver a longa linha verde, adornado com picos de pequenas colinas em miniatura que culminou com cada batida de seu coração.

Ficando cada vez mais distante.

— Vamos lá, Bry. Lute — Ele engasgou, deixando cair a cabeça para que sua testa descansasse no braço de Bryan.

E então ele ouviu a voz dela.

Vovó cantava para ele em sons suaves etéreos formando palavras familiares que ele ouviu centenas de vezes em sua vida, sempre que Bryan ou ele estavam inquietos, machucados ou doentes.

Ou caindo no sono.

Ele é o meu tesouro, ele é a minha alegria.

Ele é o meu prazer, ele é o meu garoto.

Se ele for embora, sozinho eu estaria.

Porque ele é meu anjo, meu bebê.

Essas palavras o acalmaram tantas vezes, mas hoje soavam fúteis como gotas de chuva abaixo da janela do passageiro.

Danny fechou os olhos quando uma enxurrada de imagens o atingiu. A vida de Bryan piscando diante de seus olhos, ele não era o único a morrer, mas ele podia sentir isso acontecendo. Ele podia ver tudo se desenrolar, como se Bryan estivesse dividindo os últimos momentos de sua vida com ele.

Danny sob o deck com uma perna quebrada enquanto Bryan segurava sua mão, recitando médias de rebatidas com ele para ajudar a manter sua mente fora da dor.

Bryan pairando sobre a cerca do esconderijo subterrâneo, gritando e aplaudindo quando Danny marcou um jogo do campeonato de sua escola.

Danny ajudando Bryan a esgueirar-se para fora da janela de seu quarto para ir encontrar com sua namorada na noite dos namorados.

Bryan e Danny sentados no chão de seu quarto, rindo histericamente.

Pendurados na garagem, falando na noite sob o capô do carro.

Doces-ou-travessuras em suas fantasias iguais do Batman, porque nenhum deles queria ser Robin.

Compartilhando sua primeira cerveja no beco atrás do supermercado no verão antes de oitava série.

Parados no meio do prédio vago que acabaram de comprar, brindando com champanhe embaraçosamente barato pela loja que imaginou dentro de seus muros.

E então, dois meninos. Um sentado nos degraus fora de sua casa e outro parado na calçada.

— Hey — disse ele, curioso. — Por que você está sentado aqui fora sozinho?

Com um dar de ombros. — Porque a minha mãe não está em casa.

— Oh. Bem, quando ela vai voltar para casa?

O menino coçou o joelho. — Não sei.

Depois de alguns segundos de silêncio, o outro disse: — Bem... você quer vir para a minha casa? Eu tenho um novo jogo, mas ele precisa de dois jogadores. Minha vovó não sabe como jogá-lo.

O menino nos degraus olhou para cima. — Hum... tudo bem.

— Legal. Sou Bryan.

— Danny.

— Você tem jogos de vídeo game? — Ele perguntou quando Danny se aproximou.

— Não muitos.

— Tudo bem. Você pode trazer o que você tem na próxima vez. Nós podemos jogar todos os dias.

E, pela primeira vez desde que ele acordou naquela manhã, Danny sorriu. — Ok.

— Você me salvou — ele sussurrou para o lençol, a testa ainda pressionada contra o braço de Bryan. — Você me salvou, e eu não te salvei.

Sinto muito.

Me desculpe, eu sinto muito, eu sinto muito, eu sinto muito.

Ele cerrou os dentes até que ele sentiu a dor na mandíbula, cantando as palavras como um encantamento, até que perdeu todo o sentido e forma e soou estranho em seus ouvidos, como palavras indecifráveis de alguma língua estrangeira.

— A hora da morte, 1:19.

Danny sacudiu a cabeça erguida; o monitor mostrava a linha verde longa lisa e tranquila.

Final.

Amanda abraçava Vovó, esfregando suas costas suavemente e dizendo algo em seu ouvido, e Danny sentiu uma mão em seu ombro.

— Eu sinto muito pela sua perda — disse o Dr. Racine. — Por favor, leve o tempo que precisar.

Danny não se moveu quando o médico e a enfermeira deixaram o quarto. Ele não se moveu quando Vovó colocou o cobertor em torno de Bryan, como se ela realmente acabara de cantar para ele dormir. Ele não se moveu quando ela se inclinou e beijou sua testa antes de escovar o cabelo dos seus olhos.

— Meu anjo menino — disse ela suavemente. — Você sempre teve meu coração, e você ainda tem. É assim que eu vou encontrá-lo quando for a hora de nos encontrarmos novamente.

Ela virou em seguida e recolheu suas coisas antes de caminhar cuidadosamente em direção à porta. Quando ela passou por Danny, ela colocou a mão em seu braço, dando-lhe um aperto fraco antes de continuar pelo corredor.

E ainda assim, ele não se mexeu.

Ele não podia. Não antes de memorizar todas as expressões faciais de Bryan. Não antes de fixar as imagens na memória. Não antes que ele tivesse certeza que ele poderia preservar a exatidão de todos e cada um. Ele não podia deixá-los desaparecer neste momento.

Porque agora, não haveria nenhuma maneira de recuperá-los.

****

Leah segurou o braço de Catherine enquanto caminhavam através do pátio lateral em direção a sua casa com Danny apoiando-a do outro lado. Ela chorou silenciosamente no caminho, as lágrimas escorrendo pelo seu rosto discretamente. De vez em quando ela levantava a mão para enxugá-los com um lenço de papel, mas em outros ela não se moveu.

Leah verificara o espelho retrovisor com frequência ao longo do caminho, mas desta vez Danny não olhava para ela. Ele não olhava para nada. Sentou com a testa na janela, com os olhos vítreos, avermelhados fixos, sem ver onde passava.

Assim que estacionou na entrada da casa de Catherine, porém, ele parecia sair dessa. Sua expressão era fechada, a voz silenciosa, mas ele estava em movimento e funcionando enquanto cuidava de Catherine, ajudando-a a sair do carro a medida que sussurrava palavras tranquilizadoras para ela.

Eles a ajudaram a entrar na casa, e Danny preparou um chá quando Leah a ajudou a trocar de roupa. O médico receitara a ela pílulas para dormir para os próximos dias, e assim que todos eles se sentaram com suas canecas, ela estava pedindo uma.

Leah poderia lembrar o desejo desesperado de sono, a necessidade de desaparecer em um mundo que ofereceu algum tipo de alívio da realidade, ou melhor ainda, um mundo em que, se tiver sorte, você teria a sorte de ver a pessoa que você perdeu mais do que qualquer coisa. Ela sonhava com sua mãe, muitas vezes quando era mais jovem, a tal ponto que às vezes ela teria o pijama antes mesmo de jantar, em cima da mesa, antecipando o momento em que ela poderia fechar os olhos e encontrá-la.

Danny passou alguns minutos lendo o rótulo dos comprimidos, verificando os avisos e as interações medicamentosas. Leah podia ver que ele não estava entusiasmado com a ideia de dar a ela, mas também sabia que ele moveria uma montanha com as próprias mãos agora se ela pedisse para ele.

Ele não negaria, não importa o quanto ele reprovasse.

Sentaram-se com ela depois que ela tomou a pílula, e quando ela começou a desvanecer-se, Danny levantou-a como uma criança, levando-a para o seu quarto e colocando-a na cama.

Quando ele saiu de seu quarto um minuto depois, Leah olhou para cima de onde ela lavava suas xícaras na pia. Seus olhos encontraram os dela, segurando-os.

Ela desligou a água antes de secar as mãos sobre a toalha. — Hey — ela disse suavemente.

Ele deslizou as mãos nos bolsos, encostado no batente da porta do quarto de Catherine. — Hey.

Leah jogou a toalha em cima da pia. — Ela está dormindo?

Ele acenou com a cabeça.

Ela saiu da cozinha, parando dentro da sala de estar, e do jeito que ele olhava para ela a fazia se sentir como se alguém tivesse um buraco no peito.

Deus, ela lembrou que doía.

Lembrou-se da sensação de estar tão perdida, ela pensou que nunca encontraria seu caminho novamente. A sensação de que as coisas sempre seriam assim tão ruins.

Que ela passaria o resto de sua vida tentando estar inteira novamente.

Ela queria dizer a ele que não era verdade. Que, eventualmente, a dor diminui. Que um dia ele seria capaz de pensar em Bryan e sorrir ao invés de enrolar-se em uma bola para afastar a dor. Que, enquanto ele nunca conseguiria este pedaço de si mesmo novamente, ele encontraria outras peças para neutralizar a dor e torná-la viável.

Mas ela sabia que as palavras não significariam nada para ele agora. Elas não significavam nada para ela, quando as pessoas diziam nas inúmeras vezes nessas primeiras semanas. Elas eram promessas vazias, destinadas a apaziguar, e nada mais.

Em vez disso, ela fez uma pergunta que ninguém nunca pensara em perguntar a ela nas semanas que se seguiram à morte de sua mãe.

— O que você precisa?

Danny respirou antes de levantar os olhos para os dela. — Eu preciso ir para casa — disse ele. Sua voz era suave, mas firme, e Leah assentiu antes de se virar para pegar sua bolsa do sofá.

Ele ficou em silêncio novamente, uma vez que entrou no carro, e quando Leah se aproximou e colocou a mão em sua perna, ele a cobriu com a sua própria, prolongando o contato quando ele a segurou lá.

Quando voltavam para o apartamento dele, Leah não podia deixar de pensar em quantas vezes ela desejou ter a chance de dizer adeus à sua mãe. Isso sempre foi uma das coisas que mais a machucaram quanto à situação, o fato de que ela desapareceu de repente, sem qualquer aviso ou advertência. Leah conseguira convencer a si mesma que se ela tivesse tido a chance de vê-la, falar com ela, dizer alguma coisa para ela antes dela morrer, não teria machucado tanto.

Mas vendo Danny hoje, ela não tinha mais tanta certeza. Ter que dizer adeus a alguém que você ama provocava sua própria dor, e ela não podia ter certeza do que era pior.

Sua mão ainda estava sobre a dela, quando parou na calçada em frente ao seu prédio, e Leah virou para olhar para ele.

— Você quer ficar sozinho? — Ela perguntou.

Danny se virou para ela, seus olhos encontrando os dela antes de balançar a cabeça.

— Tudo bem — disse ela suavemente, e ele soltou sua mão quando ela colocou o carro no estacionamento e desligou o motor.

Eles tomaram o elevador até o apartamento dele, em silêncio; os olhos de Danny fixos no chão enquanto mastigava o interior de seu lábio, e Leah encostou a cabeça no ombro dele, até que chegou ao seu andar.

Ele parecia distraído quando abriu a porta de seu apartamento, e Leah seguiu para dentro, colocando sua bolsa na mesa da entrada.

— Você quer que eu faça alguma coisa para comer? — Ela perguntou.

— Não — ele disse suavemente. — Obrigado.

Ele estava de pé na sala de estar de costas para ela, e ela caminhou até ele, colocando as mãos nos lados de sua cintura enquanto descansava a cabeça contra a parte de trás do ombro. Depois de alguns segundos, ele virou para encará-la, e Leah levantou a cabeça, olhando para ele.

Ele olhou para ela por um momento antes de abaixar os olhos, observando sua mão enquanto ele enganchou dois dedos no bolso da

frente da calça jeans. Ela o viu molhar os lábios, e então ele deu um puxão suave, puxando-a um passo mais perto, sua outra mão veio para a barra da camisa, tomando-a entre o polegar e o indicador.

Os olhos de Danny fixos em seus dedos enquanto brincava com o tecido macio, em seguida, os nós dos dedos roçaram seu umbigo quando ele começou a puxá-la lentamente. Quando seu estômago estremeceu em resposta, ele olhou para cima, seus olhos encontrando os dela antes de cair novamente.

E então ele levantou um pouco mais.

Ela levantou os braços por reflexo, e, de repente, sua camisa estava fora. Jogou-a em algum lugar atrás dela, antes de enfiar os dedos na frente de sua calça jeans e dar outro puxão.

— Eu sinto muito — ele sussurrou, pressionando os lábios para o topo de seu ombro enquanto seus dedos vieram para o botão de sua calça jeans. Ela sentiu abrir enquanto exalava contra sua pele. — Sinto muito. Eu só...

Leah fechou os olhos quando ela levou a mão à parte de trás de sua cabeça. — Está tudo bem — ela sussurrou. — Pegue o que você precisa.

Ele fez um pequeno som na parte traseira de sua garganta quando deixou cair a testa em seu ombro. — Meu Deus, como você faz isso? — Ele perguntou, deslizando o zíper para baixo.

— Fazer o quê? — Ela perguntou em voz baixa, passando os dedos pela parte de trás de seu cabelo.

— Você faz parar de doer — disse ele contra sua pele. — Toda vez.

Leah suspirou quando levou a mão ao queixo, levantando a cabeça antes de trazer sua boca para a dele.

Ele beijou-a com força enquanto empurrava seu jeans e calcinha para baixo sobre seus quadris, e ela deslizou suas pernas antes de sair deles. As mãos de Danny vieram para o fecho do sutiã, e Leah enfiou a mão no bolso de trás, tirando a carteira dele e abrindo-a, enquanto continuava a beijá-lo.

Quando ela achou o que procurava, ela deixou cair a carteira no chão e começou a abrir o pacote, e Danny a deixou momentaneamente enquanto suas mãos vieram para a fivela de seu cinto, desfazendo-o rapidamente. Sua boca nunca saiu dela enquanto a puxava para ele, e

então ele passou os braços ao redor da cintura dela e virou-os para que suas costas estivessem contra a parede antes dele estender a mão e agarrar a parte de trás de seu joelho.

Ele engatou a perna para cima e entrou nela em um movimento suave, e Leah suspirou quando ela colocou os braços em volta do pescoço, usando os ombros como uma alavanca, enquanto segurava-se para cima e enrolava a outra perna em volta de sua cintura.

Suas mãos foram para a parte de trás das coxas, segurando seu peso quando ele pressionou-a para a parede e empurrava dentro dela.

— Leah — ele gemeu, mas não houve arrependimento em sua voz.

— Está tudo bem — ela disse suavemente antes de beijar sua boca. — Está tudo bem.

Ele xingou baixinho enquanto se movia contra ela novamente, e Leah segurou firme quando sua cabeça caiu para a frente, seu rosto esfregando contra a nuca em sua mandíbula.

Ela estava preparada para ele ser áspero, como a noite após a luta no Paddy, mas depois de suas primeiras investidas, os movimentos de seus quadris diminuíram, e os seus lábios no pescoço dela cresceram suaves. A súbita mudança de ritmo causou arrepios em erupção sobre seu corpo, e ela fez um pequeno ruído de aprovação antes que pudesse se conter.

Ela não queria que isso fosse sobre ela. Ela não queria que ele estivesse preocupado em fazer ela se sentir bem. Ela queria que ele se perdesse nela e esquecesse que ele estava sofrendo por tanto tempo quanto podia.

Leah revirou os quadris contra ele, mostrando que estava tudo bem para levá-la do jeito que ele queria, mas ele balançou a cabeça, o movimento de seus quadris agora tortuosamente lentos.

— Assim — ele disse contra sua boca. — Eu preciso de você desse jeito.

Seus olhos rolaram um pouco enquanto tentavam abafar um gemido, mas o zumbido de sua aprovação escapou de qualquer maneira, e ele se inclinou para frente, levando o lábio inferior entre os seus quando ele puxou quase completamente fora dela. Manteve-se lá por alguns segundos antes de empurrar de volta, e sua cabeça caiu para trás contra

a parede com um baque quando ela apertou as pernas ao redor de seus quadris.

Danny apertou os lábios até a base da garganta. — Garota doce — ele sussurrou contra sua pele, e então ele soltou uma das suas coxas enquanto colocava seu braço ao redor de sua parte inferior das costas e virou-os da parede.

Ele os levou os poucos passos até o sofá antes de deixar ir a outra perna, usando a mão para apoiá-los quando ele baixou para as almofadas. Ela fez um pequeno som de protesto quando seus corpos se desconectaram, e Danny estendeu a mão rapidamente, puxando sua camisa sobre a cabeça antes de abaixar-se sobre ela.

Ele passou os braços entre as suas costas e as almofadas, segurando-a contra seu corpo quando ele começou a se mover novamente, seus golpes longos e sem pressa.

— Eu te amo — disse ele contra seu pescoço. — Eu não sabia que era possível amar alguém tanto assim.

— Danny — ela suspirou, apertando seu poder sobre ele.

O seu queixo arranhando sua clavícula enquanto beijava ao longo de sua garganta e parte superior do ombro. — Eu não quero que você me deixe.

— Nunca — disse ela, inclinando a cabeça para trás.

— Eu preciso de você — disse ele com voz rouca. — Eu preciso de você, Leah.

— Eu sou sua — ela prometeu. — Sempre.

Ele levantou a cabeça e trouxe sua boca para a dela, e suas mãos vieram para o seu cabelo, entrelaçando os dedos nele quando ela o beijou, derramando sua promessa para ele, querendo que ele sentisse o peso de suas palavras, a sinceridade de seu voto.

Amava-a lentamente enquanto pôde, mas quando os sons começaram a sair de seus lábios, em intervalos regulares, ele se perdeu de seu desejo, agarrando o braço do sofá atrás de sua cabeça enquanto ele a enviou sobre a borda antes de rapidamente seguir.

E deitou-se em cima dela com a testa em seu ombro e sua respiração quente e rápida contra sua pele, Leah fechou os olhos e arrastou a ponta dos dedos ao longo do vale de sua coluna vertebral.

— Sempre — disse ela de novo, porque, naquele momento, ela sabia que o amaria por toda a vida

Não importa onde ele estivesse.

Capítulo 19

— Pare de olhar para mim. Você está me deixando nervoso.

Jake e Tommy riram enquanto Danny tentou reprimir um sorriso. — Não há nada para ficar nervosa. É apenas uma troca de óleo, e é um dos nossos carros de corrida. Você não pode estragar tudo.

— Sim, ela pode — disse Jake. — Se ela tirar o tampão de drenagem, a merda vazará em todos os lugares.

— Está vendo? — Disse Leah, apontando para Jake.

— Ignore-o — disse Danny, chegando próximo a ela e garantindo que o suporte do capô estava firme. — Se você retirar a tampa, eu o faço substituir o cárter de óleo.

— Que porra é essa? — Disse Jake. — Se ela tira a tampa, eu tenho que colocar uma nova tampa. Por que diabos eu tenho que substituir todo o cárter?

— Porque você é um idiota, e eu disse que sim — respondeu Danny colocando uma mecha do cabelo de Leah atrás da orelha.

Ela apertou os lábios, lutando contra um sorriso quando Danny disse: — Você não vai estragar tudo. Eu estou bem aqui.

Leah suspirou pesadamente antes de se virar para enfrentar o capô aberto. — Vamos fazê-lo.

Danny sorriu quando ele veio por trás dela, apoiando as mãos nos quadris e seu queixo no ombro dela. — Ok, então você tem o seu suprimento. O que você faz primeiro?

Leah mastigou o canto do lábio, e Danny se viu querendo girar em torno dela e acalmá-la com a língua, antes de fechar o capô do carro e deitá-la sobre ele.

E se não fosse por Tommy e Jake, ele faria.

Ela torceu o nariz antes de perguntar: — Removo a tampa do filtro de óleo?

Danny sorriu e acenou com a aprovação. — Bom — ele disse, apontando para ele e Leah removeu facilmente, entregando-o a ele.

— Ok — Jake disse, inclinando-se do outro lado do capô com as mãos. — Essa é a parte mais fácil. Hora de se virar.

Antes que Danny pudesse até mesmo intervir, Leah se virou para ele. — Sim, bem, eu diria que qualquer mulher a quem você disse para *ficar de costas* deve estar preparada para sofrer.

Tommy engasgou, começando a se afogar em seu refrigerante quando Danny começou a rir atrás dela. O olhar de Jake era choque rapidamente substituído para um de orgulho.

— Essa é valente — disse a Danny antes de cutucar o carrinho para eles com o pé.

Danny parou com o seu pé sorrindo para ela. — Pronta?

— Como eu nunca estaria — disse ela, virando-se para sentar-se no carrinho.

Ele se inclinou e lhe deu um par de luvas de látex, e ela as pegou e colocou, ajeitando-as em seu pulso. — Eu me sinto muito oficial — disse ela, estendendo-lhe a mão. — Chave de encaixe.

— Chave de encaixe — disse Tommy com uma saudação antes de entregá-la a ela, e ela deitou e usou os pés para impulsionar-se debaixo do carro.

— Você viu o cárter onde eu mostrei? — Perguntou Danny, agachando-se ao lado do carro.

— Yep. Então, eu só removo esta tampa, certo?

— Certo. Depois de tirá-la, vai sair rápido, então se mova rápido ou a terá em cima de você.

— Isso é o que ela disse — disse Jake do outro lado do carro, e Danny ouviu Leah rir lá embaixo.

— Vamos lá, Danny, você fez isso muito fácil para ele — disse ela através de um grunhido, e ele podia ouvir os sons de sua tentativa de remover a tampa de drenagem.

Depois de um minuto, ele ouviu um grito abafado, seguido pelo som do óleo batendo panela.

— Oh meu Deus, tão grosseiro — ela gemeu, e Danny riu.

— Bom trabalho! Você fez isso.

Sua mão coberta de óleo saiu de debaixo do lado do carro. — Eu preciso do pano para limpar a tampa.

Tommy estendeu a mão e entregou a ela antes de levantar os olhos para Danny. — Com todo o respeito devido, cara? Isso é meio quente.

— Concordo — disse Jake.

Ele teria dito a eles para calar a boca se ele não pensasse exatamente a mesma coisa.

Danny levantou e encostou-se no carro ao lado do que Leah estava trabalhando, observando as pernas deslocarem com seus movimentos enquanto Tommy a mostrava como remover o filtro de óleo.

Ela era a única razão pela qual ele estava bem. A única coisa nas últimas três semanas que poderia fazê-lo sorrir.

Isso poderia fazê-lo esquecer.

A semana após a morte de Bryan foi insuportável. Danny prometera que passaria as últimas semanas que antecederam a sua condenação aproveitando o máximo do tempo que lhe restava, tentando absorver e apreciar cada segundo de sua liberdade.

Mas divertir-se, de qualquer maneira logo após perder Bryan parecia errado. Parecia insensível, frio e desrespeitoso de sua memória.

Assim, ele passou a semana no vácuo auto imposto; ele levantou, passou a trabalhar, fazia as refeições e conversou como se estivesse programado para fazê-lo.

Era mecânico e robótico, forçado e vazio.

O tempo todo Leah estava lá, dando-lhe espaço quando ele queria e apoio quando ele exigia. Ele nem sequer teve que vocalizar o que ele

queria; era como se ela pudesse ler as suas necessidades antes que dissesse, como se ela estivesse sempre dois passos à frente dele.

Danny sabia que ela deveria estar lembrando-se do seu próprio sofrimento, que ela usava o que ela conhecia do sentimento para tornar tudo mais fácil para ele.

Ele odiava que ela precisasse experimentar tudo ao lado dele, mas ele não sabia como seguir em frente. Ele estava preso em um quadro horrível, dividido entre sua veneração por seu melhor amigo e a promessa para a mulher que amava.

O fim de semana depois que tiraram Bryan do suporte de vida, ele e Leah estavam deitados na cama, e do nada pediu para ele dizer algo a ela que ele sempre quis fazer. Passaram a hora seguinte falando sobre isso, correndo através de suas listas, e em algum momento Leah se levantou e pegou uma caneta e um bloco; ela dividiu o papel ao meio e marcou do lado esquerdo *Um Dia* – Leah sempre quis ir para Santorini, e Danny queria aprender a pilotar um avião e do lado direito foi rotulado como *Agora Mesmo* – Danny queria jantar no Per Se, em Manhattan, e Leah queria passar um dia inteiro em um spa.

Falaram até que Leah encheu duas colunas até a parte inferior da página, e depois de colocar o bloco na mesa de cabeceira e deitar ao lado dele, ela disse que queria realizar muitos de seus itens *Agora Mesmo*, talvez, nas próximas semanas.

E então ela perguntou se ele a ajudaria a fazê-lo.

Ele sabia o que estava fazendo; se ele a ajudasse, era uma desculpa para existir no mundo de novo, para desfrutar de seu tempo com ela sem se sentir culpado.

Ela foi absolvendo-o de qualquer culpa para seguir em frente.

Ela tinha uma das mais belas almas do qualquer um que ele já conheceu, e Danny perguntou se ele já parou de ser surpreendido pela sua compaixão.

No fim de semana seguinte Danny foi com Leah para Zen Day Spa, e assim ele se comprometeu a sentar-se na sala de espera com o seu telefone e uma revista por algumas horas, até a recepcionista chamar seus nomes. Passaram à hora seguinte recebendo uma massagem para casais, e depois disso, Danny foi enviado para a sauna, enquanto Leah a uma pedicure. No momento em que ele saiu, ele estava pesado e sedado, e muito bem desfeito pela primeira vez em semanas.

E, em seguida, eles foram para a sala de reflexologia.

Danny não tinha ideia de que os pontos de pressão nos pés de uma pessoa pudessem afetar a função de seus órgãos internos, e até mesmo o seu humor. Na verdade, ele não teria acreditado se não tivesse experimentado a si mesmo, mas quando a mulher começou a massagem, ele podia sentir a sua dor de cabeça desaparecer pela primeira vez em dias, a leve, mas constante, náusea que ele estava sentindo lentamente desaparecer.

Antes de saírem do spa, Danny comprou um livro sobre massagem e reflexologia na recepção, e ele e Leah passaram o resto do fim de semana lendo e praticando diferentes técnicas entre eles.

Não conseguia pensar em maneiras piores de passar seu fim de semana do que com as mãos em Leah.

Depois disso, Danny começou a passar todas as noites em seu apartamento. Seu apartamento foi gradualmente se tornando insuportável quando ele começou a desmontar e colocar as coisas no depósito, mas, na realidade, ele poderia ter ficado lá trabalho. Era apenas que ela conseguiu acordá-lo de seu nevoeiro, e ao ressurgir ele se viu precisando dela como o ar.

Ele não queria ficar longe dela mais do que ele precisava ficar.

No fim de semana seguinte, Leah surpreendeu levando-o para Per Se. Eles pediram um jantar ridiculamente caro e beberam vinho de qualidade e passaram a noite fazendo amor no chão da sala com o CD de Ray LaMontagne de Leah tocando no repeat em segundo plano.

E agora, Danny arranjara para Leah cumprir outro *Agora Mesmo* de sua lista; ela disse que queria aprender a fazer alguma coisa em um carro que a maioria das meninas não sabe como fazer. Algo útil, como trocar um pneu.

Então, ele explicou como fazer uma troca de óleo, e quando ela passou o *questionário verbal*, ele decidiu que estava pronta para ir até a loja e colocar seu novo conhecimento em prática. Ela estava hesitante no início, mas agora, ao vê-la enfiar a cabeça debaixo do carro e pegar o novo filtro que Jake segurou, ele podia ver que sua confiança superara sua ansiedade.

Ele não podia acreditar quão rápido os dias desapareciam. O tempo era um conceito relativo – Danny sempre foi consciente disso. O que ele não conseguia entender era por que a relatividade nunca pareceu

trabalhar em favor de uma pessoa. Para um especialista trabalhando para desarmar uma bomba, um minuto é um mero piscar de olhos – a respiração fugaz. Mas para uma mãe à espera de ouvir o choro do seu bebê pela primeira vez, um minuto pode ser um tempo de vida, um infindável silêncio ansioso.

Em pouco mais de duas semanas, ele estaria de pé em um tribunal, aguardando a decisão que ditaria os próximos anos de sua vida. Apenas mais duas semanas. Poderia muito bem ter sido amanhã, considerando a rapidez com que passou três semanas e meia.

E ainda de alguma forma ele estava certo que o tempo não concederia a gentileza de velocidade uma vez que estivesse preso.

Ele observou Leah deslizar para fora de debaixo do carro, um pano embebido em óleo em sua mão enquanto ela passava a parte de trás do seu antebraço sobre a testa, deixando uma mancha de óleo quando ela tirou o cabelo da frente dos olhos.

— Tudo bem — disse ela enquanto se levantava. — E agora? Olho, e então acabei, certo?

Danny sorriu quando notou a segunda mancha no lado do queixo.

— Você apertou a tampa de drenagem?

— Sim.

— Lubrificou o anel de vedação do novo filtro?

— Lubrificado e pronto — disse ela antes de estender a mão para Jake, a poucos metros de distância.

— Isso é o que ela disse — ele disse casualmente enquanto procurava por uma das caixas de ferramentas, e Leah balançou a cabeça, voltando sua atenção para Danny.

Ele riu enquanto desencostava do carro e caminhava em sua direção. —Bom trabalho. Óleo e então você está feita — disse ele, inclinando-se perto de seu ouvido quando ele a alcançou. — E então eu vou levar você a algum lugar onde possamos ficar sozinhos — ele sussurrou.

Danny viu o canto da boca dela se elevar antes dela virar a cabeça ligeiramente, olhando por cima do ombro dele.

— Você está gostando disso, não está? — Ela sussurrou.

Ele acenou com a cabeça uma vez. — Muito.

Seu sorriso ficou mais pronunciado quando se virou um pouco mais, seus lábios quase tocando os dele. — Nesse caso, os caras podem fazer o resto?

Danny não disse uma palavra quando ele agarrou sua mão e virou, arrastando-a atrás dele quando ele seguiu em direção à porta. — Termine o trabalho — ele disse por cima do ombro, e pouco antes da porta se fechar atrás deles, ouviu Jake dizendo de volta, — *Isso é o que ela disse*!

****

Férias de primavera.

Tradicionalmente, era o tempo pelo qual os professores oravam por ano, contando os dias até que se tornasse uma realidade. No momento em que as férias de primavera chegaram, o ano dava as suas boas-vindas – todos os alunos se agitavam na primavera, um precursor para a frouxidão do verão. Todo mundo estava desesperado por um pouco de alívio.

Mas, pela primeira vez desde que começou a ensinar, Leah viu-se desejando que nunca chegasse.

Porque uma vez que chegasse, ele a deixaria.

Ele passava a noite no apartamento dela desde as últimas semanas, mas agora que Leah não estava trabalhando, eles passavam os dias juntos também – se não fossem na casa de Catherine ou na loja, eles voltavam à limpeza do apartamento dele. Estava quase vazio agora, com todas as suas coisas em depósito, com Catherine ou com os caras. A cada dia que passava, Leah sentia como se estivesse sendo destruída, juntamente com os quartos. Esfregar, lavar, aspirar e limpar o pó que restava ofereceu a ela alguma coisa para fazer além de olhar para o espaço estéril enquanto tentava impedir que seu coração se rasgasse.

Na quinta-feira daquela semana, todo o apartamento de Danny estava imaculado – sem seus ventiladores de teto ou os seus eletrodomésticos e tudo mais. Eles trabalharam até o sol se pôr, e agora, eles estavam imundos, morrendo de fome e cansados demais para sequer pensar em sair para comer. Não havia mesa ou cadeiras deixadas no

apartamento, mas pediram comida chinesa e comeram nas caixas, sentados no chão, no meio da austera sala de estar.

Leah olhou ao redor do espaço vazio enquanto mastigava um pedaço de seu rolinho primavera. Ela passou a maior parte da semana fingindo que apenas o ajudava a se mudar, mas mesmo algo tão simples veio com uma sensação de tristeza.

Uma essência de finalidade.

— Você está triste em deixar este lugar? — Ela perguntou, e Danny olhou para ela sorrindo.

— Você é bonita.

— O que é bonita? Estou falando sério.

— Eu sei. É por isso que é bonita. E não, eu não estou triste em deixar este lugar. É apenas um apartamento — disse ele, dando uma mordida em seu rolinho primavera.

— Sim, mas... tem sido a sua casa por seis anos.

Ele balançou a cabeça. — Foi onde eu morei por seis anos. Eu não chamaria isso de casa. Há uma grande diferença para mim.

Leah balançou a cabeça enquanto olhava para baixo, girando o garfo na mão; ele não precisava explicar mais, ela sabia exatamente o que ele quis dizer.

— Então, desde que você propôs um jantar de piquenique, é seguro assumir que você está propondo um acampamento na sala de estar.

— Acampamento na sala de estar? Quantos anos nós temos, seis?

Danny sorriu. — Sério, eu topo, porra. Você realmente quer ir para sua casa agora?

Leah suspirou. — Não, não realmente.

Levantou-se de joelhos e começou a recolher alguns dos recipientes vazios. — Está decidido então. Acampamento na sala de estar. — Danny piscou antes de se levantar, levando o lixo para a cozinha.

Leah riu pegando o resto do lixo e seguindo-o. — Ok, bem, nesse caso, eu vou tomar um banho. Avise-me quando o acampamento estiver pronto.

Ele riu quando ela se inclinou e beijou sua bochecha antes de ir em direção ao banheiro, ligando o chuveiro e definindo a água tão quente quanto poderia ir. A dor aguda de queimar e depois acalmar, levando a tensão de seus músculos, uma vez que lavou a sujeira do dia, e ela se viu querendo ficar lá sob o fluxo até que lavou a dor constante no peito

Quando ela finalmente desligou a água, o ar estava cheio de vapor e quando Leah saiu de trás da cortina, ela podia distinguir uma de suas camisas, dobradas na borda de sua pia e esperando por ela.

Ela a vestiu, optando por usar nada por baixo para que o algodão macio, que cheirava a detergente, e Danny, pudesse tocar sua pele desobstruída.

Depois de correr os dedos pelo cabelo molhado para remover os emaranhados, Leah saiu para a sala de estar, lutando contra um sorriso ao vê-lo.

Ele estava agachado no chão, com dois sacos de dormir. Um era marrom.

E o outro era do Batman.

— Pedra, papel e tesoura para o saco de dormir do Batman — disse ela, e ele olhou para ela, sua expressão séria.

— Foda-se. O Batman é meu.

Leah riu, levando as mãos para cima em derrota. — Ok, ok. Mas só porque foi ideia sua.

Ele se levantou quando ela entrou na sala de estar, e Leah observava seus olhos percorrerem o corpo dela.

— Você está bem na minha camisa.

Ela sorriu. — Você diz isso toda vez que eu uso uma delas.

— Será que digo? — Ele perguntou, dando um passo em direção a ela.

Ela deu um passo rápido para trás, segurando-lhe a mão e empurrando com o polegar por cima do ombro. — Eu acho que não, amigo. Chuveiro em primeiro lugar.

O choque em seu rosto era cômico, e Leah tentou não rir quando suas covinhas apareceram.

— Sabe, você tem sorte que é bonita — disse ele, inclinando-se e escovando seus lábios nos dela, antes de passar por ela em direção ao banheiro. Poucos segundos depois, ela ouviu o chuveiro ligar, e Leah sorriu quando sentou no saco marrom de dormir e deitou-se, piscando para o teto.

E então ela imediatamente se arrependeu de mandá-lo tomar um banho.

Foi muito fácil para seus pensamentos correrem desenfreados nesta sala desolada. Manter-se ocupada, certificando-se que nunca tivesse um momento de ócio, certificando-se de nunca estar sozinha por longos períodos de tempo era o seu método de sobrevivência no mês. Ela não teria sobrevivido a isso de outra maneira.

Mantenha-se ocupada. Mantenha seu corpo em movimento. Mantenha sua mente distraída.

Mas agora não havia nada além de silêncio, e tempo, e ela.

Quando estava com Danny, era tão fácil fingir que estava tudo normal. Era quando ela estava sozinha que a realidade de sua situação subia a sua cabeça, porque foi então que ela começava a imaginar como seria sem ele.

Leah fechou os olhos e começou a recitar passagens e citações de *To Kill a Mockingbird*, na tentativa de ocupar sua mente.

Felizmente ele tomou banho rapidamente, e não demorou muito para reaparecer na sala de estar, vestindo apenas cueca. Danny veio para o chão ao lado dela e deslizou para o saco de dormir do Batman, e Leah se virou imediatamente para o lado dela para encará-lo.

— Confortável? — Ele perguntou, mudando para o lado e apoiando a cabeça na mão.

— Muito. Meu saco de dormir é surpreendentemente confortável. Eu acho que você escolheu mal — disse ela, apontando para o seu.

— Por favor. Tente manter o seu ciúme sob controle.

Leah sorriu, e ele sorriu para ela antes de levantar o lado do saco de dormir, segurando-o aberto.

— O que você está fazendo? Piscando para mim?

Ele começou a rir. — Libere sua mente. Estou convidando você. Você precisa experimentar a maravilha que é Batman para apreciar plenamente o pedaço de merda que seu saco de dormir é.

— Nós não caberemos — disse ela com uma risada, e ele deu de ombros.

— Vamos tentar.

Ela sorriu quando se sentou e saiu de seu saco de dormir rastejando até ele. Assim que ela estava lá dentro, ele envolveu o saco de dormir sobre os seus corpos e chegou por trás dela, lutando com o zíper.

Depois de um minuto, ela disse, — Eu te disse que não iria funcionar.

Assim que as palavras saíram de sua boca, ela sentiu o saco de dormir ficar um pouco mais apertado em torno deles quando ele fechou-o. Ele sorriu triunfante deitando, puxando-a parcialmente em cima dele.

— Dane-se. — Ela suspirou, colocando a cabeça em seu peito. — Batman deu um pontapé no marrom.

— Eu te disse — disse ele, arrastando as pontas dos dedos sobre a parte inferior das costas.

— Estou arruinada agora. Como eu posso voltar para lá?

— Você não vai a lugar nenhum — disse ele em seu cabelo, e ela sorriu.

— Você não está desconfortável comigo deitado em você assim?

— Eu nunca estive mais confortável.

Ela riu suavemente, apertando os braços ao redor dele, e por um minuto, apenas ali, em silêncio satisfeito.

— Então — ela o ouviu dizer, e seu tom sério o levou a levantar a cabeça. — Você fez o que eu pedi?

Leah estendeu a mão e tirou o cabelo da testa. — Eu fiz.

Ele ficou em silêncio por alguns segundos antes de respirar fundo e perguntar: — E você está bem?

Um pequeno sorriso em seus lábios. — Eu estou.

Ele olhou para ela, e Leah podia ver que ele avaliava sua honestidade.

Danny tornou-se um elemento permanente na família de Leah. Ele esteve em cada jantar de domingo, a primeira vez em janeiro, e todo mundo o adorava. E foi por essa razão que Danny pediu algumas semanas atrás para dizer a eles a verdade sobre o que estava acontecendo com ele.

— Parece mentira — ele disse a ela. — Todos têm sido bons para mim, e eu não gosto de ser desonesto com eles. Eles precisam saber.

E, embora ela soubesse que ele estava certo, Leah sempre evitava. Ela só não queria que as coisas mudassem; muita mudança vinha a caminho para durar uma vida, e ela não achava que ela poderia lidar com mais nada. Ela não tinha nenhuma maneira de saber se descobrir a verdade arruinaria a opinião deles sobre ele, mas ela não tinha coragem de arriscar.

Além disso, se ela fosse honesta consigo mesma, ela não queria discutir o assunto com ninguém. Discutir isso tornava real, e ela gostava do mundo da fantasia que ela e Danny criaram para si, um onde não havia futuro iminente, apenas eles, no presente, realizando as coisas de suas listas de desejos e curtindo um ao outro.

No início Danny foi tolerante com ela quando ela veio com desculpas sobre o porquê de não dizer a eles, mas na semana passada ele finalmente bateu o pé.

— Eu sei que não é uma conversa que você deseja — ele disse a ela. — Mas isso precisa ser feito. E isso precisa ser feito antes de eu ir para o tribunal. Eu não quero que eles descubram após o fato; que é covarde, e eles merecem mais respeito do que isso. Então, se você não pode fazer isso, então eu vou. Mas isso precisa acontecer antes desta semana e logo. Nós adiamos o suficiente.

Então, naquela manhã, antes de se dirigir até o apartamento de Danny para terminar a limpeza, ela levou sua família para um café da manhã, e disse a eles. Surpreendentemente, ela não chorou. Ela estava tão nervosa que ela era incapaz de fazer qualquer coisa, exceto recitar as palavras que praticara um milhão de vezes na noite anterior.

Ela deveria saber como eles reagiriam. Se havia uma coisa que a família dela era boa, era ficar junto e apoiar um ao outro em uma crise.

Ao invés de ficarem horrorizados, enojados ou com raiva, eles estavam tristes, por ela e por Danny.

— Não o odeie — ela implorou em voz baixa. — Você conhece o Danny... ele não é assim. Ele não é uma pessoa má. Ele não tinha qualquer intenção de que isso acontecesse.

E o pai de Leah tomou-lhe a mão e disse: — Você não tem que defendê-lo, Leah. Você não acha que eu entendo o sentimento de ser ferozmente protetor de sua família? Ele é um bom garoto que cometeu um grande erro. E agora ele vai pagar por isso. Vai ser difícil. Tanto para você. Mas se ele é o que você quer, princesa, então eu farei o que puder para tornar isso um pouco mais fácil para você. Tudo que eu sempre quis é que você seja feliz.

Danny passou a mão pelo cabelo de Leah, puxando-a de suas reflexões, e ela olhou para baixo a tempo de vê-lo engolindo em seco.

— Então, o que o seu pai disse? — Perguntou.

Ela mudou de modo que ela estava totalmente em cima dele, e suas mãos por debaixo de sua camisa, segurando sua cintura suavemente enquanto ele olhava para ela.

— Ele perguntou se você traria alguns cannoli de Giovanni para o jantar de Páscoa neste domingo.

Danny olhou para ela por um segundo, e quando suas covinhas começaram a aparecer, Leah riu suavemente, deslizando a mão por trás do pescoço e puxando-o para um beijo.

A dor será temporária, lembrou quando seus lábios se moviam contra os dela.

Isto é o sempre.

Capítulo 20

Leah se sentou no banco do motorista, seu coração apertado quando a ligação foi para o correio de voz.

Já era quatro e meia; ela foi forçada a passar o dia inteiro sem ele, e provocou um nível de ansiedade que ela não sabia que existia. O número de alunos no programa AAE naquela tarde foi um dos maiores do ano letivo, e por estar na reta final, cancelar seria má ideia. Além disso, Leah já tirara o dia seguinte para estar na corte com Danny, e no dia seguinte, caso as coisas não irem bem. O pagamento de fiança estava fora de questão.

Mas, sentado em uma sala cheia de alunos por duas horas e meia extras no último dia antes de Danny ir ao tribunal foi nada menos que tortura.

Quando o programa terminou, ela correu para fora do prédio, ligando para ele enquanto ia até o carro. Ele passaria o dia finalizando algumas coisas na loja e disse a ela para avisá-lo quando fosse embora para que ele pudesse encontrá-la em seu apartamento.

Leah mordeu o lábio enquanto ouvia a voz de Danny pedindo para deixar uma mensagem, e quando ele apitou, ela disse que terminara o dia e para ele chegar quando acabasse. Ela finalizou a ligação e jogou o celular em sua bolsa com um suspiro de frustração. Se ele estava na garagem, era mais provável que não, não ouviu sua ligação. Era sempre tão barulhento lá dentro, com as pessoas falando, ferramentas e máquinas rodando sem parar, a menos que tivesse seu telefone configurado para vibrar no bolso, ele provavelmente não teria sequer visto que ela ligou até que já estivesse saindo.

Ela enviou uma oração silenciosa, que seria em breve.

Mas pelo tempo que ela parou no espaço de estacionamento na frente do seu apartamento, uma impaciência roendo começava a se misturar com a ansiedade já rodando em seu intestino.

Ele ainda não retornou sua ligação.

Leah colocou o carro na vaga, recolheu suas coisas rapidamente, como se ela pudesse de alguma forma fazer com que ele fizesse o mesmo.

Ela ergueu as bolsas em seu ombro enquanto se aproximava da porta da frente, prometendo a si mesma que, se ela não ouvir nada dele nos próximos dez minutos, ela ligaria na loja e verificaria. A ideia de perder mais tempo sem ele hoje a fazia querer se arrastar para fora de sua pele.

Leah se atrapalhou com as chaves por um momento antes de abrir a porta de seu apartamento, imediatamente parando.

Estava escuro por dentro, apenas a oscilação tênue de luz de velas.

Depois de um segundo atordoada, ela entrou, fechando a porta suavemente atrás dela. Havia velas em sua mesa de cozinha, juntamente com taças de vinho, talheres e um vaso de rosas vermelhas.

— Danny? — Ela chamou com seus olhos passando a cena à sua frente.

Um segundo depois, ele saiu da cozinha com uma garrafa de vinho na mão.

— Bem vinda em casa — disse ele.

Leah piscou para ele antes de colocar as malas no chão perto da porta. — O que você está fazendo? — Ela perguntou, andando em direção à mesa. — O que é isso?

— Uma festa de aniversário antecipado.

Ela parou de repente. — Você se lembrou?

— Claro que sim — disse ele com naturalidade, colocando a garrafa sobre a mesa quando começou a desarrolhar.

Leah olhou para ele, completamente chocada. Com tudo o que aconteceria no dia seguinte, comemorar seu aniversário era a última coisa em sua mente.

— Eu até comprei um bolo de aniversário que eu vou fingir que eu fiz. E você vai fingir que acredita, assim como você prometeu.

Ela olhou para ele com uma pequena risada ao vê-lo derramar um copo de vinho, e então ele sorriu e estendeu-o para ela. — Eu espero que você esteja com fome — disse ele. — Consegui algo de Il Bardona.

A boca de Leah caiu. Il Bardona era um de seus restaurantes favoritos, mas certamente não era um estabelecimento que entregava em casa.

Ela pegou o copo que ele entregou. — Isso não é o tipo de lugar que faz comida para viagem.

— Eu sei — disse ele. — Eu pedi um favor.

Ela olhou para ele por um momento antes de balançar a cabeça. — Danny...

— Leah — disse ele, imitando o tom de voz dela e se serviu de um copo de vinho.

Ela tentou reprimir um sorriso quando ele colocou o copo sobre a mesa, e então puxou a cadeira para fora e fez um gesto para que ela se sentasse. — A sua refeição estará pronta em breve, senhorita — disse ele com uma reverência.

Como ele desapareceu na cozinha, Leah virou-se para olhar para a mesa.

Ele se lembrou de seu aniversário. Ele saiu do seu caminho para ela hoje à noite. Esgueirando-se para a sua casa enquanto ela estava presa no trabalho, fazendo acordos com seu restaurante favorito, colocando a mesa com taças e flores, pedindo um bolo de aniversário para que ela pudesse fazer seu desejo.

O que ela faria quando eles levassem tudo isso para longe dela?

Sua visão nublou quando seus olhos se encheram de lágrimas, assim que Danny virou a esquina e colocou vários pratos de servir na mesa. Ele arrumou tudo antes de se sentar de frente para ela, sua expressão ficando séria quando seus olhos encontraram os seus vítreos.

— Leah — disse ele suavemente. — Eu sei que dia é hoje, mas não quero que isso seja sobre dizer adeus, ok?

A picada por trás de seus olhos dobrou com suas palavras, e ela piscou rapidamente, tentando impedir as lágrimas. Quando ele a viu lutando, ele estendeu a mão através da mesa, tomando-lhe a mão e tocando com os dedos.

— Não é um adeus, menina doce. É apenas temporário. Você é a pessoa que me disse isso, lembra?

Leah forçou um sorriso balançando a cabeça.

— Eu quero que esta noite seja sobre nós — disse ele. — Só você e eu. Nada mais. Podemos fazer isso?

Ela assentiu com a cabeça novamente. — Isso soa perfeito — disse ela suavemente.

— Bom — ele disse, levando a mão dela aos lábios dele e beijando-a antes de deixá-lo ir. Ele pegou o copo e levantou-o para ela. — Feliz aniversário, Leah.

Ela bateu seu copo no dele antes de tomar um gole, e cantarolava, agitando o copo com cuidado. — O que é isso?

Danny alcançou através da mesa e girou a garrafa em direção a si mesmo. — Shafer Relentless Napa Valley, 2008.

— É muito bom.

— Foi o vinho com a melhor nota no ano passado.

Leah levantou a sobrancelha. — É assim mesmo? Desde quando você é um apreciador de vinho?

— Uma vez que eu perguntei o cara na loja de bebidas para me dar a sua melhor garrafa, e ele me deu isso e disse que era o vinho com a melhor nota no ano passado.

Ela sorriu para ele antes de balançar a cabeça, e ele piscou, pegando a faca e o garfo.

Eles conversaram e riram durante toda a refeição, mas de vez em quando, a mente de Leah fugia para onde não deveria ir e ela encontrava-se perguntando onde ele estaria nesta hora amanhã, o que ele estaria fazendo, como ela ficaria sabendo que ele estava fora de seu alcance e sofrendo. Mas quando sentia o nó na garganta, ou quando seus olhos ardiam com a ameaça de lágrimas, ela se distraía, concentrando-se nele, memorizando cada detalhe: seus olhos azul-claros na delicada luz de velas, a curva de seus lábios, o cabelo preto como tinta que era tão macio entre os dedos, as linhas de sua mandíbula, as covinhas em suas bochechas quando ele sorria seu sorriso favorito, o som de sua risada, o modo como ele segurava o garfo.

Apesar da realidade que pairava sobre eles, foi surpreendentemente fácil se perder nas coisas.

Quando acabaram de comer, Leah e Danny deixaram seus pratos sujos sobre a mesa e foram para a sala de estar com o seu vinho. Leah

enrolou em seu lado quando se sentaram no sofá, e seu braço imediatamente veio ao redor dela, segurando-a contra seu corpo enquanto ele apoiou o queixo em sua cabeça.

Ela não podia acreditar que já existira sem isso. Estar com ele, tocá-lo, rir com ele – não havia nada mais gratificante, nada capaz de fazê-la sentir-se mais cheia, satisfeita, bonita e inteira.

E por mais que ela temesse a luta que vinha em sua direção, o pensamento de nunca tê-lo encontrado rivalizava com a dor de perdê-lo.

Ela muitas vezes pensou em como o universo trabalhou no dia em que seus caminhos se cruzaram. Se aquele cara não tivesse a ultrapassado na rua ela nunca teria estacionado em frente à casa de Catherine e saído do carro. Se Catherine não estivesse olhando para fora da janela quando Leah parou por ali ela não teria a convidado para entrar. Se a pulseira não tivesse caído no quarto de hóspedes, ela não teria deixado seu número.

Leah deslizou o braço em volta da cintura de Danny apertando a bochecha contra seu peito e inalando sua essência.

Essas pequenas maravilhas da vida, os pequenos milagres, nunca deixaram de surpreendê-la. Eles estavam por toda parte, esquecidos com demasiada frequência, porque as pessoas estavam preocupadas com as minúcias da vida cotidiana, ou porque os milagres em si eram muito discretos para serem reconhecidos. Mas vê-los trabalhando foi uma das coisas mais humildes que Leah experimentara.

Porque não havia dúvida em sua mente que o dia em que conheceu Danny, as estrelas se alinharam apenas para ela.

— Você acredita em destino? — Ela perguntou em voz baixa.

Danny tomou um gole de vinho. — Eu não sei. Até certo ponto, talvez. Por que, não é?

— Eu nunca acreditei antes, mas agora... eu não sei. É meio difícil.

— O que você quer dizer? — Perguntou, inclinando a cabeça para olhar para ela.

Leah baixou os olhos, observando o brilho de luz de sua pulseira quando ela girou em torno de seu pulso. — Eu tive esta pulseira por quase 15 anos — disse ela, olhando para ele. — E o fecho nunca falhou.

E eu a tive de volta por mais de quatro meses, e isso não aconteceu desde então.

Ele segurou os olhos por um momento antes de sorrir, olhando para baixo, enquanto corria a ponta do seu dedo sobre a pulseira, e então ele a puxou para o seu lado e apertou os lábios contra o topo de sua cabeça.

— Posso dar o seu presente de aniversário agora? — Perguntou em seu cabelo.

Leah sorriu. — Será que você conseguiu um Slap Chop para mim?

Ele deu uma gargalhada, antes de soltá-la e levantou do sofá. — Você já tem um.

— Eu sei — ela disse, — mas você nunca pode ter muitos desse.

Danny sorriu. — Talvez para o Natal, então — disse ele com uma risada quando se virou e caminhou até o quarto de Leah, e o sorriso de Leah caiu.

Porque ele não estaria lá para o Natal.

Ela não tinha certeza de quantos Natais teria de suportar sem ele, e o pensamento fez sua garganta sentir como se alguém tivesse apertado o punho em torno dela.

Pare com isso, advertiu-se. *Pare com isso agora. Não esta noite.*

Danny voltou para a sala de estar, e então, ela podia ver que ele segurava uma pequena caixa retangular em sua mão quando sentou no sofá ao lado dela.

— Feliz aniversário — disse ele, segurando-o para ela.

Sua respiração engatou quando ela olhou para a caixa. Ela pensou que ele comprara algo bobo – um adereço que ririam, mas era claro para ela que havia joias dentro daquela caixa.

— Danny — disse, seus ombros caindo, — você não deveria...

— Eu queria — disse ele, cortando-a.

Seus olhos se encontraram antes dela tomar um pequeno fôlego, e então ela pegou a caixa. Ela levantou a tampa hesitante, a dobradiça rangia um pouco, uma vez que se abriu.

Deitada no cetim preto havia um colar; a corrente era de ouro branco e brilhava a cada movimento na mão trêmula de Leah, mas seu olhar foi imediatamente atraído para o pingente pendurado. Era uma grande pedra, clara, perfeitamente redonda. Ela ergueu o dedo e cautelosamente tocou tudo, o pequeno movimento causando um prisma de brilhos a piscar dentro da pedra.

— É... — Ela parou quando olhou para ele.

— O que é?

— Um diamante? — Ela perguntou, olhando para trás para baixo para o pingente cintilante.

— Sim.

Sua mão foi até a boca. — Oh meu Deus — ela sussurrou, balançando a cabeça. — Danny.

— Você gostou?

Ela abriu e fechou a boca, tentando encontrar sua voz. — É... incrível — ela gaguejou.

Ele sorriu para ela, e ela estendeu a mão e tocou o pingente novamente. — É demais — disse ela, e ele balançou a cabeça.

— É perfeito.

Ela levantou os olhos para ele, e suas covinhas começaram a aparecer. — Posso vê-lo em você?

Leah segurou a caixa para ele, ainda sem palavras, e Danny se inclinou para frente e tirou o colar antes de abrir o fecho, segurando uma extremidade em cada mão, quando ele envolveu-o em torno de seu pescoço. Sua mão veio para o pingente, segurando-o contra sua pele enquanto prendia o fecho atrás dela.

Ele se inclinou para trás e olhou para o colar nela, seu sorriso alargando quando ele pegou a mão dela e puxou-a para fora do sofá. Danny caminhou com ela até o espelho na parede oposta e virou a fim de que ela estivesse enfrentando-o. O diamante brilhava contra sua pele, a pedra brilhante um grande contraste com o suéter azul profundo de decote em V.

— Está vendo? — Disse ele atrás dela. — Perfeito.

Ele deu um passo para frente, fechando a distância entre eles, e Leah recostou-se em seu abraço, fechando os olhos enquanto um de seus braços serpenteava em volta da cintura. Poucos segundos depois, ela sentiu a outra mão indo até o colar, levando o pingente entre os dedos.

Danny levou os lábios ao ouvido dela. — Quando isso acabar, eu vou colocar um destes em seu dedo.

Seus olhos se abriram, encontrando os seus no espelho.

— Nós vamos passar por isso, Leah — disse ele, com os olhos nos dela. — E então eu vou passar o resto da minha vida fazendo isso para você. Eu prometo.

Leah se virou lentamente em seus braços, colocando as mãos em seu peito enquanto olhava para ele. Os braços de Danny apertaram em torno de sua cintura, segurando-a contra ele enquanto seus olhos procuraram os dela.

Seu coração trovejava no peito, e seu corpo estava muito pequeno para conter as emoções cambaleando através dela a uma velocidade vertiginosa.

— Estou tão completamente e totalmente apaixonada por você — ela sussurrou sua voz medida, querendo que ele sentisse a magnitude por trás das palavras simples, inadequadas.

Ele sorriu para ela. — Então você sabe exatamente como eu me sinto.

Seus olhos se fecharam quando ela deixou cair a testa para o peito e passou os braços em torno dele, e Leah o sentiu pressionar os lábios contra o topo de sua cabeça.

— Você está pronta para ir para a cama? — Ele perguntou, e ela balançou a cabeça suavemente.

Danny passou a mão sobre a parte de trás de seu cabelo antes de soltá-la, e Leah virou-se para a mesa de café, agarrando seus copos de vinho vazios. Danny os pegou, e alguns segundos depois, ela ouviu os sons dele colocando-os na máquina de lavar louça enquanto ela voltava à mesa, soprando as velas e recolhendo os pratos sujos. Ela levou para a cozinha e lavou antes de colocá-los atrás das taças de vinho, e no momento em que ela foi para seu quarto, Danny já estava lá, iluminando o caminho com várias velas que ele alinhara ao longo de suas mesas de cabeceira.

Leah encostou-se no batente da porta. — Você pensou em tudo.

Ele olhou por cima do ombro e sorriu. — Eu tentei — disse ele e Leah saiu da porta e caminhou em direção a ele.

Danny virou, sua expressão séria crescendo quando ela fechou a distância entre eles. Assim que ela chegou a ele, ela passou os braços em volta do pescoço e puxou sua boca para a sua.

Seus lábios se separaram e se reuniram várias vezes em beijos suaves, de adoração, e ele estendeu as mãos sobre suas costas, puxando-a com ele quando ele recuou-os para a cama.

Danny quebrou o beijo quando se sentou no colchão, e Leah se arrastou imediatamente para o seu colo e montou suas coxas, segurando a parte de trás de sua cabeça enquanto se inclinava para beijá-lo. Danny gemeu baixinho enquanto suas mãos deslizavam sob seu suéter e ao longo de suas costas.

Ela se abaixou e pegou a bainha de sua camisa, e ele tirou a boca da dela apenas o tempo suficiente para permitir que ela puxasse para cima e sobre a cabeça. E, em seguida, suas mãos estavam em todos os lugares, memorizando os contornos de seu corpo. Sua pele era quente e suave, os músculos rígidos flexionando e contraindo enquanto se movimentava, e suas mãos deslizaram ao longo do topo de seus ombros e para baixo sobre seus bíceps. Eles incharam sob seu toque e logo ele agarrou a bainha de sua blusa e começou a puxar para cima.

Assim que ela estava fora, ele trouxe uma mão para a parte de trás de sua cabeça e colocou seu outro braço firmemente ao redor de sua parte inferior das costas, retorcendo o seu corpo e deitando-se na cama antes de posicionar-se acima dela.

E então ele apertou os quadris nos dela, e Leah suspirou quando ela cravou as unhas em suas costas. Tudo de uma vez, suas mãos ficaram frenéticas, botões desfazendo e zíperes e fivelas quando eles tiraram a roupa do corpo um do outro. O movimento dos quadris de Danny tornou-se mais urgente com cada centímetro de pele exposta, alimentando o fogo que crescia entre eles e Leah trabalhando em um frenesi.

— Eu preciso de você — Leah murmurou contra os lábios dele, e ele puxou a boca da dela com um grunhido, segurando o seu peso em um braço enquanto estendia a mão para a mesa de cabeceira.

Ela pegou o queixo dele na mão e ele virou o rosto para ela. — Não — disse ela através de respirações pesadas.

— Não? — Ele perguntou, com o cenho franzido.

Ela deslizou as mãos por trás de seus ombros e puxou-o de volta para baixo de modo que o peito estava alinhado com ela.

— Só eu e você, lembra?

Danny olhou para ela, uma pequena ruga entre as sobrancelhas.

— Nada entre nós — ela sussurrou.

Ele olhou para ela por um segundo antes da compreensão tomar conta de seu rosto, e ela o viu engolir em seco.

— Só você e eu — ela repetiu em voz baixa.

Havia várias emoções esvoaçando sobre o rosto, e Leah observava, absorvia e memorizava cada uma, até que finalmente ele deixou cair o seu peso para os cotovelos, segurando o rosto com as mãos enquanto se posicionava entre as pernas.

Levou alguns momentos para se mover, e quando o sentiu empurrar para dentro dela, ela forçou os olhos para permanecerem abertos, observando-o enquanto ele se juntou a seus corpos centímetro por centímetro. Assim que ele estava totalmente dentro dela, um frio agradável correu através de seu corpo, sua pele formigando com arrepios.

Ela estava completamente sobrecarregada com a gravidade do momento: a sensação dele dentro dela, o peso de seu corpo sobre o dela, a luz das velas cintilando em seu rosto, seus olhos olhando para ela com adoração. E quando o queixo começou a tremer, Leah deixou seus olhos fecharem.

Danny abaixou a cabeça, trazendo seus lábios nos dela. — Eu sei, querida. Eu sei — ele disse contra sua boca antes de beijá-la suavemente.

Ela correu os dedos para cima e para baixo de suas costas, e as lágrimas em seus olhos mudou em lágrimas de alegria quando ele começou a se mover, estabelecendo um perfeito ritmo lento.

Sua respiração era pesada contra os lábios de Leah, e depois de um tempo, ela podia sentir os músculos das costas tremendo sob suas mãos. Ela deslizou para frente de seus ombros enquanto se movia debaixo dele, empurrando-o de costas e balançando a perna sobre seus quadris. Suas mãos foram até a cintura, segurando-a enquanto ela abaixava para ele, e ele sentou imediatamente, enterrando seu rosto no lado de seu pescoço.

O aperto em sua cintura aumentou, e ela permaneceu imóvel até que ela sentiu as mãos começarem a relaxar; elas deslizaram para baixo, aos lados de seus quadris e nos topos das suas coxas antes de se estabelecer em suas panturrilhas. Danny descruzou as pernas e os guiou em torno de seus quadris de modo que ela estava sentada no colo dele com as pernas ao redor de sua cintura.

A mudança de seu peso aprofundou sua conexão, e ela respirou forte, envolvendo os braços em volta dele. Seu rosto ainda estava pressionado contra o lado de seu pescoço, e ele começou a beijá-lo suavemente, fazendo-a balançar seus quadris contra ele imperceptivelmente. Danny espalmou uma mão na parte baixa de suas costas enquanto a outra veio até a nuca de seu pescoço, segurando-a contra seu corpo.

Ela começou a se mover contra ele com mais insistência, e ele levantou a cabeça, em seguida, beijando-a profundamente. Leah podia sentir seus músculos do braço flexível ao redor dela enquanto ele a puxava contra seu corpo.

— Deus, é como se eu não pudesse chegar perto o suficiente — ele respirou contra seus lábios, e ela gemeu baixinho, apertando as pernas ao redor dele.

Eles continuaram se movendo juntos, em seu ritmo constante e apaixonado e mais íntimo do que qualquer coisa que Leah já experimentara. Quando seu corpo começou a tremer, ela fechou os olhos.

— Abra os olhos, Leah — ele sussurrou.

Ela fez o que ele pediu, levando as mãos para os lados de seu rosto quando deixou cair a testa na dele. Seus lábios estavam entreabertos e a centímetros de tocar, mas ao invés de cortar a distância, ficaram assim, seus lábios pousando suavemente um no outro com cada movimento.

A mão de Danny em sua parte inferior das costas apertou-a mais firmemente contra ele, e com um último rolo de seus quadris, a tensão na barriga de Leah quebrou quando um grito saciado caiu de seus lábios. Segundos depois, ela sentiu as pontas dos dedos cavando na carne de suas costas, e então ele estava gemendo enquanto a seguia.

Ela nunca estivera com qualquer outra pessoa dessa forma antes, e o fato dela poder sentir a libertação dele apenas amplificou a dela. Leah agarrou-se a ele, tentando manter-se ligada a terra quando seu corpo se partiu uma e outra vez antes de se remendado lentamente de volta. Eles

continuaram a suspirar e ofegar na boca um do outro até que ambos os movimentos se acalmaram e finalmente pararam.

Leah o sentiu começar a deitar-se, e ela soltou as pernas de trás dele, trazendo os joelhos para descansar em ambos os lados de sua cintura quando ele a puxou para baixo em seu peito. Seu corpo subia e descia com a respiração ofegante, e sua mão veio para o cabelo dela, segurando-a contra seu coração.

Depois de um minuto, ele rolou-os com cuidado para que eles estivessem deitados em seus lados, e Leah estendeu a mão e encontrou a dele, entrelaçando os dedos. Danny trouxe as mãos dela unidas à boca, beijando-as, antes de voltá-las para a cama e começar a brincar com os dedos.

— Recebo bolo de aniversário na cama agora? — Perguntou ela, e ele riu baixinho.

— Assim que eu puder me mover.

Leah sorriu antes de se aconchegar mais perto. — Não se mova ainda.

Danny cantarolava contente. — Como quiser — ele murmurou, e ela sorriu antes de fechar os olhos com um suspiro satisfeito.

Eles ficaram assim por horas, alternando entre fazer amor com falar em voz baixa, enquanto Danny arrastava suavemente as pontas dos dedos sobre sua pele. Ela queria ficar acordada enquanto pudesse, queria cada último minuto com ele que ela tinha direito. Mas como a noite se arrastava, suas pálpebras traidoras ficaram pesadas até que, finalmente, ela não poderia mantê-las abertas mais.

Ela não tinha ideia de quanto tempo se passou antes que seus olhos se abrissem na escuridão, e ela virou rapidamente em pânico, agarrando o ar até que ela sentiu os braços dele envolver em torno dela.

— Shh — ele sussurrou em seu cabelo. — Shh, eu estou bem aqui.

Ela virou o rosto para ele, acariciando seu peito enquanto tentava retardar a sua respiração e seu coração acelerado. — Danny — ela murmurou.

— Eu estou aqui — ele repetiu contra o topo de sua cabeça, sua voz em um sussurro tenso.

— Tudo bem — disse ela, sonolenta, e não demorou muito para que a batida rítmica do seu coração e o cheiro familiar de sua pele a embalasse e voltasse a dormir.

Segundos, minutos ou horas depois, ela suspirou alto jogando os braços em busca dele, relaxando com um pequeno gemido quando seu corpo entrou em contato com o dele.

Seus braços se apertaram ao redor dela. — Baby — ele sussurrou baixinho. — Estou aqui.

Desta vez, ela estava lúcida o suficiente para saber quão quebrada sua voz soou, e ela suspirou baixinho. — Eu sinto muito — ela sussurrou.

— Não se desculpe — disse ele suavemente, correndo os dedos pelos cabelos. — Tente dormir.

— Você não está dormindo — ela apontou, aproximando-se dele.

Ele não disse nada enquanto continuava a acariciar seu cabelo delicadamente. Leah lutou com toda sua força para permanecer acordada depois disso, mas assim que ele percebeu o que estava fazendo, ele começou a cantar baixinho. Sua voz baixa e gutural encheu o quarto, seu peito vibrando suavemente contra seu rosto, e ela oscilava à beira da consciência, pedaços de música.

A última coisa que recordava era a sensação de seus dedos trabalhando lentamente seu caminho através de seu cabelo enquanto cantava, — *Você vai me olhar, com olhos que veem, e nós vamos derreter nos braços um do outro...*

****

Manhã.

Ela sabia, antes mesmo de abrir os olhos, e Leah sentiu seu coração em seu estômago.

Ela podia sentir Danny pressionado contra suas costas, seu braço sobre sua cintura e sua respiração em seus esvoaçantes cabelos. Ela abriu os olhos lentamente, e demorou um segundo para eles se concentrarem no relógio.

Eram 06h55min. O alarme foi definido para oito, mas ela sabia que não havia nenhuma maneira dela ser capaz de voltar a dormir agora.

Leah rolou lentamente debaixo do braço dele, cuidando para não empurrá-lo quando se virasse para encará-lo. Ele sempre parecia tão bonito quando dormia, tão tranquilo, e se viu lutando contra a vontade de tocar seu rosto, os lábios, o queixo.

E, de repente, uma imagem de Danny dormindo em uma pequena cama em uma cela brilhou em sua mente, e ela fechou os olhos, tentando desesperadamente livrar a imagem de sua cabeça.

Mas as comportas abriram.

Imagem após imagem de Danny na prisão passou diante de seus olhos: Danny usando algum tipo de macacão da prisão, andando por um corredor algemado. Danny em uma mesa em algum tipo de lanchonete, comendo o que parecia ser uma merenda escolar patética de uma bandeja de plástico. Danny sentado em uma sala vazia com uma cama, um vaso sanitário e zero privacidade.

Ela abriu os olhos rapidamente, não querendo ver mais, e ela foi recebida com o seu rosto bonito, inocente e despreocupado no sono.

Ela sentiu a compostura deslizando rapidamente, e Leah lutava para sair da cama tão rapidamente quanto possível, sem perturbá-lo. Ela apertou os lábios enquanto sua visão turvava e, assim que se esgueirou para fora de debaixo do braço dele, ela sentiu a primeira rodada de lágrimas transbordarem.

Leah chegou ao banheiro rapidamente, fechando a porta atrás dela antes de correr para ligar a água do chuveiro. Assim que o som de água correndo encheu o lugar, ela caiu no chão, enterrando a boca contra a dobra do cotovelo quando ela explodiu em lágrimas.

Soluços violentos acumularam em seu corpo, e ela se enrolou em si mesma, com falta de ar enquanto tentava com todas as forças manter os sons abafados contra seu braço. Ela não podia deixá-lo ouvir isso. Ela disse que era forte o suficiente para cuidar de si mesma e que ele não precisava se preocupar com ela.

Ela queria tanto que isso fosse verdade.

Quando Leah ganhou alguma aparência de controle, quando os soluços ferozes diminuíram em pequenos soluços e suspiros patéticos, ela se levantou e entrou no chuveiro, em pé, com os olhos fechados,

enquanto repetia cada momento lindo da noite anterior, em um esforço para se acalmar. Cada palavra, cada toque, cada sorriso. E então ela se lembrou de acordar freneticamente várias vezes durante a noite, estendendo a mão para ele em pânico, e seu coração afundou.

O matou vê-la sofrer por causa dele. Ela sabia. Ela ouviu isso na voz dele. E ela não podia deixá-lo ver esse nível de fraqueza novamente. Ela não o deixaria carregar esse fardo.

E assim, Leah sentiu sua resolução clicar no lugar.

Ela abriu os olhos, permitindo que a última de suas lágrimas corresse pelo rosto com a água, em seguida, ela inclinou a cabeça para trás, deixando o fluxo quente lavar os restos de sal de suas bochechas.

Ela não choraria novamente. Não hoje.

Hoje, ela seria forte para ele. Ele precisava ver que ela estava bem. Ele precisava sair sabendo que tudo em casa estaria ótimo.

Leah terminou seu banho, saindo para o tapete de banho e envolvendo-se em uma toalha antes de caminhar até o espelho e passar a mão sobre ele, apagando o nevoeiro.

— Merda — ela sussurrou, seu rosto revelado no vidro. Seus olhos estavam vermelhos e extremamente inchados; não havia nenhuma maneira que isso passaria despercebido.

Ela correu a água fria a todo vapor, pegando um pano e jogando na pia. Uma vez encharcado, ela inclinou a cabeça para trás e colocou o pano gelado sobre os olhos.

Depois de alguns minutos, ela jogou o pano de volta para a pia e peneirou através de sua caixa de maquiagem até que encontrou algum colírio, piscando rapidamente como eles ardiam seus olhos macios.

Uma vez que sua visão desapareceu, ela inclinou para o espelho, verificando seu reflexo novamente.

Melhor, mas ainda não o suficiente.

— Leah?

A voz de Danny entrou pela porta e ela pulou um pouco.

— Sim?

— Você está bem?

Ela limpou suavemente sua garganta. — Sim, apenas secando — disse ela, mantendo sua voz tão suave quanto possível. — Vou sair em um segundo.

Leah pegou o pente e ele correu através de seu cabelo molhado antes de prender a toalha em torno de seu corpo e dar uma última olhada no espelho.

Foi tão bom quanto conseguiria.

Ela respirou fundo antes de se virar e abrir a porta, voltando para o quarto.

Ele estava sentado na beira da cama, com a cabeça baixa, e quando ele a ouviu entrar na sala, ele levantou a cabeça e sorriu.

— Eu não esperava que você já estivesse acordada — ele disse se levantando e caminhando em direção a ela. Leah viu seu sorriso desvanecer quando se aproximou, finalmente percebendo os olhos.

— Eu sei, eu pareço o inferno — disse ela, forçando uma pequena risada enquanto revirava os olhos e fazia um gesto em direção a si mesma. — Isto é o que acontece quando não tenho uma noite inteira de sono.

— Leah — disse ele, e ela desfez a toalha, trazendo-a para seu cabelo enquanto o secava.

Foi uma jogada barata, e ela sabia disso, mas ela estava desesperada.

Sua expressão suavizou quando seus olhos caíram para seu corpo agora nu, e Leah virou e caminhou em direção a penteadeira, a procura de um sutiã e calcinha.

— Você quer que eu te faça panquecas de banana no café da manhã? — Ela perguntou, virando-se para olhar para trás por cima do ombro.

— Hmm? — Ele perguntou, tirando os olhos do seu corpo e trazendo-os para o seu rosto.

Ela sorriu suavemente. — Eu disse, você quer que eu faça panquecas de banana no café da manhã?

— Eu posso simplesmente pegar algo fácil. Você não tem que cozinhar.

Leah prendeu seu sutiã atrás das costas enquanto caminhava até ele. — Eu quero — disse ela, indo na ponta dos pés e beijando sua boca antes de dizer: — Vá tomar um banho. Elas estarão prontas no momento em que estiver pronto.

Leah saiu do quarto, em seguida, e assim que chegou na cozinha, ela agarrou a borda do balcão e abaixou a cabeça, exalando uma respiração trêmula.

Depois de alguns segundos, ela respirou fundo e endireitou-se, recolhendo as coisas que ela precisava para fazer o café da manhã. No momento em que Danny entrou na cozinha, ela estava colocando um prato cheio de panquecas na mesa.

— Tem um cheiro incrível aqui — disse ele, beijando seu rosto antes de se sentar à mesa. — Oh, e Leah?

— Sim? — Ela perguntou se sentando em frente a ele.

— Eu não vou perguntar sobre esta manhã. Você pode se vestir agora. Seus olhos brilharam nos seus, e o canto de sua boca se levantou em um sorriso. — Muito bem jogado, no entanto. Eu não posso negar isso.

Leah olhou para ele, e quando suas covinhas ficaram mais definidas, ela sentiu os cantos de sua própria boca aparecer.

Eles comeram o café da manhã devagar e em relativo silêncio, ambos aparentemente perdidos em seus próprios pensamentos, e após a limpeza, eles voltaram para o quarto de Leah para se vestir.

Leah fechou o zíper da saia lápis preta que encontrara com uma blusa verde de seda de manga. Quando estava verificando-se no espelho, Danny saiu do banheiro vestindo seu terno. Ele estava ao lado dela, olhando no espelho enquanto ajustava a gravata, e ela não conseguia tirar os olhos dele.

Foi a primeira vez que ela o viu vestido daquele jeito, e a matou que foi sob essas circunstâncias. Ele parecia tão incrivelmente bonito, e ela queria estar comemorando alguma coisa com ele, segurando-o, rindo com ele e posando para fotos.

Não lutando contra as lágrimas, com a náusea rolando através dela.

— Ele realmente está lindo — disse ele, ajustando o nó da gravata.

— O que? — Ela perguntou em voz baixa.

— O colar.

Ela levou a mão a ele quando ele acrescentou: — E eu quis dizer o que eu disse na noite passada.

Os olhos de Leah encontraram os seus no espelho enquanto seus lábios se curvaram em um sorriso delicado. — Eu sei que você quis.

Seus olhos nos dela por um momento, antes dele devolver o sorriso, e então ele respirou fundo. — Ok, então. Pronta?

É claro que ela não estava. Ela não estava nada perto do que se assemelha a pronta. Mas ela balançou a cabeça para ele, e ele correu as costas dos dedos por sua bochecha antes de pegar a carteira da cômoda. Ele se voltou para ela, em seguida, entregando-lhe as chaves.

— Você quer que eu dirija o seu carro? — Ela perguntou, olhando para eles.

— Não, eu estou dando para você guardar. Jake estará em algum momento amanhã para pegar meu carro.

Leah congelou. Jake viria pegar o carro. Porque depois de hoje...

— Tudo bem — ela conseguiu dizer suavemente, tomando as chaves e afastando-se dele rapidamente enquanto caminhava para a caixa de joias do outro lado da sala, depositando lá enquanto tentava se recompor.

— Há gasolina suficiente em seu carro para ir até lá hoje?

— Hum-hum — disse ela, de costas para ele, fingindo procurar algo em sua caixa de joias.

Ele ficou em silêncio por uma batida antes de falar em voz baixa. — Tudo bem — disse ele, e então ela sentiu a mão em suas costas por um segundo antes de continuar o seu passo e sair do quarto.

Leah suspirou pesadamente e fechou os olhos; ela levou vários minutos e mais algumas respirações profundas antes de ter certeza de que ela estava no controle de si mesma, e então ela abriu os olhos e pegou sua bolsa antes de segui-lo.

A viagem para o tribunal foi passada num silêncio pensativo. Não havia mais nada a dizer, nada que já não soubesse sobre os sentimentos

um do outro, e assim os dois permaneceram em silêncio, preparando-se para o que estava por vir.

Leah manteve a mão sobre o braço, segurando-a com firmeza. Porque se ela soltasse, ela sabia que perderia seu controle sobre tudo, ela seria arrastada para dentro do redemoinho girando em torno dela, e seria sugada a compostura, seu senso de direção, sua respiração e sua sanidade.

Danny estacionou o carro e caminharam de mãos dadas até o tribunal; externamente, Leah estava pronta e composta, mas por dentro ela podia sentir-se caindo aos pedaços a cada passo em direção a esse edifício.

O lugar em que ele seria tirado dela.

Inconscientemente, ela apertou seu aperto em sua mão, e quando ele sentiu, ele virou a cabeça para olhar para ela. Ela manteve os olhos para frente, com medo do que sua expressão revelasse se ela olhasse para ele agora.

Ao se aproximarem, Danny parou abruptamente, puxando sua mão para que ela fosse forçada a virar e encará-lo. Ela sabia que seus olhos estavam vidrados quando ela olhou para ele, mas desta vez ela não poderia afastar seu olhar.

— Antes de ir para lá — disse ele, em voz baixa e um pouco áspero, — Eu só quero te dizer que eu te amo. Muito, muito mesmo.

— Danny — ela começou, e ele balançou a cabeça, silenciando-a com sua boca para a dela.

Em algum lugar no fundo de sua mente, Leah sabia que esse era o seu último beijo.

Ela derreteu contra ele, permitindo-se sentir tudo: seus lábios, sua respiração, o seu corpo contra o dela, com as mãos na sua cintura.

E então, muito em breve, ele estava se afastando dela.

— Tudo bem — ela o ouviu dizer a si mesmo quando ele pegou sua mão novamente, e então ele respirou fundo se virando para subir as escadas.

O segundo que eles caminharam pelas portas duplas para o vasto saguão, ela sentiu como se sua mente separasse do seu corpo. Ela sabia

que estava fisicamente lá, vendo as coisas e ouvindo coisas, mas nenhuma delas foi registrada. Nada disso parecia real.

Era como se ela estivesse vendo toda a cena do lado de fora de si mesma.

Ela reconheceu o advogado de Danny no vestíbulo enquanto se aproximava deles, estendendo a mão para apertar a mão de Danny. Ele disse um breve olá a Leah, e ela não poderia sequer ter a certeza se ela respondeu.

— Precisamos nos encontrar por um minuto antes de entrar — disse Danny, sua voz silenciada através do fluxo de sangue em seus ouvidos.

Ela assentiu fracamente, e o advogado de Danny dirigiu-a para a sala de audiências onde ela poderia esperar por eles. Leah se aproximou das portas em transe, e por um momento, ela ficou ali, congelada e completamente dominada.

E então ela viu. A salvação que ela tanto precisava.

Catherine.

Ela estava sentada na primeira fila atrás da pequena parede que separava o resto da sala da bancada do juiz, e era como se ela sentisse a necessidade desesperada de Leah de se sentir ligada à terra. Assim que Leah a notou, Catherine virou, fazendo contato visual com ela enquanto ela estava na porta.

E então ela sorriu tristemente, estendendo a mão para Leah.

Ela praticamente correu até ela, segurando-lhe a mão e se sentando ao lado dela, e quando Leah sentiu Catherine descansar a cabeça contra seu ombro, ela fechou os olhos e apertou os lábios com o queixo tremendo.

— Nós vamos ser fortes para ele hoje — Catherine sussurrou. — Ele não precisa se preocupar com a gente.

Antes que Leah pudesse processar suas palavras, ela sentiu o movimento na frente deles, e ela abriu os olhos. Jake estava agachado na frente de Catherine, com Tommy de pé atrás dele.

— Como você está, Vovó? — Perguntou Jake suavemente, e Catherine encolheu os ombros, um sorriso fraco tremeu em seus lábios.

Jake se inclinou e beijou sua bochecha antes de se levantar, voltando-se para Leah. Ela estava vagamente consciente de Tommy sussurrando algo a Catherine quando Jake se inclinou para abraçá-la. — Não importa o que aconteça hoje, tudo vai ficar bem — disse ele em seu ouvido antes de se endireitar, sorrindo tristemente para ela e se virando e entrando na fila de bancos atrás deles.

Poucos minutos depois, Leah ouviu o som das portas se abrindo de novo, e se virou para ver o pai, irmão, irmã tomando os seus lugares na parte de trás. Seu pai fez contato visual com ela, um olhar reconfortante em seus olhos enquanto soprava um beijo, e ela sorriu suavemente antes de voltar ao redor.

A mãe e a irmã de Danny também estavam lá, sentadas na fila do meio. Leah e elas se encontraram brevemente no apartamento de Danny durante um dos dias que passaram limpando-o. Elas vieram pegar algumas coisas que guardariam para ele, e embora parecesse bom o suficiente, ela podia ver que havia definitivamente uma distância entre elas e Danny. Ela sabia que ele não estava perto de sua família, mas ainda era uma coisa tão estranha para ela testemunhar.

Ele tinha uma família, ela se lembrou. Só não era a sua. Não era isso o que ele disse a ela?

Poucos minutos depois, houve um murmúrio no fundo da sala, e Leah se virou para ver Danny andando pelo corredor com o seu advogado ao lado dele. Seu rosto estava impassível e sereno, e ao mesmo tempo em que deveria ter a tranquilizado, só serviu para deixá-la ainda mais doente.

Seguiram até a mesa na frente do banco do juiz, tomando os seus lugares. Imediatamente, seu advogado inclinou-se e começou a falar com Danny em voz baixa, e de vez em quando, ele balançava a cabeça levemente em resposta.

O aperto de Catherine na mão de Leah apertou de repente, e Leah olhou para cima para ver o juiz saindo de uma porta ao longo da parede oposta. Todo mundo foi convidado a levantar, e o juiz – um homem de meia-idade com óculos e poucos fios de cabelos escuros – aproximou-se do banco e tomou o seu lugar, fazendo com que todos o seguissem.

De fora de si mesma Leah viu quando ele abriu pastas e arrastaram os papéis, e depois do que pareceu uma eternidade, ele levantou a cabeça e falou.

— O estado de Nova York contra Daniel DeLuca, protocolo número 11D-773492. Neste momento eu vou pedir ao Sr. DeLuca para se levantar.

O coração de Leah bateu em seu peito quando Danny se levantou.

— Sr. DeLuca, é entendimento do Tribunal de que, em vez de ter um julgamento neste caso, você está pedindo um apelo e não contestou a acusação de agressão com agravantes e confessou um crime de homicídio, ambas acusações são crimes. Isso está correto?

— Sim, senhor.

— Você entende as acusações que estão sendo movidas contra você?

— Sim, senhor.

O juiz arrastou mais alguns papéis antes de levantar um, ajeitando os óculos. — Sr. DeLuca, o tribunal considera que a intenção de matar não estava presente neste caso. Com base nas informações dadas pelos oficiais na cena, bem como depoimentos de testemunhas e seu próprio testemunho, não há provas suficientes de que a provocação foi um fator. Meus pêsames pela perda de seu amigo.

Leah sentiu o ombro de Catherine agitar contra o dela, e ela sabia que estava sufocando as lágrimas. Ela apertou a mão de Catherine, mantendo os olhos sobre o juiz enquanto tentava ler sua expressão.

Seus olhos estavam completamente impassíveis, dando nada de seus pensamentos.

— Levando-se em consideração as circunstâncias do caso e o acordo judicial que foi alcançado, neste momento o tribunal declara o réu culpado em ambas as acusações de agressão agravada e homicídio voluntário.

A garganta de Leah estava fechada, o que tornou difícil a respiração, e engoliu em seco, olhando para o juiz enquanto ele arrastou mais alguns papéis.

— Sr. DeLuca, que assumiu a responsabilidade por suas ações e demonstrou remorso por seu crime. O tribunal reconhece que você estendeu a mão para a família da vítima e pagou as contas hospitalares e despesas de funeral de sua própria vontade.

Seus olhos brilharam atrás da cabeça de Danny, imediatamente inundando de lágrimas. Ele nunca disse isso a ela.

— O tribunal também reconhece que você não tem antecedentes criminais, e que ocupa boa posição em sua comunidade. Levando em consideração todos os fatores, e de acordo com os termos do acordo de confissão, eu estou condenando você a 21 meses na Instituição Correcional Federal em Fort Dix...

Os ouvidos de Leah começaram a zumbir, um zumbido estranho misturado com a voz monótona do juiz até que não era nada, mas o ruído branco em sua cabeça. Ela vagamente o registrou dizendo algo sobre uma multa e de aulas de controle de raiva antes do zumbido nos ouvidos assumir.

Leah sentiu uma mão descansar em seu ombro por trás, ou Jake ou Tommy, quando um oficial aproximou-se de Danny, trazendo as mãos atrás das costas e algemando-o.

Sua visão ficou turva e ela sentiu como se estivesse prestes a desmaiar.

E então ele estava sendo levado para longe deles, e Leah caiu para frente em sua cadeira, segurando o divisor na frente dela.

ESPERAR.

A palavra foi debatida descontroladamente em sua cabeça, mas ela não poderia fazer a boca dizer. Ela precisava fazer alguma coisa – dizer algo para ele – tocá-lo mais uma vez.

Pouco antes de Danny atravessar as portas, ele se virou e olhou em sua direção. Foi uma fração de segundo, mas naquele momento, seus olhos transmitiam tudo.

Amor. Remorso. Tranquilidade. Bravura.

E então ele se virou, caminhando através da porta com um policial em cada lado dele. A porta se fechou atrás deles, e o estalido seco ecoou pelo quarto, apagando todos os outros sons que rodavam em seus ouvidos e deixando um silêncio inquietante atrás dele.

Catherine se agarrou a ela, e Leah se virou e abraçou a mulher que ergueu a Danny.

Com sua fragilidade, as mãos trêmulas agarraram os lados da blusa de Leah, um desesperado lamento cortou o silêncio, e Leah não podia ter certeza se era de Catherine ou dela.

Capítulo 21

Não era para ser assim.

Em algum lugar no fundo de sua mente, Danny sabia que deveria ter superado a emoção do momento. Ele deveria ter previsto o que seria e gostaria de ter Leah na frente dele novamente. Leah em seus braços, rindo enquanto enterrava o rosto em seu cabelo. O som melodioso de sua voz quando ela assegurou que estava bem. Que todos estavam bem.

Que *ele* ficaria bem.

Mas tanto aconteceu desde que ele a viu pela última vez naquele tribunal, e ele simplesmente não conseguia conciliar essa fantasia com a sua realidade mais. Esse tipo de devaneio não pertence aqui. Era muito rebuscado, muito irreal.

E o idealismo era uma indulgência infantil neste lugar.

Durante os primeiros 10 dias após a sua chegada, Danny não foi capaz de falar com ninguém do lado de fora. Ao entrar na prisão ele disse que não teria acesso às linhas de telefone ou computadores até sua conta de detento ser criada; eles disseram que seria ativado em breve, e ele acreditou.

Ele deve ter percebido então quão repugnantemente ingênuo ele era.

Aparentemente, uma espera de dez dias era algo para agradecer; havia homens que alegavam ter esperado o dobro desse tempo para as suas contas serem ativadas. Mas ouvir a informação não forneceu a Danny um consolo. Só o deixou mais irritado.

Dez malditos dias.

Dez dias para programar o nome de alguém em um computador. Dez dias para saber se as pessoas que ele amava estavam em pânico sobre não ouvir falar dele. Dez dias de paredes se fechando por hora.

Uma interminável espera simplesmente para provar que ele estava à sua mercê. Que ele era apenas um número agora. Que o seu sofrimento não significava nada para ninguém no comando.

No quinto dia, seu companheiro de cela Troy se ofereceu para chamar a família de Danny para que eles soubessem que ele estava esperando sua conta ser criada.

Danny não foi autorizado a ir para dentro da sala de chamada, e o conhecimento de que Troy estava a poucos metros de distância com a voz de Leah em seu ouvido era quase mais insuportável do que os primeiros cinco dias juntos. Quando Troy voltou, disse a Danny disse que ela apreciara o apelo e prometeu passar a mensagem adiante.

Ele queria perguntar como ela soou. Se ela chorou. Se ela perguntou alguma coisa sobre ele. Se ela parecia aliviada, ou triste, ou com raiva. Ele queria pedir a Troy para repetir todas as coisas que ela dissera a ele textualmente, assim Danny poderia memorizá-la.

Mas ao invés disso ele assentiu e voltou para sua cela.

A ligação de Troy deveria ter proporcionado algum nível de alívio, mas os cinco dias seguintes foram de alguma maneira mais dolorosos do que o primeiro. A necessidade de se conectar com alguém da casa tornou-se um ser vivo, torcendo, produzindo e arranhando suas entranhas até que pudesse ser saciada.

A primeira vez que Danny foi autorizado a chamar Leah, sua pressa para explicar as instruções de visitas ofuscara a breve pausa provocada pela sua voz. Danny foi obrigado a fornecer ao Departamento do Sistema Penitenciário uma lista de potenciais visitantes, e por sua vez, cada pessoa receberia um pacote pelo correio. Assim que os formulários fossem preenchidos e enviados de volta, o BOP realizaria uma verificação de antecedentes e aprovar ou negar os candidatos. Danny receberia uma palavra quando o processo estivesse completo, e depois quem recebeu acesso seria permitido visitar.

Ele também explicou que o seu uso do telefone era restrito a 15 minutos por dia, com um limite de 300 minutos por mês, e que dentro dessas restrições, ele teria que dividir seu tempo entre Vovó, Jake, Tommy e sua família. Leah disse para não se preocupar, que ela entendia que não seria capaz de falar com ele todos os dias.

E então a conversa foi cortada.

Quinze minutos acabados. Sem aviso. Sem contagem regressiva. Basta um clique, e depois nada.

Ele passou o resto do dia, sentindo-se completamente nervoso, em vez de satisfeito.

Ele tentou ser mais consciente do tempo depois disso, mas foi surpreendentemente fácil se perder dentro dos limites de 15 minutos. Eram quase todos os desligamentos abruptos, quando seu tempo acabava, e cada vez foi tão perturbadora quanto a primeira.

A capacidade de terminar uma chamada telefônica com *adeus* foi um luxo, algo que ele ainda não antecipara perder porque era uma forma fundamental como base da vida, ele nunca deu um segundo de pensamento.

Tantos privilégios diários simples – desapareceram.

Ele não deveria ter ficado tão abalado por este lugar ser como ele era. A vida de Danny estava longe de ser fácil, mas ele sempre tomou orgulho em sua resiliência; não teve uma vez que ele sucumbiu à adversidade. Nunca cedeu para a luta.

Mas em sua vida antes disso, sempre houve algo para gastar sua energia. Alguma distração. Alguma forma dele gastar seu sofrimento.

Aqui, não havia nada.

Ele se matriculara em aulas, mas só ocupavam 90 minutos do seu dia. Ele verificou os livros da biblioteca, mas ele não podia digerir qualquer uma das palavras. Talvez fosse porque seus pensamentos eram a única coisa que não poderiam colocar restrições, mas Danny encontrou-se perpetuamente perdido em sua própria mente.

Ele não tinha ideia de que poderia ser um lugar tão feio.

Pensamentos se arrastavam sem ser convidados, flutuando sinuosamente como fumaça e sufocando-o com a mesma rapidez: Jake fazendo uma má decisão que faria com que o negócio falisse; Leah amarga e ressentida em busca de consolo nos braços de outro homem; Vovó adoecendo e morrendo antes que ele fosse solto.

Vários horrores eram flashes em sua mente como uma apresentação de slides, mais e mais, até que ele não conseguia raciocinar através deles. Ele não podia determinar o que era real e o que foi fabricado, o que era especulativo e que era uma garantia.

Três semanas. Faltam oitenta e oito.

Ele não tinha ideia se isso era parte da transição, ou se seria sempre assim. Talvez sua mente acabasse por ficar sem pesadelos. Talvez ele tivesse acabado ficando insensível a eles.

Ou talvez seus pensamentos fossem cansá-lo, até que ele não conseguisse se lembrar quem ele era antes.

Seu advogado disse que este lugar seria tolerável. Uma vez que o juiz não considerara Danny um perigo para a sociedade, parte do acordo judicial afirmou que ele poderia cumprir sua pena em uma prisão de segurança mínima, e Danny perdera a conta de quantas vezes o seu advogado lhe assegurou prisões de segurança mínima eram mais como dormitórios que as unidades prisionais.

Ele desejou nunca ter ouvido falar essa comparação, ou maldição, pelo menos não fosse tolo o suficiente para acreditar nisso.

Não havia nada tolerável sobre este lugar. Nada edificante. Nada redentor. Nada mais que a passagem tortuosa sem pressa de tempo.

Ele não dava a mínima se não houvesse cercas de arame farpado cercando a propriedade. Não muda o fato de que ele estava vivendo sua vida longe de tudo e todos que importavam para ele. Que ele nem sequer se sentia como ele mesmo mais. Que cada movimento que ele fazia tinha de ser aprovado. Cada decisão, cada passo que dava tinha de ser sancionado pela autoridade.

O advogado deixou de mencionar que a falta de cercas perimetrais não compensaria o quão incrivelmente degradante era ser tratado como uma criança 24 horas por dia. A ausência de atiradores nas torres não poderia compensar a miséria constante de não ser confiável.

Danny não podia resignar-se ao fato de que a maioria das pessoas no comando não tinha motivos para vê-lo como confiável ou honroso ou decente. A maioria deles vira como um foda-se. Um criminoso que levantou suspeitas, alguém que precisava ser vigiado e questionado em cada turno.

Havia um par de exceções, os guardas que conseguiram fazê-lo se sentir um pouco humano, mesmo ao fazer algo como revistá-lo por contrabando, mas a maioria deles falava com os presos como se fosse merda em seus sapatos.

Primeiro, Danny tentava racionalizar o seu comportamento com o fato de que esses homens passaram suas vidas cercados por pessoas que erraram, alguns mais que outros, e muitos mais de uma vez. Ele argumentou que depois de anos e anos de assistir a uma porta giratória de bandidos e criminosos e delinquentes, a tolerância deve ser muito curta.

Ainda assim, não o fazia sentir menos merda – ou menos irritado – quando ele estava na extremidade receptora da intolerância. Eventualmente, ele desistiu de tentar justificar seu comportamento e aceitou o fato de que todos tinham um papel a desempenhar; eram os aguilhões dos julgadores em uma viagem de poder e ele era um pedaço de merda criminoso, e era isso.

Três semanas, e eles já conseguiram entrar na cabeça dele.

Talvez ele nunca foi tão forte quanto pensava.

Danny levantou a cabeça do travesseiro e olhou para o relógio na parede. A qualquer momento, ela estaria aqui. Eles chamariam o seu nome, e ele faria a sua primeira viagem para o centro de visitantes, e Leah estaria de pé diante dele.

E não era para ser assim.

Porque em vez de excitação, foi pavor. Em vez de ânsia, houve pânico. E, em vez de alívio, havia vergonha.

Ele estava com tanto medo dela ser capaz de ver – que ele já estava diferente. Que eles deram muito crédito a ele.

Ele não queria decepcioná-la. Ele não queria que ela se perguntasse o que restaria dele depois de mais 19 meses, se três semanas já o afetaram.

Era tudo, porra, tão humilhante.

Ele não sabia como esconder a escuridão de seus pensamentos dela, e se ela visse, o que pensaria? Será que ela teria pena dele? Estaria tão decepcionada com ele como ele estava com ele mesmo? Começaria a se distanciar dele?

O pensamento era suficiente para incapacitá-lo, porque ele percebeu que provavelmente seria melhor ela deixá-lo neste momento. Ele estaria destruído, completamente e totalmente destruído, mas parecia ser o caminho que ele estava de qualquer maneira.

Leah não teria que se submeter a isto.

Danny virou a cabeça para o lado quando Troy entrou em sua cela vestido em suas roupas cinza, uma das duas que era permitida aos presos usar. Um terno cinza era o traje exigido para a área de recreação ou o ginásio; para todo o resto, havia um macacão cáqui.

— Você está trabalhando? — Perguntou Danny.

— Nah, acabei de voltar — disse Troy, peneirando o pequeno armário no canto da sala. Ele tirou um pacote de tortillas, alguns pepperoni secos, e um saquinho de queijo ralado, e Danny sabia que Troy estava prestes a fazer o que ele chamou de *Cópia ilegal do Stromboli*[9]. Ele ensinou Danny como fazê-los durante a sua primeira semana em Fort Dix, depois que ele já tinha se cansado da merda no refeitório.

Troy sabia um monte de truques engenhosos como esse. Ele foi preso há 13 meses por posse de drogas enquanto estava em liberdade condicional, e ele ainda tinha mais três anos para servir. Mas, com bom tempo, ele poderia sair em pouco mais de dois.

— Eles postam a folha de convocação amanhã ainda? — Perguntou Danny.

— Não, mas é melhor eu estar com ele para o maldito médico. Meu joelho está me matando.

Danny deitou em sua cama, piscando para o teto. Ele não estava preso tanto tempo como Troy, mas ainda assim ele sabia que não havia maneira de Troy estar na folha de chamada para o médico amanhã. A menos que alguém estivesse sangrando ou morrendo, ele era basicamente obrigado a resistir a enfermidade. Foi uma das primeiras coisas que Danny aprendera sobre este lugar.

Troy enrolou o Stromboli e balançou a cabeça. — Eu queria ter a porra de um refrigerante — disse ele, juntando-o com os polegares para mantê-lo firme.

— Quando é o seu dia delegado novamente?

— Quinta-feira — disse ele.

— Estou na segunda-feira. Eu estou bem com a maioria das minhas coisas, por agora, então eu posso ter algo quando eu for.

9 Um dos vulcões mais ativos no mundo, situado ao norte da Sícilia.

— Obrigado, cara — disse Troy, lambendo o dedo antes de pressionar a tortilla novamente. — Eu te devo.

Danny assentiu.

Troy selou o saco de queijo antes de voltar para o vestiário. — Não é a sua garota que vem hoje?

Danny molhou os lábios. — Sim.

Troy empurrou os sacos de comida em seu armário antes de fechá-lo com o cotovelo. — Se Shaw ou Brighton estiverem em serviço, cuide do seu rabo.

— O que você quer dizer?

Troy voltou para o seu prato e pressionou a tortilla novamente. — Eles são paus reais sobre tudo. Tocar e merda.

Danny sentou em sua cama. — Eu não posso tocá-la?

Troy balançou a cabeça enquanto dobrava as extremidades do Stromboli. — Você pode abraçá-la quando ela entrar, mas é isso. E manter essa merda respeitável. Se você ficar marcado, eles a tirarão da lista. E se você continuar sendo sinalizado, você perde a visita de todos.

Danny passou a mão pelo rosto.

— Shaw e Brighton, eles estão fodendo falcões, cara. Qualquer coisa que se pareça com você estar passando merda, você está feito. Se Hanover estiver em serviço, você tem um pouco mais de margem de manobra.

E, assim, a sua fantasia anterior estilhaçou em mil pedaços antes que se desintegrasse como pó; em seu rastro veio a imagem de Leah sentada em frente a ele, as mãos cruzadas sobre o colo, obediente, com os guardas monitorando os três metros de espaço intransponível entre eles.

Ele desejou saber isso de antemão, para que pudesse ter dado algum tipo de aviso. Agora, ele será confrontado com a tarefa de afastá-la. Não importava que ele pudesse imediatamente explicar as regras; ele ainda teria de suportar o olhar inicial de choque e dor em seu rosto quando ele negasse o seu afeto.

— Será que a sua garota soube de tudo isso antes de vim pela primeira vez? — Perguntou Danny.

— Não me lembro.

Danny deitou em sua cama, pressionando as palmas das mãos em seus olhos. — Isto é tão fodido. Eu estive esperando por isso. — Ele deixou cair as mãos e olhou para Troy. — Mas isso será uma droga, não é?

Troy suspirou à medida que pegava o prato. — É o que é, irmão. Você supera isso.

E com isso, ele saiu da sala.

Danny ficou olhando para ele antes de voltar seu olhar para o lado de Troy da cela. Havia quatro imagens gravadas na parede acima de sua cama: um de Troy com uma mulher que parecia ser sua mãe, e as outras três eram dele e de sua namorada. Em uma das fotos, ela estava sentada em seu colo. Em outra, eles estavam se beijando.

Danny olhou para as imagens, desesperado para encontrar uma falha em seu relacionamento, a necessidade de ainda descobrir um indício de descontentamento, qualquer coisa que pudesse explicar a indiferença de Troy agora mesmo, quando ele falou sobre suas visitas com ela. Mas as pessoas que estavam na imagem eram inconfundivelmente felizes, seu afeto um pelo outro evidente em seus olhos.

Talvez a apatia de Troy fosse apenas uma fachada, apenas algo que ele usava para manter seus verdadeiros sentimentos à distância.

Ou talvez 13 meses desta merda conseguisse transformar as pessoas daquela fotografia em pessoas fictícias – existiam apenas no papel, mas em nenhum outro lugar.

É assim que Leah e ele estavam destinados a acabar? Danny se recusou a acreditar que ele seria capaz de ser indiferente quando ela viesse vê-lo.

Mas, novamente, cada uma de suas expectativas foi refutada uma vez que ele veio aqui, então o que diabos ele sabia?

— As seguintes pessoas foram solicitadas no centro de visitantes — uma voz estalou pelo alto-falante. — Charles Velasquez, Darrel Simpson, Daniel DeLuca, Ray Brenner, Benjamin King e Sean Foley.

O coração de Danny veio vivo em seu peito enquanto seu estômago revirou.

Uma pequena peça insaciável de seu coração desesperadamente precisava vê-la. Podia senti-la tentando lutar contra o seu caminho para a superfície, como alguém submerso na água por muito tempo, esforçando-se para voltar a respirar. Mas a parte mais defensora dele tinha um pavor inacreditável.

Ele não tinha ideia do que faria uma vez que estivessem juntos na mesma sala. O que ele diria. Como ele se comportaria. Havia regras agora. As pessoas estavam assistindo. Quem eles seriam sob estas novas circunstâncias?

Ao se aproximar da porta que dava para o centro de visitantes, ele tentou convencer-se de que uma vez que ele a visse, tudo faria sentido. Ele não teria que pensar. Esta era Leah. Tudo com ela sempre foi tão fácil, mesmo quando ele tentava lutar contra isso no começo.

Este dia mudaria tudo para ele. Ele só precisava ter fé e deixar que isso acontecesse.

Danny recitou o mantra enquanto se aproximava da entrada dos reclusos do centro. O guarda na porta era alguém que ele não reconheceu, mas quando ele se aproximou, ele podia ler o nome de Layne em sua etiqueta de identificação.

Ele deu a Danny um rápido aceno antes de abrir a porta e fez um gesto para ele entrar primeiro.

Do outro lado da porta havia uma pequena sala com uma saída que dava para a área de visitante, e quando Danny entrou, Layne veio atrás dele.

— Armas — ele ordenou.

Danny ergueu os braços, olhando para frente enquanto Layne dava um tapinha para baixo.

Cheques de contrabando eram tão comuns por aqui que Danny muitas vezes se perguntou se havia um mercado negro que ele ainda não estava a par. Mas eles eram revistados sempre antes de uma visita, e uma vez que a visita acabou, verificariam novamente, certificando-se de que nada passara para ele de fora, que poderia trazer para a prisão.

— Sapatos — disse Layne ficando na frente de Danny.

Ele deixou cair os braços para os lados. — Você quer meus sapatos?

— Isso é o que eu disse, não é? O Inglês é a segunda língua?

Danny sentiu sua mandíbula endurecer antes de se abaixar para desamarrar suas botas.

Ele nunca teve que tirar os sapatos durante uma revista antes. Seria praticamente impossível para ele recuperar algo de seu sapato durante uma visita sem ser apanhado pelos guardas, o que significava que Layne estava apenas tentando fazer isso difícil.

Assim que as botas de Danny estavam fora, Layne as pegou, virando-as de cabeça para baixo, dando uma pequena sacudida antes de inspecionar as solas.

E então ele jogou no chão na frente de Danny.

— Coloque novamente.

Danny inalou lentamente antes de se agachar para pegar suas botas descartadas. Ele colocou de volta e ficou de pé, mantendo os olhos na pequena janela da porta na frente dele enquanto esperava Layne lhe dar passagem.

E então ele a viu.

Ela estava em pé perto da entrada de civis para o centro de visitantes, parecendo bonita, pura e perfeita, e ao mesmo tempo uma parte adormecida dele ressurgiu, fazendo-o querer arrancar a porta das dobradiças e correr para ela.

A visão dela fez algo estranho ao seu corpo, como a injeção de Demerol que ele tomou quando criança pouco antes da cirurgia em sua perna quebrada. Ele podia sentir algo morno correr em suas veias, fazendo-o sentir-se pesado e sedado, mas por incrível que pareça não fez nada para aliviar sua dor; a dor ainda estava lá, ele podia sentir, mas perdera temporariamente o seu poder sobre ele.

Danny viu quando dois guardas pediram para esvaziar o saco de plástico transparente que ela carregava no lugar de sua bolsa, uma vez que sacos opacos não eram permitidos no interior das instalações. Ela fez o que ele disse, dando um passo para trás e girando a pulseira de sua mãe entre os dedos. Era um hábito nervoso dela que Danny sempre achara agradável, mas hoje o fazia sentir como se seu peito estivesse sendo esmagado.

Viu-a mastigar o lábio inferior enquanto olhava para trás e para frente entre os dois. Viu-a passar as mãos pelas laterais da calça jeans e

inalar uma respiração profunda. Ele observou-a de pé em uma sala sem janelas cheias de criminosos com dois estranhos revistando suas coisas.

E ele sabia que ela não pertencia àquele lugar.

— Você está limpo — disse Layne, seus olhos em sua prancheta escrevendo algo. — Mantenha suas mãos para si mesmo ou sua bunda será jogada para trás destas portas tão rápido que você não vai mesmo ter a chance de dizer *eu sou inocente*. Está claro?

Danny engoliu antes de assentir.

— Eu disse, *está claro*?

Danny fechou os olhos. — Sim.

Layne o dispensou com um aceno de cabeça.

Quando Danny chegou à porta, ele percebeu que sua mão estava tremendo, e ele não podia ter certeza se era nervos ou raiva sufocada que foi o responsável. Com um pequeno fôlego para fortalecer sua determinação, ele abriu a porta.

Ela ainda estava de pé na entrada com os guardas colocando os itens de volta em sua bolsa, e Danny foi para uma das mesas menores e se sentou. Ele olhou para ela pegar sua bolsa de volta da guarda e acenar com um pequeno sorriso antes de se virar para entrar na sala.

Seus olhos pousaram sobre ele imediatamente, e seu rosto abriu-se num sorriso largo quando ela deu dois passos rápidos em sua direção antes de parar e se recompor. Danny estava de pé, bebendo-a, enquanto ela continuava em direção a ele, e quando apenas alguns metros de espaço permaneceram entre eles, ele alcançou os braços para ela.

Ela correu os últimos passos para ele e jogou os braços em volta do pescoço, e Danny exalou pesadamente enquanto circulava seus braços ao redor da cintura dela, puxando-a contra seu corpo.

O cheiro do cabelo dela o envolveu, fazendo-o sentir como se estivesse sendo rasgado e reconstruído de uma vez.

Ela soltou-o quase imediatamente, dando um beijo rápido na boca antes de dar dois passos para trás.

— Eles me disseram as regras — disse ela, dando mais um passo relutante longe dele, e parecia que suas entranhas estavam derramando-se no chão.

Ele odiava todos os olhares na sala que os observavam agora. Cada guarda que estava sentado colado as suas interações como se estivessem assistindo a um episódio de reality show. Ele odiava cada filho da puta que se recusou a deixá-lo ter este momento com ela.

— Devemos... — ela perguntou, apontando para os bancos, e Danny pigarreou.

— Sim — ele conseguiu dizer suavemente.

Estavam ambos sentados um diante do outro, e Leah se moveu em seu assento antes de sorrir timidamente para ele.

Deus, ela era tão bonita.

— Então... como você está? — Ela perguntou.

Essa simples pergunta.

Mas como os segundos passavam, ele não poderia sequer começar a formular uma resposta. O que ele deveria dizer? Que ele era completamente infeliz? Que ele passou a primeira noite aqui sobre o vaso sanitário depois de comer a poça no refeitório? Que todos os dias os guardas falavam com ele com sarcasmo, e ele era esperado para pegar ou sofrer as consequências? Que ele usou o banheiro em uma sala com seis toaletes separados por divisórias de plástico, sem portas, por isso mesmo suas privacidades humanas mais básicas foram retiradas dele? Que, em sua sexta noite neste lugar, ele viu outro grito preso e não conseguia decidir se queria consolá-lo ou dizer que sua fraqueza era nojenta, porque espelhava a sua própria?

Ele observou Leah esperando por sua resposta, e quando seu sorriso começou a vacilar, ela baixou os olhos e deu um pequeno suspiro. Quando ela olhou para cima, seu rosto estava mais uma vez composto.

— Como são suas aulas? — Ela perguntou, tentando a sua sorte com uma pergunta diferente.

— Elas são boas — disse Danny. — Me mantém ocupado de manhã.

Seu sorriso se alargou agora que ele parecia responder. — Eu achei que você pegaria mais aulas noturnas.

Danny sorriu suavemente. — Não há aulas oferecidas durante a noite por causa da inspeção.

— O que é a inspeção?

— Quando se alinham para que eles possam ter certeza de que estamos todos se comportando e contabilizados, e que ninguém fugiu.

Algo brilhou em seus olhos antes de um sorriso artificial em seus lábios, e então ela olhou para seu colo. Depois de alguns segundos, ela levantou a bolsa em que prendeu a ID e seu dinheiro.

— Eu vou pegar um lanche. Você quer alguma coisa?

Danny sacudiu a cabeça. — Eu estou bem.

— Tudo bem — ela disse suavemente, se levantando e indo até a máquina de venda automática na parede distante. Danny viu quando ela parou pouco antes dele e abaixou a cabeça, respirando lentamente antes de olhar para cima e colocar dinheiro na máquina.

Ela, obviamente, precisava de um minuto ou ela não teria levantado tão rápido. Em retrospectiva, ele podia ver como a ideia de uma inspeção podia perturbá-la. O pensamento dele alinhado e sendo examinado foi um lembrete de seu status como um criminoso, mas não havia nada que ele pudesse dizer a ela sobre sua vida lá dentro que não geraria o mesmo tipo de reação.

A última coisa que ele queria era fazer com que ela se preocupasse com ele. Ele precisava ser mais cuidadoso sobre o que ele dizia. Esta visita era para ser um pequeno alívio dentro de uma bagunça de merda, e nunca seria se ele perdesse seu tempo juntos perturbando-a.

Ele precisava ser o único a fazer as perguntas, e ela precisava falar. Histórias da casa seriam tópicos seguros de conversa. Histórias engraçadas. Histórias normais.

Leah voltou para sua cadeira com uma garrafa de água e um saco de M & M'S. — Quer um pouco? — Perguntou ela, estendendo para ele.

— Não é possível — disse Danny, apontando para a parede onde dois guardas observavam.

— Oh, certo — ela murmurou, olhando por cima do ombro. — Sinto muito.

— Então, como Vovó está? — Ele perguntou, e Leah concentrou toda a sua atenção na abertura de seu saco de doces.

— Ela está bem. Mantendo-se ocupada, você sabe.

Danny olhou para ela quando ela evitou contato com os olhos, vasculhando a bolsa antes de estalar um pouco em sua boca.

Aparentemente, ele não era o único a tentar censurar a conversa.

Um silêncio constrangedor caiu sobre eles, e Leah torceu o saco entre as pontas dos dedos.

— Me conte uma história — disse ele. — Alguma coisa boa.

Ela levantou os olhos. — Alguma coisa boa?

Danny assentiu.

— Hum... vamos ver. Eu conheci a nova namorada de Tommy no outro dia.

— Oh sim?

— Hum-hum.

— Como ela é? — Perguntou Danny.

Este era seguro. Agradável.

— Ela é adorável — disse Leah com um sorriso. — Muito boa. E tão inteligente. Ela está indo para a escola de ciência forense. Como uma daquelas pessoas do CSI.

— Não me diga?

Leah assentiu. — Foi muito legal falar com ela. Ela é definitivamente protetora. Vovó a ama também.

Algo brilhou no peito de Danny. — Vovó a conheceu?

— Yeah. Tommy a trouxe uma tarde, enquanto eu a visitava. Todos nós acabamos ficando para o jantar.

Danny balançou a cabeça lentamente enquanto apertava as mãos nos nas suas coxas.

O pensamento de todos eles sentados juntos de Vovó deveria tê-lo feito sorrir, mas a oscilação em seu peito se apertou ainda mais até que não houvesse dúvidas sobre o que era.

Ciúme.

Que diabos havia de errado com ele? Ele não tinha ideia de que ele era capaz de tal repulsa. Quão egoísta era ressentir-se das pessoas com quem se preocupava por viver suas vidas? O que ele teria preferido

ouvir? Que estavam todos sentados sozinhos em suas salas de estar com as cortinas fechadas, chorando com uma caixa de lenços?

— Você está bem?

Não, ele não estava bem. Ele era a coisa mais distante bem. Ele estava uma espiral em algo feio e ele não sabia como parar, porque ouvir sobre a casa deveria ser a única coisa que o ajudou.

— Danny?

Ele se inclinou para frente, apoiando os cotovelos sobre os joelhos quando ele deixou cair a testa para as mãos.

Diga a ela, pensou. *Diz que apenas percebeu que está tão longe que a felicidade das outras pessoas te deixa com raiva.*

— Danny... está tudo bem — disse ela. — Seja o que for você pode falar comigo.

Mas ele não sabia mais o que deveria dizer.

Ele não sabia como ser esta versão de si mesmo com ela. Tentando descobrir as palavras certas para usar, quais informações omitir das histórias. Lutando para esconder suas reações às coisas. Ela era uma das poucas pessoas com quem ele sempre podia ser ele mesmo, e ter a sua guarda ao redor dela parecia estranho, não natural e *errado.*

Ele não podia fazer isso.

— Isso não está funcionando, Leah — disse ele, a testa ainda descansando em seus punhos.

— O que não está funcionando?

— Isso — ele disse finalmente, levantando a cabeça. — Nós.

Leah piscou para ele como se ele tivesse acabado de dizer algo em uma língua estrangeira. — O que você está falando?

As palavras estavam todas lá, apenas esperando para serem ditas: que ele não poderia estar perto dela até que descobrisse como ser ele mesmo novamente. Que ele não queria que eles fossem arrastados pela merda no processo. Que ele precisava terminar seu relacionamento agora porque era a única maneira de preservá-la. E eles poderiam se lembrar do jeito que foi verdadeiramente poderoso, sem mácula e real, não machucado e quebrado e assim manchado era impossível lembrar que sempre foi belo em primeiro lugar.

Sim, as palavras estavam todas lá. Mas em vez disso, ele disse: — Eu estive errado sobre um monte de coisas, Leah. Eu estou percebendo isso agora. E pensando que insistir em nós foi um deles.

— Danny — disse ela, uma pitada de medo em sua voz. A confusão em seu rosto foi lentamente dando lugar à compreensão.

— Só não faz mais sentido — continuou ele. — Para qualquer um de nós.

Ela balançou a cabeça. — Pare. Não faça isso.

— Não, você não faça isso — disse ele. — Não faça isso difícil, Leah. Estou tentando dizer a você o que eu quero.

Ela olhou para ele por alguns segundos antes de falar. — E você está dizendo que você não quer isso? — Sua expressão era suave, mas sua voz tremeu um pouco, traindo-a. — Você não quer a gente?

Levou toda a força de seu corpo para manter a emoção de suas palavras, a mentira mais desprezível deixar seus lábios. — Não mais.

Leah manteve os olhos nele, e ele podia ver a ascensão e queda de seu peito aumentar gradualmente de velocidade. — Por que você está fazendo isso? — Ela sussurrou.

Ele precisava acabar com essa conversa. Seu sofrimento seria a última gota – a última coisa que destruiria sua ilusão de força e provocaria uma explosão, espalhando no chão como um castelo de cartas.

— É o melhor para nós dois, Leah. Eu prometo isso. Eu sei que você não pensa assim agora, mas eventualmente você vai. E então você vai ficar aliviada que acabou com isso quando nós fizermos.

Ela abriu a boca para falar e ele ficou de pé, cortando-a. Leah levantou o queixo, olhando para ele com os olhos tão cheios de vulnerabilidade que ele sabia que nunca se recuperaria do peso.

— Eu só quero que você saiba — disse ele. Ele limpou a garganta e deu um passo para trás. — Eu só quero que você saiba que toda vez que eu te disse que te amava... eu quis dizer isso.

Leah balançou a cabeça. — Não diga isso — disse ela, sua voz endurecendo um pouco. — Você não consegue dizer essas palavras para mim agora.

Danny olhou para baixo e acenou com a cabeça. — Cuide-se, Leah — disse ele, e então se virou e caminhou de volta para a saída dos presos. Ele segurou seu polegar contra a campainha que alerta o guarda, e como os segundos passavam, ele manteve os olhos na porta, recusando-se a olhar para trás.

Tudo o que ele encontraria lá – se ela chorava, ou enfurecida, ou muda, ou aliviada, nada disso lhe proporcionaria qualquer consolo. Nada de bom pode vir de olhar para trás. Ele tinha que seguir em frente.

A porta se abriu e Danny entrou no quarto pequeno, imediatamente colocando os braços para os lados, e quando o guarda deu um tapinha para baixo, ele ouviu o clique da porta se fechando atrás dele.

Ele estava certo sobre uma coisa: esse dia foi uma virada para ele. Pela primeira vez desde que ele atravessou as portas de Fort Dix, ele sentiu algo que se assemelhava a alívio.

Porque não importa o quão longe ele estava na espiral para baixo agora, ele não estaria arrastando-a com ele.

Capítulo 22

— Ascensão e brilho, lindo.

Leah se encolheu quando um flash de brilho penetrou no quarto, agredindo seus olhos, embora eles ainda estivessem fechados.

Ela franziu a testa e se virou, escondendo o rosto no travesseiro e longe da luz ofensiva quando ela enrolou seu cachecol em seu peito.

— Nuh-uh — disse Holly, agarrando-lhe o cobertor e dando um puxão firme, forçando Leah de costas novamente. — Venha. Levante-se.

— Holly, que diabos? — Leah murmurou, com a voz rouca pelo sono e desuso. Ela sentou-se lentamente, esfregando os olhos com as palmas das suas mãos.

— É quase meio-dia, Leah. Hora de levantar.

— Como você entrou aqui mesmo? — Leah rebateu, e Holly riu.

— Eu tenho uma chave, lembra?

— Sim, para emergências.

— Esta é uma emergência — disse Holly, sentada na beira da cama. — Eu preciso ir às compras, e Robyn está de babá das sobrinhas hoje, então eu não tenho reforços.

As mãos de Leah caíram de seus olhos quando ela virou a cabeça, olhando fixamente para a amiga. — Temos claramente definições conflitantes sobre essa palavra.

Holly sorriu. — Levanta vai, linda — disse ela, agarrando as mãos de Leah e empurrando-a com força da cama.

— Jesus! — Leah reclamou quando ela tropeçou com o cobertor enrolado em torno de seu pé. — Se acalme!

— Entre no chuveiro — disse Holly, completamente imperturbável. — Quanto tempo se passou desde que você fez isso, pelo caminho? — Acrescentou, fazendo uma careta.

— Holly, estou cansada — disse Leah com indiferença. — Eu só quero ir para a cama.

— E você pode. Assim que voltar.

Os ombros de Leah caíram quando Holly disse: — Você está fazendo este um negócio maior do que ele precisa ser. Banho, loja, casa. Então vamos lá — disse ela com uma salva de palmas forte de suas mãos. — Vamos nos movimentar.

Leah teria protestado novamente se ela pensasse que faria qualquer bem, mas ela conhecia Holly há muito tempo. Ela faria o que ela pediu ou passaria as próximas horas lidando com suas bobagens.

— Eu te odeio — Leah resmungou, e Holly agarrou seu pulso, puxando-a para o banheiro.

— Tudo bem — disse ela. — Eu ainda te amo, e eu sou muito difícil de livrar. — Ela se inclinou para o chuveiro e ligou a água.

Leah cruzou os braços. — Você vai tirar a roupa e me lavar também, ou eu posso lidar com isso daqui?

— Houve um tempo em que eu possa ter levado essa oferta, mas a mamãe aqui vai deixar passar — disse ela apontando para Leah. — Limpe-se e pergunte-me mais tarde.

Leah não queria sorrir, mas ela não podia evitar.

Holly riu antes de passar por ela. — Eu estarei esperando no seu quarto — disse ela saindo do banheiro e fechando a porta.

Leah suspirou profundamente quando começou a despir as suas roupas. Cada movimento era como uma tarefa, como se lutasse contra a resistência de elásticos invisíveis que prendiam cada um de seus membros no local.

Ela entrou no chuveiro, girando o botão para a água esquentar. Ela saudou a queimadura, se forçando a ficar e lidar com a dor.

Ela sabia exatamente o que este pequeno dia de viagem significava. Sutileza nunca foi o forte de Holly.

Fazia pouco mais de duas semanas desde a sua visita a Danny, e Leah não saíra de casa para qualquer coisa, fora ir para o trabalho. Ela chegava em casa à tarde e rastejava na cama, às vezes imediatamente adormecendo e não acordando até a manhã seguinte.

Aqueles eram os dias misericordiosos.

Houve outras vezes que ela ficava ali por horas a fio, olhando sem rumo para o teto ou a TV ou qualquer outra coisa que estava em frente a ela, incapaz de afundar no refúgio benevolente de inconsciência.

Ela esqueceu totalmente as refeições. Ela quase não tomava banho.

Seus colegas de trabalho sabiam que ela estava doente. Pelo menos, foi o que ela disse a eles para explicar sua aparência suja, as bolsas sob os olhos, o cabelo puxado de forma descuidada em um rabo de cavalo ao invés de reto e brilhante. Todos os dias eles perguntavam como ela se sentia, oferecendo suas simpatias, seus diagnósticos e seus remédios caseiros.

Mas só havia uma cura para o que a afligia. E era inatingível.

A dor constante residia em seu peito – a dor esmagadora que a fez pensar se era realmente possível para um coração quebrar. Se era possível um órgão a destruir, enviando cacos por todo o corpo, a perfurando com cada movimento.

Lembretes nítidos de seu sofrimento.

Ela nunca sofreu esse tipo de sofrimento antes. Quando Leah perdeu sua mãe, foi impossível estar com ela. Ela se foi, não está mais na existência. Quando ela perdeu Scott, não houve desejo de estar perto dele novamente.

Mas com Danny, ela precisava dele tão desesperadamente que a consumia. E ele estava lá fora. Vivendo, respirando e existindo. E completamente fora de seu alcance.

Era o tipo mais cruel de tormento.

Ele não entrou em contato com ela desde que ela foi vê-lo, o que significava que ela não poderia mesmo lutar por ele. Não era como se pudesse ligar para ele. Ela não poderia escrever. Ela não podia aparecer em seu apartamento pedindo para ser ouvida. E mesmo se pudesse, qual seria o ponto? Ele deixou claro o que ele queria.

Não, era mais fácil simplesmente sentar e deixar que a desolação a tomasse. Ela não tinha a energia para lutar contra ele neste momento.

Leah saiu do banho e escovou os cabelos molhados, amarrando-o para trás em um rabo de cavalo baixo, sem que secasse. E então ela saiu do banheiro, ignorando sua caixa de maquiagem mais uma vez.

— Eu escolhi uma roupa para você — disse Holly, segurando um par de jeans skinny e um bonito top florido.

— Não — disse Leah, caminhando em direção a penteadeira e abrindo a gaveta onde guardava suas calças de ioga e moletons.

Ela ouviu Holly suspirar pesadamente. — Tudo bem — ela disse, jogando as roupas na cama de Leah. — Você está concordando em vir, então eu vou dar um presente de concessão. Pode parecer uma hippie completa se te fizer se sentir melhor.

— Vai — disse Leah categoricamente enquanto vestia um par de calças de yoga carvão.

Quando elas dirigiram ao shopping, Holly manteve um fluxo constante de conversa fiada, enchendo Leah de ocorrências diárias e pequenos pedaços de vida que ela perdeu ao longo das últimas duas semanas. Aparentemente, a viagem de compras era para uma festa que Evan foi convidado para o fim de semana seguinte. Sua ex-namorada estaria lá, então Holly precisava parecer *devastadoramente sexy*, como ela dizia.

Leah seguiu pelo shopping, acenando com a cabeça quando deveria, sorrindo quando deveria, respondendo quando foi obrigada, ao mesmo tempo em que contava os minutos até que pudesse rastejar de volta para sua cama.

Atravessaram a loja de departamento, e Holly puxou vestido após vestido fora do RACK, segurando-o e examinando-o antes de jogá-lo no braço ou pendurá-lo de volta com um aceno de cabeça.

— Eu acho que você tem o suficiente — disse Leah, apontando para a montanha de tecido empilhado sobre o braço da amiga.

Holly deu de ombros. — Eu não sei se qualquer um destes são devastadores, mas vou experimentá-los. Podemos sempre ir a uma loja diferente depois disso.

Por favor, Leah pensou, *por favor, deixe um deles ser devastador.*

Elas caminharam para os provadores, e Holly jogou a pilha de vestidos no banco no canto. — Você tem que ser honesta — disse ela, puxando sua camisa sobre a cabeça. — Não diga sim à morte porque você

quer ir para casa. Se você me enviar para uma festa com a ex de Evan parecendo uma novilha, eu vou passar o resto da minha vida te torturando.

— Como isso será diferente do que você já faz?

Holly sorriu. — Lá está ela! Ah, como eu queria a megera Leah.

Leah sorriu sem entusiasmo quando Holly estendeu a mão e pegou um vestido do topo da pilha, entregando-o a Leah. — Aqui, coloque isso — disse ela, pegando o próximo para si mesma.

— O quê? Por quê?

— Eu não sei. Porque é divertido experimentar vestidos. Me alegre — ela disse, puxando um vestido de coquetel verde escuro sobre sua cabeça.

Me alegre. Quanto mais rápido ela estiver feliz, mais rápido você pode sair daqui.

Leah tirou a roupa e entrou no vestido, puxando-o sobre seu torso, e Holly veio atrás dela, fechando-o.

Era um belo vestido – simples, mas elegante, cor de chocolate e sem alças, cabendo confortavelmente e fluía suavemente de seus quadris em uma saia revolta que atingia logo acima do joelho.

— Seu corpo parece fabuloso nisso — disse Holly.

Leah olhou para seu reflexo: os ombros caídos, os anéis arroxeados sob os olhos, a pele pálida, seu cabelo liso e nada estiloso, seu olhar vago.

Ela se viu sozinha, sem ele ao seu lado, e, por isso, não havia nada bonito sobre o que ela olhava, não importava o que usasse.

— Sério, ficou lindo em você — disse Holly.

— Sim, é lindo — Leah concordou virando, assim Holly poderia abrir o fecho. — E quanto a você — acrescentou, fazendo referência ao vestido que Holly vestia. — Isso não ficou legal.

Os olhos de Holly encontraram os dela no espelho e ela sorriu. — Esse foi um teste, e você passou com distinção, minha querida.

Leah balançou a cabeça e riu suavemente, saindo do vestido marrom e colocando-o de volta no cabide.

Cerca de uma hora depois, elas penduravam os vestidos indesejados de Holly na prateleira fora dos provadores. Ela escolhera um vestido vermelho que destacava suas pernas incríveis, e a cor era garantia de virar cada cabeça em todas as salas em que entrasse. Leah tinha certeza que se ela colocasse saltos de plataforma e batom vermelho, contra o tom escuro do cabelo dela, ela certamente seria devastadora.

Quando ela pegou o vestido marrom, Holly se virou para Leah. — Você precisa comprar isso. Estava incrível em você.

Leah balançou a cabeça. — Eu não tenho nenhum lugar para usar um vestido como esse — disse ela, levando-o e pendurando na prateleira.

— Talvez não agora, mas um dia você vai. Este vestido tem que estar guardado em seu armário. É muito perfeito em você. Não vou levar um não como resposta — disse ela, tirando o vestido do provador e o pendurando no braço com o vermelho, antes de caminhar para o caixa.

— Não tomar um não como resposta? — Leah murmurou para si mesma. — Chocante.

— Eu ouvi — Holly disse por cima do ombro.

Elas pagaram por seus vestidos, e quando estavam saindo da loja de departamento, Holly apertou uma mão em seu estômago.

— Estou morrendo de fome. Podemos parar e obter algo rápido?

Leah deu de ombros. — Se você quiser.

— Estou morrendo por uma daquelas saladas gregas daquele lugar na praça de alimentação. Quer uma?

— Eu realmente não estou com muita fome — disse Leah.

— Tenha uma. Você pode escolher, e se você não terminar, você pode levar para casa.

Leah suspirou, resignando-se ao fato de que Holly decidiria todos os aspectos do passeio de hoje.

Poucos minutos depois, elas estavam sentadas em uma mesa pequena no canto da praça de alimentação com suas saladas em bandejas de plástico, e Holly sorriu.

— Obrigada por ser minha acompanhante hoje.

Leah sorriu suavemente, abrindo a garrafa de água.

— Então, já que eu a forcei para fora de sua zona de conforto e você foi tão boa nisso — disse Holly vasculhando sua salada, — você pode atirar agora. Você quer falar sobre ele, ou não falar sobre ele?

Leah levantou os olhos para ver Holly observando-a enquanto comia sua salada.

Os cacos em seu peito vieram a vida, torcendo, furando e cortando.

Deus, ela queria. Ela queria dizer o nome dele. Ela queria ouvir o seu nome. Ela queria falar sobre ele a cada minuto de cada dia de cada semana até que ela pudesse entender tudo o que aconteceu.

Até que ela pudesse descobrir uma maneira de voltar para seu coração.

Mas sempre que pensava nele, doía tanto que mal conseguia respirar.

Ela não podia mais ficar sem fazer parte da vida dele – não podia suportar a ideia dele sozinho naquele lugar. Ela odiava imaginá-lo numa cela, perguntando se ele estava triste, ou com medo, ou com raiva. Querendo saber se ele estava sozinho. Querendo saber se ele pensava nela sequer uma fração das vezes que ela pensava nele.

— Eu sinto que eu não posso respirar sem ele — disse ela, tremendo tanto que as palavras custaram sair de sua boca. — Sinto falta dele.

— Claro que sim — disse Holly. — Permita-se sentir falta dele. Não lute contra isso.

Leah balançou a cabeça quando duas lágrimas deslizaram sobre seus cílios, e ela enxugou rapidamente.

— Mas o que você tem feito nas últimas semanas? Isso não é falta dele. Isso é luto dele. Há uma diferença.

Leah levantou os olhos para Holly.

— E eu sinto muito, mas eu não deixarei você fazer isso. Não acabou para vocês. Então não há nada a lamentar.

— Holly...

— Lembra de quando estávamos na sétima série — disse Holly, cortando-a, — e N'SYNC estaria no TRL? E nós acampamos na Times

Square por dois dias para que pudéssemos vê-los quando eles chegassem?

Leah franziu sua testa e limpando outra lágrima. — Sim.

— E você teve todo o seu plano. Você se lembra?

O canto da boca de Leah levantou em um sorriso hesitante. — Yeah. Eu cantaria para Justin Timberlake para que ele me levasse em turnê com a banda.

Holly riu quando ela deu outra garfada em sua salada. — E o que aconteceu quando ele finalmente caminhou por você?

— Você me empurrou, e eu fiquei plantada na frente de todos.

— Espere — disse Holly, segurando a mão dela, — o que aconteceu antes disso?

— O que você quer dizer?

— Quero dizer, o que aconteceu antes de eu empurrar você?

Leah deu de ombros. — Nada.

— Exatamente — disse ela. — Nada. E por que não? Você tinha um plano. Você praticou por semanas tentando fazer sua voz soar um pouco menos como um gato recebendo um tratamento de canal.

Leah jogou o guardanapo em Holly e ela afastou facilmente. — Você estava pronta — disse ela, sem perder uma batida. — Então, por que não ir até o fim?

— Eu não sei — disse Leah, vasculhando sua salada. — Eu entrei em pânico.

— Certo. Você pirou, e você ficou presa. Então... Eu te empurrei.

— E eu aterrei de cara no chão na frente dele com a minha saia praticamente sobre a minha cabeça!

Holly apontou para Leah com o garfo. — Isso não foi culpa minha. Quem usa uma saia em meados de janeiro?

Uma risada ofegante saiu dos lábios de Leah quando ela olhou para sua salada.

— Mas você se lembra o que aconteceu depois que eu empurrei você, não é?

Leah suspirou. — Ele me ajudou a levantar e perguntou se eu estava bem.

— E?

— E ele me ajudou a voltar para trás da barricada.

— E?

Leah sorriu suavemente. — E ele assinou meu CD, e eu tenho uma foto com ele.

— Exatamente. Você é bem-vinda, por sinal.

Leah riu para si mesma enquanto girava o garfo entre os dedos.

Depois de alguns segundos de silêncio, Holly suspirou exasperada. — Você ainda não entendeu, não é?

— Entendeu o que?

Ela deu a Leah um olhar condescendente. — Você tinha um plano. Você pensou que estava preparada. Mas quando chegou o tempo, você entrou em pânico. Você ficou com medo, e você se fechou.

Leah piscou para ela. — Ok?

— Jesus, Leah! Você ainda não vê isso?

— Ver *o que*?

— Isso que está acontecendo com Danny, ele está apenas entrando em pânico! — Ela gritou. — Ele achou que estava preparado, e ele não estava, e isso o assustou profundamente, por isso ele desistiu! É o mesmo maldito cenário!

Leah olhou para sua amiga, tentando engolir o nó na garganta. Depois de um segundo atordoada, ela balançou a cabeça. — Eu não acho...

— Ele te ama — Holly interrompeu, sua voz suavizando significativamente. — Você sabe que ama, Leah. Eu posso ver isso em seu rosto, mesmo agora. Ele está com medo. Isso é tudo o que é isso.

Leah afastou uma nova rodada de lágrimas com as mãos trêmulas.

— Ele só precisa de alguém para empurrá-lo. Forte.

Leah riu através de um soluço enquanto limpava o nariz com o guardanapo, e Holly sorriu pegando o garfo de volta.

— Então — ela disse, olhando incisivamente para Leah. — Você vai empurrá-lo?

Leah respirou profundamente enquanto pegava o guardanapo. — Eu não sei — disse ela suavemente. — Eu não sei se eu posso. Se ele ainda me quer. Eu não sei mais nada.

— Tudo bem então, aqui está o negócio, *menina* — disse Holly, sua expressão ficando séria. — Eu vou te dar o máximo de tempo que você precisa. Eu vou deixar você sentir falta dele. Vou deixar você chorar rios sobre rios se você sente que precisa, e você pode falar sobre ele, tanto quanto você quiser, até que seu nome soe como unhas em um quadro negro, se isso te faz se sentir melhor. Mas eu não deixarei você continuar fazendo o que vem fazendo nas últimas semanas. Se isso precisa ser consertado, então um de vocês tem que se esforçar para continuarem juntos. E eu não acho que é justo esperar que seja ele.

Leah engoliu antes de balançar a cabeça lentamente.

— Ok, então — disse Holly com um aceno de cabeça. — Agora vamos terminar estas saladas para que possamos ir atrás de alguns sapatos.

Passaram a hora seguinte no shopping, procurando sapatos para combinar com seus vestidos novos, e todo o tempo, Leah manteve repetindo as palavras de Holly em sua mente.

Elas nadaram através dela, recolhendo os pequenos estilhaços em seu peito para que a cada inspiração subsequente parecesse um pouco mais fácil de tomar.

Se isso precisa ser consertado, então um de vocês tem que se esforçar para continuarem juntos.

Ela queria consertar isso – mais do que jamais quis qualquer coisa em sua vida – mas ela se sentia da mesma maneira que Holly no dia em que tentou montar um centro de entretenimento para Evan: as instruções estavam em frente a ela, todas as ferramentas ali à sua disposição, e ainda assim ela não sabia por onde começar.

Quando Holly foi embora um pouco mais tarde, ela deu-lhe um abraço e disse que ligaria no dia seguinte, e Leah foi para o seu

apartamento. Era o único lugar onde se sentia em paz, mas, ao mesmo tempo, era uma fonte inesgotável de tortura.

O fato de Danny ter passado todas as noites e praticamente todos os dias em seu apartamento por um mês antes de sair fez a sua ausência muito mais chocante.

Sua memória estava ao seu redor, em cada quarto.

Leah foi para seu armário e pendurou a bolsa que segurava seu vestido antes de tirar os sapatos e subir em sua cama, puxando o edredom até o queixo.

E então ela fechou os olhos, caindo no sono com as palavras de Holly claras através dela, recolhendo gradualmente pequenos pedaços de seu coração fragmentado.

Capítulo 23

— As seguintes pessoas foram solicitadas no centro de visitantes: Benjamin King, Daniel DeLuca, Michael Moroney, Steven Logan, Kevin Driscoll, e Duane Tanner.

Danny levantou de sua cadeira, colocando as cartas de baralho na mesa. — Você teve sorte — disse ele, revelando sua mão.

Theo ergueu a sobrancelha para o straight flush de Danny. — Bem, merda. Agradeça ao seu visitante para mim.

Danny sorriu quando se virou para sair da sala de recreação. Se Jake tivesse aparecido apenas cinco minutos depois, Danny teria, sem dúvida, ganhado o pote.

Trinta e sete selos postais.

Era a sua única forma real de moeda, e algo que a maioria dos prisioneiros levou muito a sério. Rory, que se tornou o barbeiro do presídio, cobrava cinco selos por corte de cabelo. Terrence, o cara que passava os macacões dos presos em dias de visita, cobrava três selos por seus serviços. Qualquer favor pedido, qualquer aposta feita, tipicamente envolvia uma troca de selos. Após dois meses neste lugar, Danny ainda se sentia como uma criança brincando com dinheiro do Banco Imobiliário.

Ele se aproximou da entrada dos presos para o centro, notando que Marco era o guarda que fora hoje. Ele acenou com a cabeça um Olá para Danny antes de abrir a porta e fazer um gesto para Danny entrar.

— Braços para fora, por favor — disse ele, e Danny ergueu os braços.

— Você viu o jogo ontem à noite? — Marco perguntou dando um tapinha em Danny.

Danny deu uma risada curta. — Yeah. Eu queria não ter visto.

— Inacreditável — disse Marco. — Maior folha de pagamento na MLB. Claro como a merda não se parecia com ele ontem.

— Muitos desses caras não passaram fome por um longo tempo — disse Danny, virando assim para Marco poder revistar a outra perna. — Esses proprietários jogam o dinheiro em seus melhores caras, esquecendo-se que o dinheiro torna algumas pessoas complacentes.

Marco ergueu a sobrancelha antes de inclinar a cabeça em reconhecimento. — Muito bem dito. — Ele se endireitou, e Danny deixou cair os braços. — Tudo bem, o que temos aqui hoje?

— Um amigo meu — disse Danny.

Marco assentiu olhando para o relógio e, em seguida, registrou o tempo de início da visita em sua prancheta.

— Tudo bem então, Sr. DeLuca — disse ele, avançando e abrindo a porta para ele. — Aproveite o seu tempo.

— Obrigado — Danny respondeu enquanto andava em torno dele e através da porta.

Ele caminhou até o centro do visitante e se voltou para a mesa e cadeiras perto da máquina de venda automática, onde Jake tipicamente preferia sentar, apenas para encontrar um casal de idosos sentados lá, esperando por um preso.

Danny sorriu quando percebeu que Jake teria que andar um total de 4 metros para conseguir seus Skittles agora. Ele normalmente passou por quatro ou cinco sacos por visita, como se fossem um luxo que ele só podia ter lá e não algo que ele poderia pegar em vinte locais diferentes no caminho de casa.

Danny virou, procurando por ele do outro lado da sala.

E então ele congelou.

Ela estava sentada à mesa contra a janela, seus olhos sobre ele, e rolando a pulseira de sua mãe entre os dedos.

Fazia mais de um mês desde que a vira – mais de um mês desde que ele tivera qualquer contato com ela – mas a visão dela nem sequer chegou perto de perder sua potência.

Não podia permitir este tipo de teste hoje. Seus devaneios dela, quando estava furtivo o suficiente para rastejar sem ser convidado, eram ruins o suficiente.

Ironicamente, seus piores dias neste lugar foram os dias em que ele achou mais fácil ficar sem ela. Nos seus pontos mais baixos, Danny conseguiu encontrar consolo e conforto em estar sozinho – em saber que a única pessoa que ele estava machucando era ele mesmo. Os dias que se sentiu diminuído ao ponto de separação, os dias que seus pensamentos correram soltos em cantos escuros e caminhos sombrios por horas, incapaz de ressurgir em um momento, os dias em que ele lutou para se lembrar da vida fora destas paredes – aqueles eram os dias em que ficou muito agradecido por ela estar fora de sua vida. De certa forma, foi bom, pois sabia que poderia ficar fora de controle o quanto quisesse, sem absolutamente nenhuma consequências para ela.

Mas então havia outros dias.

Dias que Danny de alguma forma chegou ao *apagar as luzes* se sentindo um pouco como a si mesmo. Dias que ele foi capaz de manter um controle sobre seus pensamentos, conduzindo-os para fora das águas sinistras. Dias em que ele poderia ver um fim à vista – não importa quão longe pudesse estar – e de repente havia algo porque lutar.

Aqueles eram os dias em que o seu coração parecia ser rasgado.

Porque quando as coisas iam bem, ele pensava nela constantemente. Querendo saber se ele tomara a decisão errada. Como ela estava se segurando. Querendo ou não, ela estava zangada com ele.

Saber se havia mesmo a menor chance dela aceitá-lo de volta quando isto tudo havia acabado.

Ele não tinha certeza se seria mesmo possível ganhar de volta a confiança dela depois de tudo o que ele fez, mas em seus dias bons, Danny prometeu a si mesmo esgotar todas as vias e esgotar todos os recursos tentando.

E hoje foi decente para ele, o que significava que era um dia horrível para tentar uma conversa com ela.

Ele não podia permitir que este sentido temporário de bem-estar o convencesse, porque amanhã, ele poderia ir embora, e não haveria nenhuma maneira de garantir se ou quando ele voltaria.

Danny viu seus ombros aumentarem à medida que ela respirou fundo, mas sua expressão permaneceu impassível enquanto o observava de pé, preso ao chão.

Ele tentou convocar a resistência que ele invocou tantas vezes, quando a necessidade dela o puxou implacavelmente. O mesmo poder que o impediu de discar o seu número, apesar da quantidade de vezes que ele foi para a sala de chamada para fazer exatamente isso. A mesma resistência que o impediu de enviar e-mails, apesar do fato de ter elaborado vários, apenas para excluí-los antes de enviá-los.

Danny sabia que não seria justo permitir que os bons dias deem a qualquer um deles falsa esperança. Ele não podia chamá-la em um bom dia e depois abandoná-la quando ele estava preso. Ele não podia enviar um dia e, em seguida, pedir para deixá-lo sozinho no próximo.

E assim ele resistiu a cada impulso que ele tinha de se reconectar com ela.

Mas ela estava aqui. E ele podia sentir o puxão inconfundível em seu corpo, seu coração galopando em seu peito.

Ele queria desesperadamente saber o que ela pensava naquele momento. Por que ela veio. Mas ele não tinha absolutamente nenhuma ideia do que foi o mês passado para ela.

A única vez que Danny dera em um impulso e perguntou a Jake sobre Leah, a resposta de Jake foi uma tirada longa incidindo sobre o completo idiota que Danny estava sendo.

Ele jurou então nunca perguntar a Jake novamente.

E ele sabia que não devia perguntar a Vovó sobre ela. Ela não seria tão contundente como Jake, mas sua decepção tranquila na decisão de Danny seria ainda mais cortante em sua própria maneira.

Danny não precisava de uma palestra de ninguém. Ele sabia que estava fazendo a coisa certa ao deixá-la ir, não importa o que alguém pensou. Ninguém mais estava lá com ele. Ninguém mais viveu a sua vida todos os dias. Então, como eles poderiam até mesmo ter a pretensão de saber o que era melhor?

Enquanto ele estava ali, olhando para ela vendo-o, não havia uma fração de segundo em que ele contemplava virar. Nada de bom pode vir dessa visita com ela – ele sabia – mas o pensamento de se afastar dela fez seu intestino revirar. Era insuportável o suficiente quando ele fizera isso pela primeira vez, e ele não se preparara para a tarefa de fazê-lo novamente.

Ela não deveria voltar aqui.

Sentiu-se dar um passo na direção dela antes mesmo de uma decisão consciente de se mover, e então ela se levantou, liberando a pulseira de sua mãe quando suas mãos caíram para os lados. Ele olhou para ela enrolar e desenrolar os punhos algumas vezes antes de levantar os olhos para os dela.

Agora que ele estava mais perto, ele podia ver as emoções lutando pelo controle no rosto: uma combinação complicada de tristeza, medo e determinação.

Danny pegou a cadeira em frente a ela e puxou para fora. Ele podia ouvir seu coração batendo em seus ouvidos quando se sentou na frente dela, e Leah abaixou-se na cadeira, puxando o lábio inferior entre os dentes.

Por alguns segundos, sentaram-se em silêncio.

Danny pigarreou baixinho. — Jake? — Perguntou.

— Sabe que eu estou aqui — ela respondeu suavemente, e Danny olhou para baixo e balançou a cabeça lentamente.

Silêncio.

— Ele disse que eu poderia visitá-lo no lugar dele se eu prometesse levar alguns Skittles.

Danny riu antes que pudesse se conter, e ele olhou para cima para vê-la sorrindo, inquieta. Ela estendeu a mão e colocou o cabelo atrás da orelha e, em seguida, seu sorriso caiu ao mesmo tempo em que seus olhos.

Leah respirou fundo, os olhos no colo quando disse: — Há muito tempo, eu pedi para você parar de jogar. E você me prometeu que nunca mentiria para mim. — Ela olhou para cima e encontrou seu olhar. — Eu vim aqui porque eu preciso saber a verdade sobre uma coisa.

Danny assentiu uma vez. — Ok.

Ela molhou os lábios, a determinação vencendo temporariamente em sua expressão. — Por que você terminou comigo?

Danny fechou os olhos antes de exalar. Maldição. Ele estava preparado para responder a qualquer pergunta, menos essa.

— Leah — disse ele fracamente, esfregando a parte de trás do seu pescoço. — Eu não sei o que você quer que eu diga.

— Eu quero que você me diga a verdade.

Os segundos passavam, ocos e implacáveis.

— Será que é porque você realmente não me quer mais? — Ela perguntou.

Danny passou a mão sobre os olhos. — Não faça isso, Leah.

— É uma pergunta simples — disse ela, completamente implacável por seu apelo. — Tudo o que eu estou pedindo é a honestidade.

Danny olhou para suas mãos. Não havia resposta, ele não poderia dizer algo que o mandaria por um caminho no qual ele seguiria sem ela.

— Você tem medo que a verdade me machuque? — Ela perguntou. — Não fique. Nada que possa dizer agora vai me machucar mais do que as palavras que você disse da última vez.

Danny levantou a cabeça; seus olhos estavam sobre ele, com uma expressão orgulhosa.

Suas palavras pairavam no ar entre eles, acre e insuportável, e Danny teve que desviar o olhar. Ele podia sentir pequenas contrariedades em seu peito, vergonha e auto aversão lutando pelo controle de seu corpo.

— Você ainda me ama? — Ela perguntou.

Ele respirou fundo antes de olhar por cima da mesa para ela. Desta vez, não havia nada por trás de seus olhos, mas vulnerabilidade, e ele sabia que ela merecia uma resposta honesta a qualquer pergunta, era um presente.

— Sim — ele disse suavemente.

— E você ainda quer ficar comigo?

— Leah...

— Não — ela disse, balançando a cabeça. — Chega de dar voltas. Eu quero uma resposta, Danny. Porque tudo isso — disse ela, fazendo um gesto em torno deles, — é apenas temporário. Não perca isso de vista. E quando isso acabar, o que você quer? Você quer começar uma nova vida comigo? Você quer voltar para casa para mim todos os dias? Você quer ter jantares comigo, ir fazer compras comigo e assistir TV de merda juntos, fazer amor comigo enquanto ouvimos a nossa música? Você quer montar árvores de Natal juntos e sair de férias, ter filhos? Você quer

tomar banhos de espuma comigo, e me ensinar coisas na garagem, me abraçar toda noite enquanto dormimos?

O peito de Danny contraiu, apertando e comprimindo com intensidade dolorosa até que enviou o seu coração em sua garganta. O que ela descrevera era tão dolorosamente belo, parecia não ter espaço suficiente no seu corpo para acomodá-lo.

Fazia tanto tempo desde que ele se permitiu uma fantasia desse calibre. Sonhos como esse custavam muito alto para entreter dentro destas paredes.

Mas suas palavras eram quentes e paliativas em suas veias, e por um momento, imaginando o que ela descreveu não parecia torturante. Não foi um ato cruel de masoquismo. Não era um sonho fantástico sem esperança.

Porque Leah estava sentada em frente a ele, momentaneamente transformando essa fantasia em uma promessa.

Ele deveria já saber disso agora; a partir do momento em que ela entrou em sua vida, ela começou a revivê-lo – fazendo com que ele se sentisse de novo, a apreciar as coisas, ajudando-o a aprender a perdoar a si mesmo, e o fazendo pensar que ele era uma pessoa digna de amor. E ali estava ela, oferecendo-se para salvá-lo mais uma vez.

Ele queria deixá-la. Deus, ele queria que tudo o que ela descreveu e muito mais. Ele queria dar coisas que ela nunca sequer pensara pedir.

E por uma fração de segundo, com ela olhando para ele do jeito que ela estava, ele acreditava que poderia ter tudo isso com ela.

— Você quer essa vida comigo? — Ela perguntou, sua voz tremendo um pouco.

Duas respostas borbulhavam em sua garganta simultaneamente – uma sincera e uma de segurança – e Danny sentiu como se estivesse sufocando em sua luta.

Os olhos suaves de Leah imploravam uma resposta, mas ele não podia abrir a boca, com medo de uma resposta errada escapar.

Em vez disso, ele assentiu.

A tensão em seus ombros derreteu instantaneamente quando seus olhos nadaram em lágrimas.

— Mas Leah — ele disse rapidamente, — Eu não posso fazer você prometer isso. Eu não sei quem serei quando voltar para casa com você.

Danny passou as mãos pelo cabelo; ele podia sentir as palavras subindo em sua garganta, obstruindo semelhante a um engarrafamento de declarações francas que procuravam desesperadamente uma saída.

E, de repente, ele perdeu a vontade de impedi-las.

— Este lugar, Leah — disse ele, balançando a cabeça. — Sinto-me inclinando-me para ele. Todos os dias, eu dobro um pouco mais. Eu estou fazendo o meu melhor. Eu estou aprendendo a administrar meus pensamentos, e eu estou tentando muito me manter... — Ele olhou para ela. — Mas alguns dias, não importa o que eu faça.... só não é suficiente. E eu só não sei quantas vezes eu posso dobrar antes que eu quebre.

— Mas tudo bem se você dobrar — disse ela com sinceridade. — Está tudo bem se você quebrar. Eu não vou a lugar nenhum.

— Eu não quero isso — disse ele com um aperto firme de sua cabeça.

— Não quer o quê?

— Eu não quero que você veja isso. Ou espere por mim para descobrir somente no final de tudo isso que me tornei alguém que você não pode ver com você mesmo mais. É muito mais difícil do que eu pensava estar longe de todos vocês. E às vezes, eu só... eu vou para um lugar escuro, e eu não me importo mais. Eu não quero que você tenha que lidar com isso. Eu não vou pedir para você esperar isso quando eu não posso garantir que você ficará feliz quando acabar. Esta é uma viagem feia, Leah. E eu não quero que você seja uma passageira.

Danny podia sentir seu coração vibrando quando olhou para ela. Ele pensou que seria humilhante admitir o que sentia, mas havia um estranho tipo de conforto em confessar seus medos – como o peso da carga, de alguma forma diminuísse simplesmente porque ele permitiu tirar de seu corpo.

— Por que você ficou com Bryan quando ele morreu?

Danny sentiu um arrepio correr por sua espinha. — O quê? — Ele perguntou assustado.

— Por que você foi lá quando desligaram os aparelhos e o deixaram ir? — Ela perguntou. — Melhor ainda, por que você foi visitá-lo, dia após dia, com todos aqueles tubos e máquinas horríveis presos ao

seu corpo? Quando todos os médicos disseram que não havia esperança. Que ele não podia nem ouvir você. Por que você fez isso?

A tristeza se estabeleceu em seu estômago, a transição rápida para uma dor dilacerante.

— Porque ele... porque eu... — Danny sacudiu a cabeça e parou, pressionando as palmas das mãos em seus olhos.

— Eu sei exatamente o porquê — disse ela suavemente, alcançando-o e afastando uma de suas mãos de seu rosto. Ele deixou cair a outra para a mesa enquanto ela entrelaçava os dedos, correndo o polegar sobre o lado da mão. — É a mesma razão pela qual eu sentei com meu pai, todas as noites, durante duas semanas, rezando em sua cabeceira. É a mesma razão que Holly e Robyn se revezaram vindo ao meu apartamento todos os dias durante o mês passado, apesar do fato de que eu estava infeliz, miserável e deprimida para ficarem por perto. Ela deu na mão dele um pequeno aperto. — Porque quando você ama alguém, você não corre quando fica difícil. Isso é quando você mais quer ficar.

Parecia que sua garganta estava fechando.

— E nem sempre é fácil — disse ela, correndo o polegar sobre a mão dele de novo. — É difícil ver alguém que você gosta sofrer. Mas quando você ama alguém, você o faz. Você faz isso sem questionar ou fazer reservas. Você faz isso porque não há nenhuma outra opção, porque o pensamento de estar sem eles é cem vezes mais insuportável do que tendo sua carga. — Ela se inclinou e levou a mão à boca, beijando as costas dela antes de dizer: — E eu amo você, Danny. Você fez isso tão fácil, me apaixonar por você. Você é engraçado, leal, paciente e abnegado. — Seus olhos se encheram de lágrimas. — E você é atencioso, honesto, inteligente e compassivo. E você foi capaz de se tornar todas essas coisas – para manter todas essas coisas em face do que toda a merda que a vida te entregou. — Ela sorriu um sorriso aguado. — E eu sei que ainda será você quando voltar para mim.

Ela soltou sua mão para limpar as lágrimas em seu rosto. — Então, isto sou eu sendo honesta com você — ela disse com uma fungada. — Não há dúvida de que nós dois vamos sofrer com isso. Eu sempre soube disso. Alguns dias serão suportáveis e alguns serão completamente miseráveis. Mas eu já tomei minha decisão. Eu sei o que eu sou contra, e eu sei o que eu quero. Eu quero você. E eu quero nós. Quero nossa vida juntos.

Parecia que seu coração sairia do seu peito; como se uma corrente estranha corresse através de seu corpo, deixando sua respiração irregular e seus músculos como se estivessem cantarolando.

— Meu pai me disse uma vez que se algo parece muito difícil, antes de desistir você deve sempre se perguntar se a recompensa valerá a pena o sofrimento. — Ela respirou fundo. — Então eu acho que tudo se resume a... o que eu preciso saber... é se vale a pena ou não sofrer por você.

Danny apoiou os cotovelos na mesa e apoiou a testa nas mãos. Ele podia sentir seu queixo tremendo, e inalou lentamente, tentando se recompor.

A magnificência e a pureza do amor dela por ele – a força que tudo consome – poderia quebrá-lo e curá-lo simultaneamente. Poderia destruí-lo e refazê-lo, melhor do que era antes.

E poderia restaurar sua fé mais rápido do que este lugar poderia tirá-la dele.

Danny lembrou-se de uma vez perguntar como alguém poderia manter sua cabeça acima da água aqui. E de repente ele soube que era assim. Quando você tem algo para segurar. Uma razão para lutar todos os dias. Uma bela tábua de salvação puxando você para o outro lado.

Os caras que não têm isso – ou aqueles que são tolos o suficiente para deixar ir – esses são os caras que desmoronam.

Ele pensou que poderia salvá-la deixando-a ir, mas ele deixou tudo para trás.

Ela não era a única que precisava se salvar desta vez.

— Leah — disse ele, a voz rouca de emoção. — Eu poderia sofrer qualquer coisa se você fosse a minha recompensa.

Um sorriso apareceu em seus lábios antes dela segurar a mão sobre sua boca e cair em prantos.

Danny estava fora de seu assento em um instante, andando ao seu lado da mesa, e ela se levantou, jogando os braços em volta do pescoço quando ele levantou-a do chão e escondeu o rosto em seu cabelo.

— Minha doce menina — ele sussurrou.

Seu choro foi abafado contra o lado de seu pescoço, e ele estendeu a mão e passou a mão sobre a parte de trás de seu cabelo, olhando para

a posição do guarda junto à porta. Ele os observava e seus olhos encontraram os de Danny.

Por um momento, eles apenas se olharam.

E, em seguida, o guarda deu-lhe um olhar compreensivo, seguido de um rápido aceno. Ele trocou seu corpo, concentrando sua atenção no outro lado da sala.

Então Danny a segurou por mais alguns segundos do que o permitido.

Os segundos mais enriquecedores e restauradores de toda a sua vida.

Capítulo 24

— Obrigada — disse Leah pegando o copo de Pinot Grigio que o garçom entregou, imediatamente levando-o aos lábios.

— Outro para você, senhorita? — Ele perguntou, olhando para Alexis.

Ela olhou para Leah antes de sorrir para ele docemente. — Não, obrigada, eu estou bem.

— Ok, então. Seu alimento já será servido — disse ele antes de se virar e sair da mesa.

Alexis se virou, seus olhos pousando no segundo copo de vinho meio vazio de Leah.

— Não me julgue — disse Leah, colocando o copo sobre a mesa. — Eu tive uma semana difícil. Minhas turmas estão fora de controle.

— Bem, você está livre agora. Você deve apenas relaxar. Não faça nada que não precisa.

— Eu tenho que terminar mais uma classe de teatro, mas depois disso não estou fazendo nada. Eu juro, a pessoa que criou pausa em fevereiro fez isso para salvar vidas. — Leah girou a haste de sua taça de vinho enquanto lutava contra a vontade de acabar com isso.

Alexis riu quando ela olhou para o celular dela, tentando ser discreta, mas falhando miseravelmente.

Leah sorriu. — Tenho certeza que ele está bem.

Ela corou, percebendo que foi apanhada. — Eu sei — disse ela, deslizando seu telefone em sua bolsa. — Tenho certeza que ele está bem. Você está certa. Eu só... você sabe... você acha que ele me mandaria uma mensagem se tivesse uma pergunta, certo?

— Sim, eu sei — disse Leah, tentando segurar uma risada. — Ele está bem. Eles estão bem. Não se preocupe.

Alexis acenou com a cabeça e suspirou pesadamente enquanto levava o copo aos lábios, animando-se quando o garçom se aproximou da mesa com a comida.

Leah achou histérico o mini ataque de pânico que Alexis sempre tinha quando deixava o bebê com Christopher. Em sua defesa, algo sempre parecia dar errado quando ele cuidava dela, mas em defesa de seu irmão, elas eram sempre inconsequentes e hilariantes – coisas. A primeira vez, ele conseguiu colocar a fralda ao contrário. Outra vez, depois que o bebê sujou a roupa que usava de comida, ele trocou de roupa, e Alexis chegou em casa do cabeleireiro para encontrar Savanna vestindo um muito bonito – e muito caro vestido – o qual seria usado durante o batizado.

— Então — disse Leah: — Me diga o que você precisa que eu faça para a festa.

— Eu acho que está tudo pronto — disse ela. — Você fará o seu molho de espinafre e alcachofra, certo?

Leah balançou a cabeça, e Alexis olhou para o teto, passando através de alguma lista invisível em sua mente. — Sim, então eu acho que estamos bem. Se você pudesse chegar um pouco mais cedo para me ajudar a organizar seria fantástico — disse ela, girando o garfo em sua pasta. Ela congelou com a metade do caminho da mordida na boca. — É suposto ser louco esse planejamento de festa de aniversário de um ano de idade? Eu não quero nem pensar em seus doces dezesseis anos.

— Ou o casamento — Leah acrescentou com um sorriso, e Alexis riu.

— Não vá lá. Se até mesmo a piada sobre namoro Christopher já fica ouriçado.

— Ele é um idiota — disse Leah, e Alexis riu ao redor de seu gole de vinho. — Eu não posso acreditar que ela já tem um ano de idade.

— Eu sei. — Alexis suspirou.

À noite em que Savanna nascera foi a mesma noite que Danny descobriu a data da sentença.

Um ano.

Parecia outra vida, mas, ao mesmo tempo, ela conseguia se lembrar como se fosse ontem. Nos nove meses desde que Danny foi embora, seu senso de tempo ficou preso em uma espécie de limbo; às

vezes as coisas pareciam apressadas e embaçadas, e outras vezes se arrastavam penosamente. Às vezes, parecia que as duas coisas aconteciam ao mesmo tempo.

— Danny não consegue superar o quanto ela se parece com você — disse Leah, e Alexis sorriu.

— Como ele está a propósito?

Leah deu um pequeno suspiro. — Ele está tão bem como pode estar. — Ela deu de ombros, empurrando a comida ao redor em seu prato.

— Quando você o verá de novo?

— Sábado — disse Leah.

— Você tem... tem tempo de qualidade com ele quando você vai? — Ela perguntou timidamente, como se não tivesse certeza se deveria continuar com essa linha de conversa ou mudar de assunto.

— Nós não temos visitas íntimas, se é isso que você está perguntando — disse Leah, tentando aliviar o clima. Ela ficara boa em colocar uma máscara, se mostrando superior. Ela odiava quando as pessoas se preocupavam com ela sobre isso, tratando-a com luvas de pelica e na ponta dos pés em torno de temas de conversa. Leah sabia que eles faziam isso por preocupação, mas só serviu para fazê-la sentir-se fraca, como se no fundo eles soubessem que ela não podia lidar com isso.

Que sua coragem era apenas uma farsa.

Ela odiava isso, porque às vezes era verdade, e ela não precisava do lembrete.

— Não, não é isso que eu quis dizer — disse Alexis com uma pequena risada, a curiosidade dominando a hesitação em seus olhos. — Eu quis dizer, você pode realmente falar? Você pode tocá-lo? Ou é...

Ela parou de falar, e naquele momento, Leah queria pular sobre a mesa e abraçar a sua cunhada. Embora ainda não fosse a coisa mais fácil para ela falar, foi a primeira vez em muito tempo que alguém realmente tocara no assunto com ela, convidando-a a falar sobre isso em vez de tentar distraí-la com ele.

Tudo de uma vez ela sentiu como se fosse chorar de gratidão.

Leah se sentou um pouco mais ereta. — Hum... nós podemos abraçar e beijar quando eu chego lá, e quando eu saio — disse ela,

pensando em quanto ela esperava por essas ações simples, castas. — E se o guarda no relógio é bom, podemos dar as mãos acima da mesa.

Ela assentiu com a cabeça. — Isso é estranho para você? Não ser capaz de tocá-lo da maneira que você quer?

Leah respirou profundamente. — Não é realmente. Quer dizer, eu estou acostumada com isso agora.

— E vocês estão... ainda bem? — Ela perguntou, ficando mais confortável com suas perguntas, quando Leah continuou a responder, sem sinais de quebrar.

Leah assentiu. — Estamos chegando perto. É só que... — Ela parou, erguendo seu copo de vinho rapidamente e tomando um gole para engolir o nó na garganta.

— Você quer parar de falar sobre isso? — Perguntou Alexis delicadamente, e Leah balançou a cabeça.

— Na verdade, não, eu não — disse ela através de um sorriso choroso. — Isso é bom. Eu sei que não parece assim — acrescentou ela através de uma risada, apontando para si mesma enquanto piscava para conter as lágrimas, — mas é bom.

Alexis sorriu estendendo a mão sobre a mesa e apertou a mão de Leah, e Leah respirou antes de continuar.

— Eu estou sempre com medo, eu acho. Tenho medo de que eu vou perdê-lo novamente. Que ele terá um dia ruim, ou uma semana ruim, e decidir que estamos melhor separados. A cada visita, a cada vez que ele liga, cada e-mail, estou sempre tão animada, mas ao mesmo tempo, uma parte de mim está com medo do que ele poderia dizer — disse ela, enxugando sob os olhos com os polegares. — É apenas cansativo ter medo o tempo todo — acrescentou antes de levantar a taça e terminar o vinho.

Alexis levantou a mão e fez um gesto para o garçom trazer outra.

— Você está se transformando totalmente em uma facilitadora — disse Leah, e Alexis riu suavemente.

— Mas... você não sente ele se afastando de novo, não é?

Leah balançou a cabeça. — Não. Estamos indo muito bem. Nós temos a nossa rotina agora. E ele está ficando muito bom em falar dos seus dias ruins em vez de desligar. É só que... até ele estar em casa, uma

pequena parte de mim sempre esperará que o outro largue o sapato até soltar.

Alexis acenou com a cabeça. — Isso é compreensível. Mas você está quase no meio do caminho, certo?

— Bem, nós estamos esperando que ele seja elegível para um bom tempo de serviço. Se ele for, significa que já ultrapassou a marca de meio caminho.

— Espere, o que você quer dizer? O que é bom tempo de serviço?

— Basicamente, é uma redução de pena por bom comportamento. Ele tem que servir um mínimo de oitenta por cento de sua sentença, mas se ele chega a esse sem incidentes, eles podem decidir soltá-lo.

— Assim, ele sairia em... — Alexis apertou os lábios, tentando fazer as contas.

— Mais sete meses.

— Oh meu Deus, Leah, isso é ótimo!

Leah assentiu. — Eu estou tentando não ter esperanças. Vamos ver.

Alexis sorriu para o garçom quando ele trouxe o terceiro copo de vinho de Leah para a mesa. — Então, você o vê todo sábado?

— Normalmente. Revezo com Catherine e Jake, mas às vezes eu tenho que ir a cada terceiro sábado, se a mãe e a irmã pretenderem ir.

— Tudo bem, porque da minha pergunta, eu tenho algumas coisas para ele. Alguns livros e revistas. Eu posso dar a você para levar para ele, ou devo enviá-los?

— Enviá-los — disse ela. — Eles têm que passar pela inspeção antes que ele possa tê-los. Eu não estou autorizada a levar qualquer coisa para a unidade quando eu vou.

— Inspeção? — Perguntou Alexis, levando uma mordida de sua massa. — O que, como alguém poderia esconder uma faca em uma revista?

Leah riu. — Não, é mais para o conteúdo. Eles não podem ter qualquer coisa de classificação R[10] ou pornográfico.

— Oh — disse Alexis com um aceno de cabeça. — Que pena. — Leah sorriu quando ela acrescentou: — Não pornô, no entanto. É alguma coisa que seu irmão escolheu. Um monte de revistas automotivas. Eu não tenho ideia se eles são os únicos que ele lê ou não.

— Se é material de carro, ele vai adorar — disse Leah. — Honestamente, ele vai muito bem ler qualquer coisa agora. Meu pai enviou algum livro sobre a história dos Estados Unidos há algumas semanas e ele leu de capa a capa. Eu continuo dizendo a ele que é uma pena que ele precisou ser preso a fim de tornar-se um bom aluno de Inglês.

Alexis riu alto, colocando a mão sobre a boca quando as pessoas na mesa ao lado olharam em sua direção, e Leah também riu, sentindo-se momentaneamente despreocupada.

— Obrigada — disse Leah, de repente, e a expressão de Alexis suavizou quando ela olhou através da mesa para ela.

— De nada.

Elas terminaram a refeição, e quando se abraçaram em despedida no estacionamento do restaurante, Leah nunca se sentiu mais perto dela.

Assim que ela estava dentro de seu carro, ela vasculhou sua bolsa e pegou o telefone clicando na discagem rápida para Catherine.

Depois de alguns toques, sua voz suave e rouca veio através do telefone.

— Olá?

— Oi, sou eu — disse Leah ligando o carro.

— Oi, querida. Como vai você hoje?

— Eu estou bem. Um seis hoje. E você?

— Hmm — ela cantarolou. — Talvez um cinco.

10 Classificação etária R seria uma abreviação de "Restricted", que nos Estados Unidos significa que a "obra" é apenas para maiores de 17 anos ou acompanhados de pais/responsáveis.

— Você deve ter alguns copos de vinho — Leah sugeriu. — É sempre bom adicionar um ponto ou dois.

Catherine riu.

Elas falavam ao telefone duas ou três vezes por semana, e no início elas criaram um sistema numérico para deixar a outra saber que tipo de dia estavam tendo. Dez significava que se sentiam ótimas, e um era colapso completo.

— Que horas você estará aqui no sábado? — Perguntou Catherine.

— Provavelmente em torno das quatro ou cinco? Depende de quanto tempo demorarei lá — disse ela, saindo de seu espaço de estacionamento. Tornou-se uma tradição tácita de que depois de visitar Danny em seus sábados, Leah pararia em Catherine a caminho de casa e jantaria com ela.

— Ok. O que acha de berinjela rollantini para o jantar?

— Delicioso — ela disse, — mas você sabe que você não tem que cozinhar para mim.

— Leah, velhas senhoras italianas vivem para alimentar as pessoas. Não tire isso de mim.

Ela riu entrando na estrada. — Ok, você ganhou.

— Tudo bem querida. Eu não quero que você consiga uma multa por estar no telefone comigo enquanto você dirige. Obrigada por verificar, e eu a verei no sábado.

— Ok. Ligue antes, se você cair abaixo de cinco.

— Eu vou. Tchau.

— Tchau — disse Leah e limpou a tela, jogando o telefone em seu assento do passageiro.

E então ela estendeu a mão para desligar o rádio, permitindo que o silêncio enchesse o carro.

Por alguma razão ela se sentiu pensativa hoje.

Ela passou muito de seu tempo evitando a si mesma; sua vida se tornou fortemente enraizada na rotina ao longo dos últimos meses, e ela raramente permitiu-se um alívio disso. Consistência foi reconfortante nos dias de hoje; ela precisava de ar.

Mas mesmo as rotinas em que buscou consolo não foram realizadas com um ar de desapego. Foi como quando ela costumava correr na esteira para o condicionamento durante a temporada de hóquei de campo; sempre que Leah olhava para a tela e percebia que ela ainda tinha um caminho a percorrer, ela tentava separar a mente do corpo, fingindo que não sentia a dor em suas pernas, a dor em seu lado, o ardor em sua garganta. E é isso que a maioria de seus dias era agora: desligando-se de realmente sentir algo até que o relógio no visor marcasse abaixo de zero.

Até que ele estivesse ao lado dela novamente.

Uma coisa em que precisava ir era sua profissão. Não havia nenhuma maneira que poderia lamentar ou sucumbir a qualquer tipo de tristeza, quando ela tinha cem personalidades diferentes dentro e fora de seu quarto durante todo o dia, com uma centena de diferentes questões e uma centena de diferentes necessidades. Ela sempre amou o trabalho dela, mas agora ela deixou o ensino absolutamente consumi-la. Ela tinha que fazer.

Robyn e Holly foram maravilhosas, é claro. Sempre encontrando uma maneira de verificá-la ou incluí-la, sempre agindo como se tudo estivesse normal, em torno dela, como ela pediu.

Mas apesar de tudo isso, Leah sabia que ela apenas passava pelas emoções. Que cada sorriso e cada riso vieram com algum nível de fraude. Havia pequenos momentos de felicidade para ela, mas ela sabia que não se sentiria totalmente satisfeita com qualquer coisa na sua vida até ele estar em casa.

E todas as noites, sem falta, ela chorou.

Não era mesmo uma coisa consciente mais, e ela quase não sentia nada quando ela fez. Como tudo mais, acabou se tornando rotina para ela, como respirar ou piscar. Ficava deitada na cama, e como se na sugestão, as lágrimas viriam, escorrendo pelo seu rosto, sem aviso, sem permissão, sem sentimento, como se estivesse literalmente levando a tristeza embora.

O som de seu telefone tocando no banco do passageiro puxou-a de seus pensamentos, e ela suspirou de alívio, decidindo que ela pensara o suficiente para um dia. Leah chegou para ligar o rádio de volta e pegou seu telefone do banco do passageiro e levou-o ao ouvido.

— Olá?

— O que diabos você fez com o seu carro, desta vez?

Leah sorriu. — Ei, Jake. E eu não fiz nada, eu juro. Ele só começou a fazê-lo por conta própria.

— Bem, eu estou na vizinhança. Você quer que eu passe e verifique?

— Sim, se você não se importar. Eu não estou em casa agora, mas estarei lá em dez minutos.

— Tudo bem. Está fazendo agora?

— Não. Ele só faz a altas velocidades. É como um tremer desequilibrado.

— Tremer desequilibrado — repetiu ele. — Obrigado. Sua terminologia técnica me fará descobrir isso muito mais fácil.

— Você é um idiota.

Ele riu alto antes de dizer: — Vejo você em alguns minutos.

— Tchau — disse Leah com uma risada antes de terminar a chamada.

Até o momento que ela parou no seu apartamento, Jake estava estacionado no espaço ao lado do dela, inclinando-se contra o seu para-choques, com os braços cruzados sobre o peito.

— Hey — disse Leah saindo do carro, e ele caminhou até ela, dando-lhe um abraço e um beijo na bochecha.

— Tudo bem, vamos levá-lo para dar uma volta e ver o que diabos está acontecendo.

— Tudo bem — ela disse, entregando as chaves e dando a volta até a porta do passageiro.

Jake ligou o carro e saiu do espaço de estacionamento, imediatamente acelerando através do perímetro, e seus olhos se arregalaram quando ela agarrou a maçaneta da porta.

— Jake! Jesus!

— O quê? — Disse ele inocentemente. — Você disse em altas velocidades.

— Sim, quando você está *legalmente autorizado* a dirigir em alta velocidade! — Ela repreendeu, e ele riu, assim que o carro começou a patinar.

— Está vendo? Isso! — Disse ela apontando para o painel de instrumentos. — Sente o tremer desequilibrado?

— Eu sinto — disse ele, — apesar de que normalmente nos referimos a isso como pneus desbalanceados.

— Eu acho tremer desequilibrado melhor. Você pode corrigir?

— Sim — ele disse, desacelerando quando ele fez a curva para trazê-los de volta para Leah. — Mas não aqui. Você tem que levá-lo até a loja. E, mais cedo ou mais tarde. Você realmente não deveria dirigir por aí assim.

— Ok. Quando você tem vaga esta semana?

Jake bufou. — Você está brincando comigo? Quando quiser. Nós vamos cuidar de você.

— Obrigada — ela disse suavemente quando ele parou em sua vaga de garagem e desligou o motor.

— Então... — A expressão dele ficou séria quando ele passou a encará-la. — Como vai você?

Leah deu de ombros. — Eu estou bem.

Jake balançou a cabeça, olhando para fora do para-brisa. — E ninguém vem te incomodando?

Ela sorriu lentamente. — Muito bom, Jake. Como lubrificar gelo.

Ele se virou para olhar para ela. — L*ubrificar gelo?* — Ele perguntou, lutando contra um sorriso.

Leah levantou um ombro, rindo para si mesma.

— Sério, no entanto. Ele apareceu? Tem ligado?

— Não, ele não tem — disse ela. — E eu disse que deixaria você saber se ele fez.

Jake assentiu. — Eu sei... eu só...

— Não, eu entendo — ela disse. — Danny pediu para verificar.

— Pediu? — Ele disse com a sobrancelha erguida. — Não, Danny não pediu. Ele *determinou*. Mesmo no início, quando estava sendo um idiota completo. — Ele balançou a cabeça antes de sua expressão ficar séria novamente. — Eu prometi a ele que cuidaria de você, Leah.

Ela engoliu em seco, deixando cair os olhos para o colo. — Eu sei — ela disse suavemente. — Desculpe por implicar com você.

— Eu gosto quando você implica comigo — disse ele, aproximando mais e puxando levemente a extremidade do cabelo dela. — Isso significa que o fogo em você ainda não saiu.

Leah sorriu. — Não é.

— Huh?

— O fogo em mim não está ainda para fora.

— Sim, está bem. Guarde-a para a sala de aula, boneca.

Leah riu, e ele piscou para ela antes de abrir a porta e sair do carro. Ela o encontrou a frente, tomando as chaves que ele ofereceu. — Eu vou falar com você em breve, ok? Chame-me se você precisar de alguma coisa, e traga isso para nós o mais rápido possível — disse ele, batendo no capô.

— Eu vou — disse ela, beijando-o na bochecha. — Obrigada, Jake.

Leah estava lá e viu Jake entrar no carro, acenando para ele quando ele saiu do espaço de estacionamento antes dela se virar para a caixa de correio. Assim que ela abriu a portinha, parecia que seu estômago virou do avesso. Ela estendeu a mão e pegou a pilha de envelopes, ignorando completamente as contas e ofertas de cartões de crédito quando ela pegou o envelope, aquele que ela reconheceria em qualquer lugar, do topo.

Leah correu até o caminho para seu apartamento, se atrapalhado com as chaves quando ela abriu a porta, tentando ignorar a pequena brasa de ansiedade escondida atrás dela. Assim que ela estava lá dentro, ela jogou os outros envelopes em cima da mesa, alguns escorregando para o outro lado e no chão, enquanto ela continuava na sala, abrindo a carta.

Apesar do fato de Danny ter acesso a e-mail, ele dissera desde o início que preferia cartas manuscritas. Apesar de e-mail ser muito mais rápido, ele só tinha permissão para acessar o sistema uma vez por dia, ao passo que uma carta era algo que ele poderia manter com ele, algo que

ele poderia ler quando quisesse, quantas vezes quisesse. Em uma de suas cartas a Leah, ele dissera a ela que ele releu as suas favoritas tantas vezes que praticamente podia recitá-los de memória.

Ela se sentou no sofá e desdobrou o papel, sorrindo quando viu sua letra inclinada familiar.

Leah,

São duas da manhã, e você é tudo em que eu posso pensar. Eu gostaria de poder falar com você agora, porque eu tenho muito a dizer, e eu realmente prefiro fazê-lo pessoalmente, mas sei que não serei capaz de esperar até a próxima semana.

Eu e o Troy falávamos hoje, e ele me contou o que aconteceu com ele e sua namorada. Aparentemente, depois de seu quinto mês aqui, ela começou a faltar dias de visita à esquerda e à direita, alegando que o carro estava muito longe e que ela não tinha o dinheiro da gasolina para vir toda semana. Mas depois de algumas semanas depois disso, ela começou a perder suas ligações também. Ela dizia que se atrasou no trabalho, ou ficara presa no trânsito, ou ajudava um amigo e não pôde alcançar ao seu telefone. Troy disse que ele queria acreditar nela no começo, mas eu acho que ao longo do último sexto mês, ela só piorou. Ele disse que de vez em quando ele escreve para ela e se tiver sorte, ela vai responder ou ele vai ligar. Mas ela, basicamente, lavou as mãos dele. E eu estou ouvindo esse cara derramar suas entranhas, me sentindo como o maior pedaço de merda no planeta, porque tudo que eu conseguia pensar o tempo todo era como eu sou sortudo. Porque ela desistiu dele, e você nunca alimentou a ideia de desistir de mim. Nem no início, quando o meu comportamento era imprevisível e idiota, nem quando você descobriu que eu estava indo embora, e nem mesmo quando eu fui estúpido o suficiente para afastá-la de mim. Você sempre lutou por mim – por nós. Sempre.

Eu sei que isso não tem sido fácil para você, mas ninguém olhando para você jamais saberia disso. Você vem aqui, semana após semana com esse belo sorriso em seu rosto, caminhando pela segurança e tendo sua bolsa vasculhada, sentando-se por meio de visitas supervisionadas como se fosse a coisa mais natural do mundo. Você tomou uma situação miserável, e você conseguiu torná-la suportável de alguma forma, para nós dois.

Mesmo no início, quando estávamos lutando para fazer direito, você nunca me deixou duvidar de nada. Nem nós, nem os seus sentimentos por mim, nem eu. Costumava ser tão difícil para mim, ver você ir embora depois de uma visita e voltar a isto. Tudo o que eu gostaria era de estar com você

de novo, para te ver e ouvir a sua voz, e então eu passaria o resto do dia me perguntando se você sentia a minha falta tanto quanto eu sentia sua falta – se você sofria tanto como eu. E eu me odeio, porque fui eu quem nos colocou nesta situação. É tão fácil ser pego assim aqui, a espiral para baixo na besteira. Mas sempre que eu chegava perto de afundar, eu pegava suas cartas, ou suas fotos, ou os livros que você mandou com as notas pequenas que escondeu dentro, e toda dúvida, todo medo, ia embora.

Eu sei que não é o suficiente dizer isso, mas obrigado. Obrigado por ter concordado em almoçar comigo naquele primeiro dia, e por não correr do meu comportamento ridículo depois disso. Obrigado por me permitir conhecê-la, mesmo quando eu não merecia a sua paciência e compreensão. Obrigado por confiar em mim – por dar seu coração, seu corpo, e me mudado para sempre no processo. Obrigado por lidar com todos os problemas que vem como amar alguém como eu. Obrigado por ser corajosa o suficiente para lutar por nós quando eu estava com muito medo de fazê-lo. E acima de tudo, obrigado por me fazer sentir como eu mesmo novamente. Por me aceitar com falhas e tudo, e me amar de qualquer maneira. Você nenhuma vez deixou-me duvidar de seus sentimentos por mim, e eu só quero que você saiba que você é absolutamente tudo para mim. E é tudo que eu preciso, só para saber que de alguma forma, eu consegui fazer a coisa certa na minha vida por encontrar você.

Eu te amo mais do que eu poderia expressar, por escrito ou por palavras.

Sempre sinto sua falta,

Danny

Leah leu a carta mais três vezes, através da visão turva de lágrimas, seus olhos se fecharam, e ela dobrou-a cuidadosamente e levou-a aos lábios. Ela podia jurar que cheirava vestígios dele no papel, e ela respirou fundo, enquanto uma lágrima caía sobre seus cílios inferiores e pelo seu rosto.

Com um pequeno suspiro, ela abriu os olhos e levantou do sofá, indo para seu quarto. Ela abriu a caixa de suas cartas que ela mantinha ao lado da cama, colocando a nova em cima antes de pegar a caneta e um bloco de seu criado-mudo.

Leah sentou-se contra a cabeceira da cama com a almofada equilibrada em suas coxas, começando a sua carta para ele da mesma forma que ela começou cada uma que ela escreveu pelos últimos nove meses:

Danny,

Um dia mais perto do dia em que você voltará para mim, e eu te amo mais agora do que eu amei ontem...

Epílogo

Leah acabara de desligar a água do chuveiro quando ouviu o som abafado de seu telefone tocando na outra sala, e ela abriu a cortina e pulou para fora, xingando quando bateu seu pé direito sobre a borda da banheira em sua pressa.

Ela foi mancando até a toalha e enrolou-a em torno de seu corpo antes de correr para fora do banheiro até sobre a sua mesa de cabeceira.

— Olá? — Disse ela, tentando segurar a toalha.

— Hey — disse Robyn. — Por que você parece tão sem ar?

— Porque eu estou extremamente fora de forma, aparentemente — ela disse, voltando para o banheiro. — Eu corri para pegar o telefone.

— Bem, sinto muito que fiz você praticar exercício — ela riu. — Eu só queria dizer que eu definitivamente vou aí hoje à noite. Vou levar um saco para vomitar caso precise.

Leah pegou outra toalha e usou para espremer o excesso de água do cabelo dela. — Não está se sentindo melhor, hein?

— Isso seria um não — Robyn suspirou.

— Será que limonada ajuda? — Ela perguntou, limpando o espelho e, em seguida, abriu o armário para pegar sua base e hidratante.

— Na verdade, não. Eu tive o maior sucesso com aquelas balas azedas, mas somente funcionam enquanto estou chupando. Eu as comeria durante todo o dia, se eu pudesse, mas elas estão começando a destruir o céu da minha boca.

Leah se encolheu. — Essa parte não dura para sempre. Continue dizendo isso a você mesma.

— Eu sei — disse ela. — E há coisas que eu ainda não tentei. Eu li em um dos meus livros que essas pulseiras funcionam para algumas pessoas que ficam nauseadas no mar, então Rich apenas correu para a

farmácia para conseguir algumas. Tenho certeza que parecerá sexy com o meu vestido hoje à noite.

Leah riu suavemente, aplicando seu creme no rosto. — Você sabe que não tem que vir esta noite. Honestamente, todo mundo vai entender.

— Você está brincando comigo? Eu não perderia isso por nada.

Leah sorriu assim que Robyn acrescentou, — Oh merda, eu não percebi que era tão tarde. Eu preciso entrar no chuveiro. Eu não quero lidar com sua irmã, se eu estiver atrasada.

— Eu acho que ela irá com calma com você, gravidinha.

— Provavelmente, mas eu não estou disposta a arriscar. Vejo vocês daqui a pouco.

— Tchau — disse Leah com um aceno de cabeça antes de colocar o telefone na pia e se inclinar em direção ao espelho, inspecionando sua pele enquanto tentava descobrir como ela queria fazer a maquiagem.

Ela olhou para baixo, peneirou sua caixa de maquiagem até que puxou uma sombra de olhos cor de cobre que combinava com o vestido marrom lindamente. E então ela sorriu, lembrando-se do dia em que Holly a obrigara a comprá-lo.

Ela chegou tão longe desde então.

Leah começou a cantar baixinho para si mesma enquanto espanava um pouco de pó sobre o rosto para uniformizar sua pele.

Ela acabara de colocar a maquiagem dos olhos quando um ligeiro movimento em sua visão periférica lhe chamou a atenção, e ela olhou para o reflexo da entrada no espelho.

— Você vai monopolizar o banheiro a noite toda? Eu ainda tenho que tomar banho, sabe.

Um sorriso apareceu nos cantos de sua boca, se virando, encostando-se a pia e varrendo o braço dramaticamente na frente dela. — Por todos os meios, vá em frente. Não me deixe te impedir de ficar nu.

Ele sorriu, empurrando o batente da porta enquanto caminhava em sua direção, e Leah endireitou quando suas mãos agarraram sua cintura, levantando-a com facilidade de modo que ela estava sentada na borda da pia. Ele entrou no espaço entre suas pernas, e ela enganchou-os ao redor de seus quadris, sua toalha subindo com o movimento.

— Você quer me acompanhar? — Ele perguntou, passando a ponta do seu nariz ao longo de sua mandíbula e até sua orelha, colocando um beijo suave logo abaixo.

— Mmm — ela cantarolou. — Muito tentador. Mas então eu teria que refazer minha maquiagem e Sarah acabará comigo se estivermos atrasados.

Ele riu, se afastando um pouco para olhar em seus olhos. — Ela já me enviou três mensagens dizendo para fazer o que for preciso a fim de apressar você.

Leah sorriu. — Bem, então, eu diria que o que você está fazendo agora é altamente contraproducente.

Ele sorriu um sorriso lento, se inclinando para frente e roçando seus lábios nos dela, e ela colocou imediatamente os braços em volta de seu pescoço e apertou-se contra ele de forma tão abrupta que ele tropeçou um passo para trás.

Ele riu contra sua boca, mas permitiu-lhe assumir a liderança, beijando-a de volta com igual fervor.

Fazia quase um mês que Danny chegara em casa, e ainda assim ela ainda respondia dessa forma a cada vez que a beijava. Ela não tinha ideia se era uma tentativa inconsciente de recuperar o tempo perdido, ou se era mais sobre a tentativa de aproveitar a maior parte do tempo que eles tinham agora, mas de qualquer forma, sua reação a ele foi tão consistente como era visceral.

Danny continuou o beijo por um minuto ou dois antes dela sentilo terminar o beijo, e ela fez um barulho de beicinho contra seus lábios.

Ele sorriu seu sorriso com covinhas se afastando dela. — Desculpe, doce menina, mas eu prometi a sua irmã. Ela está fazendo isso por mim esta noite.

— Tudo bem, tudo bem — ela bufou, empurrando-o ligeiramente para trás quando ela pulou da pia.

Ele riu, beijando sua testa antes de caminhar até o chuveiro e ligar a água.

— Que horas são? — Ela perguntou, virando-se para o espelho para dar os últimos retoques em sua maquiagem.

— Quase seis. Devemos sair em uma meia hora. Quais são as chances disso realmente acontecer?

— Totalmente factível, se você parar de me distrair — disse ela, olhando para ele incisivamente através do espelho.

Ele sorriu levantando as mãos em sinal de rendição, afastando-se dela antes de tirar suas roupas e entrar no chuveiro.

Leah rapidamente terminou a maquiagem e pegou o secador de cabelo, levando-o para a próxima sala. O vapor do chuveiro do Danny embaçou o espelho, para não mencionar o efeito em seu cabelo.

Ela tomou um pouco de tempo extra, secando-o elegante e direto para a ocasião. Por mais que ela protestara a coisa toda no início, não podia deixar de sentir uma pontada de emoção sobre isso agora.

Há alguns meses, quando souberam que Danny sairia por bom tempo de serviço, Sarah cogitou instantaneamente a oportunidade de preparar uma festa de regresso a casa. Leah era resistente à ideia no início, dizendo que precisava deixá-lo se acostumar à vida normal novamente antes que o bombardeassem com festas e pessoas.

Sem o conhecimento deles, Sarah aparentemente declarara um mês para ser o período de carência para se acostumar à vida normal, porque duas semanas após o Danny chegar em casa, eles receberam o convite pelo correio para a sua festa hoje à noite.

Em retrospecto, Leah percebeu que provavelmente teria sido bom para ele ter a festa no primeiro fim de semana. Ela era a única que não estava pronta. Ela não queria ter que dividi-lo tão cedo.

Mas, mesmo através de seu egoísmo juvenil, ela percebeu que Sarah tinha razão; ele merecia esta festa. Ele merecia ser cercado por todas as pessoas que o amavam, comemorando seu retorno, mostrando a ele o quanto sentiram sua falta, o quanto estavam felizes por tê-lo de volta.

Leah voltou para o quarto, tirando a toalha, e ela podia ouvir os sons de Danny se vestir em seu closet. Ela já tinha colocado seu vestido e sapatos para fora da cama, e ela vestiu o vestido rapidamente antes de pisar em seus calcanhares.

Um sorriso curvou seus lábios quando ela olhou para o relógio.

— Cinco minutos de sobra! — Ela chamou triunfante. — E eu estou pronta antes de você!

Ouviu-o rir enquanto voltava para o banheiro para pegar o seu colar, o que ele dera a ela na noite antes de ir. Ela só o tirava para tomar banho, pendurava-o no pequeno gancho atrás da porta do banheiro e imediatamente o colocava novamente assim que estivesse vestida.

Leah abriu a porta parcialmente fechada e congelou, olhando para o gancho vazio.

Ela baixou os olhos enquanto movia a porta para fora do caminho, procurando por ele sob os pés.

— Merda — ela sussurrou girando rapidamente, com o coração batendo em seu peito quando ela bateu a mão sobre a pia, sentindo nada, apenas o acabamento da cerâmica lisa.

— Danny? — Ela chamou, tentando afastar o pânico em sua voz quando ela abriu a porta e voou de volta para o quarto.

— Sim?

— Você pegou o meu colar? — Ela perguntou, sacudindo freneticamente a toalha enrolada próxima ao chuveiro.

— Yeah. Vi-o no gancho e tive medo de ser arrastado com as toalhas. Eu coloquei-o em sua caixa de joias.

A toalha caiu no chão quando a mão de Leah caiu molemente para o lado dela, e ela apertou a outra mão na testa.

— Você pode me dizer a próxima vez que você fizer isso, por favor? Eu só quase tive um ataque cardíaco. — Ela atravessou a sala onde estava sua caixa de joias e se sentou em sua cômoda.

— Desculpe — ele chamou timidamente do armário.

Ela se aproximou da caixa e abriu-a com as mãos que ainda tremiam.

E então ela congelou.

A caixa estava completamente vazia, exceto por um reluzente diamante no centro.

Mas não era o seu colar.

Levou um segundo para registrar o que ela olhava, e quando finalmente clicou, ela se virou.

Seus olhos pousaram em Danny, vestido com seu traje, sua expressão hesitante quando ele estava diante dela.

Tudo de uma vez, suas pernas pareciam muito fracas para suportar o peso de seu corpo, e Leah chegou por trás dela e agarrou a borda da cômoda, tentando manter-se firme.

Danny molhou os lábios, olhando para baixo por um momento antes de levantar os olhos para os dela, e desta vez eles foram inabaláveis.

— Passei 16 meses longe de você, Leah — disse ele, a voz rouca de emoção. — E não quero nunca mais ficar sem você novamente.

Em algum lugar no fundo de sua mente, ela sabia que deveria anotar tudo isso, memorizando cada detalhe do que acontecia: quão lindo ele parecia em seu terno, a forma como seu cabelo preto despenteado adornava o azul de seus olhos, a forma que o lábio tremia muito ligeiramente com o esforço para conter seus nervos, ou a emoção, ou ambos.

Houve uma pressão estranha construindo em seu peito, fazendo-a sentir como se estivesse prestes a rir histericamente ou cair em prantos.

Danny lentamente abaixou-se para o chão de modo que ele estava ajoelhado diante dela. — Eu te amo — disse ele, sua voz suave, mas com certeza. — E eu passarei o resto da minha vida amando você. Case-se comigo, Leah.

Ela caiu de joelhos, em seguida. Não só porque suas pernas desistiram de apoiá-la, mas porque ela precisava estar o mais próximo possível dele.

— Sim — disse ela por meio de uma gargalhada chorosa. — Sim, sim, sim, sim, sim.

Ela tomou seu rosto em suas mãos e puxou a boca para a dela, e seus braços deslizaram em torno de sua cintura, puxando-a contra seu corpo.

— Sim — ela sussurrava entre beijos, e ela sentiu sua curva de lábios em um sorriso contra o dela.

Ele quebrou o beijo e estendeu a mão para sua cômoda, puxando o anel da caixa antes de se virar para ela. Leah viu quando ele levantou a mão e deslizou em seu dedo.

Ela olhou para o anel – o anel *dele* – em sua mão e um sorriso largo estourou em seu rosto quando ela levantou os olhos para ele. Danny sorriu enquanto passava as costas dos dedos sobre sua bochecha, e só então percebeu que ela chorava.

— Oh, não — ela respirou, seus olhos ficando grandes enquanto acariciava as pontas dos seus dedos abaixo deles. — Quão ruim é isso?

Danny afastou o cabelo do rosto. — Você está perfeita — disse ele. — Esta festa tem um tema gótico, certo?

Ela baixou a cabeça com um acesso de raiva, e Danny riu quando ele agarrou as mãos e puxou-a até ficar na frente dele.

Ela podia sentir o diamante pressionando na pele de seu dedo mindinho enquanto segurava sua mão, e um sorriso iluminou seu rosto novamente, a maquiagem arruinada que se dane.

— Vamos lá, Marilyn Manson — disse ele, levantando a mão esquerda e dando um beijo logo abaixo do anel. — Vamos limpá-la. Temos uma festa de noivado para ir.

UMA NOTA AOS LEITORES

Primeiro de tudo, eu não posso agradecer o suficiente pelo apoio e amor que vocês tem me mostrado ao longo dos últimos 15 meses. Quando publiquei o meu primeiro romance, *Back to You*, eu não tinha ideia que chegaria a tantas pessoas como o fez ou que gostaria de fazer tantos amigos incríveis, como resultado. Suas amáveis palavras e incentivo têm sido de valor inestimável para mim, e eu amo e aprecio cada um e cada uma de vocês.

Espero que tenham gostado de ler a história de Leah e Danny tanto quanto eu gostei de escrever isso. Eu tenho um pequeno favor a pedir: se você decidir escrever um comentário sobre este romance, por favor, não revele o segredo de Danny no processo. A antecipação e a descoberta da informação é uma parte crucial da história, e eu quero que todos os meus leitores tenham a mesma experiência que eles no começo de sua jornada com Leah e Danny.

Eu sou verdadeiramente abençoada por ter alguns dos fãs mais leais e entusiasmados. Eu sempre fui uma escritora, mas vocês me transformaram em uma autora. Obrigada a todos vocês por ajudar a fazer um dos meus sonhos uma realidade.

Bjos

Priscilla.